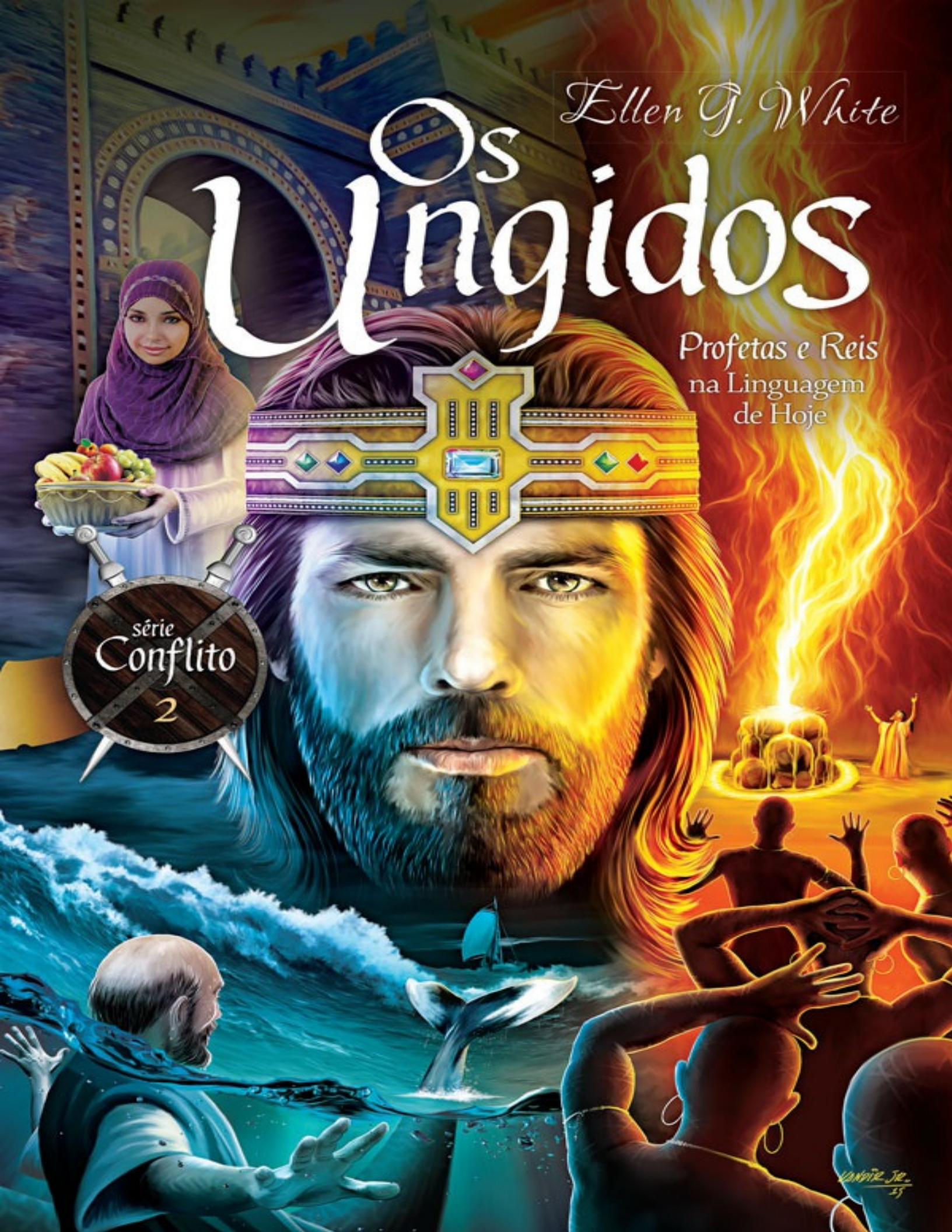
Ellen G. White

Os Ungidos

Profetas e Reis na Linguagem de Hoje

série Conflito 2



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

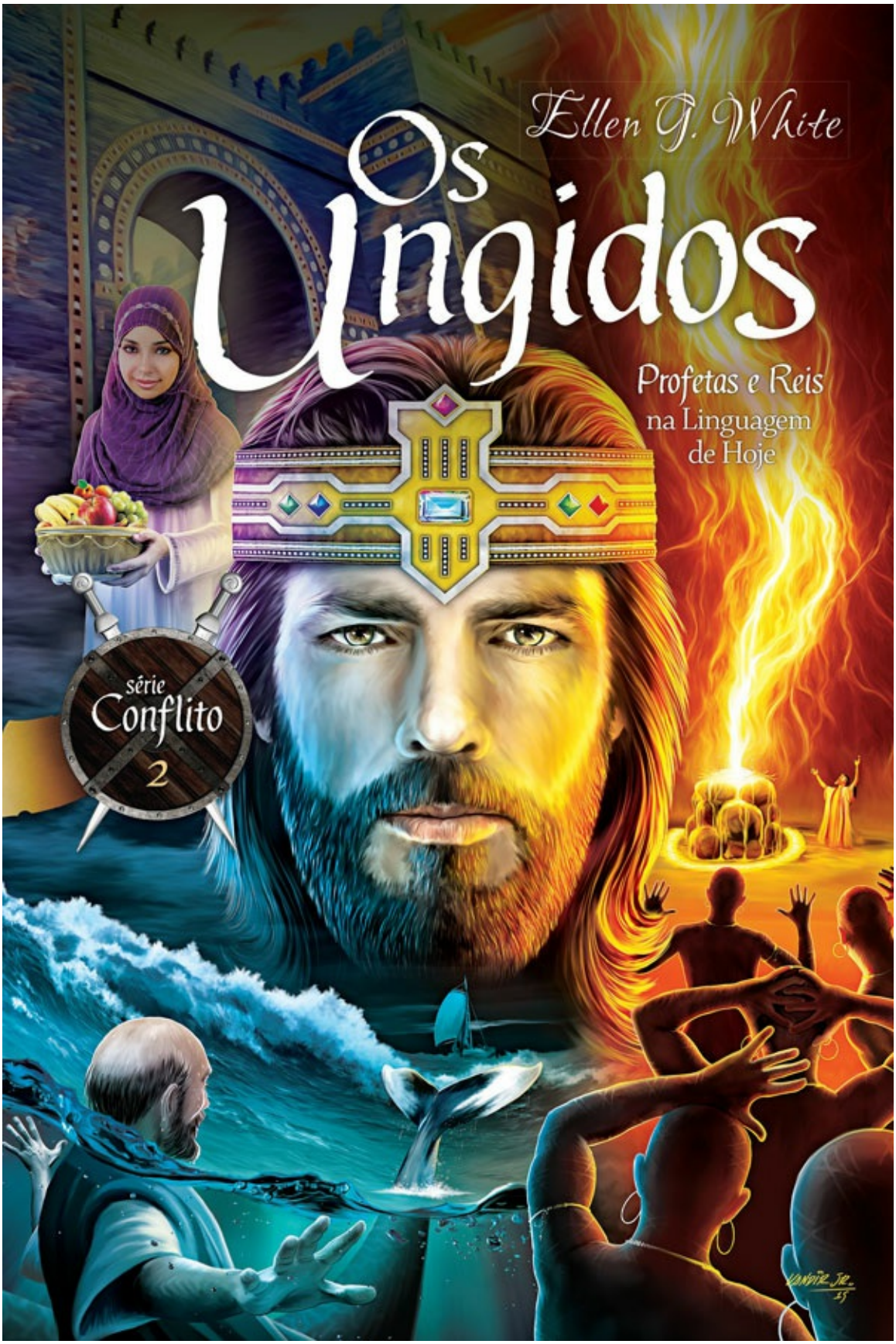
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

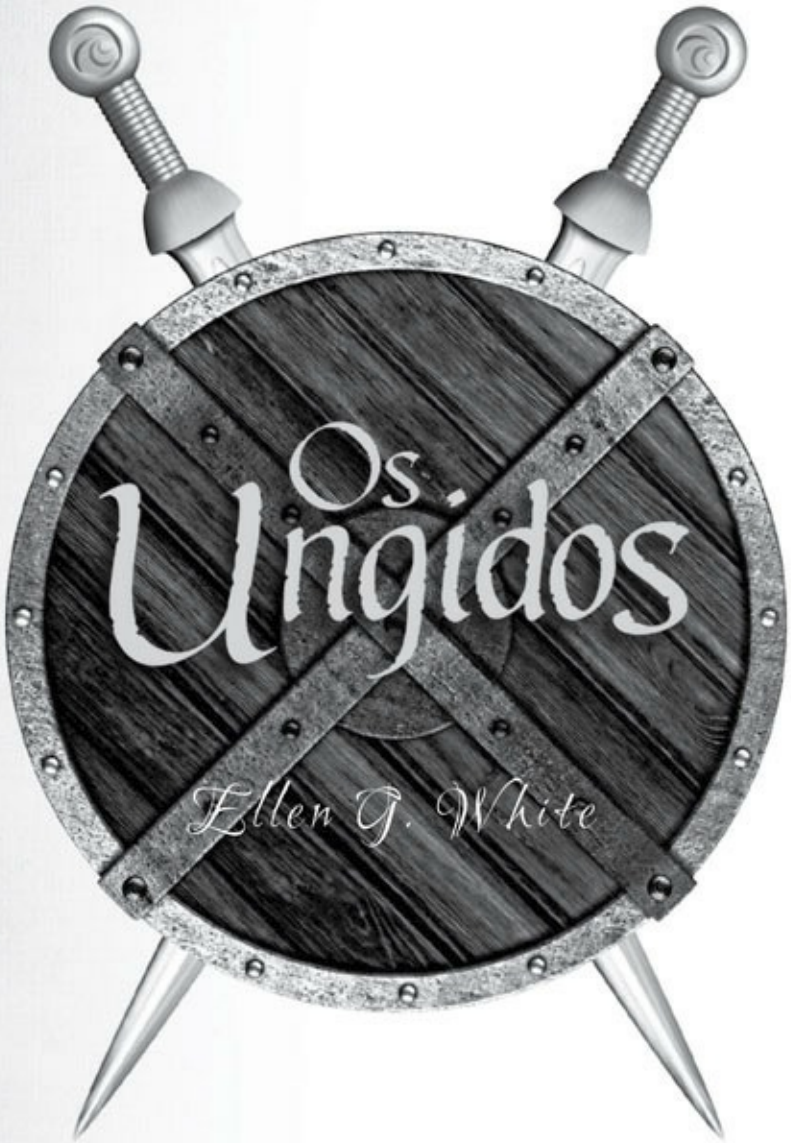
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


Ellen G. White
Os Ungidos
Profetas e Reis na Linguagem de Hoje
série Conflito 2



Tradução
Karina Carnassale Deana
Davidson F. Deana

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Copyright © da edição em inglês:
ROYALTY AND RUIN

Título original em inglês:
PACIFIC PRESS PUBLISHING ASSOCIATION, NAMPA, EUA. DIREITOS INTERNACIONAIS RESERVADOS.

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.1
2016

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles
Editoração: Neila D. Oliveira
Design Developer: Fernando Lima
Revisão: Luciana Gruber
Projeto Gráfico e Capa: Levi Gruber
Imagens da Capa: Vandir Dorta Jr.
Imagem interna (escudo): Andrey Kuzmin / Fotolia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Ellen G., 1827-1915.
Os ungidos [livro eletrônico] / Ellen G. White ; tradução Karina Carnassale Deana, Davidson F. Deana. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2016. – (Série conflito)
11,3 Mb ; ePUB.

Título original: Royalty and ruin
ISBN 978-85-345-2271-7

1. Judeus - História 2. Judeus - Reis e governantes 3. Profetas I. Título. II. Série.

16-01377 CDD-224
Índices para catálogo sistemático:

1. Reis e profetas : História bíblica 224

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

EDITORA AFILIADA
15721/34130

Apresentação

Salomão nunca foi tão rico ou tão sábio ou tão verdadeiramente grande como quando admitiu: "Mas eu não passo de um jovem e não sei o que fazer" (1Rs 3:7). Quanto mais elevada a posição que uma pessoa ocupa, maior será sua influência e a necessidade de depender de Deus. Ela deve se colocar diante de Deus na atitude de um aprendiz.

A posição não dá santidade de caráter. Os reis e os profetas eram todos humanos também. O único Rei e Profeta que não pecou foi Jesus, o Cordeiro de Deus. E somente Ele pode tirar os pecados do mundo – os nossos pecados.

Entretanto, podemos aprender com os sucessos e fracassos dos ungidos de Deus, conforme está registrado na Bíblia. Os relatos de sua vida revelam o grande amor e paciência que Deus tem por todos nós e Seu desejo de nos perdoar e nos dar um novo coração e uma mente renovada para que possamos viver uma vida melhor neste mundo e alcançar a vida eterna no mundo por vir.

Ellen G. White escreveu mais de cem livros. É uma das escritoras mais traduzidas do mundo. Durante toda a sua vida, exaltou a Jesus Cristo e indicou a Bíblia como a base de sua fé.

Prefácio

Será que a História tem algum significado? Será que a vida humana tem algum propósito duradouro? Será que Deus está envolvido nos acontecimentos da Terra?

A essas perguntas, a autora deste livro responde: Sim! Então, com profundo conhecimento sobre as providências divinas, ela afasta a cortina e revela uma filosofia da História em que os eventos ocorridos entre as nações demonstram ter um propósito eterno.

Este volume é uma adaptação de *From Splendor to Shadow* [Do Esplendor para as Sombras, publicado em inglês em 1984], uma edição condensada do clássico de Ellen G. White, *Profetas e Reis*. O volume condensado incluiu todos os capítulos da edição original, utilizando somente as próprias palavras da Sra. White, mas em uma versão abreviada.

A adaptação atual deu um passo além, usando algumas palavras, expressões e construções de frases mais familiares aos leitores do século 21. As citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional, melhor adaptada à linguagem atual. Esperamos que os leitores que estão entrando em contato com os escritos da Sra. White apreciem essa adaptação e desenvolvam o desejo de ler as edições originais dessas obras.

Os Ungidos inicia com o relato do glorioso reinado de Salomão sobre Israel. Aqui vamos analisar a história de um povo favorecido e escolhido, que oscilava entre a lealdade a Deus e aos deuses das nações ao seu redor. Mais importante ainda, no estudo fascinante do caráter de reis, líderes e profetas de uma era turbulenta, encontramos evidências dramáticas do conflito feroz que existe entre Cristo e Satanás pela posse do coração de homens e mulheres. Os capítulos finais do livro falam da vinda de Cristo à nação judaica e ao mundo como seu verdadeiro Rei, e de Seu reino que, finalmente, desfará toda a ruína que a humanidade – de sangue real ou não – trouxe sobre a Terra por meio do pecado.

A série *Conflito* é formada por cinco volumes poderosos. Este livro é a versão condensada e adaptada do segundo volume. Que muito mais leitores se sintam atraídos a Deus por meio desses livros e dos temas bíblicos que neles são apresentados, é a esperança e a oração dos

Depositários das publicações de Ellen G. White

O Glorioso Destino que Israel Poderia Ter Tido*

Com o objetivo de derramar as melhores bênçãos do Céu sobre todos os povos, Deus chamou Abraão para sair do meio de seus familiares idólatras e ir morar na terra de Canaã. "Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção" (Gn 12:2). Abraão recebeu um chamado de grande honra – ser o pai do povo que preservaria a verdade de Deus, do povo que abençoaria todas as outras nações por meio da vinda do prometido Messias.

As pessoas praticamente não conheciam mais nada a respeito do verdadeiro Deus. Sua mente estava totalmente obscurecida pela idolatria. Mesmo assim, em Sua misericórdia, Deus não acabou com sua existência. Seu plano era que Seu povo vivesse os princípios que ajudariam a restaurar a imagem de Deus nos seres humanos.

A lei de Deus deveria ser exaltada, e Ele deu ao povo de Israel essa grande responsabilidade. Deus os separou do mundo e decidiu preservar o conhecimento a respeito de Si mesmo por intermédio deles. Assim, todos os povos ouviriam uma voz convidando-os a deixar a idolatria e a servir ao Deus vivo.

Deus tirou Seu povo escolhido do Egito para levá-los a uma boa terra que Ele tinha preparado para ser um refúgio de seus inimigos. Em resposta à Sua bondade, o povo deveria exaltar Seu nome na Terra. Ele os protegeu de forma milagrosa dos perigos do deserto e, finalmente, os levou para a Terra da Promessa como uma nação privilegiada.

Com profundo sentimento, Isaías narrou a história do chamado e preparo de Israel: "Cantarei para o meu amigo o seu cântico a respeito de sua vinha: Meu amigo tinha uma vinha na encosta de uma fértil colina. Ele cavou a terra, tirou as pedras e plantou as melhores videiras. Construiu uma torre de sentinela e também fez um tanque de prensar uvas. Ele esperava que desse uvas boas, mas só deu uvas azedas" (Is 5:1, 2).

"Pois bem, a vinha do Senhor dos Exércitos", declarou o profeta, "é a nação de Israel, e os homens de Judá são a plantação" (Is 5:7). O povo de Deus estava protegido pelas instruções de Sua lei, os princípios eternos da verdade, justiça e pureza. A obediência deveria ser a sua proteção, pois os livraria de se autodestruírem pela prática do pecado. Como uma torre na vinha, Deus colocou Seu santo templo no meio da Terra. Cristo era seu instrutor, seu professor e guia. No templo, Sua glória brilhava através do santo *Shekinah*, em cima do propiciatório.

Moisés mostrou de forma clara qual era o plano de Deus e as condições para o seu sucesso. "Pois vocês são um povo santo para o Senhor, o seu Deus", disse Ele. "O Senhor, o seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da Terra para ser o Seu povo, o Seu tesouro pessoal." "E hoje o Senhor declarou que vocês são o Seu povo, o Seu tesouro pessoal, conforme Ele prometeu, e que vocês terão que obedecer a todos os Seus mandamentos. Ele declarou que lhes dará uma posição de glória, fama e honra muito acima de todas as nações que Ele fez, e que vocês serão um povo santo para o Senhor, o seu Deus, conforme Ele prometeu" (Dt 7:6; 26:18, 19).

Deus planejava atrair as pessoas para Si por meio da revelação de Seu caráter na vida de Israel. O evangelho deveria ser levado ao mundo inteiro. Por intermédio do ensino do sistema de sacrifícios, Cristo devia ser exaltado, e todos os que O aceitassem deveriam se unir ao Seu povo escolhido. À medida que o número dos israelitas crescesse, eles deveriam aumentar suas fronteiras, até que seu reino envolvesse o mundo.

Mas o antigo Israel não colocou o plano de Deus em prática. O Senhor declarou: "Eu a plantei como uma videira seleta, de semente absolutamente pura. Como, então, contra Mim você se tornou uma videira degenerada e selvagem?" "Então, por que só produziu uvas azedas, quando Eu esperava uvas boas? Pois Eu lhes digo o que vou fazer com a Minha vinha: Derrubarei a sua cerca para que ela seja transformada em pasto; derrubarei o seu muro para que seja pisoteada. [...] Ele esperava justiça, mas houve derramamento de sangue; esperava retidão, mas ouviu gritos de aflição" (Jr 2:21; Is 5:4-7).

Ao se recusar a obedecer às condições da aliança feita com Deus, o povo de Israel rejeitou Suas bênçãos. Em toda a sua história, muitas vezes eles se esqueceram de Deus, deixaram de fazer o serviço que Deus exigiu que fizessem e deixaram de dar às outras nações orientação religiosa e exemplo santo. Sua cobiça e ganância fez com que até mesmo os pagãos os desprezassem. Seu mau comportamento fez com que o caráter de Deus e as leis de Seu reino fossem mal-interpretados.

Com amor de pai, Deus pacientemente apresentou perante eles os seus pecados e esperou que reconhecessem seus erros. Enviou profetas e mensageiros para mostrar ao povo Suas exigências; porém, em vez de os receberem bem, o povo tratou esses homens de sabedoria e poder espiritual como inimigos. Deus ainda enviou outros mensageiros, mas eles também foram odiados e perseguidos.

A retirada do favor de Deus durante o exílio levou muitos a se arrependerem, mas,

depois que voltaram à Terra da Promessa, o povo judeu repetiu os erros das gerações anteriores e entrou em conflito político com as nações vizinhas. Os profetas que Deus enviou para corrigir seus erros foram recebidos com a mesma desconfiança e zombaria. Assim, de século em século, os guardadores da vinha aumentaram mais e mais sua culpa.

Israel desprezou a videira da melhor qualidade que o divino Lavrador plantou sobre os montes da Palestina e finalmente a jogou para fora dos muros da vinha. O Lavrador retirou a videira e a plantou de novo, mas do outro lado do muro, e de tal maneira que o tronco não ficou mais visível. Os galhos pendiam sobre o muro, de forma que era possível fazer enxertos neles, mas Deus colocou esse mesmo tronco em um lugar em que o poder humano não fosse capaz de lhe fazer mal algum.

As mensagens dadas pelos profetas são de especial valor à igreja de Deus hoje – os guardas de Sua vinha. Elas claramente revelam Seu amor pela raça caída e Seu plano para sua salvação. A história do chamado de Israel, de seus sucessos e fracassos, de sua restauração ao favor divino, da rejeição do Senhor da vinha e de Seu plano ser levado avante por um remanescente têm sido os temas dos mensageiros de Deus para Sua igreja através dos séculos até aqui.

O Senhor da vinha está agora reunindo os preciosos frutos de todas as nações e povos pelos quais Ele há tanto tempo espera. Logo Ele virá para o que é Seu; e nesse alegre dia, Seu eterno plano será finalmente cumprido. "Jacó lançará raízes, Israel terá botões e flores e encherá o mundo de frutos" (Is 27:6)

---

* Introdução da autora

O Incrível Início da Vida de Salomão

Durante o reinado de Davi e Salomão, Israel teve muitas oportunidades de exercer uma poderosa influência em favor da verdade e da justiça. O nome de Jeová era exaltado e honrado. Aqueles que vinham de outras nações em busca da verdade voltavam completamente satisfeitos. Alguns se convertiam e a igreja de Deus na Terra prosperava.

Salomão se tornou rei nos últimos anos de seu pai Davi. Logo no começo, seu reinado foi marcado pelo sucesso. O plano de Deus era que Salomão chegasse cada vez mais próximo da semelhança do caráter de Deus. Dessa maneira, ele inspiraria o povo a cumprir sua sagrada missão, como guardadores da verdade divina. Davi sabia que para que Salomão estivesse à altura da confiança e honra dadas por Deus, o jovem rei não deveria ser meramente um guerreiro, um governador, um soberano, mas um homem forte, bom, alguém que ensinasse a justiça, um exemplo de fidelidade. Davi incentivou Salomão a ser nobre e corajoso, a mostrar misericórdia e compaixão a seu povo, e em todo o contato com as nações da Terra honrar e glorificar o nome de Deus e revelar em sua vida a beleza da santidade. "Quem governa o povo com justiça, [...] o governa com o temor de Deus" (2 Samuel 23:3).

Quando era ainda jovem, Salomão fez a mesma escolha que seu pai e por muitos anos viveu em total obediência aos mandamentos de Deus. Logo que se tornou rei, ele foi a Gibeom, onde ainda estava o tabernáculo que tinha sido construído no deserto, e se juntou aos seus conselheiros escolhidos, "e aos juízes, e a todos os príncipes em todo o Israel, chefes dos pais", para oferecer sacrifícios a Deus e consagrar-se plenamente ao serviço do Senhor (2Cr 1:2, ARC). Salomão sabia que os que recebem grandes responsabilidades precisam buscar a Fonte de sabedoria para orientação. Assim, incentivou seus conselheiros a se unirem com ele nessa busca pela aprovação de Deus.

O Sonho que Deus Deu a Salomão

Mais do que tudo na Terra, o rei desejava ter sabedoria, entendimento, um coração amoroso e um espírito calmo. Naquela noite, o Senhor apareceu em sonho a Salomão, e lhe disse: "Peça-Me o que quiser, e Eu lhe darei." Em sua resposta, o jovem rei revelou seu sentimento de desamparo e sua necessidade de ajuda: "'Agora, Senhor, meu Deus, fizeste o Teu servo reinar em lugar de meu pai Davi. Mas eu não passo de um jovem e não sei o que fazer. [...] Dá, pois, ao Teu servo um coração cheio de discernimento para governar o Teu povo e capaz de distinguir entre o bem e o mal. Pois, quem pode governar este Teu grande povo?'

"O pedido que Salomão fez agradou ao Senhor.

"'Já que você pediu isso', disse Deus a Salomão, 'e não uma vida longa nem riqueza, nem pediu a morte dos seus inimigos, mas discernimento para ministrar a justiça, farei o que você pediu. Eu lhe darei um coração sábio e capaz de discernir, de modo que nunca houve nem haverá ninguém como você. Também lhe darei o que você não pediu: riquezas e fama, de forma que não haverá rei igual a você durante toda a sua vida.

"'E, se você andar nos Meus caminhos e obedecer aos Meus decretos e aos Meus mandamentos, como o seu pai Davi, Eu prolongarei a sua vida'" (1Rs 3:5-14; ver também 2Cr 1:7-12).

Salomão orou diante do antigo altar de Gibeom e sua maneira de falar com Deus revelou humildade e forte desejo de honrar ao Senhor. Em seu coração não existia o desejo egoísta por sabedoria para que se pudesse colocar acima dos outros. Ele queria desempenhar fielmente seus deveres como governante, e escolheu o dom que poderia levar seu reino a glorificar a Deus. Salomão nunca foi tão rico ou tão sábio ou tão verdadeiramente grande como quando admitiu: "Mas eu não passo de um jovem e não sei o que fazer" (1Rs 3:7).

Quanto mais elevada a posição que uma pessoa ocupa, maior será sua influência e a necessidade de depender de Deus. Ela deve se colocar diante de Deus na atitude de um aprendiz. A posição não dá santidade de caráter. É por honrar a Deus e obedecer a Seus mandamentos que uma pessoa se torna verdadeiramente grande.

O Deus que deu a Salomão sabedoria e discernimento está desejoso de conceder as mesmas bênçãos a Seus filhos hoje. "Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida" (Tg 1:5). Se a pessoa que carrega grandes responsabilidades buscar a sabedoria acima de riquezas,

poder, ou fama, não será desapontada.

Como Ser um Líder de Sucesso

Enquanto se mantiverem consagradas, as pessoas que receberam de Deus discernimento e habilidade não ficarão ansiosas para ocupar posições de destaque ou para se tornar líderes ou governantes. Em vez de buscar ser o maior, o verdadeiro líder suplicará a Deus por um coração sábio, a fim de poder escolher entre o bem e o mal. Os líderes não andam por um caminho fácil. Mas em cada dificuldade devem encontrar um convite à oração. Fortalecidos e iluminados pelo Mestre, permanecerão firmes contra as influências do mal e discernirão entre o certo e o errado.

A sabedoria que Salomão desejou acima de riquezas, honra, ou vida longa, Deus lhe deu. "Deus deu a Salomão sabedoria, discernimento extraordinário e uma abrangência de conhecimento tão imensurável quanto a areia do mar. [...] A sabedoria de Salomão era maior do que a de todos os homens. [...] Sua fama espalhou-se por todas as nações em redor" (1Rs 4:29-31).

"Todo o Israel [...] passou a respeitá-lo profundamente, pois viu que a sabedoria de Deus estava nele para fazer justiça" (1Rs 3:28). Salomão conquistou o carinho e o amor de todo o povo. "E Salomão [...] estabeleceu-se com firmeza em seu reino, pois o Senhor, o seu Deus, estava com ele e o tornou muito poderoso" (2Cr 1:1).

O Sucesso Brilhante de Salomão

Durante muitos anos, Salomão se manteve fiel a Deus e prestou total obediência aos Seus mandamentos. Administrou com sabedoria os negócios do reino. As magníficas construções e obras públicas que ele construiu durante os primeiros anos de seu reinado, a piedade, a justiça e a generosidade que revelou em palavras e ações conquistaram a lealdade de seus súditos e a admiração dos reis de muitas terras. Por algum tempo, Israel foi a luz do mundo, revelando aos outros a grandeza de Jeová.

Ao passarem os anos, a fama de Salomão aumentou e ele fazia o seu melhor para honrar a Deus, aumentando sua força mental e espiritual e constantemente repartindo com outros as bênçãos que recebia. Ele sabia muito bem que esses dons tinham sido concedidos a ele para que pudesse levar ao mundo o conhecimento do Rei dos reis.

Salomão desenvolveu um interesse especial pela história natural. Ao estudar profundamente todos os seres criados, tanto animados como inanimados, ele adquiriu clara concepção do Criador. Nas forças da natureza, no mundo mineral e animal, em toda árvore, arbusto e flor, reconhecia a revelação da sabedoria de Deus – e seu

conhecimento de Deus e seu amor por Ele aumentavam cada vez mais.

Salomão também expressou sua sabedoria inspirada em cânticos de louvor a Deus e em muitos provérbios. "Ele compôs três mil provérbios, e os seus cânticos chegaram a mil e cinco. Descreveu as plantas, desde o cedro do Líbano até o hissopo que brota nos muros. Também discorreu sobre os quadrúpedes, as aves, os animais que se movem rente ao chão e os peixes" (1Rs 4:32, 33).

Os provérbios apresentam princípios para uma vida de santidade e grandes aspirações. Salomão espalhou esses princípios por toda parte enquanto reconheceu a Deus como Aquele a quem pertencem todo louvor e honra. Isso fez dos primeiros anos do reinado de Salomão um período de reerguimento moral e de prosperidade material.

"Como é feliz o homem que acha a sabedoria", ele escreveu, "o homem que obtém entendimento, pois a sabedoria é mais proveitosa do que a prata e rende mais do que o ouro. É mais preciosa do que rubis; nada do que você possa desejar se compara a ela. Na mão direita, a sabedoria lhe garante vida longa; na mão esquerda, riquezas e honra" (Pv 3:13-16). "Temer o Senhor é odiar o mal; odeio o orgulho e a arrogância, o mau comportamento e o falar perverso" (Pv 8:13).

Quem dera que Salomão em seus últimos anos tivesse dado atenção a essas maravilhosas palavras de sabedoria! Ele mesmo que ensinou os reis da Terra a louvar ao Rei dos reis tomou para si com "boca perversa", em "soberba" e "arrogância" a glória que devia ser dada somente a Deus!

O Magnífico Templo de Salomão

Durante sete anos Jerusalém ficou repleta de trabalhadores ocupados em aplainar o local escolhido para o templo, construir os imensos muros de contenção, assentar os enormes alicerces, esculpir os troncos vindos das florestas do Líbano e construir o magnífico santuário (ver 1Rs 5:17). Ao mesmo tempo, a fabricação dos móveis e utensílios avançava sob a liderança de Hirão, de Tiro, "homem de grande habilidade [...] treinado para trabalhar com ouro e prata, bronze e ferro, pedra e madeira, e em tecido roxo, azul e vermelho, em linho fino e em todo tipo de entalhe" (2Cr 2:13, 14).

O templo sobre o Monte Moriá foi construído de maneira silenciosa "para que assim, durante a construção, não se ouvisse o barulho de martelos, machados ou qualquer outra ferramenta" (1Rs 6:7). Entre os belos móveis e utensílios estavam o altar de incenso, a mesa dos pães da proposição, o castiçal com as lâmpadas, os vasos e objetos relacionados com o lugar santo – tudo "de ouro maciço" (2Cr 4:21). O altar de bronze para as ofertas queimadas, o lavatório sobre doze bois, com muitos outros vasos – "na planície do Jordão [...] o rei os mandou fundir, em moldes de barro" (2Cr 4:17).

A Inigualável Beleza do Templo

O majestoso templo que Salomão construiu para Deus e Seu culto era de esplendor sem igual. Adornado com pedras preciosas e revestido de cedro trabalhado e ouro polido, o templo, com seus belos móveis e utensílios, era um símbolo da igreja viva de Deus na Terra, que tem sido construída através dos séculos com material que se compara ao "ouro, prata e pedras preciosas", "como colunas esculpidas para ornamentar um palácio" (1Co 3:12; Sl 144:12), "tendo Cristo como a principal pedra

angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor" (Ef 2:20, 21).

Finalmente a construção do templo foi concluída. Salomão executou "muito bem tudo o que pretendia realizar no templo do Senhor" (2Cr 7:11). Restava agora realizar a solene cerimônia de dedicação, para que o palácio que adornava o Monte Moriá pudesse de fato se tornar um lugar de habitação não "para homem, mas para o Senhor, o nosso Deus" (1Cr 29:1).

O local em que o templo foi construído já era considerado sagrado havia muito tempo. Foi ali que Abraão havia demonstrado estar disposto a sacrificar seu único filho, em obediência à ordem de Deus. Ali Deus renovara a gloriosa promessa messiânica de libertação por meio do sacrifício de Seu Filho (ver Gn 22:9, 16-18). Foi ali que Deus respondera a Davi enviando fogo do Céu, depois de o rei ter oferecido sacrifícios queimados e ofertas pacíficas para deter a espada do anjo destruidor que estava punindo o povo (ver 1Cr 21:26). E agora os adoradores de Jeová estavam ali mais uma vez, para se encontrarem com seu Deus e renovar os votos de fidelidade a Ele.

A Glória de Deus Enche o Templo

Salomão escolheu a época da Festa dos Tabernáculos para realizar a cerimônia de dedicação. Essa festa era acima de tudo uma ocasião de muita alegria. O período da colheita tinha chegado ao fim, o povo estava livre de trabalhos e podia desfrutar por completo as alegres influências que envolviam aquele momento.

As tribos de Israel, com representantes de muitas nações estrangeiras muito bem vestidos, reuniram-se no pátio do templo. A cena era de esplendor incomum. Salomão, com os anciãos e homens influentes, trouxe a arca da aliança de outra parte da cidade. A antiga "Tenda do Encontro", com "todos os seus utensílios sagrados" foi transferida de Gibeom (2Cr 5:5). Esses queridos objetos, que mantinham viva a lembrança do período em que Israel vagueou pelo deserto, então encontraram um local fixo de moradia na esplêndida construção.

Com cânticos, música e com grande cerimônia, "os sacerdotes levaram a arca da aliança do Senhor para o seu lugar no santuário interno do templo, no Lugar Santíssimo" (v. 7). Os cantores, vestidos de linho branco, com címbalos, alaúdes e harpas, ficaram do lado leste do altar, e com eles cento e vinte sacerdotes que tocavam as trombetas (ver v. 12).

Enquanto isso, "os que tocavam cornetas e os cantores, em uníssono, louvaram e

agradeceram ao Senhor. Ao som de cornetas, címbalos e outros instrumentos, levantaram suas vozes em louvor ao Senhor. [...] Então uma nuvem encheu o templo do Senhor" (v. 13, 14).

A Oração de Salomão

No meio do pátio do templo tinha sido construída uma plataforma de bronze. Salomão ficou em pé sobre ela e, com as mãos erguidas, abençoou a imensa multidão perante ele. "Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel, que por Suas mãos cumpriu o que prometeu com Sua própria boca a meu pai Davi, quando lhe disse: [...] 'Escolhi Jerusalém para o Meu nome ali estar'" (2Cr 6:4-6).

Salomão ajoelhou-se sobre a plataforma, ergueu as mãos em direção ao céu, e orou: "Os céus, mesmo os mais altos céus, não podem conter-Te. Muito menos este templo que construí! [...] Ouve as súplicas do Teu servo e de Israel, o Teu povo, quando orarem voltados para este lugar. Ouve desde os Céus, lugar da Tua habitação, e, quando ouvires, dá-lhes o Teu perdão. [...]

"Quando Israel [...] por ter pecado contra Ti, [...] voltar-se para Ti e invocar o Teu nome, orando e suplicando a Ti neste templo, ouve dos Céus e perdoa o pecado de Israel, o Teu povo. [...]

"Quando se fechar o céu, e não houver chuva por haver o Teu povo pecado contra Ti, e o Teu povo, voltado para este lugar, invocar o Teu nome e afastar-se do seu pecado por o haveres castigado, ouve dos Céus e perdoa o pecado dos Teus servos. [...]

"Quando inimigos sitiarem suas cidades, quando, em meio a qualquer praga ou epidemia, uma oração ou uma súplica por misericórdia for feita por um israelita ou por todo o Israel, Teu povo, cada um sentindo as suas próprias aflições e dores, estendendo as mãos na direção deste templo, ouve dos Céus, o lugar da Tua habitação. Perdoa [...]. Assim eles Te temerão, e andarão segundo a Tua vontade durante todo o tempo em que viverem na terra que deste aos nossos antepassados.

"Quanto ao estrangeiro, que [...] veio de uma terra distante por causa do Teu grande nome [...]; quando ele vier e orar voltado para este templo, ouve dos Céus, lugar da Tua habitação, e atende o pedido do estrangeiro, a fim de que todos os povos da Terra conheçam o Teu nome e Te temam. [...]

"Quando pecarem contra Ti, pois não há ninguém que não peque, e ficares irado com eles e os entregares ao inimigo, e este os levar prisioneiros para uma terra distante ou próxima; se eles caírem em si, na terra para a qual foram deportados, e se

arrependerem e lá orarem: 'Pecamos, praticamos o mal e fomos rebeldes'; e se lá eles se voltarem para Ti de todo o coração e de toda a sua alma, na terra de seu cativeiro, [...] então, dos Céus, lugar da Tua habitação, ouve a sua oração e a sua súplica, e defende a sua causa. Perdoa o Teu povo, que pecou contra Ti. Assim, meu Deus, que os Teus olhos estejam abertos e Teus ouvidos atentos às orações feitas neste lugar.

"Agora, levanta-Te, ó Senhor, ó Deus, e vem para o Teu lugar de descanso, Tu e a arca do Teu poder. Estejam os Teus sacerdotes vestidos de salvação, ó Senhor, ó Deus; que os Teus santos se regozijem em Tua bondade" (v. 18-41).

Assim que Salomão acabou de orar, "desceu fogo do céu, e consumiu o holocausto e os sacrifícios". Os sacerdotes não puderam entrar no templo, porque "a glória do Senhor o enchia" (2Cr 7:1, 2). Então o rei e o povo ofereceram sacrifícios. "Assim o rei e todo o povo fizeram a dedicação do templo de Deus" (v. 5). Durante sete dias, as multidões participaram de uma alegre festa, e, na semana seguinte, celebraram a Festa dos Tabernáculos. No fim das celebrações, o povo retornou para os seus lares "jubilosos e de coração alegre pelas coisas boas que o Senhor havia feito por Davi e Salomão e por Israel, o Seu povo" (v. 10).

Advertência Contra a Apostasia

Assim como aconteceu no início do reinado de Salomão em Gibeom, Deus concedeu mais uma vez ao rei uma evidência de que ele tinha sido aceito pelo Senhor. Durante uma visão à noite, o Senhor apareceu com a mensagem: "Ouvi sua oração, e escolhi este lugar para Mim, como um templo para sacrifícios. Se Eu fechar o céu para que não chova ou mandar que os gafanhotos devorem o país ou sobre o Meu povo enviar uma praga, se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar e orar, buscar a Minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos Céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra. [...] Escolhi e consagrei este templo para que o Meu nome esteja nele para sempre. Meus olhos e Meu coração nele sempre estarão" (v. 12-16). Se Israel tivesse se mantido fiel a Deus, o glorioso templo nunca teria deixado de existir, como sinal eterno do favor especial de Deus. "E os estrangeiros que se unirem ao Senhor para servi-Lo, para amarem o nome do Senhor e prestar-Lhe culto, todos os que guardarem o sábado deixando de profaná-lo, [...] esses Eu trarei ao Meu santo monte e lhes darei alegria em Minha casa de oração. [...] Pois a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos (Is 56:6, 7).

O Senhor mostrou claramente ao rei o caminho do dever. "E se você andar segundo a Minha vontade, como fez seu pai Davi, e fizer tudo o que Eu lhe ordeno, obedecendo

aos Meus decretos e às Minhas leis, firmarei o seu trono, conforme a aliança que fiz com Davi, seu pai, quando Eu lhe disse: Você nunca deixará de ter um descendente para governar Israel" (2Cr 7:17, 18).

Se Salomão tivesse continuado a servir ao Senhor, todo o seu reinado teria exercido uma influência poderosa para o bem sobre as nações vizinhas. Prevendo as terríveis tentações que acompanham o sucesso, a riqueza e as honras mundanas, Deus advertiu Salomão contra a apostasia. O Senhor declarou que o belo templo que tinha acabado de ser dedicado se tornaria "um objeto de zombaria entre todos os povos", se Israel deixasse "o Senhor Deus de seus pais", se persistisse na adoração de ídolos (v. 20, 22).

A Maior Glória de Israel

Fortalecido e animado pela mensagem do Céu, Salomão deu início ao período mais glorioso de seu reinado. "Todos os reis da Terra" começaram a procurá-lo, "para ouvirem a sabedoria que Deus lhe tinha dado" (2Cr 9:22, 23). Salomão os ensinava a respeito de Deus como Criador, e eles voltavam com ideias mais claras a respeito do Deus de Israel e de Seu amor pela raça humana. Eram capazes de ver na natureza uma revelação de Seu caráter, e muitos foram levados a adorá-Lo como seu Deus.

A humildade de Salomão ao reconhecer perante Deus: Sou ainda "muito jovem" (1Rs 3:7), sua reverência pelas coisas divinas, sua desconfiança de si mesmo e exaltação do infinito Criador – todos esses traços de caráter puderam ser notados na oração de dedicação que fez ao se colocar de joelhos, na posição de humilde suplicante. Os seguidores de Cristo hoje devem ficar atentos contra a tendência de perder o espírito de reverência e respeito para com Deus. Devem aproximar-se de seu Criador com temor, através do Mediador divino. O salmista declarou:

"Venham, adoremos prostrados e ajoelhemos diante do Senhor, o nosso Criador" (Sl 95:6).

Tanto no culto pessoal como no público, é nosso privilégio ficar ajoelhados enquanto apresentamos os nossos pedidos a Deus. Jesus, nosso exemplo, "ajoelhou-Se" e orou (Lc 22:41). Seus discípulos também se colocaram de joelhos e oraram (ver At 9:40). Paulo declarou: "Ajoelho-me diante do Pai" (Ef 3:14). Daniel "se ajoelhava e orava, agradecendo ao seu Deus" (Dn 6:10).

A verdadeira reverência a Deus ocorre quando reconhecemos a Sua infinita grandeza e nos damos conta de Sua presença. O momento e o lugar de oração são sagrados, porque Deus está ali. "Santo e temível é o Seu nome" (Sl 111:9). Os anjos

cobrem o rosto ao pronunciar esse nome. Quanto mais nós devemos ser reverentes ao proferir esse nome com os nossos lábios!

Depois de contemplar a visão do anjo, Jacó exclamou: "Sem dúvida o Senhor está neste lugar, mas eu não sabia! [...] Não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos Céus" (Gn 28:16, 17).

Em seu discurso na cerimônia de dedicação, Salomão procurou acabar com as superstições a respeito do Criador, responsáveis por confundir a mente dos pagãos. O Deus dos Céus não está confinado em templos feitos por mãos. No entanto, Ele Se encontraria com Seu povo por meio de Seu Espírito, quando se reunissem na casa dedicada à Sua adoração.

"Como é feliz a nação que tem o Senhor como Deus, o povo que Ele escolheu para Lhe pertencer!

Teus caminhos, ó Deus, são santos. [...]

Tu és o Deus que realiza milagres; mostras o Teu poder entre os povos" (Sl 33:12; 77:13, 14).

Deus honra as reuniões de Seu povo com Sua presença. Ele prometeu que quando se reunirem para confessar os seus pecados e para orarem uns pelos outros, Ele Se reunirá com eles por meio de Seu Espírito. Mas se os que se reúnem para O adorar não abandonarem tudo o que é mau, a reunião não terá valor algum. Os que adoram a Deus devem adorá-Lo "em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura" (Jo 4:23).

Prosperidade e Orgulho Levam à Ruína

A princípio, quando começou a acumular riquezas e a receber honras mundanas, Salomão permaneceu humilde. Ele "governava todos os reinos, desde o Eufrates até a terra dos filisteus, chegando até a fronteira do Egito. [...] E tinha paz em todas as fronteiras" (1Rs 4:21, 24).

Contudo, depois de um início tão bem-sucedido, a apostasia deixou sua vida em trevas. Ele recebeu evidências tão marcantes do favor de Deus que sua sabedoria o deixou famoso no mundo inteiro. Ele influenciou outros a honrarem o Deus de Israel. Porém, ele, aos poucos, deixou Jeová para se curvar perante os ídolos dos pagãos.

Prevendo os perigos que os reis de Israel viriam a correr, o Senhor deu a Moisés instruções para orientá-los. "Trará sempre essa cópia consigo e terá que lê-la todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer o Senhor, o seu Deus, e a cumprir fielmente todas as palavras desta lei, e todos estes decretos. Isso fará que ele não se considere superior aos seus irmãos israelitas e que não se desvie da lei, nem para a direita, nem para a esquerda. Assim prolongará o seu reinado sobre Israel" (Dt 17:19, 20).

A Advertência e o Primeiro Passo Errado

O Senhor advertiu especialmente aquele que viesse a ser ungido rei a não "tomar para si muitas mulheres; se o fizer, desviará o seu coração. Também não deverá acumular muita prata e muito ouro" (v. 17).

Por algum tempo, Salomão obedeceu a essas advertências. Seu maior desejo era viver e reinar em harmonia com as leis dadas no Sinai. Sua maneira de administrar o reino era totalmente contrária aos costumes dos reis vizinhos, que desprezavam a santa lei de Deus.

Salomão pisou em terreno proibido quando decidiu fortalecer suas relações com o poderoso reino que ficava ao sul de Israel. Satanás conhecia os resultados que acompanhavam a obediência e trabalhou para enfraquecer a lealdade de Salomão ao princípio, e com isso fazer com que se separasse de Deus. "Salomão aliou-se ao faraó, rei do Egito, casando-se com a filha dele. Ele a trouxe à Cidade de Davi" (1Rs 3:1).

Do ponto de vista humano, esse casamento parecia ser uma bênção, pois a esposa pagã de Salomão se uniu a ele na adoração ao verdadeiro Deus, e Salomão aparentemente fortaleceu seu reino ao longo da costa mediterrânea. No entanto, ao fazer aliança com uma nação pagã e selar o acordo se casando com a princesa idólatra, Salomão imprudentemente desconsiderou a proteção estabelecida por Deus para manter a pureza de Seu povo. A esperança de que ele poderia levar a esposa egípcia à conversão era apenas uma mera desculpa para o pecado.

Em Sua misericórdia, por algum tempo Deus não levou em conta esse terrível erro. Se o rei seguisse um caminho de sábias decisões, poderia contribuir muito para deter as forças do mal que as suas más escolhas colocaram em ação. Entretanto, Salomão começou a perder de vista a Fonte de seu poder e glória. A confiança em si mesmo aumentou, e ele passou a acreditar que alianças políticas e comerciais com as nações vizinhas levariam essas nações a conhecerem o verdadeiro Deus. Muitas vezes ele selava essas alianças se casando com princesas pagãs.

Salomão se engava pensando que a sua sabedoria e o poder do seu exemplo levariam suas esposas a adorar o verdadeiro Deus, e que as alianças fariam com que as nações vizinhas tivessem um contato mais próximo com Israel. Que ilusão! Salomão cometeu um erro fatal ao pensar que era forte o suficiente para resistir às influências de seu relacionamento com os pagãos.

O contato do rei com as nações pagãs fez com que ficasse famoso, rico e recebesse muitas honras. "O rei tornou tão comuns a prata e o ouro em Jerusalém quanto as pedras, e o cedro tão numeroso quanto as figueiras bravas da Sefelá" (2Cr 1:15). Nos dias de Salomão o número de pessoas ricas aumentava cada vez mais; no entanto, o precioso ouro do caráter se deteriorou.

Riqueza e Fama Trazem Maldição

Antes que Salomão percebesse, já estava longe de Deus. Começou a confiar cada vez menos na direção divina. Pouco a pouco deixou de obedecer fielmente a Deus para seguir cada vez mais os costumes das nações vizinhas. Cedendo às tentações que acompanharam sua posição de honra, ele se esqueceu da Fonte de seu sucesso. O

dinheiro que deveria ser reservado em sagrado depósito para ajudar os pobres necessitados e para propagar os princípios de santo viver através do mundo, foi usado de forma egoísta para levar avante projetos ambiciosos.

A fim de se exaltar perante o mundo, Salomão vendeu sua honra e integridade. Ele passou a exigir altos impostos para complementar os grandes lucros adquiridos por meio do comércio. O orgulho, a ambição e a condescendência resultaram em crueldade e exigências injustas. Do mais sábio e mais misericordioso dos reis, ele se rebaixou a um tirano. O guardião do povo tão temente a Deus se tornou opressor e autoritário. Salomão passou a cobrar do povo imposto sobre imposto a fim de sustentar sua corte luxuosa. O respeito e a admiração que antes o povo sentia pelo rei se transformou em antipatia e aversão.

Mulheres Atraentes se Tornam uma Armadilha

Cada vez mais o rei passou a considerar provas de grandeza o luxo, a satisfação de seus desejos e a admiração do mundo. Ele trouxe centenas de belas mulheres do Egito, Fenícia, Edom, Moabe e de muitos outros lugares. A religião dessas mulheres era idólatra, e elas praticavam seus rituais cruéis e degradantes. Encantado com sua beleza, o rei não deu atenção aos seus deveres.

As esposas de Salomão pouco a pouco o levaram a se unir a elas na adoração de falsos deuses. "À medida que Salomão foi envelhecendo, suas mulheres o induziram a voltar-se para outros deuses, e o seu coração já não era totalmente dedicado ao Senhor, o seu Deus, como fora o coração do seu pai Davi. Ele seguiu Astarote, a deusa dos sidônios, e Moloque, o repugnante deus dos amonitas" (1Rs 11:4, 5).

Do lado oposto ao Monte Moriá, Salomão levantou construções imponentes para servir de santuário para a adoração de ídolos. Para agradar suas esposas, colocou ídolos enormes nos bosques. Ali, diante dos altares dos deuses pagãos, os adoradores praticaram os rituais mais degradantes do paganismo (ver v. 7).

A separação de Salomão de Deus foi sua ruína. O rei perdeu o domínio próprio. Perdeu a capacidade de distinguir entre o certo e o errado. A sensibilidade refinada que tinha amorteceu e sua consciência endureceu. No início de seu reinado ele revelou grande sabedoria e compaixão ao devolver um bebê desamparado à mãe em desespero (1Rs 3:16-28). Depois, porém, caiu tão baixo a ponto de construir um ídolo para quem as pessoas ofereciam crianças vivas em sacrifício! Em seus últimos anos, ele se afastou tanto da pureza que acabou concordando com os rituais sensuais e repugnantes que faziam parte da adoração a Quemós e Astarote. Ele confundiu libertinagem com

liberdade. Procurou – mas a um preço muito alto – unir a luz com as trevas, o bem com o mal, a pureza com a impureza, Cristo com Belial.

Salomão permitiu que seus desejos não santificados o controlassem, e se tornou o instrumento e escravo dos outros. Seu caráter se tornou afeminado. Dúvidas ateístas substituíram a fé que tinha em Deus. A incredulidade enfraqueceu seus princípios e degradou sua vida. A justiça e a generosidade reveladas no início de seu reinado se transformaram em autoritarismo e tirania. Deus pouco pode fazer por aqueles que perdem o senso de dependência dEle.

Durante esses anos de apostasia, o inimigo trabalhou para confundir os israelitas com relação ao culto verdadeiro e ao culto falso. Ele amorteceu o senso aguçado que possuíam do santo caráter de Deus. Os israelitas transferiram sua lealdade para o inimigo da justiça. Logo se tornou comum a prática de casar-se com idólatras. As pessoas passaram a aceitar a poligamia. Na vida de alguns, a pior espécie de idolatria substituiu o puro culto religioso instituído por Deus.

Deus é totalmente capaz de nos guardar enquanto habitamos *no* mundo, mas nós não devemos ser *do* mundo. Ele cuida de Seus filhos com amor sem igual, mas requer que sejamos leais unicamente a Ele. "Ninguém pode servir a dois senhores. [...] Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro" (Mt 6:24).

As pessoas hoje não são mais fortes do que Salomão. Elas estão da mesma forma sujeitas a ceder às influências que causaram a sua queda. Deus hoje adverte Seus filhos a não colocarem a vida eterna em risco por meio da amizade com o mundo. "Portanto, 'saiam do meio deles e separem-se', diz o Senhor. [...] 'Não toquem em coisas impuras, e Eu os receberei e lhes serei Pai, e vocês serão Meus filhos e Minhas filhas', diz o Senhor Todo-poderoso" (2Co 6:17, 18).

Nenhum de Nós é Mais Sábio que Salomão

Através dos séculos, riquezas e honra são acompanhadas pelo perigo de perder a humildade e a espiritualidade. Não temos dificuldade em carregar um copo vazio, mas sim um copo cheio até a boca. As dificuldades podem causar tristeza, mas a prosperidade é muito mais perigosa para a vida espiritual. No vale da humilhação, onde as pessoas dependem de Deus para guiar cada um de seus passos, há relativa segurança. Entretanto, aqueles que estão, por assim dizer, em um nível mais elevado e que imaginam ter grande sabedoria são os que correm o maior perigo.

O orgulho não sente necessidade de coisa alguma, por isso fecha o coração para as

bênçãos infinitas do Céu. Aqueles que têm como objetivo exaltar a si mesmos acabarão ficando sem a graça de Deus por completo, sendo que unicamente por meio de Sua força seriam capazes de conquistar as riquezas verdadeiras e as alegrias que mais satisfazem o coração. No entanto, os que entregam tudo e fazem tudo por Cristo receberão o cumprimento da promessa: "A bênção do Senhor traz riqueza, e não inclui dor alguma" (Pv 10:22). O Salvador expulsa do coração a ambição não santificada, transformando o desejo de luta em amor, a incredulidade em confiança. Quando Jesus fala ao coração, dizendo: "Siga-Me" (Mateus 9:9), Ele quebra o encanto pelas coisas que o mundo tem a oferecer. Ao som de Sua voz, a cobiça e a ambição fogem do coração, e somos erguidos e deixados livres para segui-Lo.

Como Salomão Perdeu a Chance

Salomão fracassou em manter um espírito de abnegação, e esse foi um dos motivos que o levou a oprimir seu povo. No Sinai, Moisés transmitiu ao povo a ordem divina: "E farão um santuário para Mim, e Eu habitarei no meio deles", "e todos os que estavam dispostos, cujo coração os impeliu a isso", trouxeram suas ofertas. A construção do santuário exigia uma grande quantidade do material mais caro e precioso, mas o Senhor só aceitou a oferta voluntária. "Receba-a de todo aquele cujo coração o compelir a dar" (Êx 25:8; 35:21; 25:2).

Davi fez um convite semelhante à abnegação ao perguntar: "Agora, quem hoje está disposto a oferecer dádivas ao Senhor?" (1Cr 29:5). Aqueles que construíram o templo deveriam para sempre ter mantido em mente esse convite para a consagração.

Para a construção do tabernáculo do deserto, Deus concedeu sabedoria e habilidades especiais a alguns homens escolhidos por Ele. "O Senhor escolheu Bezalel, [...] da tribo de Judá, e o encheu do Espírito de Deus, dando-lhe destreza, habilidade e plena capacidade artística. [...] E concedeu tanto a ele como a Aoliabe, da tribo de Dã, a habilidade de ensinar os outros. A todos esses deu capacidade para realizar todo tipo de obra como artesãos, projetistas, bordadores [...] e como tecelões [...]. Bezalel, Aoliabe e todos os homens capazes, a quem o Senhor concedeu destreza e habilidade [...], realizarão a obra como o Senhor ordenou" (Êx 35:30–36:1). Seres celestiais cooperaram com esses homens escolhidos pelo próprio Deus.

Os descendentes desses homens herdaram boa parte dos talentos que eles receberam de Deus. No entanto, pouco a pouco, quase sem perceber, eles perderam a ligação com Deus e o desejo de servi-Lo de forma abnegada. Passaram a pedir salários cada vez mais altos por causa de sua habilidade incomum nas artes finas. Muitas vezes

encontravam emprego nas nações vizinhas. Em vez do nobre espírito de seus antepassados, eles se tornaram gananciosos, sempre querendo ganhar mais e mais. Para realizar seus desejos egoístas, eles usaram a habilidade que ganharam de Deus para trabalhar para os reis pagãos, usando seus talentos para criar obras que desonravam o Criador.

Entre esses homens, Salomão procurou um mestre de obras para supervisionar a construção do templo. O rei recebeu especificações detalhadas para a construção de cada parte da estrutura sagrada. Ele poderia ter pedido a Deus com fé para encontrar ajudantes consagrados, que teriam recebido habilidades especiais para realizar o trabalho necessário. Salomão, porém, perdeu a oportunidade de exercitar a fé. Ele pediu ao rei de Tiro "um homem competente no trabalho com ouro, com prata, com bronze, com ferro e com tecido roxo, vermelho e azul, e experiente em esculturas, para trabalhar em Judá e em Jerusalém" (2Cr 2:7).

O rei fenício enviou Hirão Abi. "Sua mãe era de Dã e seu pai, de Tiro" (v. 14). Da parte de sua mãe, Hirão era descendente de Aoliabe, que, centenas de anos antes, havia recebido de Deus sabedoria especial para a construção do tabernáculo. Assim, Salomão escolheu para liderar o grupo de trabalhadores um homem que não era motivado pelo desejo altruísta de servir a Deus. Os princípios do egoísmo estavam totalmente enraizados em seu coração.

Por causa de sua habilidade fora do comum, Hirão exigiu um salário muito alto. Pouco a pouco, ao trabalharem com ele dia após dia, os outros trabalhadores passaram a comparar o seu salário com o dele e começaram a perder de vista o caráter santo da obra. Deixaram de ter um espírito de abnegação. Exigiram salários mais altos, e conseguiram.

Os Passos que Levaram à Apostasia

As más influências que surgiram aqui se espalharam por todo o reino. Muitos cederam ao luxo e à extravagância por causa dos salários altos que agora recebiam. O rico passou a oprimir o pobre. O espírito de abnegação quase desapareceu. Entre as principais causas da terrível apostasia de Salomão estão os efeitos de longo alcance dessas influências.

Podemos encontrar uma lição de profundo significado no grande contraste entre o espírito e a motivação do povo que construiu o tabernáculo no deserto e o espírito e a motivação dos que construíram o templo de Salomão. O egoísmo domina o mundo hoje. Por toda parte, as pessoas estão em busca de cargos e salários mais altos.

Raramente encontramos o espírito de alegre abnegação que os trabalhadores do tabernáculo demonstraram. Entretanto, esse é o único espírito que deve motivar os seguidores de Jesus. Quando disse: "Sigam-Me, e Eu os farei pescadores de homens" (Mt 4:19), Jesus não ofereceu salário algum como recompensa pelo trabalho. Eles deveriam demonstrar o mesmo espírito de abnegação e sacrifício de Cristo.

Não devemos trabalhar por causa do salário que iremos receber. O primeiro requisito para o culto que agrada a Deus sempre será a devoção abnegada e o espírito de sacrifício. Nosso Senhor deseja que Sua obra não tenha qualquer traço de egoísmo. Devemos dedicar-nos com o mesmo tato e habilidade, precisão e sabedoria que Deus exigiu dos construtores do santuário terrestre. Porém, devemos lembrar que os maiores talentos e os mais belos cultos são aceitáveis a Deus somente quando colocamos o eu sobre o altar e o oferecemos como um sacrifício vivo.

Outro desvio do princípio que levou Salomão à queda foi o fato de ele assumir a glória que pertence somente a Deus. Desde o momento em que Salomão recebeu a responsabilidade de construir o templo até o dia em que a obra foi concluída, seu propósito foi "construir um templo em honra ao nome do Senhor, o Deus de Israel" (2Cr 6:7). Ele expressou esse propósito perante as tribos de Israel que se reuniram para a dedicação do templo. Um dos trechos mais emocionantes da oração de dedicação que Salomão fez foi sua súplica a Deus pelos estrangeiros que viriam dos países distantes para aprender mais a respeito dEle. Em favor desses estrangeiros, Salomão suplicou: "Ouve [...], e atende o pedido do estrangeiro, a fim de que todos os povos da Terra [...] saibam que este templo que construí traz o Teu nome" (1Rs 8:43).

Alguém maior que Salomão tinha sido o arquiteto e construtor do templo. Os que não sabiam disso naturalmente elogiavam e admiravam Salomão como o arquiteto e construtor, mas o rei recusava qualquer honra por esse projeto e construção.

A Visita da Rainha de Sabá

Ainda era assim quando a rainha de Sabá foi visitar Salomão. Ao ouvir falar de sua sabedoria e do magnífico templo que ele construiu, ela decidiu "pô-lo à prova com perguntas difíceis" e ver com os próprios olhos as obras que ele construiu. Acompanhada por muitos servos, ela fez a longa viagem para Jerusalém. "Quando chegou, [...] fez a Salomão todas as perguntas que tinha em mente." Salomão lhe ensinou a respeito do Deus da natureza, o grande Criador, que habita no Céu e governa a todos. E "Salomão respondeu a todas [as perguntas]; nenhuma lhe foi tão difícil que não pudesse responder" (1Rs 10:1-3; ver 2Cr 9:1, 2).

"Vendo toda a sabedoria de Salomão, bem como o palácio que ele havia construído, [...] a visitante ficou impressionada. Então ela disse ao rei: 'Tudo o que ouvi em meu país acerca de tuas realizações e de tua sabedoria é verdade. Mas eu não acreditava no que diziam, até ver com os meus próprios olhos. Na realidade, não me contaram nem a metade; tu ultrapassas em muito o que ouvi, tanto em sabedoria como em riqueza" (1Rs 10:4-7; ver 2Cr 9:3-6)

Salomão ensinou a rainha de forma tão completa a respeito da Fonte de sua sabedoria e sucesso, que ela não se sentiu impulsionada a exaltar o instrumento humano, mas a exclamar: "Bendito seja o Senhor, o teu Deus, que Se agradou de ti e te colocou no trono de Israel. Por causa do amor eterno do Senhor para com Israel, Ele te fez rei, para manter a justiça e a retidão" (1Rs 10:9). Essa é a impressão que Deus desejava que todos os povos tivessem.

Se Salomão tivesse continuado a desviar a atenção de si para Aquele que lhe concedeu sabedoria, riquezas e honra, sua história teria sido muito diferente! Contudo, ao atingir o ponto mais alto da grandeza, Salomão ficou atordoado, perdeu o equilíbrio e caiu. Sendo constantemente elogiado, Salomão finalmente permitiu que falassem dele como a pessoa mais digna de louvor pelo esplendor sem igual do templo planejado e construído para honrar o nome do Senhor Deus de Israel.

Assim, o templo de Jeová passou a ser conhecido pelas nações como "o templo de Salomão". O instrumento humano assumiu a glória que pertencia Àquele que estava "em posição ainda mais alta" (Ec 5:8). Até hoje o templo que Salomão declarou: "Este templo que construí traz o Teu nome" (2Cr 6:33), é mais conhecido como o "templo de Salomão" do que como o templo de Jeová.

Não podemos demonstrar maior fraqueza do que quando permitimos que outros nos elogiem por dons que recebemos do Céu. Quando somos fiéis em exaltar o nome de Deus, Ele controla os nossos impulsos e nos capacita a desenvolver habilidades espirituais e intelectuais.

Jesus, o divino Mestre, ensinou Seus discípulos a orar: "Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome." E eles não deveriam se esquecer de reconhecer: "*Teu* é o [...] poder e a glória" (Mt 6:9, 13, ênfase acrescentada). Jesus foi tão cuidadoso em desviar a atenção de Si para a Fonte de Seu poder, que a multidão, "quando viu os mudos falando, os mancos curados, os aleijados andando e os cegos vendo", não O exaltaram, mas "louvaram o Deus de Israel" (Mt 15:31).

"Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio em sua sabedoria nem o forte em sua força nem o rico em sua riqueza, mas quem se gloriar, glorie-se nisto: em compreender-Me e conhecer-Me, pois Eu sou o Senhor e ajo com lealdade, com justiça e com retidão sobre a Terra, pois é dessas coisas que Me agrado, declara o Senhor" (Jr 9:23, 24).

Outra Terrível Perversão do Plano de Deus

Outra perversão do plano divino para Israel foi causada pelo espírito de exaltação própria. O plano de Deus era que Seu povo refletisse a glória de Sua lei. Para realizar esse plano, Ele colocou Israel em uma posição estratégica entre as nações da Terra. Nos dias de Salomão o reino de Israel ia desde Hamate ao norte, até o Egito ao sul, e do Mar Mediterrâneo ao Rio Eufrates. Muitas estradas naturais do mundo comercial passavam por esse território e por elas constantemente viajavam muitas caravanas das terras distantes. Com isso, Salomão e seu povo tiveram a oportunidade de mostrar a todas as nações o caráter do Rei dos reis e lhes ensinar a reverenciá-Lo e obedecer-Lhe. Por meio das ofertas de sacrifício, Cristo deveria ser exaltado a fim de que todos pudessem conhecer o plano da salvação.

Salomão deveria ter usado a sabedoria e a influência que recebeu do Senhor para liderar um grande movimento com o objetivo de iluminar os que eram ignorantes a respeito de Deus e Sua verdade. Dessa forma, multidões seriam conquistadas, Israel ficaria a salvo dos males que os pagãos praticavam e o Senhor seria honrado. Salomão, porém, perdeu de vista esse alto propósito. Fracassou em repartir a luz com os que constantemente passavam por seu território.

O espírito de comércio substituiu o espírito missionário que Deus colocou no coração de todos os verdadeiros israelitas. O povo aproveitou as oportunidades, que surgiram pelo contato com muitas nações, para ganhar dinheiro. Salomão decidiu fortalecer sua posição política construindo cidades fortificadas nas passagens comerciais. Ele aumentou as vantagens comerciais de uma passagem na cabeceira do Mar Vermelho com a construção "de navios [...] às margens do Mar Vermelho". "Os marinheiros de Salomão [...] navegaram até Ofir, e de lá trouxeram [...] ouro para o rei Salomão" e "grande quantidade de madeira de junípero e pedras preciosas" (1Rs 9:26-28; 10:11).

Isso aumentou muito a riqueza do reino, mas a que preço! Por causa de seu espírito ambicioso, os que haviam recebido de Deus a responsabilidade de guardar e ensinar a Sua Palavra permitiram que as incontáveis multidões que lotavam as estradas do país permanecessem ignorantes com respeito a Jeová.

O Contraste entre Cristo e Salomão

A vida do Salvador apresenta um contraste marcante com a vida de Salomão, pois mesmo possuindo "toda autoridade" (Mt 28:18), Cristo jamais usou esse poder para Se engrandecer. Sonho algum de grandezas mundanas manchou a perfeição de Seu serviço pelo próximo. Os que entram para o serviço do Obreiro Mestre devem estudar os métodos que Ele utilizou. Ele aproveitou as oportunidades de conhecer pessoas ao longo das estradas movimentadas.

Nos intervalos entre as Suas viagens de um para outro lado, Jesus ficava em Cafarnaum. Localizada na estrada de Damasco para Jerusalém e Egito e para o Mar Mediterrâneo, essa cidade era muito adequada para servir como centro do trabalho do Salvador. Pessoas de muitos países passavam por essa cidade. Ali Jesus Se encontrava com pessoas de todas as nações e classes, e elas levavam Suas lições a seu país de origem. Isso despertou o interesse das pessoas pelas profecias que apontavam para o Messias e atraiu a atenção do mundo para a Sua missão.

Hoje as oportunidades são muito maiores que nos dias de Israel. Os meios de comunicação se multiplicaram milhares de vezes. Assim como Cristo, os mensageiros do Altíssimo devem hoje assumir seu papel nesses grandes meios de comunicação, onde podem se encontrar com multidões de todas as partes do mundo. Exaltando unicamente a Deus e não a si mesmo, devem apresentar aos outros as preciosas verdades da Bíblia Sagrada, que formarão raízes e germinarão para a vida eterna.

As lições do fracasso de Israel são muito sérias – tanto o rei como o povo se desviaram do alto propósito que Deus os chamou a cumprir. Onde eles foram fracos, os representantes atuais do Céu devem ser fortes, pois sobre eles está a responsabilidade de concluir a obra entregue ao povo de Deus e de anunciar o dia do juízo final. No entanto, as mesmas influências que Israel enfrentou durante o reinado de Salomão ainda existem entre nós. Podemos ser vencedores unicamente por meio do poder de Deus. O conflito à nossa frente exige espírito de abnegação, desconfiança própria e dependência exclusiva de Deus para que possamos aproveitar com sabedoria toda oportunidade para a salvação de outros.

O Senhor abençoará o Seu povo à medida que ele avançar unido, revelando a um mundo que está nas trevas do erro a beleza da santidade manifesta num espírito de abnegação semelhante ao de Cristo, na exaltação de Deus em vez de qualquer coisa que seja humana e no amoroso serviço pelos que tanto precisam do evangelho.

O Profundo Arrependimento de Salomão

Deus deu instruções muito claras e fez promessas maravilhosas a Salomão, mas, como diz a Bíblia: "Salomão não Lhe obedeceu." "O Senhor irou-Se contra Salomão por ter se desviado do Senhor, o Deus de Israel, que lhe havia aparecido duas vezes. Embora Ele tivesse proibido Salomão de seguir outros deuses" (1Rs 11:10, 9). O coração de Salomão estava tão endurecido pela desobediência que seu caso parecia quase sem esperança.

Salomão trocou a alegria da comunhão com Deus pelos prazeres dos sentidos. Ele mesmo disse: "Lancei-me a grandes projetos: construí casas e plantei vinhas para mim. Fiz jardins e pomares e neles plantei todo tipo de árvore frutífera. [...] Comprei escravos e escravas. [...] Ajuntei para mim prata e ouro. [...]

"Tornei-me mais famoso e poderoso do que todos os que viveram em Jerusalém. [...] Não me neguei nada que os meus olhos desejaram; não me recusei a dar prazer algum ao meu coração. [...] Contudo, quando avaliei tudo o que as minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu tanto me esforçara para realizar, percebi que tudo foi inútil, foi correr atrás do vento; não há nenhum proveito no que se faz debaixo do sol. Por isso desprezei a vida. [...] Desprezei todas as coisas pelas quais eu tanto me esforçara debaixo do sol" (Ec 2:4-11, 17, 18).

Pela experiência amarga que passou, Salomão aprendeu como a vida é vazia quando a pessoa coloca suas maiores esperanças nas coisas terrenas. Pensamentos sombrios e desconfortáveis o perturbavam dia e noite. Salomão não tinha mais alegria nem paz de espírito, e o futuro parecia escuro e desesperador.

Mesmo assim, o Senhor não o abandonou. Com reprovações e juízos severos, procurou abrir os olhos do rei para a sua maneira errada de agir. Permitiu que os

inimigos o perseguissem e enfraquecessem o reino. "Então o Senhor levantou contra Salomão um adversário, o edomita Hadade, da linhagem real de Edom." E "também Jeroboão, um dos oficiais de Salomão", "homem capaz", "rebelou-se contra o rei" (1Rs 11:14, 26-28).

Advertência Profética

Finalmente, um profeta apresentou uma mensagem assustadora a Salomão: "Certamente lhe tirarei o reino e o darei a um dos seus servos. No entanto, por amor a Davi, seu pai, não farei isso enquanto você viver. Eu o tirarei da mão do seu filho" (v. 11, 12).

Essa sentença despertou Salomão de tal maneira como se antes ele estivesse em um sonho. Ele começou a ver como estava sendo tolo. Com a mente e o corpo já enfraquecidos, ele abandonou as fontes de águas poluídas da Terra para voltar a beber uma vez mais da Fonte da vida. Como parecia não conseguir deixar sua vida insensata e extravagante, o medo da completa ruína o perseguiu por um bom tempo. No entanto, por meio da mensagem que recebeu, Salomão conseguiu ver um raio de esperança. Deus estava disposto a libertá-lo de uma escravidão mais cruel que a morte, da qual ele mesmo não tinha poder para se livrar.

Reconhecendo Seu Pecado

Arrependido, Salomão começou a rever seus passos até a alta posição de pureza e santidade da qual ele havia decaído tanto. Ele jamais poderia esperar escapar dos terríveis resultados do pecado, mas confessaria humildemente o erro cometido por andar em maus caminhos e aconselharia outros para que não se perdessem por causa das más influências que ele mesmo exerceu. A pessoa verdadeiramente arrependida pensa naqueles que levou a praticar o mal e procura trazê-los de volta para o caminho certo. Pessoas assim não ignoram os erros que cometeram, mas alertam sobre o perigo para que outros possam tomar cuidado.

Salomão reconheceu que "o coração dos homens, além do mais, está cheio de maldade e de loucura". "O ímpio pode cometer uma centena de crimes e apesar disso, ter vida longa, mas sei muito bem que as coisas serão melhores para os que temem a Deus. [...] Para os ímpios, no entanto, nada irá bem, porque não temem a Deus, e os seus dias, como sombras, serão poucos" (Ec 9:3; 8:12, 13).

Deus inspirou Salomão a registrar o que aconteceu ao longo dos anos de sua apostasia e a acrescentar as lições de advertência que tirou dessa experiência. Assim,

tudo o que fez na vida não foi totalmente perdido. Com humildade, em seus últimos anos, Salomão "ensinou conhecimento ao povo. Ele escutou, examinou e colecionou muitos provérbios." Ele "procurou também encontrar as palavras certas, e o que ele escreveu era reto e verdadeiro" (Ec 12:9, 10).

"Tema a Deus e obedeça aos Seus mandamentos", ele escreveu, "porque isso é o essencial para o homem. Pois Deus trará a julgamento tudo o que foi feito, inclusive tudo o que está escondido, seja bom, seja mau" (v. 13, 14).

Conselhos aos Jovens

Os últimos escritos de Salomão mostram que, à medida que ele compreendia mais e mais a maldade dos atos que praticou, mais importância ele dava à necessidade de advertir os jovens a respeito dos erros que o levaram a não valorizar as melhores dádivas do Céu. Cheio de tristeza e vergonha, confessou que nos melhores anos da idade adulta, quando deveria ter encontrado em Deus o seu conforto, seu apoio e sua própria vida, ele colocou a idolatria no lugar da adoração a Deus. A partir de então, seu maior desejo foi livrar outros de passar pela amarga experiência que ele viveu.

De maneira comovente, ele escreveu a respeito dos privilégios que os jovens têm: "Alegre-se, jovem, na sua mocidade! Seja feliz o seu coração nos dias da sua juventude! Siga por onde seu coração mandar, até onde a sua vista alcançar; mas saiba que por todas essas coisas Deus o trará a julgamento. Afaste do coração a ansiedade e acabe com o sofrimento do seu corpo, pois a juventude e o vigor são passageiros" (Ec 11:9, 10).

"Lembre-se do seu Criador nos dias da sua juventude, antes que venham os dias difíceis e se aproximem os anos em que você dirá: 'Não tenho satisfação neles'" (Ec 12:1).

A vida de Salomão está repleta de advertências. Quando seu caráter deveria ser forte como um carvalho, ele cedeu ao poder da tentação. Quando sua força deveria ser a mais firme, ele percebeu que era o mais fraco dos homens. A única segurança, tanto para os jovens como para os de mais idade, está na constante vigilância e na oração. Na batalha contra o pecado interior e as tentações ao redor, até mesmo o sábio e poderoso Salomão foi vencido. Sua queda nos ensina que não importam quais sejam as nossas qualidades intelectuais nem quão fielmente servimos a Deus no passado, jamais podemos confiar em nossa própria sabedoria e integridade.

É tão verdade agora como no tempo em que Moisés falou a respeito da obediência aos mandamentos dados por Deus: "Vocês devem obedecer-lhes e cumpri-los, pois

assim os outros povos verão a sabedoria e o discernimento de vocês" (Dt 4:6). Aqui está a única maneira de manter a integridade pessoal, a pureza no lar ou a estabilidade da nação. "Os preceitos do Senhor são justos", e "quem assim procede nunca será abalado!" (Sl 19:8; 15:5).

Somente a Obediência Evita a Apostasia

Aqueles que aceitam as advertências de Salomão contra a apostasia fugirão sem demora dos pecados que o derrotaram. Somente a obediência às ordens dadas pelo Céu vão impedir que as pessoas cheguem à apostasia. Enquanto vivermos, precisaremos vigiar com muita atenção as nossas afeições e paixões. Nem por um momento podemos nos sentir seguros, a não ser quando nos submetemos a Deus e mantemos nossa vida escondida com Cristo. A vigilância e a oração são uma proteção para nos mantermos sempre puros.

Todos os que entrarem na cidade de Deus terão que passar pela porta estreita, pois "nela jamais entrará algo impuro" (Ap 21:27). Entretanto, se alguém cair, não precisa entrar em desespero. Mesmo homens e mulheres já idosos, que no passado foram honrados por Deus, talvez tenham se contaminado, deixando uma vida dedicada a Deus para se entregar aos prazeres deste mundo. Mas, se eles se arrependerem, abandonarem o pecado e se voltarem para Deus, há esperança para eles. "Que o ímpio abandone o seu caminho, e o homem mau, os seus pensamentos. Volte-se ele para o Senhor, que terá misericórdia dele; volte-se para o nosso Deus, pois Ele perdoará de bom grado" (Is 55:7). Deus odeia o pecado, mas Ele ama o pecador.

As Consequências da Apostasia de Salomão

O arrependimento de Salomão foi sincero, mas ele não poderia mais desfazer os danos que seu mau exemplo causou. Durante o tempo em que viveu na apostasia, algumas pessoas no reino permaneceram fiéis e mantiveram sua pureza e lealdade; no entanto, mesmo arrependido, o rei teria muita dificuldade para deter as forças do mal que a idolatria e as práticas mundanas colocaram em ação. A influência de Salomão foi grandemente enfraquecida. Muitos hesitavam em depositar total confiança em sua direção. O rei jamais poderia esperar destruir completamente a terrível influência de suas más ações. Muitos, incentivados por sua apostasia, continuaram a praticar o mal. Através das atitudes cada vez piores da maioria dos reis depois de Salomão, podemos ver a triste influência da apostasia de Salomão sobre as faculdades que ele recebeu de Deus.

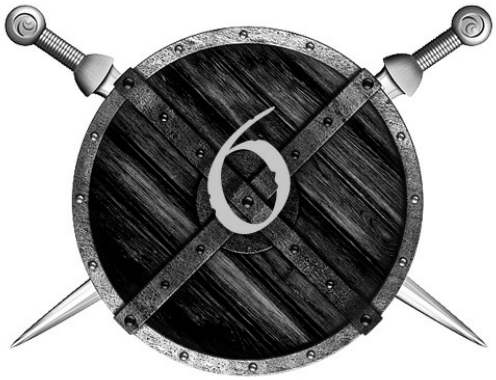
Em angústia, ao refletir amargamente sobre as escolhas que fez na vida, Salomão

declarou: “A sabedoria é melhor do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muita coisa boa.” “Assim como a mosca morta produz mau cheiro e estraga o perfume, também um pouco de insensatez pesa mais que a sabedoria e a honra” (Ec 9:18; 10:1).

O poder da nossa influência para o bem ou para o mal vai muito além do poder do nosso conhecimento ou controle. Nossa influência pode estar carregada com a tristeza do descontentamento e do egoísmo, ou envenenada com a infecção mortal de algum pecado acariciado; ou pode ainda estar repleta do poder da fé, que traz vida, coragem e esperança, e com o doce perfume do amor. Mas, sem dúvida, ela será poderosa para o bem ou para o mal.

Uma pessoa desencaminhada – que perda irreparável! Uma atitude precipitada, uma palavra impensada de nossa parte, pode de tal forma influenciar outra pessoa a ponto de levá-la a se perder. Um defeito de caráter pode afastar muitas pessoas de Cristo.

Cada ato, cada palavra produzirá o seu fruto. Cada ato de bondade, de obediência, de abnegação reproduzirá esse mesmo ato em outras pessoas e, por meio delas, outros mais serão produzidos. Da mesma maneira, cada ato de inveja, de malícia ou discórdia é uma semente que produzirá sua “raiz de amargura” (Hb 12:15), que afetará a vida de muitos. Assim, o bem e o mal continuam a ser semeados através dos séculos.



A Arrogância de Roboão

"Então [Salomão] descansou com os seus antepassados [...]. E o seu filho Roboão foi o seu sucessor" (1Rs 11:43).

Logo depois de assumir o reino, Roboão foi a Siquém, onde esperava receber o reconhecimento formal de todas as tribos, e "todos os israelitas tinham se reunido para proclamá-lo rei" (2Cr 10:1). Entre os presentes estava Jeroboão, filho de Nebate – o mesmo Jeroboão que durante o reinado de Salomão era conhecido como "homem capaz", e a quem o profeta Aías tinha levado a assustadora mensagem: "Assim diz o Senhor [...]: 'Saiba que vou tirar o reino das mãos de Salomão e dar a você dez tribos'" (1Rs 11:28, 31).

Por intermédio de Seu mensageiro, o Senhor falou de forma muito clara a Jeroboão. Deus declarou que essa divisão deveria ocorrer "porque eles Me abandonaram, [...] e não andaram nos Meus caminhos, nem fizeram o que Eu aprovo, nem obedeceram aos Meus decretos e às Minhas ordenanças, como fez Davi, pai de Salomão" (v. 33). No entanto, Jeroboão também recebeu instruções para que o reino não fosse dividido antes do fim do reinado de Salomão: "Eu o fiz governante todos os dias de sua vida por amor ao Meu servo Davi, a quem escolhi e que obedeceu aos Meus mandamentos e aos Meus decretos. Tirarei o reino das mãos do seu filho e darei dez tribos a você" (v. 34, 35).

Apesar de Salomão ter se esforçado a fim de preparar Roboão para enfrentar a crise com sabedoria, ele nunca foi capaz de influenciar o filho para o bem com a força necessária. Roboão, infelizmente, não recebeu a educação que deveria na infância. Sua mãe, uma amonita, desenvolveu nele um caráter fraco. Ele tentou algumas vezes servir a Deus, mas no fim cedeu às más influências que o rodearam desde pequeno. Nos erros

da vida de Roboão e em sua apostasia final, vemos o terrível resultado da união de Salomão com mulheres idólatras.

As tribos já estavam sofrendo havia muito tempo com as leis injustas do rei anterior. A extravagância levou Salomão a cobrar impostos muito altos e a exigir do povo trabalho em excesso. Antes de coroar um novo rei, os líderes das tribos decidiram descobrir se o filho de Salomão pretendia aliviar essas cargas. "Então ele [Jeroboão] e todo o Israel foram ao encontro de Roboão e disseram: 'Teu pai colocou sobre nós um jugo pesado, mas agora diminui o trabalho árduo e este jugo pesado, e nós te serviremos.'"

Antes de apresentar a proposta para o seu reinado, Roboão preferiu aconselhar-se com autoridades do reino: "'Voltem a mim daqui a três dias.' E o povo foi embora. O rei Roboão perguntou às autoridades que haviam servido ao seu pai Salomão durante a vida dele: 'Como vocês me aconselham a responder a este povo?' Eles responderam: 'Se hoje fores bom para esse povo, se o agradares e lhe deres resposta favorável, eles sempre serão teus servos'" (2Cr 10:3-7).

O Erro que não Pôde Ser Corrigido

Não satisfeito, Roboão procurou seus amigos de juventude: "Perguntou-lhes: 'Que conselho vocês me dão? Como devemos responder a este povo que me diz: 'Diminui o jugo que teu pai colocou sobre nós?'" (1Rs 12:9). Os jovens sugeriram que ele tratasse o povo de forma áspera e deixasse claro desde o início que ele não admitiria que interferissem em seus desejos pessoais.

No dia marcado para Roboão dar uma resposta quanto ao plano que ele pretendia pôr em prática, ele "lhes respondeu asperamente [...]. Disse: 'Meu pai lhes tornou pesado o jugo; eu o tornarei ainda mais pesado. Meu pai os castigou com simples chicotes; eu os castigarei com chicotes pontiagudos'" (v. 13, 14). A decisão de Roboão de dar continuidade e ainda aumentar a opressão do reinado de Salomão era totalmente contrária ao plano de Deus para Israel. Nessa tentativa insensível de exercer poder, o rei e seus conselheiros revelaram o orgulho da posição e autoridade.

Muitos dentre o povo ficaram alarmados com as leis injustas do reinado de Salomão, e sentiram agora que não tinham outra escolha a não ser rebelar-se contra a casa de Davi. "Quando todo o Israel viu que o rei se recusava a ouvi-los, respondeu ao rei: 'Que temos em comum com Davi?' [...] 'Para as suas tendas, ó Israel! Cuide da sua própria casa, ó Davi!' E assim os israelitas foram para as suas casas" (v. 16).

A rachadura que o rude discurso de Roboão abriu não podia mais ser consertada. As doze tribos de Israel foram divididas. As tribos de Judá e Benjamim formaram o reino do sul, de Judá, sob o governo de Roboão. As dez tribos ao norte formaram um governo separado, o reino de Israel, tendo Jeroboão como seu rei. Assim se cumpriu a predição do profeta de que o reino seria dividido. "Esta mudança nos acontecimentos vinha da parte do Senhor, para que se cumprisse a palavra que o Senhor havia falado a Jeroboão" (v. 15).

Quando Roboão viu que as dez tribos se recusaram a prestar lealdade a ele, percebeu que precisava agir. Por intermédio de Adonirão, um dos homens influentes do reino, ele se esforçou para se retratar e acalmar o povo. Mas "todo o Israel o apedrejou [Adonirão] até a morte". Alarmado, "o rei [...] conseguiu subir em sua carruagem e fugir para Jerusalém" (v. 18).

Em Jerusalém, "[Roboão] convocou cento e oitenta mil homens de combate, das tribos de Judá e de Benjamim, para guerrear contra Israel e recuperar o reino. Entretanto, veio esta palavra de Deus a Semaías [...]: 'Assim diz o Senhor: 'Não saiam à guerra contra os seus irmãos israelitas. Voltem para casa, todos vocês, pois fui Eu que fiz isso'. E eles obedeceram à palavra do Senhor" (v. 21-24).

Por três anos, Roboão procurou colocar em prática as lições que aprendeu com a triste experiência do início de seu reinado – e foi bem-sucedido. Ele construiu cidades para fortalezas, "e tornou-as muito fortes" (2Cr 11:12). No entanto, o segredo do sucesso de Judá durante os primeiros anos do reinado de Roboão foi o fato de o rei reconhecer a Deus como Supremo Governante. Isso deu às tribos de Judá e Benjamim uma grande vantagem. Diz o relato: "De todas as tribos de Israel aqueles que estavam realmente dispostos a buscar o Senhor, o Deus de Israel, seguiram os levitas até Jerusalém para oferecerem sacrifícios ao Senhor, ao Deus dos seus antepassados. Eles fortaleceram o reino de Judá e durante três anos apoiaram Roboão, filho de Salomão, andando nos caminhos de Davi e de Salomão durante esse tempo" (2Cr 11:16, 17).

Roboão Fracassa

No entanto, o sucessor de Salomão fracassou em exercer uma forte influência em favor da lealdade a Jeová. Ele era por natureza obstinado, autoconfiante, teimoso e inclinado à idolatria. Se ele, porém, tivesse colocado sua confiança inteiramente em Deus, teria desenvolvido uma fé forte e se tornado submisso aos requisitos divinos. Mas, com o passar do tempo, o rei colocou sua confiança no poder da posição e nas fortalezas que construiu. Pouco a pouco ele deu espaço para as fraquezas que herdou,

até que se entregou completamente à idolatria. "Depois que Roboão se fortaleceu e se firmou como rei, ele e todo o Israel abandonaram a lei do Senhor" (2Cr 12:1).

O povo escolhido por Deus para ser uma luz para as nações vizinhas estava tentando ser como as nações ao seu redor. Assim como aconteceu com Salomão, aconteceu com Roboão: a influência do mau exemplo desviou muitos do caminho certo.

Deus não permitiu que a apostasia do rei de Judá ficasse sem punição. "Por terem sido infiéis ao Senhor, Sisaque, rei do Egito, atacou Jerusalém no quinto ano do reinado de Roboão. Com mil e duzentos carros de guerra, sessenta mil cavaleiros e um exército incontável [...], que vieram do Egito com ele, conquistou as cidades fortificadas de Judá e chegou até Jerusalém. Então o profeta Semaías apresentou-se a Roboão e aos líderes de Judá que se haviam reunido em Jerusalém, fugindo de Sisaque, e lhes disse: 'Assim diz o Senhor: 'Vocês Me abandonaram; por isso Eu agora os abandono, entregando-os a Sisaque'" (v. 2-5).

As perdas causadas pela invasão de Sisaque fizeram com que eles reconhecessem a mão de Deus, e por algum tempo se humilhassem. "Quando Sisaque, rei do Egito, atacou Jerusalém, levou todos os tesouros do templo do Senhor e do palácio real, inclusive os escudos de ouro que Salomão havia feito. Por isso o rei Roboão mandou fazer escudos de bronze para substituí-los, [...] e os entregou aos chefes da guarda da entrada do palácio real. Sempre que o rei ia ao templo do Senhor, os guardas empunhavam os escudos e, em seguida, os devolviam à sala da guarda. Como Roboão se humilhou, a ira do Senhor afastou-se dele, e ele não foi totalmente destruído. Na verdade, em Judá ainda havia algo de bom" (v. 9-12).

As Consequências da Apostasia de Roboão

Contudo, assim que a nação começou a prosperar outra vez, muitos voltaram novamente para a idolatria. Entre eles estava o próprio rei Roboão. Ele se esqueceu da lição que Deus procurou ensinar-lhe, voltou a praticar os mesmos pecados que tinham atraído o juízo de Deus sobre a nação. Depois de alguns anos sem nenhum feito ou acontecimento importante, "Roboão descansou com os seus antepassados e foi sepultado na Cidade de Davi; seu filho Abias foi o seu sucessor" (v. 16).

Em alguns períodos, durante os séculos que se seguiram, homens de moral e caráter valiosos ocuparam o trono de Davi. Sob o seu governo, as bênçãos derramadas sobre Judá se estenderam às nações ao redor. Entretanto, ninguém jamais conseguiu arrancar pela raiz as sementes do mal que já estavam a brotar quando Roboão assumiu o trono. Por muitas vezes, o povo, que antes tinha sido especialmente abençoado por

Deus, caiu tão baixo a ponto de se tornar motivo de zombaria entre os pagãos.

Apesar das práticas idólatras, Deus em Sua misericórdia ainda faria tudo que estivesse em Seu poder para salvar o reino dividido da ruína completa. Com o passar dos anos, o plano de Deus para Israel parecia completamente frustrado por pessoas inspiradas por instrumentos satânicos, mas ainda assim Ele colocou Seu plano amoroso em ação por meio do cativeiro e da restauração da nação escolhida.

A divisão do reino foi apenas o início de uma história maravilhosa que revela a paciência e a amorosa misericórdia de Deus. Os adoradores de ídolos, no fim, deveriam aprender a lição de que os falsos deuses não têm o poder de restaurar e salvar. Somente sendo leais ao Deus vivo podemos encontrar repouso e paz.

De Volta à Idolatria

Durante o reinado de Salomão, Jeroboão demonstrou habilidade e bom discernimento. Os anos de serviço fiel o prepararam para governar com sabedoria. Jeroboão, porém, falhou em confiar em Deus.

O maior medo de Jeroboão era que os seus súditos se simpatizassem com o rei que viesse a ocupar o trono de Davi no futuro. Raciocinou que se ele permitisse que as dez tribos visitassem com frequência a antiga sede do reino, muitos poderiam voltar a se submeter ao governo em Jerusalém. Assim, decidiu evitar essa possibilidade colocando em ação um plano muito ousado. Dentro dos limites de seu reino recém-formado, ele criaria dois centros de adoração: um em Betel e o outro em Dã. Ele convidaria as dez tribos para adorar a Deus nesses lugares em vez de em Jerusalém.

Com essa mudança em mente, Jeroboão planejou também aguçar a imaginação dos israelitas introduzindo algum objeto visível para simbolizar a presença do Deus invisível. Ele construiu altares nos centros de adoração e colocou ali dois bezerros de ouro. Ao fazer isso, ele transgrediu o claro mandamento de Deus: "Não farás para ti nenhum ídolo. [...] Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto" (Êx 20:4, 5). Ele não avaliou o grande perigo de colocar diante dos israelitas um símbolo que se tornou tão familiar aos seus antepassados depois de séculos de escravidão no Egito. Contudo, o rei estava tão decidido a impedir que as tribos do norte visitassem a cidade santa a cada ano que acabou colocando em prática a solução mais insensata de todas. "Vocês já subiram muito a Jerusalém. Aqui estão os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito" (1Rs 12:28).

O rei tentou convencer os levitas que estavam em seu reino a servirem como sacerdotes nesses novos altares de Betel e Dã, mas não conseguiu. Assim, escolheu

homens "dentre o povo" (v. 31) para se tornarem sacerdotes. Alarmados, muitos fiéis fugiram para Jerusalém, onde poderiam adorar em harmonia com as orientações divinas.

A Ousadia do Rei é Repreendida

O rei ousadamente desafiou a Deus ao desprezar Suas orientações quanto ao Seu culto de adoração, e Deus não permitiu que isso passasse por alto. Durante a dedicação do altar estranho em Betel, um homem de Deus do reino de Judá apareceu perante o rei com a missão de denunciá-lo por se atrever a introduzir novas formas de culto. O profeta "clamou contra o altar, [...] segundo a ordem do Senhor: 'Ó altar, ó altar! Assim diz o Senhor: 'Um filho nascerá na família de Davi e se chamará Josias. Sobre você ele sacrificará os sacerdotes dos altares idólatras que agora queimam incenso aqui, e ossos humanos serão queimados sobre você.'

"Naquele mesmo dia o homem de Deus deu um sinal: 'Este é o sinal que o Senhor declarou: O altar se fenderá, e as cinzas que estão sobre ele se derramarão'. Imediatamente, "o altar se fendeu, e as suas cinzas se derramaram, conforme o sinal dado pelo homem de Deus por ordem do Senhor" (1Rs 13:2, 3, 5).

Ao ver isso, Jeroboão tentou deter o mensageiro. Cheio de ira, ele gritou: "Prendam-no!" Essa atitude furiosa foi imediatamente repreendida. O braço estendido contra o mensageiro de Jeová de repente ficou paralisado e atrofiado. Aterrorizado, o rei suplicou ao profeta: "'Interceda junto ao Senhor, o seu Deus, e ore por mim para que meu braço se recupere'. O homem de Deus intercedeu junto ao Senhor, e o braço do rei recuperou-se e voltou ao normal" (v. 4, 6). Essa experiência deveria ter servido para levar o rei a desistir de seus planos malignos, que estavam desviando o povo da verdadeira adoração a Deus. No entanto, ele endureceu o coração e decidiu fazer o que bem queria.

O Senhor procura salvar, não destruir. Dá a Seus mensageiros escolhidos santa ousadia, para que os que ouvirem a mensagem se arrependam. Com que firmeza aquele homem de Deus repreendeu o rei! Os males que estavam sendo praticados ali tinham que ser reprovados exatamente daquela forma. Os mensageiros do Senhor devem permanecer ao lado do direito sem vacilar. Enquanto confiarem em Deus, não precisam ter medo, pois Aquele que lhes deu uma tarefa também lhes garante Sua proteção.

Profeta Desobediente

O profeta estava para voltar à Judeia, quando Jeroboão lhe disse: "Venha à minha

casa e coma algo, e eu o recompensarei."

"Mesmo que me desse a metade dos seus bens", respondeu o profeta, "não iria com você, nem comeria, nem beberia nada neste lugar. Pois recebi essas ordens pela palavra do Senhor: 'Não coma pão nem beba água nem volte pelo mesmo caminho por onde foi'" (1Rs 13:7-9).

Enquanto viajava por outro caminho, o profeta foi surpreendido por um homem idoso que declarou ser profeta, mas que mentiu para ele: "Eu também sou profeta como você. E um anjo me disse por ordem do Senhor: 'Faça-o voltar com você para a sua casa para que coma pão e beba água.'" Ele repetiu a mentira muitas vezes até convencer o homem de Deus a voltar.

Deus permitiu que o profeta sofresse a consequência de sua transgressão. Enquanto ele e o homem idoso estavam à mesa, o falso profeta "bradou ao homem de Deus que tinha vindo de Judá: 'Assim diz o Senhor: 'Você desafiou a palavra do Senhor e não obedeceu à ordem que o Senhor, o seu Deus, lhe deu. [...] Por isso o seu corpo não será sepultado no túmulo dos seus antepassados'" (1Rs 13:18-22).

Essa profecia de desgraça logo se cumpriu. "Quando o homem de Deus acabou de comer e beber, o profeta idoso selou seu jumento para ele. No caminho, um leão o atacou e o matou, e o seu corpo ficou estendido no chão, ao lado do leão e do jumento. Algumas pessoas que passaram viram o cadáver estendido ali, [...] e foram dar a notícia na cidade onde o profeta idoso vivia. Quando este soube disso, exclamou: 'É o homem de Deus que desafiou a palavra do Senhor!'" (v. 23-26).

Se Deus tivesse permitido que o profeta voltasse em segurança depois de desobedecer, o rei teria usado esse fato para desculpar a sua própria desobediência. O altar fendido, o braço paralisado e o terrível fim do profeta que ousou desobedecer a uma ordem direta do Senhor – esses juízos deveriam ter advertido Jeroboão a não insistir na prática do mal. No entanto, longe de se arrepender, Jeroboão não apenas pecou grandemente, mas fez Israel pecar (ver 1Rs 14:16), e "esse foi o pecado da família de Jeroboão, que levou à sua queda e à sua eliminação da face da Terra" (1Rs 13:33, 34).

O Juízo de Deus Sobre Jeroboão

Ao final de um reinado problemático de vinte e dois anos, Jeroboão foi tragicamente derrotado em uma guerra contra Abias, sucessor de Roboão. "Durante o reinado de Abias, Jeroboão não recuperou o seu poder; até que o Senhor o feriu, e ele morreu" (2Cr 13:20).

A apostasia introduzida durante o reinado de Jeroboão finalmente resultou na ruína total do reino de Israel. Antes mesmo da morte de Jeroboão, Aías, o idoso profeta que muitos anos antes tinha profetizado que Jeroboão se tornaria rei, declarou: "E o Senhor [...] desarraigará Israel desta boa terra [...] e Ele abandonará Israel por causa dos pecados que Jeroboão cometeu e tem feito Israel cometer" (1Rs 14:15, 16).

O Senhor, porém, fez tudo que podia para levar Israel a ser novamente fiel a Ele. Através dos longos e escuros anos em que rei após rei ousadamente O desafiaram, Deus enviou mensagem após mensagem a Seu povo em transgressão. Por meio de Seus profetas deu todas as oportunidades para voltarem para Ele. Elias e Eliseu viveriam e trabalhariam, e os amorosos apelos de Oseias, Amós e Obadias seriam ouvidos por todo o território. O reino de Israel jamais ficaria sem a presença de nobres testemunhas do grandioso poder de Deus para salvar do pecado. Por meio desses homens fiéis, o plano eterno de Jeová finalmente se cumpriria.

Apostasia Nacional Leva à Ruína Nacional

Desde a morte de Jeroboão até o dia em que Elias confrontou Acabe, a vida espiritual do povo de Israel decaiu cada vez mais. A maioria das pessoas rapidamente se esqueceu do dever de servir ao Deus vivo e começou a adorar ídolos.

Nadabe, filho de Jeroboão, ocupou o trono de Israel apenas por alguns meses e foi assassinado com todos os seus familiares da linhagem real, "de acordo com a palavra do Senhor anunciada por seu servo, o silonita Aías. Isso aconteceu por causa dos pecados que Jeroboão havia cometido e havia feito Israel cometer" (1Rs 15:29, 30).

O culto idólatra que Jeroboão introduziu no reino atraiu os juízos do Céu, e, mesmo assim, os reis que se seguiram – Baasa, Elá, Zinri e Onri – continuaram a praticar as mesmas perversidades fatais.

O Bom Governo do Rei Asa

Durante a maior parte desse período, Asa reinou em Judá. Ele "fez o que o Senhor, o seu Deus, aprova. Retirou os altares dos deuses estrangeiros e [...] ordenou ao povo de Judá que buscasse o Senhor, o Deus dos seus antepassados, e que obedecesse às leis e aos mandamentos [...] e o reino esteve em paz durante o seu governo" (2Cr 14:2-5).

A fé manifestada por Asa foi duramente provada quando "o etíope Zerá [...] marchou contra eles com um exército de um milhão de soldados e trezentos carros de guerra" (v. 9) e invadiu o reino. Nessa crise, Asa não colocou sua confiança "nas cidades fortificadas em Judá" que ele tinha construído, "com muros ao redor, fortificadas com torres, portas e trancas", nem nos "valentes homens de combate" de seu exército (v. 6-8). O rei colocou sua confiança em Jeová. Ele buscou a ajuda de Deus para entrar com seu exército no campo de batalha.

Vitória Obtida Pela Confiança em Deus

Os exércitos inimigos estavam agora frente a frente. Esse foi um momento de grande provação para os que serviam ao Senhor. Tinham eles confessado cada pecado? Tinham os homens de Judá confiança total no poder de Deus para os proteger? De todo ponto de vista humano, o imenso exército do Egito exterminaria tudo que estivesse à sua frente. No período de paz, porém, Asa não buscou os divertimentos e prazeres, mas aproveitou para se preparar para enfrentar qualquer emergência. Preparou seu exército para o conflito e se esforçou para levar o povo a fazer as pazes com Deus. Então, em meio à crise, sua fé não vacilou.

Por ter buscado a Deus nos dias de prosperidade, no dia da adversidade, o rei podia descansar nEle. "Senhor, não há ninguém como Tu para ajudar os fracos", ele suplicou. "Ajuda-nos, ó Senhor, ó nosso Deus, pois em Ti pomos a nossa confiança, e em Teu nome viemos contra este imenso exército" (v. 11).

Deus recompensou a fé do rei Asa de maneira impressionante. "O Senhor derrotou os etíopes diante de Asa e de Judá. Os etíopes fugiram. [...] Foram destruídos perante o Senhor e Suas forças" (v. 12, 13).

Enquanto o exército vitorioso voltava para Jerusalém, "o Espírito de Deus veio sobre Azarias, filho de Odede. Ele saiu para encontrar-se com Asa e lhe disse: [...] O Senhor está com vocês quando vocês estão com Ele. Se O buscarem, Ele deixará que O encontrem, mas, se O abandonarem, Ele os abandonará. Mas, sejam fortes e não desanimem, pois o trabalho de vocês será recompensado" (2Cr 15:1, 2, 7).

Muito animado, Asa não perdeu tempo em liderar uma segunda reforma. Ele "retirou os ídolos repugnantes de toda a terra de Judá e de Benjamim". "Fizeram um acordo de todo o coração e de toda a alma de buscar o Senhor, o Deus dos seus antepassados." "Eles buscaram a Deus com a melhor disposição; Ele deixou que O encontrassem e lhes concedeu paz em suas fronteiras" (v. 8, 12, 15).

Alguns erros mancharam o longo registro de fiel serviço de Asa. Certa vez, o rei de Israel invadiu Judá e ocupou Ramá, uma cidade a apenas uns oito quilômetros de Jerusalém. Asa fez uma aliança com Ben-Hadade, rei da Síria, para tentar se livrar da invasão. Hanani, o profeta, reprovou severamente o rei por não confiar unicamente em Deus. Ele apareceu perante Asa com a mensagem: "Por acaso os etíopes e os líbios não eram um exército poderoso, com uma grande multidão de carros e cavalos? Contudo, quando você pediu ajuda ao Senhor, Ele os entregou em suas mãos. [...] Nisso você cometeu uma loucura. De agora em diante terá que enfrentar guerras" (2Cr 16:8, 9).

Em vez de se humilhar perante Deus, "Asa irritou-se contra o vidente por causa disso; ficou tão indignado que mandou prendê-lo. [...] Nessa época, oprimiu brutalmente alguns do povo" (v. 10).

"No trigésimo nono ano de seu reinado, Asa foi atacado por uma doença nos pés. Embora sua doença fosse grave, não buscou ajuda do Senhor, mas só dos médicos" (v. 12). O rei morreu depois de reinar por 41 anos e foi sucedido por seu filho Josafá.

O Perverso Reinado de Acabe

Dois anos antes da morte de Asa, Acabe começou a reinar em Israel. Desde o início, seu reinado foi marcado por uma apostasia estranha e terrível. Ele "provocou a ira do Senhor, o Deus de Israel, mais do que todos os reis de Israel antes dele", achando "que não tinha importância cometer os pecados de Jeroboão, filho de Nebate" (1Rs 16:33, 31). Ele, ousadamente, levou o povo às práticas mais imorais do paganismo.

Casando-se com Jezabel, "filha de Etbaal, rei dos sidônios", e sumo sacerdote de Baal, Acabe "passou a prestar culto a Baal e a adorá-lo. No templo de Baal, que ele mesmo tinha construído em Samaria, Acabe ergueu um altar para Baal" (v. 31, 32).

Sob a liderança de Jezabel, Acabe construiu altares pagãos em muitos "lugares altos", até que quase todo o Israel começou a adorar Baal. "Nunca existiu ninguém como Acabe que, pressionado por sua mulher Jezabel, vendeu-se para fazer o que o Senhor reprova" (1Rs 21:25). O casamento de Acabe com uma mulher idólatra resultou em desastre tanto para ele como para a nação. Seu coração egoísta foi incapaz de apreciar as bênçãos de Deus a Israel e de reconhecer seus próprios deveres como guardião e líder do povo escolhido.

Sob o reinado de Acabe, Israel se afastou para bem longe do Deus vivo. A terrível sombra da apostasia cobriu o território inteiro. Imagens de Baal e Astarote estavam por toda parte. Os templos idólatras se multiplicaram. A fumaça dos sacrifícios oferecidos aos deuses falsos poluíam o ar. Montes e vales ecoavam as súplicas de sacerdotes pagãos bêbados que ofereciam sacrifícios ao Sol, à Lua e às estrelas.

Eles ensinaram o povo que esses ídolos eram divindades, que por seu poder místico controlavam os elementos da terra, fogo e água. Os riachos a correr, as fontes de águas vivas, o suave orvalho, as chuvas que faziam os campos produzirem em abundância – tudo isso era considerado bênçãos vindas de Baal e Astarote, em vez de bênçãos concedidas pelo Doador de tudo que é bom e perfeito. O povo se esqueceu de que o Deus vivo controlava o Sol, as nuvens do céu e todos os poderes da natureza.

Por meio de mensageiros fiéis, o Senhor enviou vez após outra advertências ao rei apóstata e ao povo, mas todas elas foram ignoradas. Deslumbrados com a exibição encantadora e os ritos fascinantes da adoração de ídolos, o povo se entregou aos prazeres intoxicantes e degradantes de um culto sensual. A luz que tão bondosamente receberam de Deus se transformou em trevas.

Nunca antes o povo escolhido de Deus tinha caído tão baixo na apostasia. Havia "quatrocentos e cinquenta" "profetas de Baal", além de "quatrocentos profetas de Aserá" (1Rs 18:19). Nada menos que o poder de Deus, capaz de operar milagres, poderia preservar a nação da destruição total. Israel se separou de Jeová por iniciativa própria. No entanto, o Senhor, em Sua compaixão, ainda estava disposto a sair em busca dos que tinham sido levados ao pecado, e estava prestes a lhes enviar um de Seus mais poderosos profetas.

Elias Enfrenta o Rei Acabe*

Entre as montanhas a leste do Jordão morava um homem de fé e oração que não tinha medo de servir a Deus e que foi chamado por Ele para colocar um fim no rápido crescimento da apostasia. Elias não ocupava nenhuma posição de destaque na vida, mas aceitou a missão, confiante de que Deus lhe daria grande sucesso. Suas repreensões contra o pecado e as súplicas para fazer a maré do mal recuar era como uma voz a clamar no deserto. Embora sua missão fosse reprovar o pecado, sua mensagem também oferecia esperança e conforto para o coração contaminado pela doença do pecado.

Elias ficava indignado ao ver Israel cair mais e mais na idolatria. Deus tinha feito grandes coisas por Seu povo "para que obedecessem aos Seus decretos e guardassem as Suas leis" (Sl 105:45). Mas a incredulidade estava separando rapidamente a nação escolhida da Fonte de sua força. Observando, de seu lar na montanha, as práticas idólatras, Elias ficou angustiado e suplicou a Deus que impedisse o povo de continuar seguindo por esse caminho, que enviasse juízos sobre a nação, se necessário, para que o povo pudesse ser levado ao arrependimento.

Deus respondeu à oração de Elias. Tinha chegado o momento de Deus falar ao povo por meio de juízos. Os adoradores de Baal afirmavam que o orvalho e a chuva eram o resultado da força controladora da natureza, e que a terra produzia frutos em abundância por causa da energia criadora do Sol. Era necessário mostrar às tribos apóstatas de Israel como estavam sendo tolas por confiar no poder de Baal para receber bênçãos materiais. Até que se voltassem para Deus com coração arrependido, não cairia sobre a terra nem chuva nem orvalho.

Deus confiou a Elias a missão de apresentar essa mensagem divina de juízo ao rei

Acabe. Elias não pediu para ser o mensageiro do Senhor; a palavra do Senhor veio a ele. Do ponto de vista humano, obedecer a esse chamado de Deus significava a morte imediata pelas mãos daquele rei mau. Mesmo assim, o profeta não hesitou e viajou dia e noite até chegar ao palácio. Usando roupas simples, típicas dos profetas da época, ele passou pelos guardas, aparentemente sem ser notado, e se colocou por um momento diante do rei, que ficou espantado.

Elias não se desculpou por entrar na presença do rei sem avisar. Alguém maior que o rei de Israel tinha lhe dado permissão para falar. "Juro pelo nome do Senhor, o Deus de Israel, a quem sirvo", declarou ele, "que não cairá orvalho nem chuva nos anos seguintes, exceto mediante a minha palavra" (1Rs 17:1).

Durante a viagem para Samaria, Elias havia passado por riachos e florestas maravilhosos aparentemente impossíveis de serem destruídos por uma seca. O profeta poderia ter duvidado de que algum dia essas fontes que nunca pararam de jorrar um dia ficassem sem água, ou que aqueles montes e vales fossem queimados pela seca. Mas ele não deu espaço para essas dúvidas. A palavra de Deus não falharia. A repentina mensagem de juízo soou aos ouvidos do ímpio rei como um raio em céu limpo. No entanto, antes que Acabe pudesse se recuperar do susto ou formular uma resposta, Elias desapareceu. E o Senhor estava à sua frente, abrindo o caminho. "Saia daqui, vá para o leste e esconda-se perto do riacho de Querite, a leste do Jordão. Você beberá do riacho, e dei ordens aos corvos para o alimentarem lá" (v. 3, 4).

O rei procurou o profeta por toda parte, mas não o encontrou. A rainha Jezabel, irada com a mensagem que trancou os tesouros do céu, imediatamente procurou os sacerdotes de Baal, que se reuniram para amaldiçoar o profeta e desafiar a Jeová. A notícia de que Elias tinha denunciado os pecados de Israel e profetizado uma punição que em breve teria lugar se espalhou rapidamente pelo reino. Alguns ficaram preocupados, mas em geral o povo recebeu a mensagem celestial com zombaria e gozação.

As palavras do profeta se cumpriram de imediato. A terra, não refrescada pelo orvalho nem pela chuva, secou e a vegetação murchou. Com o tempo, os rios que nunca se teve notícia de que algum dia tivessem secado, começaram a baixar e os riachos a diminuir. Mesmo assim, os líderes insistiam para que o povo confiasse no poder de Baal, ignorasse a profecia de Elias e considerasse suas palavras como bobagem. "Não fiquem com medo do Deus de Elias", diziam eles. "É Baal quem produz as colheitas e provê o sustento para o homem e para os animais."

Os Sacerdotes de Baal Enganam o Povo

A profecia de Elias desafiou as afirmações de centenas de sacerdotes idólatras: Se Baal fosse capaz de fazer cair o orvalho e a chuva, que o rei de Israel então o adorasse e que o povo dissesse que ele era Deus. Determinados a manter o povo enganado, os sacerdotes de Baal continuaram a invocar seus deuses dia e noite para que refrescassem a terra. Com fervor e perseverança dignos de algo melhor, passavam horas ao redor dos altares pagãos e suplicavam noite após noite por chuva. Mas nenhuma nuvem apareceu no céu, nem orvalho nem chuva refrescaram a terra que literalmente morria de sede.

Passou-se um ano. O calor escaldante do Sol destruiu a pouca vegetação que sobreviveu. Os rios secaram. O gado mugindo e o rebanho balindo vagueavam desesperados. Os campos que antes floresciam se tornaram como desertos de areia. As árvores das florestas, como esqueletos da natureza, não tinham mais sombra a oferecer. Tempestades de poeira cegavam os olhos e quase impediam a respiração. A fome e a sede passaram a levar homens e animais à temível morte. A falta de alimento e água, com todos os seus horrores, aumentava cada vez mais.

Ainda assim, Israel não se arrependeu nem aprendeu a lição que Deus desejava ensinar. Com o coração cheio de orgulho e fascinados pelo falso culto, começaram a procurar alguma outra justificativa para seus sofrimentos.

Decidida a desafiar o Deus do Céu, Jezabel, juntamente com quase todo o povo de Israel, apontou Elias como o culpado por toda aquela miséria. Se pudessem tirá-lo de seu caminho, seus problemas acabariam. Instigado pela rainha, Acabe deu início a uma busca incansável pelo profeta. Ele enviou mensageiros às nações vizinhas à procura do homem que tanto odiava, mas que também temia. Desesperado, exigiu que os líderes desses reinos jurassem que nada sabiam do paradeiro do profeta. Contudo, a busca foi em vão. O profeta estava a salvo da maldade do rei.

Vendo que todos os seus esforços contra Elias fracassaram, Jezabel decidiu matar todos os profetas de Jeová em Israel. Dominada pela raiva, ela massacrou muitos, mas não todos. Obadias, mordomo do palácio de Acabe, "reuniu cem profetas e os escondeu em duas cavernas, cinquenta em cada uma, e lhes forneceu comida e água" (1Rs 18:4).

Seca e Fome Durante Dois Anos

Passou o segundo ano de fome, e os céus ainda não davam qualquer sinal de chuva. Pais e mães eram forçados a ver seus filhos morrerem. Mesmo assim o apóstata Israel parecia incapaz de reconhecer em seus sofrimentos um convite ao arrependimento, à

súplica pela intervenção divina para salvá-los de dar o passo mortal para além dos limites do perdão do Céu.

A apostasia de Israel era um mal mais terrível que todos os horrores da fome. Deus estava procurando ajudar Seu povo a recuperar a fé perdida, e para isso precisou lhes causar grande sofrimento. "'Teria Eu algum prazer na morte do ímpio?' Palavra do Soberano, o Senhor. 'Ao contrário, acaso não Me agrada vê-lo desviar-se dos seus caminhos e viver?' 'Pois não Me agrada a morte de ninguém'. Palavra do Soberano, o Senhor. 'Arrependam-se e vivam!'" (Ez 18:23, 32).

Deus já tinha enviado mensageiros a Israel que insistiram para que o povo voltasse a ser fiel a Ele. Mas o povo ficou com raiva desses mensageiros, e agora sentia profundo ódio pelo profeta Elias. Se tivessem encontrado Elias, com prazer o teriam entregado a Jezabel – como se, ao silenciar o profeta, pudessem impedir que sua profecia se cumprisse!

Para a doença de Israel só existia um remédio – abandonar os pecados que tinham levado Deus a discipliná-los. O Senhor lhes garantiu: "Se Eu fechar o céu para que não chova ou mandar que os gafanhotos devorem o país ou sobre o Meu povo enviar uma praga, se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar e orar, buscar a Minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos Céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra" (2Cr 7:13, 14). Para alcançar esse abençoado resultado, Deus continuou a reter o orvalho e a chuva até que o povo realizasse uma decidida reforma.

---

* Este capítulo se baseia em 1 Reis 17:1-7

A Voz da Severa Repreensão*

Por muitos meses, Deus providenciou, de forma milagrosa, alimento para Elias em seu esconderijo nas montanhas, ao lado do ribeiro de Querite. Quando o ribeiro secou por causa da falta de chuva, Deus disse ao Seu servo: "Vá imediatamente para a cidade de Sarepta de Sidom e fique por lá. Ordenei a uma viúva daquele lugar que lhe forneça comida" (1Rs 17:9).

Essa mulher não era israelita. Não tinha recebido os privilégios e bênçãos que o povo escolhido de Deus desfrutava, mas cria no verdadeiro Deus, e praticava toda a luz que brilhava em seu caminho. E nesse momento em que não era mais seguro para Elias permanecer na terra de Israel, Deus ordenou que ele se refugiasse na casa dessa mulher.

"E ele foi. Quando chegou à porta da cidade, encontrou uma viúva que estava colhendo gravetos. Ele a chamou e perguntou: 'Pode me trazer um pouco d'água numa jarra para eu beber? [...] 'Por favor, traga também um pedaço de pão'" (1Rs 17:10, 11).

Naquele lar tão pobre, a fome era motivo de terrível sofrimento, e a viúva sentia que não conseguiria continuar lutando pelo sustento por muito mais tempo. Entretanto, mesmo nesse momento de grande dificuldade, ela testemunhou de sua fé. Em resposta ao pedido de Elias, a viúva disse: "'Juro pelo nome do Senhor, o teu Deus, que não tenho nenhum pedaço de pão; só um punhado de farinha num jarro e um pouco de azeite numa botija. Estou colhendo uns dois gravetos para levar para casa e preparar uma refeição para mim e para o meu filho, para que a comamos e depois morramos.' Elias, porém, lhe disse: 'Não tenha medo. Vá para casa e faça o que disse. Mas primeiro faça um pequeno bolo com o que você tem e traga para mim, e depois faça algo para você e para o seu filho. Pois assim diz o Senhor, o Deus de Israel: 'A farinha na vasilha não se acabará e o azeite na botija não se secará até o dia em que o

Senhor fizer chover sobre a terra'" (v. 12-14).

Elias não poderia ter pedido prova de fé maior do que essa. Não se importando com os sofrimentos que ela e seu filho poderiam enfrentar, e confiando no Deus de Israel para atender às suas necessidades, a viúva enfrentou a prova máxima de hospitalidade, fazendo "conforme Elias lhe dissera" (v. 15).

Hospitalidade Recompensada

Deus recompensou de forma maravilhosa a fé e a generosidade da viúva. "E aconteceu que a comida durou muito tempo, para Elias e para a mulher e sua família. Pois a farinha na vasilha não se acabou e o azeite na botija não se secou, conforme a palavra do Senhor proferida por Elias" (v. 15, 16).

"Algum tempo depois, o filho da mulher, dona da casa, ficou doente, foi piorando e finalmente parou de respirar. E a mulher reclamou a Elias: [...] 'Vieste para lembrar-me do meu pecado e matar o meu filho?'

"'Dê-me o seu filho', respondeu Elias. Ele [...] levou-o para o quarto de cima onde estava hospedado, e o pôs na cama. Então ele se deitou sobre o menino três vezes e clamou ao Senhor. [...] O Senhor ouviu o clamor de Elias, e a vida voltou ao menino, e ele viveu.

"Então Elias levou o menino para baixo, entregou-o à mãe e disse: 'Veja, seu filho está vivo!' Então a mulher disse a Elias: 'Agora sei que tu és um homem de Deus e que a palavra do Senhor, vinda da tua boca, é a verdade'" (1Rs 17-19; 21-24).

A viúva de Sarepta repartiu o pouco alimento que tinha com Elias; e como recompensa, sua vida e a de seu filho foram poupadas. Deus promete abençoar ricamente todos os que se compadecem e ajudam os mais necessitados. Seu poder não é menor agora do que nos dias de Elias. "Quem recebe um profeta, porque ele é profeta, receberá a recompensa de profeta" (Mt 10:41).

"Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos" (Hb 13:2). Nosso Pai celestial ainda continua a colocar no caminho de Seus filhos oportunidades que são bênçãos disfarçadas, e os que aproveitam essas oportunidades encontram grande alegria. "Se com renúncia própria você beneficiar os famintos e satisfizer o anseio dos aflitos, então [...] você será como um jardim bem regado, como uma fonte cujas águas nunca faltam" (Is 58:10, 11).

Hoje Cristo diz: "Quem recebe vocês, recebe a Mim." Todo ato de bondade

praticado em Seu nome será recompensado. E Cristo inclui aqui também as pessoas mais humildes da família de Deus: "E se alguém der mesmo que seja apenas um copo de água fria", diz Ele, "a um destes pequeninos" – os que são como crianças na fé e no conhecimento – "porque ele é Meu discípulo, Eu lhes asseguro que não perderá a sua recompensa" (Mt 10:40, 42).

Três Anos de Seca

Durante os longos anos de fome, Elias orou fervorosamente e esperou com paciência enquanto a mão do Senhor disciplinava a terra atingida pela seca. Diante do sofrimento e da escassez por toda a parte, o coração do profeta se encheu de tristeza. Ele não via a hora de realizar uma rápida reforma. Deus, porém, estava colocando em prática Seu plano, e Seu servo deveria continuar orando e aguardando o momento certo para agir.

A apostasia nos dias de Acabe foi o resultado de muitos anos de prática do mal. Passo a passo, Israel se afastou do caminho certo e, finalmente, a grande maioria do povo se entregou aos poderes das trevas.

Já havia se passado aproximadamente um século desde que, durante o reinado de Davi, Israel se unira para entoar hinos de louvor ao Altíssimo, reconhecendo sua inteira dependência dEle para receber as bênçãos de cada dia. Nessa ocasião, eles cantaram:

"Ó Deus, nosso Salvador... Esperança de todos os confins da terra e dos mais distantes mares.

Tremem os habitantes das terras distantes diante das Tuas maravilhas; do nascente ao poente despertas canções de alegria.

Cuidas da terra e a regas; fartamente a enriqueces. Os riachos de Deus transbordam para que nunca falte o trigo, pois assim ordenaste.

Coroas o ano com a Tua bondade, e por onde passas emana fartura" (Sl 65:5, 8, 9, 11).

"É o Senhor que faz crescer o pasto para o gado, e as plantas que o homem cultiva, para da terra tirar o alimento:

O vinho, que alegra o coração do homem; o azeite, que lhe faz brilhar o rosto, e o pão que sustenta o seu vigor.

Quantas são as Tuas obras, Senhor! Fizeste todas elas com sabedoria! A terra está cheia de seres que criaste" (Sl 104:14, 15, 24).

O Senhor levou Israel para uma terra que manava leite e mel, um país em que nunca teriam de sofrer falta de chuva. "A terra que entras a possuir", declarou-lhes, "não é como a terra do Egito, donde saíste, em que semeavas a tua semente, e a regavas com o teu pé, como a uma horta; mas a terra em que vocês, atravessando o Jordão, vão entrar para dela tomar posse, é terra de montes e vales, que bebe chuva do céu. É uma terra da qual o Senhor, o seu Deus, cuida."

Deus prometeu que se o povo obedecesse não faltaria chuva: "Portanto, se vocês obedecerem fielmente aos mandamentos que hoje lhes dou, amando o Senhor, o seu Deus, e servindo-O de todo o coração e de toda a alma, então, no devido tempo, enviarei chuva sobre a sua terra, chuva de outono e de primavera."

"Por isso, tenham cuidado para não serem enganados e levados a desviar-se para adorar outros deuses e a prostrar-se perante eles. Caso contrário, [...] Ele [o Senhor] fechará o céu para que não chova e para que a terra nada produza, e assim vocês logo desaparecerão da boa terra que o Senhor lhes está dando" (Dt 11:10-14, 16, 17).

"Entretanto, se vocês não obedecerem ao Senhor, o seu Deus, e não seguirem cuidadosamente todos os Meus mandamentos e decretos", "o céu sobre a sua cabeça será como bronze; o chão debaixo de vocês, como ferro. Na sua terra o Senhor transformará a chuva em cinza e pó" (Dt 28:15, 23, 24).

As ordens de Deus eram bem claras, mas com o passar dos séculos, a apostasia ameaçou retirar todas as barreiras da graça divina. Assim, a profecia de Elias se cumpriu de forma terrível. Por três anos, rei e povo procuraram com afinco o mensageiro do castigo. Muitos reis tinham dado sua palavra de que o estranho profeta não pôde ser encontrado em seu reino. Jezabel e os profetas de Baal odiavam Elias e não poupavam esforços para se apoderar dele. E ainda não tinha chovido.

Finalmente Prontos para a Reforma

Finalmente, "a palavra do Senhor veio a Elias: 'Vá apresentar-se a Acabe, pois enviarei chuva sobre a terra'" (1Rs 18:1). Elias obedeceu à ordem e deu início à viagem.

Enquanto isso, Acabe sugeriu que Obadias, mordomo de sua casa, saísse à procura de fontes e riachos, na esperança de encontrar pasto para os rebanhos famintos. O rei estava muito preocupado com o futuro de sua família e decidiu acompanhar pessoalmente seu servo na busca por alguns locais mais privilegiados em que talvez ainda existisse pasto. "Para isso dividiram o território que iam percorrer; Acabe foi numa direção e Obadias noutra. Quando Obadias estava a caminho, Elias o encontrou.

Obadias o reconheceu, inclinou-se até o chão e perguntou: 'És tu mesmo, meu senhor Elias?'" (v. 6, 7)

Durante a apostasia de Israel, Obadias permaneceu fiel. O rei foi incapaz de desviá-lo de sua fidelidade ao Deus vivo. Elias agora o honrou com uma missão: "Vá dizer ao seu senhor: Elias está aqui" (v. 8).

Aterrorizado, Obadias exclamou: "O que eu fiz de errado para que entregues o teu servo a Acabe para ser morto?" Levar uma mensagem dessas ao rei era o mesmo que pedir a morte! "'Juro pelo nome do Senhor, o teu Deus, que não há uma só nação ou reino aonde o rei, meu senhor, não enviou alguém para procurar por ti. E, sempre que uma nação ou reino afirmava que tu não estavas lá, ele os fazia jurar que não conseguiram encontrar-te. Mas agora me dizes para ir dizer ao meu senhor: 'Elias está aqui.' Não sei para onde o Espírito do Senhor poderá levar-te quando eu te deixar. Se eu for dizer isso a Acabe e ele não te encontrar, ele me matará'" (v. 9-12).

Com um juramento solene, Elias prometeu a Obadias que a mensagem não seria em vão. "Juro pelo nome do Senhor dos Exércitos, a quem eu sirvo, que hoje eu me apresentarei a Acabe." Tranquilizado por essas palavras, "Obadias dirigiu-se a Acabe, passou-lhe a informação, e Acabe foi ao encontro de Elias" (v. 16).

Sentindo uma mistura de espanto e terror, o rei ouviu Obadias dar a mensagem a respeito do homem que tanto temia e odiava, e que tinha procurado com tanta insistência. Será que o profeta pronunciaria outro juízo sobre Israel? O coração do rei estava cheio de temor. Ele se lembrou do braço paralisado de Jeroboão. Acabe não deixaria de obedecer à intimação do profeta, nem ousaria levantar a mão contra o mensageiro de Deus. Acompanhado por um batalhão de soldados, o rei, com muito medo, saiu ao encontro do profeta.

Profeta Corajoso, Rei Culpado

O rei e o profeta ficaram face a face. Na presença de Elias, Acabe parecia fraco e impotente. Hesitante, logo em suas primeiras palavras: "És tu, ó perturbador de Israel?" (v. 17, ARA), o rei inconscientemente revelou os sentimentos mais íntimos de seu coração e tentou culpar o profeta pelos juízos severos que caíam sobre a terra.

Os que praticam o mal normalmente culpam os mensageiros de Deus pelas calamidades que sofrem por terem se afastado do caminho da justiça. Quando o espelho da verdade é colocado diante dos que estão sob o poder de Satanás, eles se sentem ofendidos por serem reprovados. Cegados pelo pecado, sentem que os servos

de Deus se voltaram contra eles e merecem ser duramente criticados.

Consciente de sua inocência, Elias não tentou justificar-se ou bajular o rei. Também não procurou desviar a ira do rei anunciando as boas-novas de que a seca estava chegando ao fim. Indignado e preocupado em preservar a honra de Deus, Elias declarou ao rei, sem qualquer temor, que foram os pecados dele, e de seus pais, que tinham trazido aquela terrível calamidade a Israel. "Não tenho perturbado Israel", Elias afirmou com coragem. "Mas você e a família do seu pai têm. Vocês abandonaram os mandamentos do Senhor e seguiram os baalins" (v. 18).

A Necessidade de Reforma Hoje

A voz de severa repreensão é necessária hoje, pois pecados terríveis têm separado de Deus o povo. A infidelidade virou moda. "Não queremos que este Homem seja nosso rei" (Lc 19:14), milhares afirmam. Os sermões superficiais pregados com tanta frequência não causam efeito duradouro; a trombeta não dá um sonido certo. O coração das pessoas não é atingido pelas claras, cortantes verdades da Palavra de Deus.

Muitos dizem: "Por que precisamos falar de forma tão clara?" Isso é o mesmo que perguntar: "Por que João Batista teve que provocar a ira de Herodias, dizendo a Herodes que ele estava errado em viver com a mulher de seu irmão?" Aquele que preparou o caminho para o ministério de Cristo perdeu a vida por falar com clareza.

Os que deveriam ser guardiões da lei de Deus têm usado esse argumento, até que finalmente permitem que a comodidade tome o lugar da fidelidade, e o pecado continue a ser praticado sem reprovação. Quando será a voz da fiel reprovação ouvida novamente na igreja?

"Você é esse homem" (2Sm 12:7). Raramente se ouve nos púlpitos de hoje, raramente se lê nas publicações atuais, palavras tão claras como essas, ditas por Natã a Davi. Os mensageiros do Senhor não devem reclamar que seus esforços não dão resultados enquanto não se arrependerem do desejo de agradar aos outros, pois isso faz com que encubram a verdade.

Não é por amor ao próximo que os pastores amenizam a mensagem sob sua responsabilidade, mas porque são condescendentes consigo mesmos e amam a vida fácil. O verdadeiro amor busca primeiro a honra a Deus e a salvação do próximo. Os que possuem esse amor não deixarão de falar a verdade para fugirem dos resultados desagradáveis de falar com clareza. Quando as pessoas estão em perigo, os pastores de Deus falarão a palavra que lhes é ordenada, recusando desculpar o mal.

Ah, se todo pastor tivesse a coragem de Elias! Os pastores devem repreender, corrigir e exortar "com toda a paciência e doutrina" (2Tm 4:2). Em nome de Cristo eles devem animar o obediente e advertir o desobediente. Eles não devem dar valor algum aos interesses mundanos, mas prosseguir com fé. Não devem falar suas próprias palavras, mas sua mensagem deve ser: "Assim diz o Senhor" (Êx 4:22). Deus chama pessoas como Elias, Natã e João Batista – pessoas que levarão fielmente Sua mensagem sem temer as consequências, pessoas que falarão a verdade, ainda que isso signifique sacrificar tudo que possuem.

Deus chama homens e mulheres que estejam dispostos a lutar fielmente contra o erro, guerreando contra as forças espirituais da maldade nos lugares celestiais. A essas pessoas Ele dirá: "Muito bem, servo bom e fiel [...] participe da alegria do seu Senhor" (Mt 25:23).

---

* Este capítulo se baseia em 1 Reis 17:8-24; 18:1-18.

Deus é Honrado no Monte Carmelo*

Na presença de Acabe, Elias ordenou: "Agora convoque todo o povo de Israel para encontrar-se comigo no monte Carmelo. E traga os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Aserá, que comem à mesa de Jezabel" (1Rs 18:19).

Acabe obedeceu como se o profeta fosse o rei e ele o súdito, e enviou mensageiros velozes para intimar o povo. Em cada cidade e vila, o povo se preparou para se reunir no dia e hora marcados. Ao se dirigirem para o local, um medo estranho incomodava o coração de muitos. Por que tinham sido intimados a se reunir no Carmelo? Será que uma nova calamidade estava para cair sobre eles?

O monte Carmelo tinha sido um lugar muito bonito, com riachos alimentados por fontes que nunca se secavam e colinas férteis cobertas de flores e belos bosques. A beleza do lugar, porém, praticamente desapareceu sob a maldição. Os altares construídos para adoração de Baal e Astarote agora estavam entre os bosques de árvores secas. No topo de um dos pontos mais altos do monte, estava o altar de Jeová, em péssimas condições.

O topo do monte Carmelo podia ser visto de muitos lugares do reino. Na planície ao pé do monte havia lugares privilegiados em que se podia ver quase tudo que acontecia no topo. Elias escolheu esse local por ser o ponto mais visível para Deus manifestar o Seu poder e defender a honra de Seu nome.

Bem cedo no dia marcado, o povo de Israel se reuniu próximo ao topo do monte. Os profetas de Jezabel marcharam para o monte numa formação imponente. Com toda a pompa real, o rei liderava os sacerdotes, e o povo idólatra o recepcionou com

grande entusiasmo. Os sacerdotes, porém, não se esqueceram de que pela palavra do profeta a terra de Israel tinha ficado sem orvalho e chuva por três anos e meio. Pressentiam que alguma crise terrível estava para acontecer. Os deuses em quem tanto confiavam não tinham sido capazes de provar que Elias era um falso profeta. Os ídolos a quem adoravam tinham tratado com estranha indiferença as súplicas desesperadas, as orações, as cerimônias repulsivas e os sacrifícios caros que eles ofereciam constantemente.

Perante o rei Acabe e os falsos profetas, e rodeado pelo povo de Israel, encontrava-se Elias, o único ali presente para defender a honra de Jeová. Elias estava aparentemente sem qualquer defesa diante do rei, dos profetas de Baal, dos soldados e de milhares de pessoas ali reunidas. No entanto, ao seu redor, estavam anjos magníficos em poder.

Sem qualquer sombra de timidez ou medo, o profeta estava totalmente ciente de sua missão para executar a ordem divina. Com grande expectativa, o povo esperava para ouvi-lo falar. Olhando primeiramente para o altar destruído de Jeová, e depois para a multidão, Elias bradou em tom tão alto e claro como o som de uma trombeta: "Até quando vocês vão oscilar entre duas opiniões? Se o Senhor é Deus, sigam-nO; mas, se Baal é Deus, sigam-no" (v. 21).

Faltou Coragem ao Povo

O povo não respondeu uma só palavra. Ninguém naquela vasta multidão teve coragem de manifestar lealdade a Jeová. O engano e a cegueira tinham se espalhado por Israel, não de uma só vez, mas pouco a pouco. Cada vez que o povo deixava de fazer o que era certo, cada vez que se recusava a se arrepender, ele aumentava a sua culpa e se afastava mais e mais do Céu. E naquele momento, mesmo em meio à crise, o povo ainda se recusava a se colocar do lado de Deus.

O Senhor abomina a atitude indiferente no momento de crise. Todo o Universo observa com interesse indescritível as cenas finais do grande conflito entre o bem e o mal. O que pode existir de mais importante para o povo de Deus do que sua lealdade ao Deus do Céu? Em todos os séculos, Deus contou com heróis morais, e hoje não é diferente – eles são como José, Elias e Daniel, que não se envergonham de se identificar como Seu povo. Deus tem bênçãos especiais para as pessoas de ação, aquelas que não se desviam do dever, mas que perguntam: "Quem é pelo Senhor"? (Êx 32:26) – pessoas que exigem que os que escolhem fazer parte do povo de Deus avancem e sejam obedientes ao Rei dos reis. Essas pessoas submetem a sua vontade à lei de Deus. Amam

mais a Deus do que a própria vida. Fidelidade a Deus é o seu lema.

Diante da indecisão de Israel no monte Carmelo, a voz de Elias quebrou outra vez o silêncio: "Eu sou o único que restou dos profetas do Senhor, mas Baal tem quatrocentos e cinquenta profetas. Tragam dois novilhos. Escolham eles um, cortem-no em pedaços e o ponham sobre a lenha, mas não acendam fogo. Eu prepararei o outro novilho e o colocarei sobre a lenha, e também não acenderei fogo nela. Então vocês invocarão o nome do seu deus, e eu invocarei o nome do Senhor. O deus que responder por meio do fogo, esse é Deus" (v. 22-24).

A proposta de Elias foi tão coerente que o povo concordou dizendo: "O que você disse é bom." Os profetas de Baal não ousaram discordar. Elias ordenou: "Escolham um dos novilhos e preparem-no primeiro, visto que vocês são tantos" (v. 24, 25).

O coração culpado dos falsos profetas se encheu de temor, mas mesmo assim eles prepararam o altar e colocaram sobre ele a lenha e o sacrifício. Em seguida, deram início aos rituais pagãos. Os gritos estridentes ecoavam pelas florestas e colinas: "Ó Baal, responde-nos!" (v. 26). Com saltos, contorções e gritos, os falsos sacerdotes arrancavam os cabelos, cortavam-se e suplicavam a ajuda de seu deus. Passou-se a manhã, já era quase meio-dia, e não havia qualquer sinal de resposta para aquelas orações desesperadas. O sacrifício ainda não tinha sido queimado.

Enquanto davam continuidade àquele culto insano, os astutos sacerdotes insistiam em encontrar um jeito de acender fogo sobre o altar. Mas Elias vigiava cada movimento que faziam, e os sacerdotes, esperando uma oportunidade para trapacear, continuavam a praticar seus rituais absurdos.

"Ao meio-dia Elias começou a zombar deles. 'Gritem mais alto!', dizia, 'já que ele é um deus. Quem sabe está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja dormindo e precise ser despertado.' Então passaram a gritar ainda mais alto e a ferir-se com espadas e lanças, de acordo com o costume deles, até sangrarem. [...] Mas não houve resposta alguma; ninguém respondeu, ninguém deu atenção" (v. 27-29).

Satanás teria ficado muito contente em socorrer os que trabalhavam para ele com tanta dedicação. Com muito prazer teria enviado fogo para queimar o sacrifício. Mas Jeová limitou a ação de Satanás e ele não pôde lançar sobre o altar de Baal uma única faísca.

Por fim, roucos de tanto gritar, os sacerdotes entraram em total desespero. Enlouquecidos, começaram a acrescentar às suas súplicas terríveis maldições de seu

deus-sol. Elias continuava observando tudo com muita atenção. Sabia que, se os sacerdotes conseguissem trapacear e lançar fogo sobre o altar, ele seria feito em pedaços num piscar de olhos.

Os Profetas de Baal Desistem

Ao fim da tarde, os profetas de Baal estavam cansados, abatidos e confusos. Um sugeria uma coisa, outro dizia outra coisa, até que finalmente, em desespero, desistiram.

Durante o dia inteiro, o povo testemunhou os saltos selvagens dos sacerdotes ao redor do altar, como se pudessem agarrar os raios do sol para realizar o que tanto desejavam. Ficaram horrorizados ao vê-los se cortando e tiveram a oportunidade de refletir sobre a loucura da adoração de ídolos. Muitos já estavam fartos daquelas exibições demoníacas e aguardavam com grande interesse para ver o que Elias faria.

Estava na hora do sacrifício da tarde, e Elias convidou o povo: "Aproximem-se de mim" (v. 30). Ele foi para perto do altar destruído, que no passado já tinha sido usado por Israel para adorar ao Deus do Céu, e o reconstruiu. Para Elias, aquele montão de ruínas era mais precioso que todos os belos altares do paganismo. Escolhendo "doze pedras, uma para cada tribo dos descendentes de Jacó, [...] construiu um altar em honra ao nome do Senhor" (v. 31, 32).

Decepcionados e exaustos, os sacerdotes de Baal esperaram para ver o que Elias iria fazer. Eles ficaram com muito ódio do profeta, porque ele propôs uma prova que expôs as fraquezas de seus deuses. Por outro lado, estavam com muito medo de seu poder. Quase sem conseguir respirar direito de tanta ansiedade, o povo observava tudo. A atitude calma do profeta estava em contraste gritante com a agitação e a loucura dos seguidores de Baal.

Assim que acabou de reconstruir o altar, o profeta abriu uma valeta ao redor dele. Organizou a lenha, preparou o bezerro e então colocou o sacrifício sobre o altar. "'Encham de água quatro jarras grandes', ele ordenou, 'e derramem-na sobre o holocausto e sobre a lenha.' 'Façam-no novamente', disse, e eles o fizeram de novo. 'Façam-no pela terceira vez', ordenou, e eles o fizeram pela terceira vez.' A água corria do altar, chegando a encher a valeta" (v. 33-35).

Depois de lembrar o povo de seu longo período de apostasia, Elias os convidou a humilhar o coração e voltar para o Deus de seus pais, para que a maldição sobre a terra fosse finalmente retirada. Então, curvando-se em reverência ao Deus invisível, ele

ergueu as mãos para o céu e ofereceu uma simples oração. Os sacerdotes de Baal tinham gritado e dado saltos desde a manhã até a tarde. Mas na oração de Elias não se ouviu nenhum grito enlouquecido ecoar pelas colinas do Carmelo. Ele orou com simplicidade e fervor, pedindo que Deus mostrasse Sua superioridade sobre Baal, para que Israel pudesse ser conduzido de volta a Ele:

"Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, que hoje fique conhecido que Tu és Deus em Israel e que sou o Teu servo e que fiz todas estas coisas por ordem Tua. Responde-me, ó Senhor, responde-me, para que este povo saiba que Tu, ó Senhor, és Deus, e que fazes o coração deles voltar para Ti" (v. 36, 37).

Houve profundo e solene silêncio. Os sacerdotes de Baal tremiam de terror, cientes de sua culpa.

A Resposta à Oração de Elias

Elias mal terminou a oração e chamas de fogo, como relâmpagos brilhantes, desceram do céu sobre o altar, devorando o sacrifício, lambendo a água da valeta e consumindo até mesmo as pedras do altar. O brilho das chamas iluminou o monte e ofuscou os olhos da multidão. Nos vales abaixo, onde muitos estavam observando, pôde-se ver com clareza o fogo descer do céu, e todos ficaram maravilhados com o espetáculo.

As pessoas que estavam no monte caíram por terra. Não ousariam continuar olhando para o céu a enviar fogo. Convencidos de seu dever em reconhecer o Deus de Elias como o Deus de seus pais, eles gritaram em uma só voz: "O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!" (v. 39). O grito ressoou sobre o monte e ecoou pela planície. Finalmente, Israel despertou, foi desenganado e se arrependeu. O caráter do culto a Baal foi totalmente revelado ao ser comparado com o culto racional que o verdadeiro Deus requer. O povo reconheceu a justiça e a misericórdia de Deus em impedir que o orvalho e a chuva caíssem até que decidissem ser totalmente fiéis a Ele.

Os Sacerdotes de Baal não se Arrependem

Mesmo com a derrota e na presença da glória divina, os sacerdotes de Baal se recusaram a se arrepender. Eles preferiam continuar sendo profetas de Baal. Com isso, mostraram estar prontos para a destruição.

Para proteger o arrependido Israel daqueles que lhe ensinaram a adoração a Baal, o Senhor ordenou que Elias destruísse os falsos profetas. O povo ali sentia por eles muita raiva, e quando Elias ordenou: "Prendam os profetas de Baal. Não deixem nenhum

escapar!" (v. 40), estavam prontos para obedecer. Eles levaram os sacerdotes para o ribeiro de Quisom, e ali, antes de terminar o dia que marcou o início de uma decidida reforma, os sacerdotes de Baal foram mortos.

---

* Este capítulo se baseia em 1 Reis 18:19-40.

O Profeta Perde a Fé e Desanima*

Com a morte dos profetas de Baal, o caminho estava livre para uma poderosa reforma espiritual. Os juízos do Céu já tinham sido colocados em ação. O povo tinha confessado seus pecados e reconhecido o Deus de seus pais. A partir de então, a maldição do Céu deveria ser retirada e a terra voltaria a ser refrescada pela chuva. "Vá comer e beber", disse Elias para Acabe, "pois já ouço o barulho de chuva pesada" (1Rs 18:41). Em seguida, o profeta subiu até o alto do monte para orar.

O profeta não viu nenhuma nuvem no céu. Não ouviu nenhum trovão. Durante todo aquele dia, ele demonstrou total confiança na Palavra de Deus, e tinha certeza de que o Céu enviaria as bênçãos prometidas. O mesmo Deus que enviou a seca prometeu enviar chuva como recompensa pela decisão de agir corretamente. Com humildade, Elias clamou a Deus em nome do povo arrependido de Israel.

De tempos em tempos, Elias ordenava que seu servo fosse até um local em que era possível avistar o Mediterrâneo para verificar se havia qualquer sinal de que Deus tivesse ouvido sua oração. Todas as vezes o servo voltava com a resposta: "Não há nada lá" (v. 43). Mesmo assim, o profeta não perdeu a fé, mas continuou suplicando. Seis vezes o servo voltou com a resposta de que não havia qualquer sinal de chuva. Confiante, Elias ordenou que ele fosse de novo. Dessa vez, o servo voltou com a notícia: "Uma nuvem tão pequena quanto a mão de um homem está se levantando do mar" (v. 44).

Para Elias, isso já foi o suficiente. Pela fé, Elias viu naquela pequena nuvem chuva em abundância. Agindo de acordo com a sua fé, ele imediatamente enviou seu servo para dar a Acabe a seguinte mensagem: "Prepare o seu carro e desça, antes que a chuva o impeça" (v. 44).

Deus pôde usar Elias porque ele era um homem de grande fé. Sua fé manteve as promessas do Céu, e ele perseverou na oração. Ele não esperou receber total evidência de que Deus responderia a sua oração, mas assim que identificou o primeiro sinal do favor divino, por menor que tenha sido, já se colocou em ação. Tudo que Elias foi capaz de fazer sob a orientação de Deus, todos podem fazer em sua esfera de atividade na obra de Deus. "Elias era humano como nós. Ele orou fervorosamente para que não chovesse, e não choveu sobre a terra durante três anos e meio" (Tg 5:17).

Precisamos hoje de fé como a de Elias – fé que confie nas promessas da Palavra de Deus, fé que nos torne fortes para lutar contra os poderes das trevas. Pela fé os filhos de Deus "conquistaram reinos, praticaram a justiça, alcançaram o cumprimento de promessas, fecharam a boca de leões, apagaram o poder do fogo e escaparam do fio da espada; da fraqueza tiraram força, tornaram-se poderosos na batalha e puseram em fuga exércitos estrangeiros" (Hb 11:33, 34).

A fé é um elemento essencial para a oração eficaz. "Quem dEle se aproxima precisa crer que Ele existe e que recompensa aqueles que O buscam" (Hb 11:6). Podemos apresentar nossos pedidos ao Pai com a persistência de Elias. Ele colocou a honra de Seu trono como garantia de que cumpriria a Sua palavra.

Já estava anoitecendo quando Acabe começou a se preparar para descer o monte Carmelo. "Enquanto isso, nuvens escuras apareceram no céu, começou a ventar e a chover forte, e Acabe partiu de carro para Jezreel" (v. 45). Na viagem de volta para a cidade real, Acabe não conseguia enxergar o caminho à sua frente por causa da escuridão e da chuva forte. Naquele dia, Elias tinha humilhado Acabe perante os seus súditos e matado seus sacerdotes idólatras, mas ainda assim o profeta reconhecia que ele era o rei de Israel. A fim de lhe prestar uma homenagem, Elias se pôs a correr na frente do carro real para guiar o rei até a cidade.

Nessa atitude de respeito do mensageiro de Deus para com o ímpio rei, há uma lição para todos que se dizem servos de Deus. Algumas pessoas hesitam em realizar tarefas humildes com medo de se colocarem no nível de servo. Elias tinha sido altamente honrado por Deus quando fogo desceu do céu e queimou por completo o sacrifício; sua oração por chuva foi atendida. No entanto, mesmo depois de Deus ter honrado de tal forma seu ministério público, Elias não hesitou em realizar a tarefa de um servo.

Jezabel Ameaça a Vida de Elias

No portão de Jezreel, Elias e Acabe se separaram. O profeta preferiu ficar do lado

de fora dos muros. Assim, cobriu-se com seu manto e deitou-se no chão para dormir. O rei logo chegou ao palácio e contou à esposa tudo o que tinha acontecido naquele dia. Quando Acabe deu à rainha a notícia do assassinato dos profetas idólatras, Jezabel, com o coração endurecido e não arrependido, ficou furiosa. Ela se recusou a reconhecer a soberania de Deus e, com a mesma atitude desafiadora, declarou ousadamente que Elias deveria morrer.

Naquela mesma noite um mensageiro acordou o exausto profeta para lhe dar o recado de Jezabel: "Que os deuses me castiguem com todo o rigor, se amanhã nesta hora eu não fizer com a sua vida o que você fez com a deles" (1Rs 19:2).

Depois de ter demonstrado tamanha coragem, depois de ter triunfado de forma tão completa sobre o rei, sacerdotes e povo, era de se esperar que Elias jamais desse qualquer espaço para o desânimo, medo ou timidez. Mas nessa hora escura, sua fé e coragem vacilaram. Desorientado, despertou do sono. Chovia forte e estava tudo muito escuro. Esquecendo-se de que três anos antes Deus o havia conduzido para um lugar seguro, o profeta agora fugiu para salvar a própria vida.

Elias Demonstra Falta de Fé

Elias não deveria ter fugido. Deveria ter enfrentado Jezabel, pedindo a proteção dAquele que lhe tinha dado aquela responsabilidade. Ele deveria ter dito ao mensageiro que o Deus em quem confiava o protegeria contra o ódio da rainha. Se ele tivesse feito de Deus seu refúgio e fortaleza, teria sido protegido do perigo. O Senhor teria enviado Seus juízos sobre Jezabel, e a impressão causada sobre o rei e o povo daria início a uma grande reforma.

Elias esperava que depois do milagre no monte Carmelo, Acabe não se deixasse mais influenciar por Jezabel e que imediatamente realizasse uma reforma em todo o Israel. Elias passou o dia inteiro no Carmelo sem se alimentar. Ainda assim, ao guiar o carro de Acabe até Jezreel, sentia-se cheio de coragem, apesar de estar fisicamente enfraquecido. No entanto, é comum as pessoas apresentarem um comportamento contrário depois de passar por uma experiência de grande sucesso e fé. Elias ficou com medo de que a reforma iniciada não fosse durar muito, e permitiu que a depressão tomasse conta de seu coração. Nesse momento de desânimo, com a ameaça de Jezabel soando aos seus ouvidos, e Satanás, aparentemente, ainda no controle, ele vacilou na fé.

Completo Desânimo

Esquecendo-se de Deus, Elias correu o máximo que pôde até chegar em um deserto

sombrio, e estar completamente sozinho. Extremamente cansado, sentou-se para descansar debaixo de um zimbro e ali pediu para morrer. "Já tive o bastante, Senhor", disse ele. "Tira a minha vida; não sou melhor do que os meus antepassados" (v. 4). Ele se sentia esmagado por uma amarga decepção, seu desejo era nunca mais ter que ver outro ser humano na sua frente. Finalmente, exausto, dormiu.

Todos nós passamos por dias de profunda decepção e desânimo – dias em que é difícil acreditar que Deus ainda é bom; dias em que os problemas nos perturbam de tal forma que parece melhor morrer do que continuar vivo. Em dias assim é que muitos perdem a confiança em Deus e se tornam escravos da dúvida e da incredulidade. Se nesses momentos pudéssemos desvendar os propósitos de Deus, veríamos anjos procurando salvar-nos de nós mesmos, esforçando-se para firmar nossos pés em uma base sólida; e nova fé, nova vida, jorrariam para dentro de nosso ser.

Em um dia de grande angústia e trevas, o fiel Jó declarou:

"Pereça o dia do meu nascimento."

"Se tão somente fosse atendido o meu pedido [...]"

"É melhor [...] morrer [...]. Sinto desprezo pela minha vida!" (Jó 3:3; 6:8; 7:15, 16).

Embora estivesse cansado da vida, Deus não permitiu que Jó morresse e lhe enviou uma mensagem de esperança:

"Você esquecerá as suas desgraças, lembrando-as apenas como águas passadas. A vida será mais refulgente que o meio-dia, e as trevas serão como a manhã em seu fulgor" (Jó 11:16, 17).

Das profundezas do desânimo, Jó se levantou para as alturas da confiança em Deus. Triunfante, declarou:

"Eu sei que o meu Redentor vive, e que no fim se levantará sobre a Terra. E depois que o meu corpo estiver destruído e sem carne, verei a Deus" (Jó 19:25, 26).

Ao ter Jó um vislumbre de seu Criador, ficou muito aborrecido com a sua atitude e se arrependeu profundamente (Jó 42:6). O Senhor, então, pôde abençoá-lo e fazer dos seus últimos dias os melhores de sua vida.

O desânimo é pecaminoso e sem sentido. Deus está disposto a conceder "infinitamente mais" (Ef 3:20) força de que Seus servos necessitam. Os inimigos de Sua

obra podem fazer planos que aparentemente serão bem-sucedidos, mas Deus pode destruir até mesmo os planos mais poderosos. Para quem se sente desanimado, existe um remédio eficaz – fé, oração e serviço. Você se sente tentado a dar lugar à ansiedade, ao medo ou ao desânimo? Nos dias mais escuros, quando tudo parece estar pior, não se intimide. Deus conhece as nossas necessidades. Seu infinito amor e compaixão jamais acabam. Ele nunca quebrará a aliança que fez com os que O amam. Ele capacitará Seus servos fiéis de acordo com as suas necessidades. O apóstolo Paulo confirmou: "Mas Ele me disse: 'Minha graça é suficiente para você, pois o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.' Pois, quando sou fraco é que sou forte" (2Co 12:9, 10).

Será que Deus abandonou Elias nesse momento de profundo sofrimento? Não! Ele não amou menos o Seu servo por ele se sentir abandonado por Deus e pelas pessoas. Um toque suave e uma voz agradável despertaram o profeta. O rosto compassivo que se inclinava sobre ele não era o de um inimigo, mas de um amigo. Deus enviou um anjo do Céu com alimento. "Levante-se e coma", disse o anjo. "Elias olhou ao redor e ali, junto à sua cabeça, havia um pão assado sobre brasas quentes e um jarro de água" (1Rs 19:5, 6).

Depois de comer e beber, Elias dormiu novamente. Pela segunda vez o anjo tocou o homem exausto, e disse cheio de compaixão: "Levante-se e coma, pois a sua viagem será muito longa." Sentindo-se mais forte depois de comer, Elias viajou "quarenta dias e quarenta noites, até chegar a Horebe, o monte de Deus" (v. 7, 8), onde encontrou uma caverna para se esconder.

---

* Este capítulo se baseia em 1 Reis 18:41-46; 19:1-8.

"O Que Você Está Fazendo Aqui?"*

Deus sabia o local em que Elias estava escondido no monte Horebe, e não permitiu que o sofrido e desanimado profeta lutasse sozinho com os poderes das trevas que o estavam pressionando. Deus Se encontrou com Elias, na caverna em que ele estava escondido, por meio de um poderoso anjo enviado para questionar suas necessidades e esclarecer o propósito divino para Israel.

Elias não poderia concluir a sua missão antes de aprender a confiar totalmente em Deus. A vitória no Carmelo abriu o caminho para conquistas ainda maiores. No entanto, as ameaças de Jezabel desviaram Elias das oportunidades maravilhosas que estavam diante dele. O homem de Deus precisava compreender a atitude de coragem e força que o Senhor esperava que ele tivesse.

"O que você está fazendo aqui, Elias?" (1Rs 19:9). Eu enviei você ao ribeiro de Querite e à viúva de Sarepta. Dei a você a missão de enfrentar os sacerdotes idólatras no Carmelo e forças para você guiar o carro do rei até a entrada de Jezreel. Mas quem enviou você para o deserto? Que missão você veio cumprir aqui?

Amargurado, Elias reclamou: "Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, o Deus dos Exércitos. Os israelitas rejeitaram a Tua aliança, quebraram os Teus altares, e mataram os Teus profetas à espada. Sou o único que sobrou, e agora também estão procurando matar-me" (v. 10).

O anjo deu instruções para o profeta se levantar e ouvir a palavra do Senhor: "'Saia e fique no monte, na presença do Senhor, pois o Senhor vai passar.' Então veio um vento fortíssimo que separou os montes e esmigalhou as rochas diante do Senhor, mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento houve um terremoto, mas o Senhor

não estava no terremoto. Depois do terremoto houve um fogo, mas o Senhor não estava nele. E depois do fogo houve o murmúrio de uma brisa suave" (v. 11, 12).

Deus escolheu Se manifestar por meio de uma "voz mansa e suave" para ensinar a Elias que a obra de maior sucesso nem sempre é aquela que realiza as maiores demonstrações. A revolta de Elias passou, seu coração se rendeu. Compreendeu que se ele se apegasse a Deus com fé, sempre encontraria auxílio nos momentos de necessidade.

Não se alcança o coração humano com bons argumentos ou pela lógica, mas pelo Espírito Santo. A voz mansa e suave do Espírito de Deus tem poder para mudar o coração.

"O que você está fazendo aqui, Elias?", a voz questionou, e de novo o profeta respondeu: "Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, o Deus dos Exércitos. Os israelitas rejeitaram a Tua aliança, quebraram os Teus altares, e mataram os Teus profetas à espada. Sou o único que sobrou, e agora também estão procurando matar-me" (v. 13, 14).

O Senhor respondeu a Elias que os praticantes do mal seriam castigados, que Ele escolheria homens para punir o reino idólatra. Havia uma obra rigorosa a ser feita. Elias deveria voltar para Israel e dividir com outros a responsabilidade de colocar a reforma em ação.

"Vá", o Senhor ordenou a Elias, "unja Hazael como rei da Síria. Unja também Jeú, [...] como rei de Israel, e unja Eliseu, [...] para suceder a você como profeta. [...] Jeú matará todo aquele que escapar da espada de Hazael, e Eliseu matará todo aquele que escapar da espada de Jeú" (v. 15-17).

Aquele que lê o coração de todos revelou ao profeta que muitos tinham permanecido fiéis a Ele durante o longo período de apostasia. "No entanto, fiz sobrar sete mil em Israel, todos aqueles cujos joelhos não se inclinaram diante de Baal" (v. 18).

A apostasia hoje é parecida com a que dominou Israel nos dias de Elias. Multidões hoje colocam o humano acima do divino, engrandecem os líderes populares, amam o dinheiro e consideram os ensinos da ciência mais importantes do que as verdades da Palavra de Deus – e dessa forma seguem a Baal. Muitos estão substituindo a Palavra de Deus pelas teorias dos homens e ensinando que a razão humana deve ser colocada acima dos ensinos da Bíblia. Declaram que a lei de Deus não tem efeito algum. O inimigo está trabalhando para fazer com que homens e mulheres se esqueçam das

normas criadas por Deus para a felicidade e salvação da família humana.

Muitos Hoje Não Se Curvaram a Baal

No entanto, essa apostasia não é geral. Nem todas as pessoas no mundo são imorais e más. Deus tem muitos filhos que desejam compreender mais profundamente a respeito de Cristo e de Sua lei, muitos que estão esperando que Jesus volte logo para colocar um fim ao reinado do pecado e da morte, muitos com quem o Espírito de Deus ainda está trabalhando.

Essas pessoas precisam da ajuda pessoal dos que conhecem a Deus e Sua Palavra. Os que compreendem a verdade bíblica são acompanhados por anjos de Deus quando saem à procura de pessoas que desejam receber luz. Como resultado desse trabalho, muitos deixarão de exaltar o que é humano para se colocar corajosamente ao lado de Deus e de Sua lei.

Satanás envida todo o esforço possível para fazer com que os obedientes percam de vista a sua missão e fiquem satisfeitos com os prazeres desta vida. Ele os leva a se acomodar ou a se mudar dos lugares onde poderiam ser uma influência para o bem para buscar maiores vantagens mundanas em outro local. Outros ele leva a fugir do dever por causa do desânimo que sentem diante da perseguição. A cada filho de Deus, que permitiu que a voz de Satanás o silenciasse, é feita a pergunta: "O que você está fazendo aqui, Elias?" (1Rs 19:9). Dei-lhe a responsabilidade de ir a todo o mundo e pregar o evangelho, para preparar um povo para o dia de Deus. Por que está aqui? Quem mandou que você viesse para cá?

A alegria que fez Cristo suportar os sacrifícios e o sofrimento foi a de ver pecadores salvos. Essa deve ser a alegria de todo cristão. Os que entendem o verdadeiro significado da redenção se encherão de compaixão diante da miséria espiritual e moral das pessoas que estão sob a sombra de uma maldição tão terrível que nem mesmo pode ser comparada ao sofrimento físico.

Em muitas igrejas há famílias que poderiam se mudar para lugares carentes do trabalho que elas têm capacidade para realizar. Deus chama famílias para ir aos lugares escuros da Terra e trabalhar com sabedoria por aqueles que estão envolvidos em sombras espirituais. Para isso, é necessário ter espírito de abnegação. Enquanto muitos esperam até que todos os obstáculos saiam de seu caminho, pessoas estão morrendo sem esperança e sem Deus. Muitos estão prontos para enfrentar dificuldades e privações apenas para conquistar vantagens mundanas ou adquirir conhecimento acadêmico. Onde estão os que se prontificam a enfrentar a mesma situação para falar a

outros sobre o Salvador?

Creia em Deus nos Momentos de Fraqueza

Não há nada de estranho ou anormal em ver pessoas de poder espiritual, que sofrem forte pressão, se sentirem desanimadas ao enfrentar situações difíceis. Um dos profetas mais poderosos fugiu para salvar a vida diante da ira de uma mulher enfurecida. A amarga decepção parecia esmagar o coração do cansado fugitivo a ponto de ele pedir a morte. No entanto, foi justamente no momento em que Elias não tinha mais esperança e que o trabalho de sua vida parecia ameaçado pela derrota, que ele aprendeu sobre a possibilidade de confiar em Deus até mesmo sob circunstâncias que aos olhos humanos pareciam impossíveis de acabar bem.

Aqueles que, ao dedicar suas energias para realizar um trabalho abnegado, são tentados a ficar desanimados, podem encontrar ânimo na experiência de Elias. Deus demonstra de maneira especial Seu cuidado constante, Seu amor e Seu poder em favor de Seus servos quando as pessoas rejeitam os conselhos e as reprovações e retribuem com ódio e oposição seus esforços para realizar uma reforma.

É na hora em que o cristão se sente mais fraco que Satanás o ataca com as piores tentações. Foi assim que ele tentou obter vitória sobre o Filho de Deus, pois por esse processo já tinha conquistado muitas vitórias sobre outras pessoas. No momento em que o poder da vontade enfraqueceu e a fé falhou, os que por muito tempo permaneceram firmes e animados ao lado da verdade acabaram cedendo à tentação. Sentindo-se desgastado, depois de vaguear por quarenta anos no deserto em meio à incredulidade do povo, Moisés falhou justamente na fronteira da terra prometida. Elias não perdeu a confiança em Deus durante os anos de seca, mas, em um momento de extremo cansaço, permitiu que o medo da morte derrotasse sua fé em Deus.

E assim é hoje. Quando as dúvidas nos atacam ou a pobreza ou angústia nos fazem sofrer, Satanás se esforça para destruir nossa confiança em Jeová. Ele nos tenta a desconfiar de Deus e a duvidar de Seu amor. Espera nos desanimar e nos afastar de Deus.

Os que estão na linha de frente do conflito muitas vezes sentirão uma reação quando não houver mais pressão. O desânimo pode destruir a fé e enfraquecer a vontade. Mas Deus compreende. Ele ainda Se compadece e ama. Ele lê os motivos do coração. A lição que os líderes da obra de Deus precisam aprender é: esperar com paciência e confiar quando tudo parece escuro. O Céu não os abandonará no momento de dificuldade. Não há nada que pareça mais desamparado, mas na verdade seja mais

invencível, do que a pessoa que reconhece o quão insignificante é e que confia totalmente em Deus.

Aquele que foi a força de Elias é capaz de fortalecer cada um de Seus filhos em luta, não importa quão fraco seja. A cada um deles Ele dá poder de acordo com a necessidade. No poder de Deus, somos fortes para derrotar o mal e ajudar outros a derrotá-lo. Satanás jamais tirará vantagem de nós se fizermos de Deus a nossa defesa.

Satanás conhece suas fraquezas, por isso apegue-se a Jesus. A justiça de Cristo pode lhe dar poder para desviar a onda do mal que está inundando o mundo. Tenha uma vida de fé. A fé faz com que os fardos se tornem leves, ela alivia qualquer tipo de cansaço. Se confiar sempre em Deus, você terá a chance de um dia entender o porquê das coisas que Ele permite que aconteçam em sua vida, mesmo que agora sejam um mistério. A história sagrada foi registrada para que a mesma fé demonstrada pelos servos de Deus no passado possa atuar em nós. O Senhor agirá agora, de maneira tão extraordinária como antes, em todo coração de fé para que ele se torne um canal de Seu poder.

Cristo jamais abandona aqueles por quem Ele morreu. Nós podemos deixá-Lo e ser dominados pela tentação, mas Cristo jamais deixará aqueles por quem pagou o resgate com Sua própria vida. Se fôssemos capazes de enxergar através dos olhos espirituais, veríamos pessoas curvadas sob a opressão, sobrecarregadas pelo sofrimento, a ponto de morrer por causa do desânimo. Veríamos anjos voando velozes para ajudar essas pessoas, fazendo as legiões do mal retrocederem à força. As batalhas entre os dois exércitos são reais. Os destinos eternos dependem do resultado desse conflito espiritual.

Os mensageiros de Deus não devem sentir que a obra do Senhor depende deles. Aquele que nunca dorme levará avante a Sua obra. Ele frustrará os planos dos ímpios e confundirá os conselhos dos que conspiram contra o Seu povo. Aquele que é o Rei, o Senhor dos Exércitos, assenta-se entre os querubins e ainda protege os Seus filhos em meio aos conflitos e tumultos das nações. O Seu povo estará seguro em Suas mãos quando as flechas da Sua ira forem atiradas contra o coração de Seus inimigos.

---

* Este capítulo se baseia em 1 Reis 19:9-18.

O Chamado de Deus aos Apóstatas Modernos

Através dos longos séculos, a história da vida e do trabalho de Elias tem inspirado e animado os que são chamados a ficar do lado do direito em meio à apostasia. Para nós, essa história tem um significado especial, pois ela está se repetindo. Vivemos em uma era de idolatria idêntica à que Elias viveu. Mesmo sem nenhum altar visível aos nossos olhos, milhares estão seguindo os deuses deste mundo – riquezas, fama, prazeres e ilusões que permitem que as pessoas sigam as inclinações do coração não transformado. Multidões têm uma concepção errada de Deus e estão servindo a um falso deus, assim como os adoradores de Baal. Muitos, mesmo entre os que se dizem cristãos, têm se unido a influências que são totalmente contrárias a Deus e a Sua verdade.

O espírito que predomina hoje é o de infidelidade e apostasia. As pessoas exaltam as teorias humanas e as colocam no lugar de Deus e de Sua lei. Satanás tenta homens e mulheres com a promessa de que na desobediência encontrarão a liberdade que os tornará como deuses. Vemos um espírito que idolatra a sabedoria humana e a coloca acima da revelação divina. As pessoas parecem ter perdido a capacidade de identificar a diferença entre a luz e as trevas, a verdade e o erro. Acreditam que as opiniões de uns poucos que se dizem filósofos são mais confiáveis do que as verdades da Bíblia. Consideram a fé como a de Paulo, Pedro e João coisa do passado e algo inadequado para a inteligência dos pensadores modernos.

No princípio, Deus deu Sua lei à humanidade para que, por meio dela, os seres humanos alcançassem a felicidade e a vida eterna. A esperança de Satanás é levar homens e mulheres a desobedecerem a essa lei. Ele procura constantemente falsificá-la e diminuir sua importância. Seu maior golpe é a tentativa de mudar a própria lei, como também levar as pessoas a transgredir as instruções divinas enquanto dizem obedecer-

lhes. Um escritor comparou a tentativa de mudar a lei de Deus ao antigo e maldoso costume de colocar na posição errada as setas indicativas de um cruzamento entre duas estradas, o que geralmente causava grande transtorno e contratempo.

Deus estabeleceu setas indicativas para orientar os viajantes deste mundo. A seta da obediência voluntária ao Criador aponta para o caminho da vida, enquanto a seta da desobediência indica o caminho para a morte. Entretanto, para a desgraça da nossa raça, o grande inimigo de todo o bem inverteu a posição das setas indicativas, e multidões têm sido enganadas para seguir o caminho errado.

Por intermédio de Moisés, o Senhor instruiu os israelitas: "Diga aos israelitas que guardem os Meus sábados. Isso será um sinal entre Mim e vocês, geração após geração, a fim de que saibam que Eu sou o Senhor, que os santifica. Isso será um sinal perpétuo entre Mim e os israelitas, pois em seis dias o Senhor fez os céus e a Terra, e no sétimo dia Ele não trabalhou e descansou" (Êx 31:13, 17).

O Senhor definiu de forma clara a obediência como o caminho para a cidade de Deus; mas "o homem do pecado" mudou a seta indicativa. Ele estabeleceu o falso sábado e tem levado homens e mulheres a pensar que descansando nesse falso sábado estão obedecendo à ordem do Criador. Quando "foram concluídos os céus e a Terra", Deus exaltou o sétimo dia como o memorial de Sua criação. Assim, "abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou" (Gn 2:1-3).

No Êxodo, Deus apresentou o sábado a Seu povo de forma muito distinta. No Egito, os capatazes procuravam forçar o povo a trabalhar no sábado aumentando a quantidade de trabalho a cada semana. Mas Deus libertou os israelitas da escravidão e os levou para um lugar onde estavam livres para seguir todas as instruções do Senhor. No Sinai, o Senhor proclamou a lei e entregou uma cópia para Moisés em duas tábuas de pedra "escritas pelo dedo de Deus" (Êx 31:18). Ao vaguear por quase quarenta anos no deserto, os israelitas eram constantemente lembrados do dia de repouso estabelecido por Deus, pois o maná não caía no sétimo dia, mas era dado em dobro no dia da preparação e conservado de forma milagrosa até o dia seguinte.

O Senhor desejava que, pela fiel obediência ao mandamento do sábado, Israel sempre se lembrasse dEle como seu Criador e Redentor. Enquanto guardassem o sábado com o espírito certo, não existiria idolatria entre eles. Por outro lado, se colocassem de lado as exigências dessa instrução divina, logo se esqueceriam do Criador. No entanto, "eles rejeitaram as Minhas leis, não agiram segundo os Meus decretos e profanaram os Meus sábados. Pois os seus corações estavam voltados para

os seus ídolos" (Ez 20:16).

Chamando a atenção de Judá para os pecados que finalmente fizeram com que o povo fosse levado para o cativeiro babilônico, o Senhor declarou: "Você [...] profanou os Meus sábados. [...] Por isso derramarei a Minha ira sobre eles e os consumirei com o Meu grande furor; sofrerão as consequências de tudo o que fizeram" (Ez 22:8, 31).

Nos dias de Neemias, ocasião em que Jerusalém foi reconstruída, ele confrontou o povo transgressor do sábado, questionando-o: "Por acaso os seus antepassados não fizeram o mesmo, levando o nosso Deus a trazer toda essa desgraça sobre nós e sobre esta cidade? Pois agora, profanando o sábado, vocês provocam maior ira contra Israel!" (Ne 3:18).

Cristo Exaltou o Sábado

Durante Seu ministério na Terra, Cristo enfatizou as exigências do sábado. Ele demonstrou reverência pelo mandamento que Ele mesmo estabeleceu. Em Seus dias, o povo tinha pervertido de tal maneira o espírito do sábado que sua observância refletia o caráter egoísta dos seres humanos em vez do caráter de Deus. Cristo colocou de lado o falso ensino que representava de maneira equivocada o Seu caráter. Os rabis O perseguiram cruelmente, mas mesmo assim Ele permaneceu firme, guardando o sábado de acordo com a lei de Deus.

Com palavras claras e diretas, Ele confirmou Seu respeito pela lei, dizendo: "Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem Céus e Terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos Céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos Céus" (Mt 5:17-19).

O grande inimigo da nossa felicidade escolheu atacar de forma especial o sábado do quarto mandamento. Satanás diz: "Eu trabalharei contra os propósitos de Deus. Colocarei de lado o memorial de Deus, o sábado do sétimo dia. Mostrarei ao mundo que o dia santificado por Deus foi mudado. Apagarei a lembrança desse dia. Eu o substituirei por um dia que não leve as credenciais de Deus, um dia que não seja um sinal entre Deus e Seu povo. Por meio de meu representante, eu me exaltarei. O primeiro dia será honrado, e o mundo protestante receberá esse falso sábado como verdadeiro. Eu serei o príncipe do mundo. Controlarei de tal maneira a mente das pessoas que o sábado de Deus será especialmente desprezado. Um sinal? Eu farei da

guarda do sétimo dia um sinal de deslealdade para com as autoridades da Terra. As leis humanas se tornarão tão rígidas que as pessoas não se atreverão a guardar o sábado. Com medo de ficar sem alimento e roupas, eles se unirão ao mundo na transgressão da lei de Deus. A Terra ficará totalmente sob o meu domínio." Ao estabelecer o falso sábado, o inimigo pensou em mudar os tempos e as leis. Mas será que ele realmente foi bem-sucedido em mudar a lei de Deus? Aquele que é o mesmo ontem, hoje e eternamente declarou o seguinte a respeito do sábado: "Isso será um sinal entre Mim e vocês, geração após geração." "Será um sinal perpétuo" (Êx 31:13, 17). A seta trocada indica o caminho errado, mas Deus não mudou. Ele é tão zeloso de Sua lei hoje como o era nos dias de Acabe e de Elias.

Elias é Necessário Ainda Hoje!

É incrível como a lei de Deus é desrespeitada! O mundo hoje está em rebelião aberta contra Deus. As pessoas desprezam a Bíblia e odeiam a verdade. Jesus vê Sua lei sendo desprezada, Seu amor sendo rejeitado, Seus mensageiros sendo tratados com indiferença. As pessoas não reconhecem as Suas misericórdias, não dão atenção às Suas advertências. O templo do coração humano está sendo profanado. Egoísmo, inveja, orgulho, malícia – tudo isso encontra lugar ali.

Muitos não sentem o menor receio de zombar da Palavra de Deus. Eles ridicularizam os que creem exatamente no que a Bíblia ensina. O desprezo cada vez maior pela lei e pela ordem é o resultado direto da transgressão dos claros mandamentos de Deus. O desvio do caminho da obediência traz como consequência a violência e o crime.

Observe o desrespeito quase geral para com o mandamento do sábado. Note também a ousadia dos ímpios que, ao mesmo tempo em que decretam leis para a proteção da suposta santidade do primeiro dia da semana, estão também formulando leis para a legalização do comércio do álcool. Procuram forçar a consciência enquanto aprovam um mal que destrói os seres criados à imagem de Deus. É Satanás em pessoa que inspira leis como essas.

Quase o mundo inteiro está se curvando aos ídolos. Mas o Senhor não permitirá que Sua lei seja quebrada e desprezada para sempre sem que haja consequências. A incredulidade pode ameaçar as reivindicações da lei de Deus com zombaria e desprezo; a causa de Deus pode manter a sua posição unicamente por meio de grande esforço e contínuo sacrifício. No entanto, no fim, a verdade triunfará de maneira gloriosa.

Ao ser concluída a obra de Deus na Terra, a norma de Sua lei será exaltada outra

vez. A falsa religião pode parecer prevalecer, as pessoas podem perder de vista a cruz do Calvário, as trevas podem espalhar-se sobre o mundo e o pensamento popular pode se voltar contra a verdade. Mas na hora de maior perigo, o Deus de Elias levantará instrumentos humanos para dar uma mensagem que não será silenciada. Até mesmo nos lugares em que muitos têm falado contra o Altíssimo da forma mais ousada e direta, será ouvida a voz de severa repreensão. Pessoas indicadas por Deus denunciarão corajosamente a união da igreja com o mundo. Convidarão com fervor homens e mulheres a colocarem de lado uma lei criada por homens para guardarem o verdadeiro sábado. "Temam a Deus e glorifiquem-nO", proclamarão a toda nação, "pois chegou a hora do Seu juízo. Adorem Aquele que fez os céus, e a Terra [...]. Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da Sua ira" (Ap 14:7-10). O mundo será convocado perante o tribunal da Justiça Infinita para receber a sentença.

Hoje, assim como nos dias de Elias, a linha divisória entre o povo que guarda os mandamentos de Deus e os adoradores de falsos deuses está claramente definida. "Até quando vocês vão oscilar entre duas opiniões?", declarou Elias. "Se o Senhor é Deus, sigam-nO; mas, se Baal é Deus, sigam-no" (1Rs 18:21). E a mensagem para hoje é: "Caiu! Caiu a grande Babilônia. [...] Saiam dela, vocês, povo Meu, para que vocês não participem dos seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam! Pois os pecados da Babilônia acumularam-se até o céu, e Deus Se lembrou dos seus crimes" (Ap 18:2, 4, 5).

A Prova Virá Para Todos

A prova virá para todos. As pessoas serão forçadas a guardar o falso sábado. A disputa será travada entre os mandamentos de Deus e os mandamentos dos homens. Os que cederem passo a passo às exigências e costumes do mundo cederão aos poderes terrestres a fim de evitar a zombaria, o insulto, as ameaças de prisão e a morte. Nesse período, o ouro será separado da escória. Haverá uma clara distinção entre a santidade verdadeira e a santidade falsa, baseada em aparências. Muitas estrelas que hoje admiramos por seu brilho serão deixadas em trevas. A nudez dos que não estão vestidos com a justiça de Cristo será finalmente exposta para a sua própria vergonha.

Aqueles que não têm dobrado os joelhos a Baal estão espalhados pelo mundo inteiro. Como as estrelas do céu que aparecem apenas à noite, esses fiéis brilharão quando as trevas cobrirem a Terra. Na África, na Europa, na América do Sul, na China, na Índia, nas ilhas do mar e em todos os cantos da Terra, Deus tem muitos escolhidos

que aguardam para brilhar em meio às trevas, revelando claramente a um mundo em apostasia o poder transformador da obediência a Sua lei. Na hora da mais profunda apostasia, quando Satanás fizer seu máximo esforço para que "todos", sob pena de morte, recebam o sinal de lealdade ao falso sábado, esses fiéis, "irrepreensíveis, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada", brilharão "como estrelas no universo" (Fp 2:15). Quanto mais escura for a noite, com mais intensidade eles brilharão.

Elias pensou que restava apenas ele do lado do Senhor. Mas quando disse: "Sou o único que sobrou, e agora também estão procurando matar-me", a palavra do Senhor o surpreendeu: "Fiz sobrar sete mil em Israel, todos aqueles cujos joelhos não se inclinaram diante de Baal" (1Rs 19:14, 18).

Assim também, ninguém procure calcular o número dos que fazem parte de Israel hoje, mas que cada um tenha um coração semelhante ao coração de Cristo, um coração disposto a se doar para a salvação de um mundo perdido.

Josafá, o Rei que Acreditava em Deus

Com a idade de 35 anos, Josafá se tornou rei tendo como exemplo o bom rei Asa. Em quase toda crise, Asa fez "o que o Senhor aprova" (1Rs 15:11). Durante um reinado bem-sucedido de vinte e cinco anos, Josafá procurou andar "em todos os caminhos de seu pai Asa", e "não se desviou deles" (1Rs 22:43). Procurou levar seus súditos a tomarem uma posição firme contra a idolatria. A maioria do povo em todo o reino "continuou a oferecer sacrifícios e a queimar incenso" nos altares idólatras (1Rs 22:43). Desde o começo, o rei tentou proteger Judá dos pecados que marcavam o reino do norte governado por Acabe. Josafá "não consultou os baalins, mas buscou o Deus de seu pai e obedeceu aos Seus mandamentos, e não imitou as práticas de Israel". O Senhor estava com ele e "firmou o reino de Josafá" (2Cr 17:3-5).

"Todo o Judá lhe trazia presentes, de maneira que teve grande riqueza e honra" (v. 5). Com o passar do tempo, "retirou de Judá os altares idólatras e os postes sagrados" (v. 6), e "livrou o país dos prostitutos cultuais que restaram depois do reinado de seu pai Asa" (1Rs 22:46). Assim, pouco a pouco, os moradores de Judá ficaram livres dos perigos que ameaçavam seu desenvolvimento espiritual.

Por todo o reino, o povo precisava receber instruções sobre a lei de Deus. Se colocassem a vida em harmonia com a lei, eles se tornariam leais tanto a Deus como aos seus semelhantes. Sabendo disso, Josafá tomou providências para que o povo recebesse total instrução nas Escrituras Sagradas. Professores indicados pelo rei "percorreram todas as cidades do reino de Judá, levando consigo o Livro da Lei do Senhor e ensinando o povo" (2Cr 17:9). E como muitos deixaram o pecado, um reavivamento aconteceu.

A obediência à lei de Deus traz muitos privilégios. Se as influências dos ensinos da

Palavra de Deus controlassem a vida de todo homem e mulher, os problemas que agora existem na vida nacional e social desapareceriam. Em cada lar nasceria uma influência que fortaleceria homens e mulheres no discernimento espiritual e no poder moral.

Por muitos anos, Josafá viveu em paz, sem ser incomodado pelas nações vizinhas. "O temor do Senhor caiu sobre todos os reinos ao redor de Judá" (v. 10). "Josafá tornou-se cada vez mais poderoso; construiu fortalezas e cidades-armazéns em Judá. [...] Homens de combate experientes [...] eram os homens que serviam o rei" (v. 12-19). Abençoado com "grande riqueza e honra" (2Cr 18:1), Josafá tinha condições de exercer poderosa influência em favor da verdade e da justiça. Entretanto, no auge de sua prosperidade, Josafá permitiu o casamento de seu filho, Jeorão, com Atalia, filha de Acabe e Jezabel. Essa união formou entre os reis de Judá e de Israel uma aliança que, num tempo de crise, trouxe desgraça ao rei e a muitos de seus súditos.

Em uma ocasião, Josafá visitou o rei de Israel em Samaria. O hóspede real de Jerusalém recebeu honras especiais e Acabe o convenceu a se unir a Israel em uma guerra contra os sírios. Acabe esperava que pela união de suas forças com as de Judá ele poderia reconquistar Ramote-Gileade, uma das antigas cidades de refúgio que, segundo ele, por direito pertencia a Israel.

Em um momento de fraqueza, Josafá precipitadamente prometeu se unir ao rei de Israel na guerra contra os sírios. Mas, depois, pensando melhor, decidiu procurar saber a vontade de Deus sobre essa questão. "Peço-te que busques primeiro o conselho do Senhor", ele sugeriu a Acabe. Em resposta, Acabe reuniu quatrocentos falsos profetas de Samaria e perguntou-lhes: "Devemos ir à guerra contra Ramote-Gileade, ou não?" E eles responderam: "Sim, pois Deus a entregará nas mãos do rei" (v. 4, 5).

Não satisfeito, Josafá perguntou: "Não existe aqui mais nenhum profeta do Senhor, a quem possamos consultar?" (v. 6). "Ainda há um homem por meio de quem podemos consultar o Senhor", respondeu Acabe, "mas eu o odeio, porque nunca profetiza coisas boas a meu respeito, mas sempre coisas ruins. É Micaías, filho de Inlá" (1Rs 22:8). Josafá insistiu que o homem de Deus fosse chamado. Micaías disse: "Vi todo o Israel espalhado pelas colinas, como ovelhas sem pastor, e ouvi o Senhor dizer: 'Estes não têm dono. Cada um volte para casa em paz'" (v. 17).

Josafá Comete um Erro

Nem Acabe nem Josafá quiseram acatar a advertência do profeta. Acabe já tinha feito seus planos e estava decidido a seguir em frente. Josafá tinha dado sua palavra: "Estaremos contigo na guerra" (2Cr 18:3); e depois de fazer a promessa, ficou relutante

em retirar seu exército. "Então o rei de Israel e Josafá, rei de Judá, foram atacar Ramote-Gileade" (1Rs 22:29). Durante a batalha, uma flecha acertou Acabe e ele morreu.

Depois dessa desastrosa batalha, Josafá voltou para Jerusalém. O profeta Jeú foi ao seu encontro com a reprovação: "Será que você devia ajudar os ímpios e amar aqueles que odeiam o Senhor? Por causa disso, a ira do Senhor está sobre você. Contudo, existe em você algo de bom, pois você livrou a terra dos postes sagrados e buscou a Deus de todo o seu coração" (2Cr 19:2, 3). Josafá dedicou a maior parte dos últimos anos de seu reinado para fortalecer a defesa nacional e espiritual de Judá. Ele "percorreu de novo a nação, desde Berseba até os montes de Efraim, fazendo-o voltar para o Senhor, o Deus dos seus antepassados" (v. 4).

Outra ação importante tomada pelo rei foi a criação de tribunais de justiça eficientes. "Ele nomeou juízes na terra" e, ao instruí-los, Josafá advertiu: "Considerem atentamente aquilo que fazem, pois vocês não estão julgando para o homem, mas para o Senhor, que estará com vocês sempre que derem um veredito. [...] Pois o Senhor, o nosso Deus, não tolera nem injustiça nem parcialidade nem suborno" (v. 5-7).

O rei incentivou os juízes do tribunal de Jerusalém a serem fiéis. "Amarias, o sumo sacerdote, estará com vocês para decidir qualquer questão relacionada com o Senhor. [...] Os levitas atuarão como oficiais diante de vocês. Cumpram seus deveres com coragem, e esteja o Senhor com aqueles que agirem corretamente" (v. 11). Ao proteger os direitos e a liberdade de seus súditos, Josafá enfatizou que esses são dons que cada membro da família humana recebe do Deus que governa sobre todos.

Todos os que são escolhidos para agir como juízes sob Sua administração, "garantam justiça para os fracos e para os órfãos" e "mantenham os direitos dos necessitados e dos oprimidos" (Sl 82:3).

Exércitos Ameaçam Destruir Judá

Quase no fim do reinado de Josafá, "os moabitas e os amonitas [...] entraram em guerra" contra ele. A notícia da invasão se espalhou pelo reino por meio de um mensageiro que apareceu com a alarmante palavra: "Um exército enorme vem contra ti de Edom, do outro lado do mar Morto. Já está em Hazazom-Tamar, isto é, En-Gedi" [vindo da Síria] (2Cr 20:1, 2).

Josafá era um homem de coragem. Durante anos, fortaleceu seus exércitos e suas cidades fortificadas. Ele estava bem preparado para enfrentar praticamente qualquer

inimigo. Mesmo assim, em meio a essa crise, não colocou a sua confiança nas forças humanas. Unicamente pela fé viva no Deus de Israel, ele poderia esperar conquistar a vitória sobre esses pagãos que se orgulhavam de seu poder para humilhar Judá aos olhos das nações.

"Alarmado, Josafá decidiu consultar o Senhor e proclamou um jejum em todo o reino de Judá. Reuniu-se, pois, o povo, vindo de todas as cidades de Judá para buscar a ajuda do Senhor. Josafá levantou-se na assembleia de Judá e de Jerusalém, no templo do Senhor, na frente do pátio novo, e orou: 'Senhor, Deus dos nossos antepassados, [...] Tu dominas sobre todos os reinos do mundo. Força e poder estão em Tuas mãos, e ninguém pode opor-se a Ti. Não és Tu o nosso Deus, que expulsaste os habitantes desta terra perante Israel [...]?'

"'Mas agora, aí estão amonitas, moabitas e habitantes dos montes de Seir, cujos territórios não permitiste que Israel invadisse quando vinha do Egito; por isso [...] não os destruíram. Vê agora como estão nos retribuindo, ao virem expulsar-nos da terra que nos deste por herança. [...] Não temos força para enfrentar esse exército imenso que vem nos atacar. Não sabemos o que fazer, mas os nossos olhos se voltam para Ti'" (v. 3, 4, 6, 7, 10-12).

Durante anos Josafá tinha ensinado o povo a confiar nAquele que tantas vezes salvou Seus escolhidos da completa destruição, e, no momento de prova, ele não estava sozinho: "Todos os homens de Judá, com suas mulheres e seus filhos, até os de colo, estavam ali em pé, diante do Senhor" (v. 13). Unidos suplicaram ao Senhor que Ele confundisse seus inimigos:

"Ó Deus, não Te emudeças; não fiques em silêncio nem Te detenhas, ó Deus. Vê como se agitam os Teus inimigos [...].Eles dizem: "Venham, vamos destruí-los como nação, [...]é contra Ti que fazem acordo [...].Cobre-lhes de vergonha o rosto [...]. Sejam eles humilhados e aterrorizados para sempre; pereçam em completa desgraça.Saibam eles que Tu, cujo nome é Senhor, somente Tu, és o Altíssimo sobre toda a Terra." (Sl 83).

Naquele momento em que povo e rei, unidos, humilhavam-se perante Deus, o Espírito do Senhor veio sobre Jaaziel, um levita, e ele disse: "Escutem, todos os que vivem em Judá e em Jerusalém e o rei Josafá! Assim lhes diz o Senhor: 'Não tenham medo nem fiquem desanimados por causa desse exército enorme. Pois a batalha não é de vocês, mas de Deus. [...] Vocês não precisarão lutar nessa batalha. Tomem suas posições, permaneçam firmes e vejam o livramento que o Senhor lhes dará, ó Judá, ó

Jerusalém. Não tenham medo nem desanimem. Saiam para enfrentá-los amanhã, e o Senhor estará com vocês'" (2Cr 20:15-17).

Um Coral Vence a Batalha

Bem cedo na manhã seguinte, ao marcharem para o deserto de Tecoa para batalhar, Josafá disse: "'Tenham fé no Senhor, o seu Deus, e vocês serão sustentados; tenham fé nos profetas do Senhor, e terão a vitória.' Depois [...] Josafá nomeou alguns homens para cantarem ao Senhor e O louvarem pelo esplendor de Sua santidade" (v. 20, 21). Esses cantores foram à frente do exército, erguendo as vozes em louvor a Deus pela promessa de vitória.

Que maneira mais incomum de sair para a batalha – louvando e exaltando o Deus de Israel! Esse foi seu hino de batalha. Josafá e seu exército refletiam a beleza da santidade. Será que os valentes soldados de hoje, que fielmente defendem a verdade, não seriam também fortalecidos se louvassem mais a Deus?

"O Senhor preparou emboscadas contra os homens de Amom, de Moabe e dos montes de Seir, que estavam invadindo Judá, e eles foram derrotados. Os amonitas e os moabitas atacaram os dos montes de Seir para destruí-los e aniquilá-los. Depois de massacrarem os homens de Seir, destruíram-se uns aos outros" (v. 22, 23).

Deus foi a força de Judá nessa crise e hoje também Ele é a força de Seu povo. Não devemos confiar em príncipes ou colocar qualquer pessoa no lugar de Deus. Em qualquer emergência, devemos lembrar que a batalha é de Deus. Seus recursos são ilimitados. A vitória é ainda maior quando vencer parece impossível.

Carregados com os despojos, os exércitos de Judá retornaram alegres. "O Senhor os enchera de alegria, dando-lhes vitória sobre os seus inimigos. Entraram em Jerusalém e foram ao templo do Senhor, ao som de liras, harpas e cornetas" (v. 27, 28). Escolheram confiar totalmente em Deus, e Ele provou ser sua fortaleza e seu libertador. Agora poderiam cantar por experiência própria os inspirados hinos de Davi:

"Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade.

"Ele dá fim às guerras até os confins da terra; quebra o arco e despedaça a lança; destrói os escudos com fogo.

"'Parem de lutar! Saibam que Eu sou Deus! Serei exaltado entre as nações, serei exaltado na Terra.'

"O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é a nossa torre segura" (Sl 46:1, 9-11).

Por intermédio da fé dos governantes de Judá e de seus exércitos, "o temor de Deus veio sobre todas as nações, quando souberam como o Senhor havia lutado contra os inimigos de Israel. E o reino de Josafá manteve-se em paz, pois o seu Deus lhe concedeu paz em todas as suas fronteiras" (2Cr 20:29, 30).

A Queda da Casa de Acabe*

A má influência que Jezabel exerceu desde o início sobre Acabe resultou em atos de vergonha e violência. "Nunca existiu ninguém como Acabe, que se vendeu para fazer o que o Senhor reprova, pressionado por sua mulher Jezabel" (1Rs 21:25). Acabe, motivado por Jezabel para praticar o mal, seguiu os desejos de seu perverso coração, até que foi totalmente dominado pelo egoísmo. Ele achava que tinha direito de ter tudo o que desejasse.

Esse traço dominante de Acabe se revelou em um incidente que ocorreu enquanto Elias ainda era profeta em Israel. Bem junto ao palácio do rei ficava uma plantação de uvas que pertencia a um homem chamado Nabote. Acabe decidiu que aquela vinha seria sua. "'Dê-me a sua vinha', ele disse a Nabote, 'para eu usar como horta, já que fica ao lado do meu palácio. Em troca eu lhe darei uma vinha melhor ou, se preferir, eu lhe pagarei, seja qual for o seu valor'" (v. 2).

A vinha tinha pertencido aos pais de Nabote, por isso ele não aceitou a proposta. "O Senhor me livre de dar a ti a herança dos meus pais!" (v. 3).

O rei egoísta ficou doente por Nabote ter recusado sua oferta. "Acabe foi para casa aborrecido e indignado. [...] Deitou-se na cama, virou o rosto para a parede e recusou-se a comer" (v. 4). Jezabel logo descobriu o que tinha acontecido e ficou indignada de saber que um súdito tinha se recusado a atender a um pedido do rei. Ela garantiu a Acabe que ele não precisava mais ficar triste. "É assim que você age como rei de Israel?", disse ela. "Levante-se e coma! Anime-se. Conseguirei para você a vinha de Nabote" (v. 7).

Jezabel imediatamente colocou seus planos malignos em ação. Ela escreveu cartas

em nome do rei e as enviou aos anciãos e nobres da cidade em que Nabote morava, dizendo: "Ponham Nabote sentado num lugar de destaque entre o povo. E mandem dois homens vadios sentar-se em frente dele e façam com que testemunhem que ele amaldiçoou tanto a Deus quanto ao rei. Levem-no para fora e apedrejem-no até a morte" (v. 9, 10).

Os líderes obedeceram à ordem. "As autoridades e os nobres da cidade [...] fizeram conforme Jezabel os orientara nas cartas que lhes tinha escrito" (v 11). Então Jezabel foi ao rei e disse que se levantasse e tomasse posse da vinha. Assim, Acabe desceu para tomar posse da cobiçada propriedade.

O rei não pôde aproveitar o que tinha conquistado pelo roubo e pelo assassinato. "A palavra do Senhor veio a Elias, dizendo: 'Vá encontrar-se com Acabe, o rei de Israel. [...] Agora ele está na vinha de Nabote para tomar posse dela. Diga-lhe que assim diz o Senhor: 'Você assassinou um homem e ainda se apossou de sua propriedade?'" (v. 18, 19). Mais tarde, o Senhor orientou Elias para que pronunciasse sobre Acabe um terrível juízo.

Cheio de culpa e surpreso por encontrar o firme profeta face a face na vinha, o rei falou, com medo: "Então você me encontrou, meu inimigo!" (v. 20).

Sem hesitar, o mensageiro do Senhor respondeu: "Eu o encontrei [...] porque você se vendeu para fazer o que o Senhor reprova." "E Ele diz: 'Vou trazer desgraça sobre você. Devorarei os seus descendentes'" (v. 20, 21). A casa de Acabe deveria ser totalmente destruída. E a respeito de Jezabel, o Senhor declarou: "'Os cães devorarão Jezabel junto ao muro de Jezreel.' Os cães comerão os que pertencem a Acabe e que morrerem na cidade, e as aves do céu se alimentarão dos que morrerem no campo" (v. 23, 24).

Quando o rei ouviu essa mensagem aterrorizante, "rasgou as suas vestes, vestiu-se de pano de saco e jejuou. Passou a dormir sobre panos de saco e agia com mansidão" (v. 27).

"Então a Palavra do Senhor veio ao tesbita Elias, dizendo: 'Você notou como Acabe se humilhou diante de Mim? Visto que se humilhou, não trarei essa desgraça durante o seu reinado, mas durante o reinado de seu filho'" (v. 28, 29).

Acazias Segue os Caminhos de Seus Pais

Menos de três anos depois, o rei Acabe morreu nas mãos dos sírios. Acazias, seu sucessor, "fez o que o Senhor reprova. [...] Prestou culto a Baal e o adorou, provocando assim a ira do Senhor, o Deus de Israel, como o seu pai tinha feito" (2Rs 22:52, 53). Mas

os juízos vieram em seguida. Uma guerra desastrosa contra Moabe e depois um acidente que colocou sua própria vida em risco demonstraram a ira de Deus contra ele. Depois de cair "da sacada do seu quarto", Acazias ficou gravemente ferido e enviou alguns de seus servos para perguntarem a Baal-Zebube se ele sararia ou não. Acreditava-se que o deus de Ecrom dava informações sobre o que aconteceria no futuro por intermédio de um de seus sacerdotes, mas as previsões vinham do príncipe das trevas.

Um homem de Deus se encontrou com os servos de Acazias e enviou a seguinte mensagem ao rei: "Acaso não há Deus em Israel? Por que vocês vão consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Por isso você não se levantará mais dessa cama e certamente morrerá!" (2Rs 1:3, 4).

Assustados, os servos voltaram depressa ao rei, e repetiram as palavras do homem de Deus. O rei perguntou: "Como era o homem que os encontrou e lhes disse isso?" Eles responderam: "Ele vestia roupas de pelos e usava um cinto de couro." "Era o tesbita Elias", exclamou Acazias (v. 7, 8). Ele sabia que se fosse mesmo Elias, as palavras de condenação certamente se cumpririam.

Ansioso por reverter a sentença, Acazias ordenou que o profeta viesse até ele. Duas vezes Acazias enviou soldados para intimidar o profeta e duas vezes a ira de Deus caiu sobre eles como juízo. A terceira companhia de soldados humilhou-se diante de Deus, e seu capitão "caiu de joelhos diante de Elias e implorou: 'Homem de Deus, tem consideração por minha vida e pela vida destes cinquenta soldados, teus servos!'

"O anjo do Senhor disse a Elias: 'Acompanhe-o; não tenha medo dele.' Então Elias se levantou, desceu com ele e foi falar com o rei. Ao chegar, disse ao rei: 'Assim diz o Senhor: 'Acaso não há Deus em Israel? Por que você mandou consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Por isso você não se levantará mais dessa cama e certamente morrerá!'" (v. 13-16).

Durante o reinado de seu pai, Acazias tinha visto os terríveis castigos que Deus tinha dado a Israel por abandonar sua fé. Viu a maneira como Ele trata os que colocam de lado a Sua lei; mesmo assim, agiu como se essas evidências horríveis fossem apenas histórias sem sentido. Finalmente decidiu seguir Baal e, por meio dessa decisão, demonstrou a mais ousada rejeição de Deus. Rebelde e sem disposição de se arrepender, "Acazias morreu, conforme a palavra do Senhor anunciada por Elias" (v. 17).

Formas Satânicas de Culto em Nossos Dias

Hoje em dia, as pessoas talvez não se ajoelhem diante de deuses pagãos; porém, milhares estão adorando no altar de Satanás assim como o rei de Israel. O espírito de idolatria está em todo lugar, apesar de ter assumido formas mais refinadas e atrativas do que nos dias de Acazias, quando enviou mensageiros ao deus de Ecrom. A fé na segura Palavra da Profecia está em decadência e, em seu lugar, superstições e magia cativam a mente de muitos. Os mistérios do culto pagão são substituídos pelo ocultismo e fenômenos dos médiuns espíritas. As revelações desses médiuns são recebidas com interesse por milhares que se recusam a aceitar a luz por meio da Palavra de Deus. Há muitos que nem podem se imaginar consultando médiuns espíritas, mas são atraídos por formas mais agradáveis do espiritismo. Outros são desviados pelos ensinos da Ciência Cristã e pelo misticismo da Teosofia e outras religiões orientais.

Os apóstolos de quase todas as formas de espiritismo declaram ter poder para curar. Muitas pessoas procuram esses curandeiros em vez de confiar no poder do Deus vivo e na habilidade de médicos bem qualificados. A mãe, ao lado da cama de seu filhinho enfermo, exclama: "Não existe nenhum médico que possa curar meu filho?" Alguém lhe conta a respeito das maravilhosas curas realizadas por algum curandeiro, e ela decide confiar seu filhinho querido a seus cuidados, colocando a criança nas mãos de Satanás como se de fato ele estivesse ao seu lado. Em muitos casos, a vida futura da criança é controlada por um poder satânico.

Deus tinha motivos para reprovar a infidelidade de Acazias. O que Ele deixou de fazer para inspirar o povo de Israel a confiar em Seu amor? Mesmo assim, o rei de Israel decidiu se desviar de Deus para pedir ajuda ao pior inimigo de Seu povo, declarando aos pagãos com essa atitude que ele confiava mais nos ídolos deles do que no Deus do Céu. É uma desonra quando homens e mulheres evitam a Fonte de força e sabedoria para buscar auxílio ou conselho dos poderes das trevas.

Os que se entregam aos enganos de Satanás podem achar que receberam grandes benefícios, mas isso prova que seu comportamento é sábio ou seguro? E se a vida for prolongada? E se conseguirem vantagens mundanas? No fim, será que valerá a pena ter desrespeitado a vontade de Deus? Todas as aparentes vantagens, no fim, provarão ser uma perda irreparável.

Depois de Acazias, veio Jorão, seu irmão, que reinou por doze anos. Durante esses anos, Jezabel ainda estava viva, e continuou a exercer sua má influência sobre a nação. Jorão "fez o que o Senhor reprova, mas não como seu pai e sua mãe, pois derrubou a

coluna sagrada de Baal, que seu pai havia feito. No entanto, persistiu nos pecados que Jeroboão, filho de Nebate, levara Israel a cometer e deles não se afastou" (2Rs 3:2, 3).

Foi durante o reinado de Jorão sobre Israel que Josafá morreu, e seu filho, chamado Jeorão, assumiu o trono do reino de Judá. Por ter se casado com a filha de Acabe e Jezabel, Jeorão de Judá estava intimamente ligado ao rei de Israel e seguiu Baal, "como a família de Acabe havia feito". "Ele até construiu altares idólatras nas colinas de Judá, levando o povo de Jerusalém a prostituir-se e Judá a desviar-se" (2Cr 21:6, 11).

Deus não permitiu que o rei de Judá seguisse com esse terrível abandono da fé sem ser repreendido. O profeta Elias não poderia ficar em silêncio enquanto o reino de Judá seguia o mesmo caminho que tinha levado o reino do norte à beira da destruição. O profeta enviou a Jeorão de Judá uma mensagem escrita, em que o perverso rei leu as terríveis palavras:

"Assim diz o Senhor, o Deus de Davi, seu antepassado: 'Você não tem andado nos caminhos de seu pai Josafá nem de Asa, rei de Judá, mas sim nos caminhos dos reis de Israel, levando Judá e o povo de Jerusalém a se prostituírem [...]. E ainda assassinou seus próprios irmãos, membros da família de seu pai, homens que eram melhores do que você. Por isso o Senhor vai ferir terrivelmente seu povo, seus filhos, suas mulheres e tudo o que é seu. Você ficará muito doente" (v. 12-15).

Em cumprimento dessa profecia, "o Senhor despertou contra Jeorão a hostilidade dos filisteus e dos árabes [...]. Eles [...] levaram todos os bens que encontraram no palácio do rei, e também suas mulheres e seus filhos. Só ficou Acazias, o filho mais novo.

"Depois de tudo isso, o Senhor afligiu Jeorão com uma doença incurável nos intestinos. Algum tempo depois, ao fim do segundo ano, [...] ele morreu sofrendo dores horríveis."

"E seu filho Acazias foi o seu sucessor" (2Cr 21:16-19; 2Rs 8:24).

Acazias subiu ao trono de Judá e reinou apenas um ano. Durante esse tempo, influenciado por sua mãe, Atalia, "andou nos caminhos da família de Acabe, pois sua mãe lhe dava maus conselhos. Ele fez o que o Senhor reprova" (2Cr 22:3, 4). Jezabel, sua avó, ainda era viva e ele se tornou um grande aliado de Jorão de Israel, seu tio.

Os membros sobreviventes da casa de Acabe foram sem dúvida "seus conselheiros,

para a sua ruína" (v. 4). Enquanto Acazias visitava o tio em Jezreel, Deus orientou o profeta Eliseu a enviar um dos filhos dos profetas a Ramote-Gileade para ungir Jeú como rei de Israel. Nessa época, as forças reunidas de Judá e Israel estavam envolvidas numa batalha contra os sírios. Jorão tinha sido ferido em combate e retornou a Jezreel, deixando Jeú no comando dos exércitos. O mensageiro de Eliseu deu a Jeú uma missão especial, enviada pelo Céu: "Você dará fim à família de Acabe, seu senhor, e assim Eu vingarei o sangue de Meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor [...]. Toda a família de Acabe perecerá (2Rs 9:7, 8).

Jeú Assume o Reinado

Depois de ser proclamado rei pelo exército, Jeú foi imediatamente para Jezreel e iniciou a obra de execução. Jorão de Israel, Acazias de Judá, Jezabel, a rainha-mãe, e "todos os que restavam da família de Acabe em Jezreel" foram mortos, como também "todos os seus aliados influentes, os seus amigos pessoais e os seus sacerdotes". O templo de Baal foi destruído e os ídolos foram queimados. "Assim Jeú eliminou a adoração a Baal em Israel" (2Rs 10:11, 28).

A notícia dessa execução geral chegou até Atalia, filha de Jezabel, que ainda ocupava uma posição de autoridade no reino de Judá. Quando ela soube que seu filho, o rei de Judá, estava morto, "mandou matar toda a família real de Judá" (2Cr 22:10). Nesse massacre todos os descendentes de Davi que poderiam ocupar o trono foram destruídos, com exceção de um, uma criança de nome Joás, que foi escondida dentro do templo pela esposa de Joiada, o sumo sacerdote. Durante seis anos a criança ficou ali escondida, "enquanto Atalia governava o país" (v. 12).

No fim desse período, "os levitas e todos os homens de Judá" (2Cr 23:8) uniram-se com Joiada, o sumo sacerdote, para coroar e ungir o pequeno Joás, aclamando-o rei, "e o povo aplaudia e gritava: 'Viva o rei!'" (2Rs 11:12).

"Quando Atalia ouviu o barulho do povo correndo e aclamando o rei, foi ao templo do Senhor, onde estava o povo" (2Cr 23:12).

"Ela viu o rei, conforme o costume, em pé junto à coluna. Os oficiais e os tocadores de corneta estavam ao lado do rei, e todo o povo se alegrava ao som das cornetas. Então Atalia rasgou suas vestes e gritou: 'Traição! Traição!'" (2Rs 11:14). Mas Joiada ordenou a seus oficiais que a prendessem junto com todos os seus seguidores e os tirassem para fora do templo, para o lugar da execução, onde deveriam ser mortos.

Assim morreu o último membro da casa de Acabe. O terrível mal que a aliança de

Acabe com Jezabel produziu continuou até que o último de seus descendentes fosse destruído. Logo depois que a perversa rainha Atalia foi morta, "todo o povo foi ao templo de Baal e o derrubou. Despedaçaram os altares e os ídolos e mataram Matã, sacerdote de Baal, em frente dos altares" (2 Rs 11:18).

Em seguida começou uma reforma. Os que participaram da coroação de Joás como rei tinham feito o pacto solene de que seriam "o povo do Senhor". E agora que a filha de Jezabel tinha sido tirada do reino de Judá, os sacerdotes de Baal tinham sido mortos e seu templo destruído, "todo o povo se alegrou. A cidade acalmou-se" (2Cr 23:16, 21).

---

* Este capítulo se baseia em 1 Reis 21; 2 Reis 1.

O Sucessor de Elias

Deus havia ordenado que Elias ungisse outro profeta em seu lugar – "Eliseu, filho de Safate" (1Rs 19:16). Em obediência à ordem, Elias saiu à procura de Eliseu. Ao viajar em direção do norte, notou com que rapidez a paisagem já tinha mudado! Por todos os lados brotava a vegetação, como que para compensar o longo período de seca e fome.

O pai de Eliseu era um rico fazendeiro, cuja família não tinha dobrado os joelhos a Baal. Deus era honrado em seu lar. Na tranquilidade da vida campestre, sendo ensinado por Deus e pela natureza e disciplinado pelo trabalho útil, Eliseu desenvolveu hábitos de simplicidade e de obediência a seus pais e a Deus. Essa educação o ajudou a se preparar para a importante posição que mais tarde seria chamado a ocupar.

Eliseu recebeu o chamado profético quando arava o campo. Ele tinha escolhido se dedicar ao trabalho que estava mais próximo. Possuía um temperamento manso e gentil, mas também era enérgico e firme. Adquiriu força de caráter ao realizar seu humilde trabalho, crescendo cada vez mais em graça e conhecimento. Enquanto cooperava com o pai nos deveres do lar, ele aprendia a cooperar com Deus. Ao ser fiel nas pequenas coisas, Eliseu se preparava para assumir maiores responsabilidades. Dia a dia desenvolvia suas habilidades para realizar um trabalho superior. Ao aprender a servir, Eliseu aprendeu também a instruir e liderar. Ninguém compreende os propósitos de Deus em Sua disciplina, mas podemos estar certos de que a fidelidade nas pequenas coisas revela a capacidade para assumir grandes responsabilidades. Deus pode honrar com um dever mais elevado somente aquele que prova ser nos pequenos deveres um "obreiro que não tem do que se envergonhar" (2Tm 2:15).

Muitos acham que sua vida é inútil, que nada estão fazendo para o avanço do reino

de Deus. Porque só podem servir em pequenas coisas, concluem que estão desculpados por nada fazer. Estão enganados. Uma pessoa pode ser ativa no serviço de Deus enquanto realiza os deveres comuns do dia a dia – enquanto derruba árvores, abre clareiras ou ara o campo. A mãe que educa os filhos para Cristo está trabalhando para Deus da mesma forma que o pregador no púlpito.

Muitos sonham possuir talento especial para realizar uma grande obra, enquanto não reconhecem os pequenos deveres diante de si. Que essas pessoas realizem as atividades que estão em seu caminho. O fato de possuirmos talentos maravilhosos não nos capacita a prestar um serviço aceitável, mas sim o fato de cumprir os deveres diários dando o nosso melhor, ter um coração alegre e demonstrar interesse sincero pelo bem-estar dos outros. As tarefas mais comuns, realizadas com fidelidade e amor, são belas à vista de Deus.

Elias passou pelo campo em que Eliseu estava arando e colocou seu próprio manto sobre os ombros do jovem em sinal de consagração. Durante o período de fome, a família de Safate tinha se familiarizado com a obra e missão de Elias, e agora o Espírito do Senhor impressionou Eliseu de que Deus o estava chamando para ser o sucessor de Elias.

"Eliseu deixou os bois e correu atrás de Elias. 'Deixa-me dar um beijo de despedida em meu pai e minha mãe', disse, 'e então irei contigo'. 'Vá e volte', respondeu Elias; 'lembre-se do que fiz a você' (1Rs 19:20). A resposta de Elias representava um teste de fé. Eliseu deveria avaliar o preço – decidir por si mesmo a aceitar ou rejeitar o chamado. Se seus desejos se apegassem ao lar e suas vantagens, ele estava livre para permanecer ali.

Mas Eliseu compreendeu o significado do chamado e não hesitou em obedecer. Nenhuma vantagem deste mundo o faria recusar a oportunidade de se tornar um mensageiro de Deus, ou rejeitar o privilégio de estar na companhia de Seu servo. Ele "apanhou a sua parelha de bois e os matou. Queimou o equipamento de arar para cozinhar a carne e a deu ao povo, e eles comeram. Depois partiu com Elias, tornando-se o seu auxiliar" (1Rs 19:21). Sem pensar duas vezes, deixou um lar onde era amado, para auxiliar o profeta em sua vida incerta.

O Jovem que Rejeitou o Chamado

O chamado que Eliseu recebeu foi muito parecido com o convite que Cristo fez ao jovem que Lhe perguntou: "'Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?' Jesus respondeu: 'Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres,

e você terá um tesouro nos Céus. Depois, venha e siga-Me" (Mt 19:16, 21).

Eliseu aceitou o chamado para o serviço sem olhar para trás e considerar os prazeres e confortos que estava deixando. Em contraste, o jovem rico, "afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas" (v. 22). O amor que sentia por suas riquezas era maior que seu amor a Deus. Ele provou não ser digno de um lugar na obra do Mestre.

Nem todos nós somos chamados a servir como Eliseu serviu, nem a vender tudo o que possuímos; mas Deus nos pede que coloquemos Seu reino em primeiro lugar em nossa vida, e não permitamos que se passe um dia sequer sem que façamos alguma coisa para avançar a Sua obra. Uma pessoa pode ser chamada para trabalhar em outro país; outra pode ser chamada a financiar a pregação do evangelho. Deus aceita a oferta de cada um. O que é necessário é consagrar a vida e todos os nossos interesses.

A todas as pessoas que vivenciam a Sua graça, o Senhor aponta uma obra a ser feita em favor do próximo. Devemos dizer: "Eis-me aqui, envia-me!" (Is 6:8). Não importa se servimos como pastor, médico, comerciante, fazendeiro, profissional ou mecânico, nosso trabalho é revelar o evangelho aos outros.

No início, Eliseu não recebeu uma grande missão. A Bíblia diz que ele derramava água nas mãos de Elias, seu mestre. Eliseu estava disposto a fazer tudo o que o Senhor ordenasse, e a cada passo ele provava ser fiel nas pequenas coisas. Eliseu se empenhava na missão que tinha recebido de Deus com uma dedicação que ficava mais forte a cada dia.

Depois de se unir a Elias, Eliseu foi tentado a pensar no lar que tinha deixado, mas decidiu não voltar atrás, e através de provações e lutas provou ser digno do chamado que recebeu.

O ministério envolve muito mais que pregar a Palavra. Significa treinar jovens como Elias treinou Eliseu, colocando sobre eles responsabilidades na obra de Deus – pequenas a princípio, e maiores à medida que adquirem força e experiência. Pastores de fé e oração podem dizer: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam – isto proclamamos a respeito da Palavra da vida" (1Jo 1:1). Servos de Deus experientes devem treinar de maneira prática obreiros jovens e inexperientes.

Deus honra os jovens ao escolhê-los para trabalhar em Sua obra, e eles devem ser fiéis, obedientes e estar dispostos ao sacrifício. Se eles aceitarem a disciplina de Deus, escolhendo Seus servos para serem seus conselheiros, eles se tornarão obreiros firmes e

de princípios elevados, a quem Deus pode confiar responsabilidades.

Os Grandes Resultados do Trabalho de Elias

À medida que o evangelho for proclamado em sua pureza, pessoas serão chamadas a deixar de lado o arado e as atividades comerciais comuns para ser instruídas de maneira prática por obreiros experientes. Ao aprenderem a trabalhar com eficiência, proclamarão a verdade com poder. Montanhas de dificuldades serão lançadas no mar por meio da atuação maravilhosa de Deus. A mensagem que significa tanto para os habitantes da Terra será ouvida e entendida. A obra avançará mais e mais até que toda a Terra seja advertida; e então virá o fim.

Elias e Eliseu trabalharam juntos por vários anos. Elias foi o instrumento usado por Deus para derrotar males gigantescos. Seus esforços colocaram um fim na idolatria que Acabe e a pagã Jezabel tinham introduzido na nação. Os profetas de Baal foram mortos. Israel foi finalmente despertado, e muitos estavam voltando a adorar a Deus. Eliseu deveria então guiar Israel em caminhos seguros, instruindo o povo com dedicação e paciência. A convivência com Elias, o maior profeta desde Moisés, preparou Eliseu para a obra que em breve deveria assumir sozinho.

De tempos em tempos, durante esses anos, Elias combatia pecados públicos com severas repreensões. Quando Acabe se apossou da vinha de Nabote, a voz de Elias profetizou sua condenação e a condenação de toda a sua casa. E quando Acazias deixou o Deus vivo para adorar Baal-Zebube, Elias protestou com determinação e coragem.

As escolas dos profetas, fundadas por Samuel, tinham entrado em decadência durante os anos da apostasia de Israel. Elias recuperou essas escolas para garantir que os jovens adquirissem uma educação que os levasse a engrandecer e honrar a lei de Deus. A Bíblia menciona três dessas escolas – a de Gilgal, de Betel e a de Jericó. Pouco antes de Elias ser levado para o Céu, ele e Eliseu visitaram esses centros de educação. Desta vez, Elias repetiu as lições que tinha ensinado em visitas anteriores. Ele instruiu em especial os alunos a permanecerem leais ao Deus do Céu. Procurou também deixar gravado na mente deles a importância de manterem cada aspecto de sua educação livre do orgulho e do exibicionismo. Somente assim eles poderiam ser moldados à semelhança do Céu e trabalhar nos caminhos do Senhor.

Elias ficou muito feliz com o resultado do trabalho dessas escolas. A reforma ainda não estava completa, mas para ele ali estava a prova de que estas palavras do Senhor eram verdadeiras: "No entanto, fiz sobrar sete mil em Israel, todos aqueles cujos joelhos não se inclinaram diante de Baal e todos aqueles cujas bocas não o beijaram" (1Rs

19:18).

Ao acompanhar o profeta de escola em escola, a fé e o comprometimento de Eliseu foram mais uma vez provados. O profeta deu a ele a chance de voltar: "Fique aqui", disse Elias, "pois o Senhor me enviou a Betel" (2Rs 2:2). Mas Eliseu tinha aprendido a não desanimar, e estava decidido a não deixar seu mestre enquanto tivesse oportunidade de se preparar mais e mais para a missão que recebeu.

Deus revelou a Elias que ele seria trasladado, mas Elias não sabia que Deus também tinha revelado isso aos seus discípulos na escola dos profetas e a Eliseu. Também por esse motivo, Eliseu não queria sair do lado dele. Todas as vezes que Elias lhe fez o convite para voltar, sua resposta foi a mesma: "Não te deixarei" (v. 2).

"Então partiram juntos. [...] Elias tirou o manto, enrolou-o e com ele bateu nas águas [do Rio Jordão]. As águas se dividiram, e os dois atravessaram em chão seco. Depois de atravessar, Elias disse a Eliseu: 'O que posso fazer em seu favor antes que eu seja levado para longe de você?'" (v. 6-9).

O maior desejo de Eliseu era receber uma grande porção do Espírito que Deus tinha derramado sobre Elias, que estava para ser honrado com a trasladação. Ele sabia que nada, a não ser o Espírito que acompanhava Elias, poderia capacitá-lo para a missão que Deus o havia chamado a cumprir em Israel. Assim, respondeu: "Peço-te que haja porção dobrada do teu espírito sobre mim" (v. 9, ARC).

Em resposta ao pedido, Elias disse: "'Seu pedido é difícil; mas, se você me vir quando eu for separado de você, terá o que pediu; do contrário, não será atendido.' De repente, enquanto caminhavam e conversavam, apareceu um carro de fogo puxado por cavalos de fogo que os separou, e Elias foi levado aos Céus num redemoinho" (v. 10, 11).

Muitos Serão Trasladados Sem Passar pela Morte

Elias representa a experiência do povo de Deus que estará vivo por ocasião da segunda vinda de Cristo e que serão "transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta" sem passar pela morte (1Co 15:51, 52). Como representante dos que serão trasladados, Elias recebeu permissão para estar, junto a Moisés, ao lado do Salvador no monte da transfiguração. Os discípulos viram Jesus revestido com a luz do Céu; ouviram a voz que "saiu da nuvem" (Lc 9:35, ARC), reconhecendo-O como o Filho de Deus. Viram Moisés, representando os que serão ressuscitados da morte por ocasião da segunda vinda. E viram também Elias, representando os que, no fim da história da Terra, serão transformados de seu estado

mortal para o imortal e trasladados para o Céu sem ver a morte.

No deserto, sozinho e desanimado, Elias havia orado pedindo a morte. Deus, porém, ainda tinha uma grande obra para ele fazer. E quando concluísse essa obra, ele não pereceria na solidão e no desânimo. Seu destino não era a sepultura, mas subir com os anjos de Deus à presença de Sua glória.

"E quando já não podia mais vê-lo, Eliseu [...] pegou o manto de Elias, que tinha caído, e voltou para a margem do Jordão. Então bateu nas águas do rio com o manto e perguntou: 'Onde está agora o Senhor, o Deus de Elias?' Tendo batido nas águas, elas se dividiram e ele atravessou. Quando os discípulos dos profetas, vindos de Jericó, viram isso, disseram: 'O espírito profético de Elias repousa sobre Eliseu'" (2Rs 2:12-15)

Quando o Senhor vê que chegou a hora de retirar de Sua obra aqueles a quem Ele tem dado sabedoria, Ele fortalece seus sucessores, se eles se voltarem para Ele em busca de auxílio e andarem em Seus caminhos. Eles podem ser até mesmo mais sábios que seus antecessores, pois podem aprender com suas experiências.

A partir desse dia, Eliseu ocupou o lugar de Elias. Aquele que tinha sido fiel no pouco, deveria provar agora ser fiel também no muito.

A Purificação das Águas

Depois de atravessar o Jordão, o povo de Israel tinha acampado no vale às margens do rio, repleto de campos de cereais e florestas de árvores frutíferas. Diante deles estava Jericó, o centro de adoração a Astarote, a forma mais imoral de idolatria cananeia que existia. Não demorou muito e os muros dessa cidade foram derrubados. Quando isso aconteceu, Josué fez a solene declaração: "Maldito seja diante do Senhor o homem que reconstruir a cidade de Jericó: 'Ao preço de seu filho mais velho lançará os alicerces da cidade; ao preço de seu filho mais novo porá suas portas!'"(Js 6:26).

Cinco séculos depois, o local ainda se encontrava em ruínas, amaldiçoado por Deus. Até mesmo as nascentes de água sofreram as terríveis consequências da maldição. No entanto, quando Jezabel influenciou o reavivamento da adoração a Astarote, Jericó, a antiga sede desse culto, foi reconstruída, mas com terríveis consequências para o seu reconstrutor. Hiel, de Betel, "lançou os alicerces à custa da vida do seu filho mais velho, Abirão, e instalou as suas portas à custa da vida do seu filho mais novo, Segube, de acordo com a palavra que o Senhor tinha falado por meio de Josué" (1Rs 16:34).

Próximo de Jericó estava uma das escolas dos profetas, e Eliseu foi para lá depois da trasladação de Elias. Durante a visita, os homens da cidade procuraram o profeta dizendo: "'Como podes ver, esta cidade está bem localizada, mas a água não é boa e a terra é improdutiva.' E disse ele: 'Ponham sal numa tigela nova e tragam-na para mim'. Quando a levaram, ele foi à nascente, jogou o sal ali e disse: 'Assim diz o Senhor: 'Purifiquei esta água. Não causará mais mortes nem deixará a terra improdutiva'" (2Rs 2:19-21).

As águas de Jericó foram purificadas pela intervenção miraculosa de Deus. Por

meio dessa demonstração de compaixão, Ele que "faz raiar o Seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos" (Mt 5:45), viu uma oportunidade de revelar Seu desejo de sarar Israel de seus males espirituais.

A restauração foi duradoura. As águas desse lugar têm fluído através dos séculos, fazendo daquela parte do vale um oásis de beleza.

O Senhor Ainda Purifica as Águas Amargas

Ao lançar o sal na nascente amarga, Eliseu ensinou a mesma lição espiritual que o Salvador deu séculos mais tarde: "Vocês são o sal da terra" (Mt 5:13). As águas foram purificadas ao misturar o sal com a nascente poluída. Ao comparar Seus filhos ao sal, Deus revela Seu desejo de que eles se tornem Seus instrumentos na salvação de outros, para que, por meio deles, o mundo possa receber a graça que traz a salvação.

O mundo necessita ver o cristianismo sincero e genuíno na prática. O veneno do pecado está atuando no coração da sociedade. Cidades e vilas estão mergulhadas na degradação moral, no sofrimento e na maldade. Pessoas maltratadas pela pobreza e ansiedade se sentem esmagadas pela culpa e morrem por falta de uma influência salvadora. Elas entram em contato com o evangelho da verdade; no entanto, morrem porque o exemplo dos que deviam ser um cheiro de vida, é um cheiro de morte. O coração sedento dessas pessoas bebe águas amargas, porque as nascentes estão envenenadas.

Para preservar um alimento, é necessário acrescentar sal e misturá-lo bem de forma que penetre e passe a fazer parte dele. Com as pessoas não é diferente. É por meio do contato pessoal que elas são alcançadas pelo poder salvador do evangelho. A influência pessoal é um poder que atua com a influência de Cristo para elevar onde Cristo eleva, ensinar princípios corretos e impedir o progresso da corrupção do mundo. Essa influência deve melhorar, adocicar a vida de outros por meio de um exemplo puro unido à fé e ao amor.

A nascente poluída de Jericó representa a vida dos que estão separados de Deus. O pecado destrói no coração humano tanto o desejo como a capacidade de conhecer a Deus. O organismo humano inteiro entra em desordem, a mente é pervertida, a imaginação degradada. Por falta de força moral para vencer, a vida é rebaixada.

Entretanto, tudo muda para o coração que Deus purifica. O Espírito de Deus produz nova vida, levando os pensamentos e os desejos à obediência à vontade de Cristo e renovando o interior à imagem de Deus. Homens e mulheres fracos e falhos

mostram ao mundo que o poder redentor da graça é capaz de fazer com que um caráter defeituoso se desenvolva e produza muitos frutos.

O coração que recebe a Palavra de Deus não é como uma garrafa trincada de água que deixa o precioso líquido vazar, mas é como o riacho da montanha, alimentado por nascentes que nunca secam, cujas águas cristalinas revigoram o cansado, o sedento e o carregado de cargas. É como um rio sempre a fluir: à medida que segue seu curso, torna-se mais largo e mais profundo, até que suas águas vivificantes se espalham sobre toda a terra. A corrente de água faz crescer a vegetação e seus frutos. Quando a terra fica descoberta e ressecada por causa do calor escaldante do verão, uma linha de vegetação viva marca o curso do rio.

Assim também é com o verdadeiro filho de Deus. Ao abrirmos o coração para a influência celestial da verdade e do amor, esses princípios fluirão como um rio no deserto, levando fertilidade onde agora tudo é estéril e seco.

Os que foram purificados por meio do conhecimento da verdade bíblica beberão a cada dia das fontes sem fim da graça e do conhecimento. Descobrirão que seu próprio coração está a transbordar com o Espírito de seu Mestre; e, por meio de seu ministério abnegado, muitos receberão auxílio físico, mental e espiritual. Os cansados serão revigorados, a saúde dos enfermos será restaurada e o carregado de pecados será liberto.

"Deem, e lhes será dado", pois a palavra de Deus é "uma fonte de jardim, um poço de águas vivas, que descem do Líbano" (Lc 6:38; Ct 4:15).

Eliseu, o Bondoso Profeta da Paz*

Deus confiou mensagens de condenação e juízo a Elias, que ergueu sua voz para reprovar o pecado com ousadia e coragem. A missão de Eliseu, porém, era mais pacífica – ele deveria fortalecer a obra que Elias tinha começado, ensinar ao povo o caminho do Senhor. A Bíblia descreve Eliseu entrando em contato pessoal com o povo, levando cura e alegria.

Eliseu tinha um coração manso e bondoso, mas podia também ser severo, como vemos no caso dos jovens que zombaram dele quando viajava para Betel. Eles tinham ouvido a respeito da trasladação de Elias e fizeram desse evento solene um motivo de gozação, dizendo a Eliseu: "Suma daqui, careca!" (2Rs 2:23). Inspirado pelo Todo-Poderoso, o profeta pronunciou uma maldição sobre eles. O terrível juízo que se seguiu veio de Deus. "Então, duas ursas saíram do bosque, e despedaçaram quarenta e dois meninos" (v. 24).

Se Eliseu tivesse deixado a zombaria passar por alto, o povo teria continuado a ridicularizá-lo e a insultá-lo, e sua missão, naquele momento de grande perigo nacional, poderia ter fracassado. Esse único exemplo de severo juízo foi suficiente para exigir respeito pelo resto de sua vida. Durante cinquenta anos ele viajou de cidade em cidade, passando pelo meio de multidões ignorantes, jovens sem limites, mas ninguém ousou zombar do profeta do Altíssimo.

Até mesmo a bondade deve ter limites. É um engano achar que amor e carinho por parte dos pais é o mesmo que mimar e fazer a vontade dos filhos, pois esses são um dos piores males que podem ser cometidos contra a juventude. Firmeza e exigências positivas são essenciais em toda família.

Toda criança deve aprender a mostrar verdadeira reverência para com Deus. Deve aprender a nunca pronunciar o Seu nome em tom de brincadeira ou de maneira descuidada. As crianças devem respeitar os representantes de Deus – pastores, professores e pais – que são chamados para agir em Seu lugar. Ao respeitá-los, elas honram a Deus.

Hospitalidade Recompensada

A bondade de Eliseu o capacitou a influenciar de forma poderosa a vida de muitos em Israel. Podemos ver isso na história de sua relação de amizade com a família de Suném. Em suas viagens para um lado e para outro, "certo dia, Eliseu foi a Suném, onde uma mulher rica insistiu que ele fosse tomar uma refeição em sua casa. Depois disso, sempre que passava por ali, ele parava para uma refeição" (2Rs 4:8). A dona da casa percebeu que Eliseu era "um santo homem de Deus", e disse ao marido: "Vamos construir lá em cima um quartinho de tijolos e colocar nele uma cama, uma mesa, uma cadeira e uma lamparina para ele. Assim, sempre que nos visitar ele poderá ocupá-lo" (v. 9, 10). Eliseu se hospedou muitas vezes nesse lugar de paz. E a bondade da mulher não passou despercebida aos olhos de Deus. Ela não tinha filhos, e o Senhor recompensou a hospitalidade dela lhe dando um filho.

Os anos se passaram, e a criança já estava na idade de trabalhar no campo com os ceifeiros. Certo dia, o menino foi afetado pelo calor e "de repente ele começou a chamar o pai, gritando: 'Ai, minha cabeça! Ai, minha cabeça!'" Um rapaz levou o filho para a mãe. "O menino ficou no colo dela até o meio-dia e morreu. Ela subiu ao quarto do homem de Deus, deitou o menino na cama, saiu e fechou a porta" (v. 19-21).

Aflita, a sunamita decidiu buscar a ajuda de Eliseu. Acompanhada por um servo, ela partiu imediatamente. "Quando ele a viu a distância, disse a seu servo Geazi: Olhe! É a sunamita! Corra ao seu encontro e pergunte a ela: 'Está tudo bem com você? Tudo bem com seu marido? E com seu filho?'" (v. 26). Mas a mãe angustiada só revelou o motivo de sua tristeza quando se encontrou com o profeta. Assim que ficou sabendo da morte da criança, Eliseu ordenou a Geazi: "Ponha a capa por dentro do cinto, pegue o meu cajado e corra. [...] Quando lá chegar, ponha o meu cajado sobre o rosto do menino" (v. 29).

Mas a mãe não se deu por satisfeita até que Eliseu em pessoa fosse com ela. "Se ficares, não irei", disse ela. "Então ele foi com ela. Geazi chegou primeiro e pôs o cajado sobre o rosto do menino, mas ele não falou nem reagiu. Então Geazi voltou para encontrar-se com Eliseu e lhe disse: 'O menino não voltou a si'" (v. 30, 31).

Assim que eles chegaram na casa, Eliseu entrou no quarto onde a criança morta estava deitada, "fechou a porta e orou ao Senhor. Depois deitou-se sobre o menino, boca a boca, olhos com olhos, mãos com mãos. Enquanto se debruçava sobre ele, o corpo do menino ia se aquecendo. Eliseu levantou-se e começou a andar pelo quarto; depois subiu na cama e debruçou-se mais uma vez sobre ele. O menino espirrou sete vezes e abriu os olhos" (v. 33-35). A fé da mulher foi recompensada. Cristo, o grande Doador da vida, devolveu o filho para ela.

Os que são fiéis a Ele também serão recompensados, pois quando voltar, Jesus libertará da sepultura os santos mortos que ali estão presos. Então Ele devolverá a Seus servos os filhos que deles foram separados pela morte.

Jesus conforta nossa tristeza pelos mortos com uma mensagem de infinita esperança: "Sou Aquele que vive. Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do inferno" (Ap 1:18). "Pois, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro" (1Ts 4:16, 17).

O ministério de Eliseu combinava o trabalho de curar com o de ensinar. Durante os longos anos de trabalho eficiente, Eliseu promoveu a obra educacional das escolas dos profetas. As profundas manifestações do Espírito Santo confirmavam as instruções que Eliseu dava aos grupos de jovens sinceros.

O Ensopado Envenenado Torna-Se Comestível

Em uma de suas visitas à escola de Gilgal, Eliseu tornou comestível um ensopado que estava envenenado. "Nesse tempo a fome assolava a região. Quando os discípulos dos profetas estavam reunidos com ele, ordenou ao seu servo: 'Ponha o caldeirão no fogo e faça um ensopado para estes homens.' Um deles foi ao campo apanhar legumes e encontrou uma trepadeira. Apanhou alguns de seus frutos e encheu deles o seu manto. Quando voltou, cortou-os em pedaços e colocou-os no caldeirão do ensopado, embora ninguém soubesse o que era. O ensopado foi servido aos homens, mas, logo que o provaram, gritaram: 'Homem de Deus, há morte na panela!' E não puderam mais tomá-lo. Então Eliseu pediu um pouco de farinha, colocou no caldeirão e disse: 'Sirvam a todos.' E já não havia mais perigo no caldeirão" (2Rs 4:38-41).

Em Gilgal também, durante o período de fome, Eliseu alimentou cem homens com o presente que "um homem de Baal-Salisa" lhe deu – "vinte pães de cevada, feitos dos primeiros grãos da colheita, e também algumas espigas verdes. Então Eliseu ordenou ao seu servo: 'Sirva a todos.' O auxiliar de Eliseu perguntou: 'Como poderei servir isso a

cem homens?' Eliseu, porém, respondeu: 'Sirva a todos, pois assim diz o Senhor: 'Eles comerão, e ainda sobrará.' Então ele serviu a todos e, conforme a palavra do Senhor, eles comeram e ainda sobrou" (v. 42-44).

Vez após outra, desde aquela época, embora nem sempre de maneira tão marcante e notável, o Senhor Jesus tem atuado para atender às necessidades humanas. Se tivéssemos uma visão espiritual mais aguçada, seríamos capazes de reconhecer com mais agilidade do que agora a maneira amorosa com que Deus cuida da família humana.

Durante o ministério terrestre de Cristo, na ocasião em que Ele realizou um milagre semelhante ao alimentar a multidão, as pessoas expressaram a mesma incredulidade dos que estavam junto ao profeta: "Como poderei servir isso a cem homens?", disse o servo de Eliseu. Quando Jesus ordenou a Seus discípulos que alimentassem a multidão, eles responderam: "Temos apenas cinco pães e dois peixes – a menos que compremos alimento para toda essa multidão" (Lc 9:13). Que significa isso para tantas pessoas?

Quando o Senhor ordena que um trabalho seja feito, que ninguém pare para questionar se a ordem é possível de ser realizada ou quais serão os resultados de seus esforços em obedecer. Os recursos em suas mãos podem parecer insuficientes para atender às necessidades; mas, nas mãos do Senhor, eles provarão ser mais que suficientes. O servo "serviu a todos e, conforme a palavra do Senhor, eles comeram e ainda sobrou" (2Rs 4:44).

Não percamos tempo nos preocupando em quão pouco parecem ser os recursos que temos. A energia e confiança em Deus desenvolverão os nossos recursos. Ele multiplicará, por meio de Sua bênção, os recursos que entregarmos a Ele com gratidão e oração, assim como multiplicou o alimento que Eliseu ofereceu aos filhos dos profetas e que o próprio Senhor Jesus ofereceu à multidão cansada.

---

* Este capítulo se baseia em 2 Reis 4.

O Capitão Naamã é Curado da Lepra*

"Naamã, comandante do exército do rei da Síria, era muito respeitado e honrado pelo seu senhor, pois por meio dele o Senhor dera vitória à Síria. Mas esse grande guerreiro ficou leproso" (2Rs 5:1).

Ben-Hadade, rei da Síria, derrotou Israel na batalha que resultou na morte de Acabe. Desde então, os sírios continuaram guerreando contra Israel. Em uma de suas invasões, levaram prisioneira uma menina que, no país em que então vivia como escrava, "passou a servir a mulher de Naamã" (v. 2). Longe do lar, essa pequena cativa era uma das testemunhas de Deus que cumpria o propósito que o Senhor tinha em mente ao escolher Israel como Seu povo. Nesse lar pagão, a menina ficou comovida com os sofrimentos de seu senhor e, recordando dos maravilhosos milagres de cura realizados por Eliseu, disse à sua senhora: "Se o meu senhor procurasse o profeta que está em Samaria, ele o curaria da lepra" (v. 3). Ela acreditava que pelo poder do Céu Naamã poderia ser curado.

O comportamento da menina cativa nessa família que não adorava a Deus é um forte testemunho do poder dos primeiros ensinos recebidos no lar. Não existe responsabilidade maior do que a confiada aos pais e mães para cuidar e educar seus filhos.

Felizes são os pais que levam uma vida que reflete as características divinas, que fazem com que as promessas e ordens de Deus despertem na criança uma atitude de gratidão e reverência. A ternura, justiça e paciência desses pais transmitem à criança o amor, a justiça e a paciência de Deus. Eles ensinam a criança a amar, a obedecer e a confiar no Pai do Céu. Esse tesouro que os pais dão aos filhos durará tanto quanto a eternidade.

Nossos filhos podem se dedicar a profissões comuns da vida, mas Deus chama todos eles para ser ministros da misericórdia ao mundo. Eles devem escolher ficar ao lado de Cristo e servir com desprendimento e dedicação.

Naamã é Incentivado a Buscar a Cura

Naamã ouviu o que a menina disse à sua senhora. Depois de conseguir a permissão do rei, saiu em busca da cura, "levando consigo trezentos e cinquenta quilos de prata, setenta e dois quilos de ouro e dez mudas de roupas finas". Levou também uma carta do rei da Síria ao rei de Israel: "Junto com esta carta estou te enviando meu oficial Naamã, para que o cures da lepra" (v. 5, 6).

Quando o rei de Israel leu a carta, "rasgou as vestes e disse: 'Por acaso sou Deus, capaz de conceder vida ou morte? Por que este homem me envia alguém para que eu o cure da lepra? Vejam como ele procura um motivo para se desentender comigo!'" (v. 7).

Quando Eliseu soube que o rei tinha rasgado suas roupas, mandou uma mensagem ao rei, dizendo: "Por que rasgaste tuas vestes? Envia o homem a mim, e ele saberá que há profeta em Israel" (v. 8).

"Então Naamã foi com seus cavalos e carros e parou à porta da casa de Eliseu." Por intermédio de seu mensageiro, o profeta disse para ele: "Vá e lave-se sete vezes no rio Jordão; sua pele será restaurada e você ficará purificado" (v. 9, 10).

O comandante sírio esperava testemunhar alguma manifestação maravilhosa do poder do Céu. "Mas Naamã ficou indignado e saiu dizendo: 'Eu estava certo de que ele sairia para receber-me, invocaria em pé o nome do Senhor, o seu Deus, moveria a mão sobre o lugar afetado e me curaria da lepra'" (v. 11). Mas quando o mensageiro de Eliseu simplesmente o instruiu a se lavar no Jordão, seu orgulho foi ferido: "'Não são os rios Abana e Farfar, em Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Será que não poderia lavar-me neles e ser purificado?' E foi embora dali furioso" (v. 12).

Os rios de que Naamã falou eram muito bonitos por causa dos bosques que os rodeavam e muitas pessoas iam para as margens tão agradáveis desses rios para adorar ídolos. Não seria nada humilhante para Naamã entrar em um desses rios para se lavar. Mas ele poderia encontrar cura apenas se seguisse as orientações específicas do profeta.

Os servos de Naamã insistiram com ele para fazer o que Eliseu tinha dito. "Se o profeta lhe tivesse pedido alguma coisa difícil, o senhor não faria? Quanto mais quando ele apenas lhe diz que se lave, e será purificado!" (v. 13). O orgulhoso sírio abriu mão de seu orgulho e mergulhou sete vezes no Jordão, "conforme a ordem do homem de

Deus". E sua fé foi recompensada: "Sua pele tornou-se como a de uma criança" (v. 14), e ele foi curado.

Profundamente agradecido, "Naamã e toda a sua comitiva voltaram à casa do homem de Deus", com o reconhecimento: "Agora sei que não há Deus em nenhum outro lugar, senão em Israel" (v. 15).

Conforme o costume da época, Naamã pediu a Eliseu que aceitasse um presente muito valioso. Mas o profeta recusou. Ele não deveria receber nenhum pagamento por uma bênção dada por Deus. Disse Eliseu: "Vá em paz" (v. 19).

Geazi Demonstra o Espírito de Judas

Geazi, servo de Eliseu, teve a oportunidade de desenvolver o espírito de abnegação que marcava a vida de seu mestre. Os melhores dons do Céu estiveram por muito tempo ao seu alcance. No entanto, voltou as costas para eles e, em vez disso, preferiu as riquezas deste mundo. Naquele momento, os desejos escondidos do seu espírito ganancioso o levaram a ceder a uma grande tentação. "Meu senhor foi bom demais para Naamã, aquele arameu, não aceitando o que ele lhe ofereceu. [...] Correrei atrás dele para ver se ganho alguma coisa." E assim, escondido, "Geazi correu para alcançar Naamã" (v. 20).

Naamã, "vendo-o se aproximar, desceu da carruagem para encontrá-lo e perguntou: 'Está tudo bem?' Geazi respondeu: 'Sim, tudo bem.'" Então Geazi contou uma grande mentira: "O meu senhor", disse ele, "enviou-me para dizer que dois jovens, discípulos dos profetas, acabaram de chegar, vindos dos montes de Efraim. Por favor, dê-lhes trinta e cinco quilos de prata e duas mudas de roupas finas" (v. 21, 22). Naamã concordou alegremente com o pedido, insistindo com Geazi para que levasse dois talentos de prata (70 kg) em vez de um, "com duas mudas de roupas" (v. 23), e ordenou que seus servos levassem o tesouro para ele.

Quando Geazi chegou perto da casa de Eliseu, despediu-se dos servos e escondeu a prata e as roupas. Depois, "entrou e apresentou-se ao seu senhor Eliseu". Em resposta à pergunta do profeta: "Onde você esteve, Geazi?", ele respondeu: "Teu servo não foi a lugar algum" (v. 25).

Eliseu sabia de tudo. "Você acha que eu não estava com você em espírito quando o homem desceu da carruagem para encontrar-se com você? Este não era o momento de aceitar prata nem roupas, nem de cobiçar olivais, vinhas, ovelhas, bois, servos e servas. Por isso a lepra de Naamã atingirá você e os seus descendentes para sempre." O castigo

foi imediato. Ele saiu da presença de Eliseu "já leproso, parecendo neve" (v. 26, 27).

Essa experiência nos ensina sérias lições. Geazi colocou uma pedra de tropeço no caminho de Naamã, depois de ter recebido maravilhosa luz e demonstrar o desejo de adorar o Deus vivo. Não havia qualquer justificativa para a mentira de Geazi. Até o dia de sua morte ele continuou sendo um homem leproso.

"A testemunha falsa não ficará sem castigo, e aquele que despeja mentiras não sairá livre" (Pv 19:5). "Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos dAquele a quem havemos de prestar contas" (Hb 4:13). Deus revelou ao Seu profeta cada detalhe do que aconteceu entre Geazi e Naamã.

A verdade é de Deus; a mentira em todas as suas formas é de Satanás. Qualquer um que se afaste no mínimo que seja do caminho reto da verdade está se entregando ao poder de Satanás. Aqueles que aprenderam de Cristo serão simples, retos e verdadeiros, porque estão se preparando para viver com os santos nos quais "mentira nenhuma foi encontrada" em sua boca (ver Ap 14:5).

O Salvador apresentou a maravilhosa fé demonstrada por Naamã como uma lição a ser aprendida. "Também havia muitos leprosos em Israel no tempo de Eliseu, o profeta", Ele declarou, "todavia, nenhum deles foi purificado – somente Naamã, o sírio" (Lc 4:27). Deus passou por alto muitos leprosos em Israel, porque sua falta de fé fechou a porta para que fossem curados. Aos olhos de Deus, um nobre pagão, fiel naquilo que acreditava ser correto, era mais digno de Sua bênção do que aqueles que sofriam pela doença em Israel, porque tinham menosprezado os privilégios que receberam. Deus age em favor dos que reconhecem Seus cuidados e atendem à luz que recebem do Céu.

Se aqueles que são honestos de coração seguirem o que entendem ser o seu dever, Deus dará cada vez mais luz até que, como Naamã, reconheçam que "não há Deus em nenhum outro lugar" (2Rs 5:15), senão o Deus vivo, o Criador.

---

* Este capítulo se baseia em 2 Reis 5.

O Final do Ministério de Eliseu

Eliseu viveu para ver muitas mudanças no reino de Israel. Hazael, o sírio, atacou a nação apostatada. Jeú executou toda a família de Acabe. Jeoacaz, sucessor de Jeú, perdeu algumas das cidades a leste do Jordão para os invasores. Por algum tempo, parecia que os sírios conseguiriam assumir o controle de todo o reino. Mas a reforma que continuou sendo realizada por Eliseu levou muitos a buscarem a Deus. Eles abandonaram os altares de Baal, e pouco a pouco, porém, sem cessar, os propósitos de Deus iam se cumprindo na vida daqueles que escolhiam servi-Lo de todo o coração.

Foi por amor ao povo rebelde de Israel que Deus permitiu que os sírios os atacassem. Por causa da compaixão que sentia por aqueles cujo poder moral estava enfraquecido que ele levantou Jeú para exterminar Jezabel e toda a família de Acabe. Uma vez mais, pela misericordiosa atuação de Deus, os sacerdotes de Baal e Astarote foram colocados de lado, e os altares pagãos foram derrubados. Deus sabia que, se a tentação fosse retirada, alguns abandonariam o paganismo. Por isso, Ele permitiu que desgraça após desgraça caísse sobre eles. E assim que Seu propósito se cumpriu, Ele desviou a maré de tragédias em favor daqueles que tinham aprendido a buscá-Lo.

Enquanto Satanás fazia tudo o que estava em seu poder para completar a ruína que ele provocou durante o reinado de Acabe e Jezabel, Eliseu continuava a dar seu testemunho. Teve que enfrentar oposição, mas ninguém pôde contradizer a sua mensagem. Muitos o procuravam em busca de conselho. Jorão, rei de Israel, buscou seu conselho. Certa vez, quando Eliseu estava em Damasco, mensageiros de Ben-Hadade, rei da Síria, o visitaram. O profeta deu fiel testemunho a todos em um período em que a grande maioria do povo estava em rebelião aberta contra o Céu.

Deus jamais abandonou Seu mensageiro escolhido. Em uma ocasião, o rei da Síria

tentou destruir Eliseu por ter alertado o rei de Israel a respeito dos planos do inimigo. O rei da Síria aconselhou-se com seus servos e disse: "Montarei o meu acampamento em tal lugar." O Senhor revelou esse plano a Eliseu, que "mandou uma mensagem ao rei de Israel: 'Evite passar por tal lugar, pois os arameus estão descendo para lá'". Então o rei de Israel enviou alguém àquele lugar que o homem de Deus lhe falou. Assim ele foi avisado e tomou as devidas precauções repetidas vezes.

"Isso enfureceu o rei da Síria, que, convocando seus conselheiros, perguntou-lhes: 'Vocês não me apontarão qual dos nossos está do lado do rei de Israel?' Respondeu um dos conselheiros: 'Nenhum de nós, majestade. É Eliseu, o profeta que está em Israel, que revela ao rei de Israel até as palavras que tu falas em teu quarto'" (2Rs 6:8-12).

Decidido a capturar o profeta, o rei da Síria ordenou: "Descubram onde ele está, para que eu mande capturá-lo." Quando ficou sabendo que o profeta estava em Dotã, o rei "enviou para lá uma grande tropa com cavalos e carros de guerra. Eles chegaram de noite e cercaram a cidade. O servo do homem de Deus levantou-se bem cedo pela manhã e, quando saía, viu que uma tropa com cavalos e carros de guerra havia cercado a cidade" (v. 13-15).

Aterrorizado, o servo de Eliseu foi falar com ele: "Ah, meu senhor! O que faremos?"

"Não tenha medo", o profeta respondeu, pois "aqueles que estão conosco são mais numerosos do que eles." Então, para que o servo soubesse disso por si mesmo, Eliseu orou: "Senhor, abre os olhos dele para que veja". Então, "o Senhor abriu os olhos do rapaz, que olhou e viu as colinas cheias de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu." Um grupo de anjos celestiais tinham vindo com grande poder para proteger os indefesos servos do Senhor (v. 15-17).

Os soldados sírios marcharam com ousadia, sem saber nada a respeito da presença dos exércitos invisíveis do Céu. Eliseu orou ao Senhor, e disse: "'Fere estes homens de cegueira'. Então ele os feriu de cegueira, conforme Eliseu havia pedido." Eliseu lhes disse: 'Este não é o caminho nem esta é a cidade que procuram. Sigam-me, e eu os levarei ao homem que vocês estão procurando.' E os guiou até a cidade de Samaria.

"Assim que entraram na cidade, Eliseu disse: 'Senhor, abre os olhos destes homens para que possam ver'. Então o Senhor abriu-lhes os olhos, e eles viram que estavam dentro de Samaria. Quando o rei de Israel os viu, perguntou a Eliseu: 'Devo matá-los, meu pai? Devo matá-los?' Ele respondeu: 'Não! O rei costuma matar prisioneiros que captura com a espada e o arco? Ordena que lhes sirvam comida e bebida e deixe que

voltem ao seu senhor" (v. 18-22).

Profecia Cumprida

Por algum tempo, Israel ficou livre dos ataques dos sírios. Mais tarde, porém, sob a ordem do rei Hazael, os exércitos sírios cercaram Samaria e a sitiaram. Israel nunca tinha passado por uma situação de dificuldade tão grande como durante esse cerco. Os horrores do longo período de fome estavam levando o rei de Israel a tomar medidas de desespero, quando Eliseu profetizou que no dia seguinte eles seriam libertos.

Na manhã seguinte, o Senhor "tinha feito os arameus ouvirem o ruído de um grande exército com cavalos e carros de guerra". Tomados pelo medo, "para salvar sua vida, fugiram ao anoitecer", abandonando "o acampamento como estava", com grande suprimento de comida (2Rs 7:6, 7).

Durante a noite, quatro leprosos que estavam à porta da cidade, desesperados de fome, decidiram ir ao acampamento dos sírios e suplicar misericórdia aos inimigos, na esperança de conseguir alimento. Para sua grande surpresa, quando entraram no acampamento, viram que "lá não havia ninguém" (v. 10, ARC). Sem ninguém ali para os deter, "entraram numa das tendas. Comeram e beberam, pegaram prata, ouro e roupas e saíram para esconder tudo. Depois voltaram e entraram noutra tenda, pegaram o que quiseram e esconderam isso também. Então disseram uns aos outros: 'Não estamos agindo certo. Este é um dia de boas notícias, e não podemos ficar calados'" (v. 8, 9). Voltaram depressa para a cidade com a alegre notícia.

Os suprimentos de comida eram tão grandes que, nesse dia, "uma medida de farinha como duas medidas de cevada passaram a ser vendidas por uma peça de prata" (v. 16), conforme Eliseu tinha profetizado no dia anterior.

Mensagem aos Sinceros de Coração

Foi assim que esse homem de Deus trabalhou ano após ano, aproximando-se do povo, e, nos momentos de crise, colocando-se ao lado dos reis como sábio conselheiro. A escura sombra da apostasia ainda estava por toda parte, mas aqui e ali se encontravam aqueles que se recusavam a dobrar os joelhos a Baal. À medida que Eliseu continuava sua obra, muitos aprendiam a apreciar o culto ao verdadeiro Deus. Esses milagres da graça de Deus animavam o profeta e aumentava em seu coração o desejo de alcançar todos os que eram sinceros de coração.

Do ponto de vista humano, a chance de ocorrer uma renovação espiritual na nação era praticamente impossível, assim como é hoje. Mas Cristo tem concedido poder à

igreja para realizar um trabalho especial. Se ela for fiel a Deus e obediente aos Seus mandamentos, poder algum poderá se colocar contra ela. O amanhecer de um dia glorioso e brilhante está diante da igreja, se ela vestir o manto da justiça de Cristo e abandonar todas as práticas e relações mundanas.

Coragem e Esperança

Deus chama os fiéis, que nEle creem, para inspirar coragem aos descrentes e sem esperança. Demonstrem humilde fé em Seu poder e em Seu desejo para salvar. Quando nos apegarmos à Sua força pela fé, Ele mudará, e de forma maravilhosa, as perspectivas mais desesperadas e desanimadoras. Ele fará isso para a glória do Seu nome.

Eliseu continuou a demonstrar ativo interesse pelas escolas de profetas. Deus estava com ele. Em uma ocasião, "os discípulos dos profetas disseram a Eliseu: 'Como vês, o lugar onde nos reunimos contigo é pequeno demais para nós. Vamos ao rio Jordão onde cada um de nós poderá cortar um tronco para construirmos ali um lugar de reuniões'" (2Rs 6:1, 2). Eliseu foi com eles, animando-os, dando-lhes instruções e até mesmo realizando um milagre para ajudá-los.

"Quando um deles estava cortando um tronco, o ferro do machado caiu na água. E ele gritou: 'Ah, meu senhor, era emprestado!' O homem de Deus perguntou: 'Onde caiu?' Quando o homem lhe mostrou o lugar, Eliseu cortou um galho e o jogou ali, fazendo o ferro flutuar e disse: "Pegue-o." O homem esticou o braço e o pegou" (v. 5-7).

Os Últimos Dias de Eliseu

O ministério de Eliseu foi tão eficiente que, em seu leito de morte, até mesmo o jovem rei Jeoás, um idólatra que tinha pouco respeito por Deus, reconheceu que o profeta tinha sido um pai para Israel. O rei admitiu que a presença de Eliseu entre eles tinha sido muito mais valiosa nos momentos de crise do que um exército de cavalos e carros (ver 2Rs 13:14).

O profeta foi como um pai sábio para muitos que tinham o coração aflito e conturbado. Ele, por exemplo, não desprezou o ímpio e jovem rei da época, tão indigno da posição de confiança que ocupava e, ao mesmo tempo, tão necessitado de conselho. Deus deu ao jovem rei a oportunidade de corrigir os erros do passado e engrandecer seu reino mais uma vez. Deus pretendia afastar os inimigos sírios. Uma vez mais Ele manifestaria Seu poder em favor do rebelde Israel.

O profeta, já à beira da morte, ordenou ao rei: "Traga um arco e algumas flechas." Jeoás obedeceu. Então o profeta disse: "Pegue o arco em suas mãos." Quando Jeoás

pegou, "Eliseu pôs suas mãos sobre as mãos do rei e lhe disse: 'Abra a janela que dá para o leste" – em direção às cidades que estavam sob o domínio dos sírios, além do Jordão (2Rs 13:15-17). Quando o rei abriu a janela, Eliseu ordenou que disparasse a flecha. Enquanto a flecha cruzava o ar, o profeta foi inspirado a dizer: "Esta é a flecha da vitória do Senhor [...] sobre a Síria! Você destruirá totalmente os arameus, em Afeque" (v. 17).

Então o profeta provou a fé do rei e "mandou o rei pegar as flechas e golpear o chão." O rei golpeou o chão três vezes e parou. "Você deveria ter golpeado o chão cinco ou seis vezes", Eliseu exclamou chateado, "assim iria derrotar a Síria e a destruiria completamente. Mas agora você a vencerá somente três vezes" (v. 18, 19).

Essa é uma lição para todos os que ocupam posição de confiança. Quando Deus garante o sucesso, Seus instrumentos escolhidos devem fazer tudo o que estiver em seu poder para alcançar os resultados prometidos. O sucesso será proporcional ao entusiasmo e à perseverança com que o trabalho é realizado. Deus operará milagres em favor de Seu povo somente quando ele fizer a sua parte com incansável energia. Pessoas de devoção, de coragem moral e de zelo que nunca se enfraquece trabalharão sem desanimar até que a aparente derrota se torne uma gloriosa vitória. Nem mesmo as paredes das prisões farão com que elas se desviem do propósito de trabalhar para o avanço do reino de Deus.

Eliseu é Fiel até o Fim

Eliseu concluiu sua missão com o conselho e o ânimo que deu a Jeoás. Ele provou ser fiel até o fim. Jamais perdeu a confiança no poder onipotente de Deus. Avançou sempre pela fé, e Deus honrou sua confiança.

Eliseu não foi chamado para seguir seu mestre em um carro de fogo. Em vez disso, o Senhor permitiu que ele sofresse de uma longa enfermidade. Assim como no alto das montanhas de Dotã ele tinha contemplado os exércitos do Céu, nesses momentos sentia a presença cheia de compaixão dos anjos, e foi confortado. À medida que ele crescia no conhecimento da bondosa misericórdia de Deus, sua fé amadurecia em uma confiança inabalável no Senhor, e quando a morte o chamou, ele estava pronto.

"Os justos, porém, até em face da morte encontram refúgio" (Pv 14:32). Eliseu podia dizer com toda a confiança: "Quanto a mim, feita a justiça, verei a Tua face; quando despertar, ficarei satisfeito ao ver a Tua semelhança" (Sl 17:15).

Jonas, o Profeta que Fugiu*

Nínive, a capital da Assíria, foi uma das maiores cidades do mundo antigo. Localizada na região fértil do Rio Tigre, tornou-se "uma cidade muito grande, sendo necessários três dias para percorrê-la" (Jn 3:3).

Nínive era um centro de crime e maldade – a "cidade sanguinária, repleta de fraudes". O profeta Naum comparou Nínive a um leão cruel. "Quem", perguntou o profeta, "não sofreu por sua crueldade sem limites?" (Na 3:1, 19).

Mesmo assim, Nínive não estava totalmente entregue ao mal. Nessa cidade, havia muitas pessoas que estavam à procura de alguma coisa melhor. Se tivessem a oportunidade de conhecer o Deus vivo, abandonariam suas obras más. Assim, Deus Se revelou a elas de maneira inconfundível, a fim de levá-las ao arrependimento.

A palavra do Senhor veio ao profeta Jonas: "Vá depressa à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a Minha presença" (Jn 1:1, 2). O profeta foi tentado a duvidar da sabedoria do chamado. Parecia inútil pregar tal mensagem em uma cidade tão orgulhosa. Ele se esqueceu de que o Deus a quem servia era todo-sábio e todo-poderoso. Enquanto Jonas hesitava, Satanás encheu seu coração de desânimo e ele "fugiu da presença do Senhor dirigindo-se para Társis". Ao encontrar um navio pronto para zarpar, "depois de pagar a passagem, embarcou para Társis, para fugir do Senhor" (v. 3).

Deus tinha dado a Jonas uma tarefa difícil. Se o profeta tivesse obedecido sem questionar, Deus o teria abençoado muito. Mesmo assim, o Senhor não abandonou Jonas naquele momento de desespero. Por intermédio de provas e intervenções incomuns, Deus renovaria a confiança do profeta nEle.

Deus não permitiu que Jonas fosse muito longe em sua tentativa desesperada de fuga. "O Senhor, porém, fez soprar um forte vento sobre o mar, [...] e o barco ameaçava arrebentar-se. Todos os marinheiros ficaram com medo e cada um clamava ao seu próprio deus. E atiraram as cargas ao mar para tornar o navio mais leve. Enquanto isso, Jonas, que tinha descido ao porão e se deitara, dormia profundamente" (v. 4, 5).

O capitão do navio, extremamente angustiado, encontrou Jonas, e disse: "Como você pode ficar aí dormindo? Levante-se e clame ao seu Deus! Talvez Ele tenha piedade de nós e não morramos" (v. 6).

Jonas é Lançado ao Mar

Mas as orações de Jonas, que tinha fugido do dever, não surtiram qualquer efeito. Como último recurso, os marinheiros propuseram lançar sortes, "'para descobrir', disseram eles, 'por que essa desgraça se abateu sobre nós'. Lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas. Por isso lhe perguntaram: 'Diga-nos, quem é o responsável por esta calamidade? Qual é a sua profissão? De onde você vem? Qual é a sua terra? A que povo você pertence?'

"Ele respondeu: 'Eu sou hebreu, adorador do Senhor, o Deus dos Céus, que fez o mar e a Terra.'

"Então os homens ficaram apavorados [...], pois sabiam que Jonas estava fugindo do Senhor, porque ele já lhes tinha dito.

"Visto que o mar estava cada vez mais agitado, eles lhe perguntaram: 'O que devemos fazer com você, para que o mar se acalme?' Respondeu ele: 'Peguem-me e joguem-me ao mar, e ele se acalmará. Pois eu sei que é por minha causa que esta violenta tempestade caiu sobre vocês.' [...]

"Em seguida pegaram Jonas e o lançaram ao mar enfurecido, e este se aquietou" [...].

"O Senhor fez com que um grande peixe engolisse Jonas, e ele ficou dentro do peixe três dias e três noites" (v. 7-17).

"Lá de dentro do peixe, Jonas orou ao Senhor, ao seu Deus. Ele disse:

'Em meu desespero clamei ao Senhor, e Ele me respondeu. [...]

Jogaste-me nas profundezas,

No coração dos mares;

Correntezas formavam turbilhão ao meu redor;

Todas as Tuas ondas e vagas passaram sobre mim.'

Eu disse: 'Fui expulso da Tua presença;

Contudo, olharei de novo para o Teu santo templo.' [...]

'Quando a minha vida já se apagava,

Eu me lembrei de Ti, Senhor,

E a minha oração subiu a Ti,

Ao Teu santo templo. [...]

O que eu prometi cumprirei totalmente.

A salvação vem do Senhor'"

Jonas finalmente tinha aprendido que "do Senhor vem o livramento" (Sl 3:8). Depois de se arrepender e reconhecer a graça salvadora de Deus, o livramento veio. Jonas foi libertado dos perigos das profundezas do oceano, e o peixe o lançou em terra seca.

Mais uma vez Deus encarregou Seu servo de advertir Nínive: "Vá à grande cidade de Nínive e pregue contra ela a mensagem que Eu lhe darei." Desta vez, o profeta não parou para questionar ou duvidar. "Jonas obedeceu à palavra do Senhor e foi para Nínive" (Jn 3:2, 3).

Assim que entrou na cidade, Jonas começou a pregar a mensagem: "Daqui a quarenta dias Nínive será destruída" (v. 4). Ele passou de rua em rua dando o aviso. Suas palavras ecoaram pelas ruas da ímpia cidade até que todos os habitantes ouviram a notícia assustadora. O Espírito de Deus impressionou o coração de todos por meio da mensagem e multidões se arrependeram se humilhando profundamente.

"Quando as notícias chegaram ao rei de Nínive, ele se levantou do trono, tirou o manto real, vestiu-se de pano de saco e sentou-se sobre cinza. Então fez uma proclamação em Nínive: 'Por decreto do rei e de seus nobres: [...] todos clamem a Deus com todas as suas forças. Deixem os maus caminhos e a violência. Talvez Deus Se arrependa e abandone a Sua ira, e não sejamos destruídos'" (v. 6-9).

Como o rei e os nobres, as pessoas importantes e as simples "se arrependeram com

a pregação de Jonas" (Mt 12:41), e Deus teve misericórdia deles. "Deus Se arrependeu e não os destruiu como tinha ameaçado" (Jn 3:10). A maldição foi retirada. O Deus de Israel foi honrado através do mundo pagão, e Sua lei respeitada. Somente muitos anos depois é que Nínive sofreu o ataque das nações vizinhas, como resultado de ter se esquecido de Deus e voltado a ser orgulhosa.

Quando Jonas descobriu que Deus pouparia a cidade, deveria ter sido o primeiro a ficar contente. Mas ele se permitiu ficar pensando na possibilidade de ser considerado um falso profeta. A compaixão que Deus demonstrou pelos ninivitas arrependidos deixou Jonas "profundamente descontente [...] e enfureceu-se". "Não foi isso o que eu disse", argumentou ele com o Senhor, "quando ainda estava em casa? Foi por isso que me apressei em fugir para Társis. Eu sabia que Tu és Deus misericordioso e compassivo, muito paciente, cheio de amor e que prometes castigar, mas depois Te arrependes" (Jn 4:1, 2).

Mais uma vez, Jonas se sentiu profundamente desanimado. Perdendo de vista os interesses dos outros, ele exclamou: "Agora, Senhor, tira a minha vida, eu imploro, porque para mim é melhor morrer do que viver" (v. 3).

"O Senhor lhe respondeu: 'Você tem alguma razão para essa fúria?' Jonas saiu e sentou-se num lugar a leste da cidade. Ali, construiu para si um abrigo, sentou-se à sua sombra e esperou para ver o que aconteceria com a cidade. Então o Senhor Deus fez crescer uma planta sobre Jonas, para dar sombra à sua cabeça e livrá-lo do calor, o que deu grande alegria a Jonas" (v. 4-6).

Em seguida, o Senhor ensinou a Jonas uma lição muito prática. Ele "mandou uma lagarta atacar a planta de modo que ela secou. Ao nascer do sol, Deus trouxe um vento oriental muito quente, e o sol bateu na cabeça de Jonas, a ponto de ele quase desmaiar. Com isso ele desejou morrer, e disse: 'Para mim seria melhor morrer do que viver'" (v. 7, 8).

Deus disse outra vez para o Seu profeta: "'Você tem alguma razão para estar tão furioso por causa da planta?' Respondeu ele: 'Sim, tenho! E estou furioso a ponto de querer morrer.'

"Mas o Senhor lhe disse: 'Você tem pena dessa planta [...]. Contudo, Nínive tem mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem nem distinguir a mão direita da esquerda, além de muitos rebanhos. Não deveria Eu ter pena dessa grande cidade?" (v. 9-11).

Jonas tinha cumprido a missão de advertir aquela grande cidade. Apesar de o evento predito não ter se concretizado, a mensagem de advertência continuava sendo do próprio Deus, e ela serviu para cumprir o propósito que Deus tinha em mente. Os pagãos tiveram a oportunidade de conhecer a Sua graça. O Senhor "os salvou da tribulação em que se encontravam." "Ele os tirou das trevas e da sombra mortal." "Ele enviou a Sua palavra e os curou, e os livrou da morte" (Sl 107:13, 14, 20).

Cristo fez referência à pregação de Jonas e comparou os habitantes de Nínive com o professo povo de Deus em Seus dias: "Os homens de Nínive se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; pois eles se arrependeram com a pregação de Jonas, e agora está aqui o que é maior do que Jonas" (Mt 12:41). Cristo veio a um mundo ocupado, onde as pessoas estavam procurando conquistar tudo o que pudessem para si mesmas. E acima da confusão, ouviu-se a Sua voz, perguntando: "O que o homem poderia dar em troca de sua alma?" (Mc 8:37).

Os Dias de Jonas e os Nossos Dias

Assim como o povo de Nínive, as cidades hoje necessitam conhecer o verdadeiro Deus. Os representantes de Cristo devem mostrar aos pecadores que existe um mundo superior. De acordo com a Bíblia, a única cidade que permanecerá para sempre é a que foi planejada e construída por Deus. Por meio de Seus servos, o Senhor Jesus está convidando homens e mulheres a garantirem a herança imortal.

Praticamente todas as cidades são culpadas pelo aumento constante da maldade. A cada dia surge uma nova forma de atrito, suborno, fraude, violência, desrespeito à lei, indiferença para com o sofrimento humano e destruição brutal da vida humana. A cada dia, acompanhamos o aumento da loucura, do assassinato e do suicídio. As pessoas se orgulham do progresso e do conhecimento do século atual, mas, aos olhos de Deus, a Terra está cheia de crime e violência. Muitos declaram que a lei de Deus foi anulada e é justamente por isso que uma maré de males está inundando o mundo. Para satisfazer o desejo por coisas proibidas, as pessoas negociam a nobreza de caráter, a gentileza e a piedade.

Deus trata o transgressor de Sua lei com muita paciência e compaixão. Entretanto, a tolerância de Deus para com os que insistem em desobedecer está rapidamente chegando ao fim.

Ninguém precisa ser apanhado de surpresa pela mudança repentina na maneira de o Supremo Governador tratar os habitantes do mundo caído. Não é necessário que ninguém se surpreenda com o fato de que Deus destruirá os que se enriqueceram por

meio do engano. Muitos, porém, têm escolhido se colocar ao lado do originador de toda rebelião contra o governo do Céu.

A paciência de Deus tem sido tão grande que ficamos maravilhados. Por Sua misericórdia, o Todo-Poderoso tem adiado o momento de Se revelar ao mundo como juiz. Deus concede a todas as pessoas um período de graça, mas Sua paciência tem limites. O Senhor é paciente conosco, envia advertências com o objetivo de nos salvar, mas chegará o tempo em que Ele eliminará o rebelde, como um ato de misericórdia para com ele mesmo e para com as pessoas que seriam influenciadas por seu mau exemplo.

O Espírito de Deus está sendo retirado. Catástrofes e mais catástrofes se seguem rapidamente – terremotos, furacões, incêndios e inundações. Aparentemente, essas calamidades são manifestações casuais das forças desorganizadas e descontroladas da natureza, algo totalmente fora do controle humano. Elas, porém, são um dos instrumentos que Deus usa para tentar despertar homens e mulheres para o perigo que estão correndo.

Os mensageiros de Deus nas grandes cidades não devem ficar desanimados diante da maldade e da imoralidade que enfrentam ao proclamarem as alegres novas da salvação. Na ímpia cidade de Corinto, o Senhor deu a Paulo uma mensagem: "Não tenha medo, [...] pois estou com você, [...] porque tenho muita gente nesta cidade" (At 18:9, 10). Em cada cidade há muitos que, se corretamente ensinados, podem aprender a se tornar seguidores de Jesus.

A mensagem de Deus para os habitantes da Terra hoje é: "Assim, também vocês precisam estar preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam" (Mt 24:44). As condições em que as grandes cidades se encontram hoje anunciam com voz de trovão que a hora do juízo de Deus está próxima e que o fim de todas as coisas desta Terra está chegando. Os juízos de Deus serão derramados um após o outro rapidamente – incêndios, inundações e terremotos, com guerras e derramamento de sangue. O anjo de misericórdia não pode proteger por muito mais tempo os que não se arrependem. A tempestade está se armando. Permanecerão em pé apenas os que aceitarem o convite de misericórdia e se santificarem pela obediência às leis do divino Governante, assim como fizeram os habitantes de Nínive por meio da pregação de Jonas.

---

* Este capítulo se baseia em Jonas 1–4.

O Declínio e a Queda de Israel

Os últimos anos do reino de Israel foram marcados por uma violência e derramamento de sangue piores até mesmo que os períodos de lutas mais terríveis do reinado de Acabe. Durante dois séculos, as dez tribos semearam ventos, e, como resultado, colheram tempestade. Um rei após outro foi assassinado. "Eles instituíram reis sem o Meu consentimento", declarou o Senhor a respeito desses tiranos; "escolheram líderes sem a Minha aprovação" (Os 8:4). Aqueles que deveriam ter se apresentado às nações da Terra como guardiões da graça divina "traíram o Senhor" (Os 5:7) e uns aos outros.

Por intermédio de Oseias e Amós, Deus enviou mensagem após mensagem, insistindo para que se arrependessem e ameaçando-os com calamidades. "Vocês plantaram a impiedade", declarou Oseias, "colheram o mal e comeram o fruto do engano. Visto que vocês têm confiado na sua própria força e nos seus muitos guerreiros." "Quando amanhecer aquele dia, o rei de Israel será completamente destruído" (Os 10:13, 15). Incapazes de reconhecer os terríveis resultados de suas más escolhas, as dez tribos deveriam em breve se tornar como "peregrinos entre as nações" (Os 9:17).

Alguns líderes lamentaram profundamente a perda da honra e autoridade que tinham e desejavam recuperá-las. Mas continuaram praticando a maldade, enganando-se com o pensamento de que poderiam conquistar o poder político que desejavam fazendo alianças com os pagãos – fazendo "tratados com a Assíria" (Os 12:1).

O Senhor mostrou muitas vezes às dez tribos as más consequências da desobediência. Contudo, mesmo com todas as reprovações e apelos que recebeu, Israel afundou-se mais e mais na apostasia. O Senhor declarou: "O Meu povo está decidido a

desviar-se de Mim" (Os 11:7).

Durante os últimos cinquenta anos, antes de serem capturados pelos assírios, a maldade em Israel era semelhante ao dias de Noé. Ao adorar Baal e Astarote, o povo cortou o contato com tudo o que edifica e engrandece e se tornou uma presa fácil para a tentação. Os iludidos adoradores não tinham mais proteção alguma contra o pecado e se entregaram às más paixões do coração humano.

Os profetas ergueram a voz contra a opressão sem limites, a injustiça descarada, o luxo e a extravagância descontrolados, os banquetes e bebedeiras sem qualquer pudor, a imoralidade cada vez mais baixa. Seus protestos, porém, foram em vão. "Odeiam aquele que defende a justiça no tribunal", declarou Amós, "e detestam aquele que fala a verdade" (Am 5:10). Finalmente, quase todos os habitantes da Terra haviam se entregado às práticas sedutoras de culto à natureza. Esquecendo-se do seu Criador, os filhos de Israel "mergulharam na corrupção" (Os 9:9).

Os Amoráveis Apelos de Oseias

Os transgressores tiveram muitas oportunidades de se arrepender. Quando atingiram o ponto mais baixo de apostasia, Deus enviou a eles uma mensagem de perdão e esperança. "Você foi destruído, ó Israel", Ele declarou, "porque está contra Mim, contra o seu Ajudador. E agora? Onde está o seu rei que havia de salvá-lo?" (Os 13:9, 10). "Venham, voltemos para o Senhor", o profeta suplicava. "Ele nos despedaçou, mas nos trará cura. [...] Conheçamos o Senhor; esforcemo-nos por conhecê-Lo. Tão certo como nasce o sol, Ele aparecerá; virá para nós como as chuvas de inverno, como as chuvas de primavera que regam a terra" (Os 6:1-3).

"Eu curarei a infidelidade deles e os amarei de todo o Meu coração", o Senhor declarou, "pois a Minha ira desviou-se deles. Serei como orvalho para Israel; ele florescerá como o lírio. [...] Os que habitavam à Sua sombra voltarão. [...] Os caminhos do Senhor são justos; os justos andam neles, mas os rebeldes neles tropeçam" (Os 14:4-9).

"Busquem-Me", o Senhor convidava, "e tenham vida." "Então o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará com vocês, conforme vocês afirmam. Odeiem o mal, amem o bem; estabeleçam a justiça nos tribunais. Talvez o Senhor, o Deus dos Exércitos, tenha misericórdia do remanescente de José" (Am 5:4, 14, 15).

As palavras dos mensageiros de Deus eram tão contrárias aos maus desejos do povo que o sacerdote idólatra de Betel mandou uma mensagem ao rei de Israel

dizendo: “Amós está tramando uma conspiração contra ti no centro de Israel. A nação não suportará as suas palavras” (Am 7:10).

Os males que tinham se espalhado pela nação se tornaram incuráveis, e Deus pronunciou a terrível sentença sobre Israel: “Efraim aliou-se a ídolos; deixem-no só!” “Os dias de castigo vêm, os dias de punição estão chegando. Que Israel o saiba” (Os 4:17; 9:7). As dez tribos de Israel deveriam colher as consequências da apostasia que começou quando Jeroboão construiu os altares estranhos em Betel e Dã. A mensagem de Deus para eles foi: “Todos os pecadores que há no meio do Meu povo morrerão à espada, todos os que dizem: ‘A desgraça não nos atingirá nem nos encontrará’” (Am 9:10).

“As casas enfeitadas de marfim serão destruídas, e as mansões desaparecerão.” “E Israel certamente irá para o exílio, para longe da sua terra natal.” “Porque Eu farei isto com você, prepare-se para encontrar-se com o seu Deus, ó Israel” (Am 3:15; 7:17; 4:12).

Juízos Adiados por um Tempo

Deus adiou por algum tempo os juízos profetizados, e, durante o longo reinado de Jeroboão II, os exércitos de Israel conquistaram grandes vitórias. Mas esse período de aparente sucesso não produziu qualquer mudança no coração do povo não arrependido. Finalmente, saiu o decreto: “Jeroboão morrerá à espada, e certamente Israel irá para o exílio, para longe da sua terra natal” (Am 7:11).

O rei e o povo desprezaram completamente o decreto corajosamente anunciado. Amazias, o líder dos sacerdotes idólatras de Betel, ficou muito irado com as claras palavras pronunciadas contra a nação e seu rei. Ele disse a Amós: “Vá embora, vidente! Vá profetizar em Judá; vá ganhar lá o seu pão. Não profetize mais em Betel, porque este é o santuário do rei e o templo do reino” (v. 12, 13).

O profeta respondeu-lhe com firmeza: “Mas, o Senhor lhe diz: ‘Israel certamente irá para o exílio, para longe da sua terra natal” (v. 17).

As palavras que Amós disse contra as tribos apóstatas se cumpriram à risca, mas a destruição do reino ocorreu de forma gradual. Deus derramou Seus juízos misturados com misericórdia. Quando o “rei da Assíria invadiu o país” (2Rs 15:19), Menaém, rei de Israel na ocasião, recebeu permissão para permanecer no trono como súdito do reino assírio. Depois de humilharem as dez tribos, os assírios voltaram para a sua própria terra e ficaram lá por algum tempo.

Menaém, longe de se arrepender do mal que tinha causado a ruína de seu reino,

continuou a praticar os "pecados que Jeroboão, filho de Nebate, levara Israel a cometer" (v. 18). Pouco tempo depois, nos dias de Peca, seu sucessor (ver v. 27, 29), Tiglate-Pileser, rei da Assíria, invadiu Israel e levou como escravos uma multidão que vivia na Galileia e a leste do Jordão. Ele espalhou os escravos entre os pagãos em terras bem distantes da Palestina. O reino do norte nunca mais se recuperou desse terrível ataque. Apenas mais um rei, Oseias, ocuparia o trono depois de Peca. Não demoraria muito e a nação seria destruída para sempre.

Nesse período de tristeza e angústia, Deus ainda Se lembrou da misericórdia. No terceiro ano do reinado de Oseias, o bom rei Ezequias começou a reinar em Judá e realizou reformas importantes nas cerimônias do templo em Jerusalém. Ele planejou uma grande celebração da Páscoa e convidou não somente as tribos de Judá e Benjamim, mas as tribos do norte também.

"Mensageiros percorreram Israel e Judá" com a insistente mensagem: "Israelitas, voltem para o Senhor, o Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, para que Ele Se volte para vocês que restaram e escaparam das mãos dos reis da Assíria. [...] Portanto não sejam obstinados como seus antepassados; submetam-se ao Senhor. Venham ao santuário [...]. Se vocês voltarem para o Senhor, os que capturaram os seus irmãos e os seus filhos terão misericórdia deles, e eles voltarão a esta terra, pois o Senhor, o seu Deus, é bondoso e compassivo. Ele não os rejeitará, se vocês se voltarem para Ele" (2Cr 30:6-9).

Os mensageiros de Ezequias levaram a mensagem de cidade em cidade. Mas o restante das dez tribos, que ainda viviam no território do reino do norte, que um dia já tinha sido bem-sucedido, trataram os mensageiros reais com indiferença, e até mesmo com desprezo. "Mas o povo zombou deles e os expôs ao ridículo." Umas poucas pessoas, porém, "de Aser, de Manassés e de Zebulom humilharam-se e foram para Jerusalém [...] para celebrar a festa dos pães sem fermento" (2Cr 30:10, 11-13).

O Fim Veio Rapidamente

Aproximadamente dois anos depois, os exércitos assírios sitiaram Samaria e multidões tiveram uma morte miserável, quer pela fome, por doenças ou pela espada. A cidade e a nação foram destruídas, e o que restou das dez tribos foi espalhado pelas cidades do território assírio.

A destruição do reino do norte foi um juízo direto do Céu. Por intermédio de Isaías, o Senhor Se referiu aos exércitos assírios como "vara do Meu furor, em cujas mãos", disse Ele, "está o bastão da Minha ira!" (Is 10:5).

Israel insistiu em se recusar a se arrepender, por isso o Senhor "o afligiu e o entregou nas mãos de saqueadores, até expulsá-lo da Sua presença", cumprindo as claras advertências que enviou "por meio de todos os Seus servos, os profetas".

"Assim, o povo de Israel foi tirado de sua terra e levado ao exílio na Assíria", "porque os israelitas não obedeceram ao Senhor, o seu Deus, mas violaram a Sua aliança" (2Rs 17:20, 23; 18:12).

Deus, em Sua sabedoria e misericórdia, enviou os terríveis juízos sobre as dez tribos com um objetivo. Aquilo que Ele não podia mais fazer por meio do povo em sua terra natal, procuraria realizar espalhando-os entre os pagãos. Nem todos os que foram levados como escravos eram rebeldes. Alguns tinham permanecido leais a Deus, e outros tinham se humilhado perante Ele. Por intermédio deles, Deus faria com que multidões no reino assírio conhecessem o Seu caráter e as bênçãos da Sua lei.

Destruição por Falta de Conhecimento

As bênçãos de Deus em favor dos israelitas sempre dependeram de sua obediência a Ele. No Sinai, eles haviam feito uma aliança com o Senhor, tornando-se Seu "tesouro pessoal dentre todas as nações". "Faremos tudo o que o Senhor ordenou", eles prometeram" (Êx 19:5, 8). Deus escolheu Israel como Seu povo, e eles O escolheram como seu Rei.

Quase no fim do período em que ficaram no deserto, já na fronteira com a Terra Prometida, os que permaneceram fiéis renovaram a promessa de que seriam obedientes. Moisés os advertiu a não se misturarem com as nações vizinhas e a adorarem somente a Deus (ver Dt 4).

Moisés aconselhou em especial os israelitas a não se esquecerem dos mandamentos de Deus. Ele os alertou de forma clara e firme contra os costumes idólatras das nações vizinhas. "Tenham o cuidado de não esquecer da aliança que o Senhor, o seu Deus, fez com vocês; não façam para si ídolo algum com a forma de qualquer coisa que o Senhor, o seu Deus, proibiu" (Dt 4:23).

Apontando o Céu e a Terra como testemunhas, Moisés declarou que, se depois de viverem por um longo período na Terra Prometida, o povo se curvasse perante as imagens de escultura e se recusasse a voltar a adorar o verdadeiro Deus, eles seriam levados como escravos e espalhados entre os pagãos. "Serão rapidamente eliminados da terra, da qual estão tomando posse ao atravessar o Jordão", ele alertou. "Vocês não viverão muito ali; serão totalmente destruídos. O Senhor os espalhará entre os povos, e restarão apenas alguns de vocês entre as nações às quais o Senhor os levará" (v. 26, 27).

Essa profecia, que se cumpriu em parte no tempo dos juízes, cumpriu-se à risca quando o povo de Israel foi capturado pela Assíria, e Judá pela Babilônia. Satanás

tentou várias vezes fazer com que a nação escolhida esquecesse "a lei, [...] os decretos e ordenanças" (Dt 6:1) que eles prometeram guardar para sempre. Ele sabia que se pudesse fazer com que seguissem "outros deuses, prestando-lhes culto e curvando-se diante deles", eles certamente seriam "destruídos" (Dt 8:19).

No entanto, o inimigo da igreja de Deus na Terra não tinha levado em conta o coração cheio de compaixão do Senhor. É Sua glória ser "compassivo e misericordioso, paciente, cheio de amor e de fidelidade, que mantém o Seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado" (Êx 34:6, 7). Mesmo nas horas mais escuras de sua história, o Senhor bondosamente apresentou para Israel as coisas que trariam bem-estar para a nação. "Mas fui Eu quem ensinou Efraim a andar, tomando-o nos braços; mas eles não perceberam que fui Eu quem os curou" (Os 11:3).

O Senhor os tratou com muito amor, instruindo-os por meio de Seus profetas. Se Israel tivesse obedecido às mensagens dos profetas, teriam evitado a humilhação. No entanto, por terem insistido em abandonar a Sua lei, Deus não teve outra escolha a não ser permitir que fossem capturados. "Meu povo foi destruído por falta de conhecimento", foi a Sua mensagem. "Uma vez que vocês rejeitaram o conhecimento, Eu também os rejeito [...];" pois "vocês ignoraram a lei do seu Deus" (Os 4:6).

Ao longo dos séculos, o resultado da transgressão da lei de Deus tem sido o mesmo. Nos dias de Noé, a maldade aumentou tanto e se alastrou de tal forma pela Terra que Deus não pôde mais suportar, e finalmente decretou: "Farei desaparecer da face da Terra o homem que criei" (Gn 6:7). Nos dias de Abraão, o povo de Sodoma desafiava abertamente a Deus e Sua lei. Eles ultrapassaram os limites da paciência e misericórdia de Deus, e o fogo da vingança divina se acendeu contra eles.

Antes de as dez tribos de Israel serem capturadas, o povo vivia em desobediência semelhante. Oseias declarou: "O Senhor tem uma acusação contra vocês que vivem nesta terra: [...] 'Só se veem maldição, mentira e assassinatos, roubo e mais roubo, adultério e mais adultério; ultrapassam todos os limites! E o derramamento de sangue é constante'" (Os 4:1, 2).

"Peregrino Entre as Nações"

As dez tribos, que por tanto tempo não apresentaram qualquer desejo de arrependimento, não receberam nenhuma promessa de que um dia reconquistariam o domínio completo que uma vez tiveram sobre a Palestina. Eles deveriam ser "peregrinos entre as nações" (Os 9:17) até o fim. Mas uma profecia, dada por meio de Oseias, ofereceu a eles o privilégio de fazer parte da restauração final do povo de Deus,

no fim da história da Terra. "Por muitos dias", o profeta declarou, as dez tribos deveriam ficar "sem rei e sem líder, sem sacrifício e sem colunas sagradas, sem colete sacerdotal." "Depois disso", o profeta continuou, "os israelitas voltarão e buscarão o Senhor, o seu Deus, e Davi, seu rei. Virão tremendo atrás do Senhor e das Suas bênçãos, nos últimos dias" (Os 3:4, 5).

Em linguagem simbólica, Oseias apresentou o plano de Deus para voltar a derramar sobre os que se arrependessem as bênçãos que derramou sobre Israel nos dias em que foram leais a Ele na Terra Prometida. O Senhor declarou a respeito de Israel: "'Ali devolverei a ela as suas vinhas, e farei do vale de Acor uma porta de esperança. Ali ela me responderá como nos dias de sua infância, como no dia em que saiu do Egito. Naquele dia', declara o Senhor, 'você Me chamará 'meu marido'; não Me chamará mais 'meu senhor'" (Os 2:15, 16).

Nos últimos dias da história da Terra, Deus renovará a aliança com Seu povo, que guarda os Seus mandamentos. "Eu Me casarei com você para sempre; [...] com justiça e retidão, com amor e compaixão [...], e você reconhecerá o Senhor. [...] Tratarei com amor aquela que chamei 'Não amada'. Direi àquele chamado 'Não-Meu-povo': 'Você é Meu povo'; e ele dirá: 'Tu és o meu Deus'" (v. 19, 20, 23).

De "toda a nação, tribo, língua e povo", algumas pessoas alegremente aceitarão a mensagem: "Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo." Elas abandonarão todo ídolo que as liga à Terra e adorarão "Aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas." Serão libertas de todo empecilho e serão apresentadas ao mundo como exemplos vivos da misericórdia de Deus. Obedientes às exigências divinas, essas pessoas serão reconhecidas como aquelas que "obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus" (Ap 14:6, 7, 12).

"Trarei de volta Israel, o Meu povo exilado. [...] Plantarei Israel em sua própria terra, para nunca mais ser desarraigado da terra que lhe dei" (Am 9:14, 15).

Uma Mensagem de Esperança

Por muitos anos, o rei Uzias governou Judá e Benjamim com sabedoria. Ele reconstruiu e fortificou as cidades e as riquezas das nações foram levadas para Jerusalém. "E assim tornou-se muito poderoso e a sua fama espalhou-se para longe" (2Cr 26:15).

A força espiritual, porém, não acompanhou o sucesso exterior. Os cultos do templo continuaram, e multidões se reuniam para adorar ao Deus vivo; mas o orgulho e o formalismo tomaram o lugar da humildade e sinceridade. A Bíblia diz a respeito de Uzias: "Entretanto, depois que Uzias se tornou poderoso, o seu orgulho provocou a sua queda. Ele foi infiel ao Senhor, ao seu Deus" (v. 16). Desacatando a uma ordem clara do Senhor, o rei entrou no santuário "para queimar incenso no altar". Azarias, o sumo sacerdote, e seus assistentes o repreenderam: "Não é certo que você, Uzias, queime incenso ao Senhor", eles disseram. "Você foi infiel e não será honrado por Deus, o Senhor" (v. 18).

Uzias ficou com muita raiva por ser repreendido. Mesmo sob o protesto dos sacerdotes, Uzias estava determinado a seguir em frente, mas Deus não permitiu que ele profanasse o santuário. De repente, enquanto ainda estava no templo se rebelando com o coração cheio de ira, ele foi contaminado pela lepra. Até o dia de sua morte, Uzias ficou leproso – um exemplo vivo da loucura de desobedecer a um claro "Assim diz o Senhor". Nem sua posição, nem seu longo tempo de serviço poderiam ser usados como desculpa para praticar o arrogante pecado que atraiu o juízo do Céu sobre ele. Deus trata a todos de maneira igual (ver Nm 15:30).

Jotão, filho de Uzias, assumiu o trono após a morte do pai. "Ele fez o que o Senhor aprova, tal como seu pai Uzias. Contudo, os altares idólatras não foram derrubados"

(2Rs 15:34, 35).

O reinado de Uzias estava chegando ao fim, quando Isaías, um jovem da linhagem real, recebeu o chamado para ser profeta. Ele testemunharia a invasão de Judá pelos exércitos de Israel e da Síria; veria os exércitos assírios acampados em frente às principais cidades do reino. Testemunharia a queda de Samaria, e as dez tribos de Israel serem espalhadas entre as nações. Veria Judá ser invadida pelos exércitos assírios e Jerusalém sofrer um cerco que a teria destruído, se Deus não tivesse interferido de forma miraculosa. A divina proteção estava sendo retirada, e as forças assírias estavam prestes a invadir Judá.

Enviado no Tempo Certo

Contudo, os perigos externos não eram tão graves quanto os perigos internos. Por causa de sua apostasia e rebelião, o povo que deveria ter sido o portador da luz entre as nações estava atraindo para si os juízos de Deus. Muitos dos males do reino do norte, que Oseias e Amós tinham denunciado, estavam rapidamente corrompendo o reino de Judá. Em seu desejo pela riqueza, muitos estavam adquirindo "casas e mais casas, propriedades e mais propriedades" (Is 5:8). Eles perverteram a justiça e não tinham qualquer compaixão do pobre. Deus declarou: "O que foi roubado do necessitado está nas suas casas" (Is 3:14). Mesmo os juízes faziam vista grossa para os clamores do pobre e necessitado, das viúvas e dos órfãos (ver Is 10:1, 2).

Junto com a riqueza vieram o amor ao luxo, a bebedeira e a orgia (ver Is 2:11, 12; 3:16, 18-23; 5:11, 12, 22). E a própria idolatria já tinha se tornado algo comum (Is 2:8, 9). Os poucos que permaneciam fiéis a Deus eram tentados a cair no desespero. Parecia que o plano de Deus para Israel estava à beira do fracasso total.

Não é de admirar que, no início, Isaías tenha ficado com medo de aceitar o chamado para transmitir as mensagens de reprovação da parte de Deus. Ele sabia que enfrentaria oposição. Ao pensar na teimosia e na incredulidade do povo, sua missão parecia sem qualquer esperança. Deveria ele se entregar ao desespero e permitir que Judá continuasse a adorar ídolos sem ser repreendida? Deveriam os deuses de Nínive dominar a terra em desafio ao Deus do Céu?

Pensamentos como esses cruzavam a mente de Isaías quando ainda estava no pátio do templo. De repente, ele recebeu uma visão do Senhor "assentado num trono alto e exaltado, e a aba de sua veste enchia o templo" (Is 6:1). De cada lado do trono, os anjos uniam suas vozes nas solenes palavras: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos, e a Terra inteira está cheia da Sua glória" (Is 6:3) até que a coluna, o pilar e a porta de

cedro pareceram sacudir com o som, e o templo se encheu de louvor.

Isaías se sentiu oprimido com o senso da pureza e santidade de Deus. "Ai de mim!", ele exclamou. "Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!" (v. 5). Ele sentiu que, se dependesse de sua própria força, seria totalmente incapaz de cumprir a missão que tinha recebido de Deus. Mas um anjo colocou uma brasa viva do altar sobre seus lábios, com as palavras: "'Veja, isto tocou os seus lábios; por isso, a sua culpa será removida, e o seu pecado será perdoado.' Então ouvi a voz do Senhor, conclamando: 'Quem enviarei? Quem irá por nós?' E eu respondi: 'Eis-me aqui. Envia-me!'" (v. 7, 8).

O Sucesso Final é Garantido

O dever do profeta era claro – ele deveria erguer sua voz contra os males que dominavam a nação. Mas ele tinha medo de aceitar a missão sem ter alguma garantia de sucesso. "Até quando, Senhor?", ele perguntou (v. 11). Ninguém do Teu povo escolhido se arrependerá e será curado?

A missão de Isaías produziria resultados, embora os males que se multiplicaram por muitas gerações não fossem removidos em seus dias. Ele deveria ser um mestre corajoso e paciente – um profeta da esperança, como também da condenação. Um remanescente seria salvo. Mas para que isso acontecesse, ele deveria transmitir mensagens de súplica à nação rebelde.

As dez tribos do reino do norte em breve seriam espalhadas entre as nações. Os exércitos das nações inimigas devastariam o território vez após outra. Até mesmo Jerusalém seria finalmente destruída, e Judá capturada. No entanto, a Terra Prometida não seria para sempre deixada no esquecimento. O mensageiro celeste garantiu a Isaías:

"E ainda que um décimo fique no país

Esses também serão destruídos.

Mas, assim como o terebinto e o carvalho deixam o tronco quando são derrubados,

Assim a santa semente será o seu tronco" (v. 13).

Essa garantia encheu Isaías de coragem. Ele tinha visto o Rei, o Senhor dos Exércitos. Ouvido o cântico dos serafins: "A Terra inteira está cheia da Sua glória" (v. 3). Ele tinha a promessa de que o poder convincente do Espírito Santo acompanharia as

mensagens de Deus, e se sentiu fortalecido para realizar o obra que tinha recebido. Durante sua longa e árdua missão, Isaías sempre se lembrava da visão que tinha recebido. Durante sessenta anos ou mais ele atuou como um profeta de esperança, profetizando o triunfo futuro da igreja.

"Aqui Está o Seu Deus"

Por muito tempo, Satanás havia tentado fazer com que as pessoas vissem o seu Criador como o autor de todo sofrimento e morte. As pessoas que ele conseguiu enganar achavam que Deus estava sempre pronto a condenar, que não estava disposto a receber o pecador enquanto ainda existisse um motivo justo para não ajudá-lo. Satanás havia deturpado a lei de amor do Céu, apresentando-a como uma restrição à felicidade do homem, um jugo do qual qualquer um ficaria feliz em se livrar. O grande enganador declarou que ninguém era capaz de obedecer aos mandamentos dessa lei.

Os israelitas não tinham desculpas para perder de vista o verdadeiro caráter de Deus. Ele havia Se revelado a eles muitas vezes como um "Deus compassivo e misericordioso, muito paciente, rico em amor e em fidelidade" (Sl 86:15). O Senhor tinha tratado Israel com muito amor ao libertá-los da escravidão no Egito e ao longo de sua jornada para a Terra Prometida. "Em toda a aflição do Seu povo Ele também Se afligiu, e o anjo da Sua presença os salvou. Em Seu amor e em Sua misericórdia Ele os resgatou" (Is 63:9). Moisés deu a eles instruções detalhadas quanto ao caráter de seu Rei invisível (ver Êx 34:6, 7).

No auge da rebelião de Israel, o Senhor havia proposto fazer dos descendentes de Moisés "uma nação maior e mais forte do que eles" (Nm 14:12). No entanto, o profeta reclamou as promessas de Deus em favor da nação escolhida. E, por fim, usou o argumento mais forte de todos, apelou para o amor de Deus pela humanidade caída (ver v. 17-19).

O Senhor respondeu bondosamente: "Eu os perdoei, conforme você pediu." Em seguida, deu a Moisés um vislumbre de Seu plano para o triunfo final de Israel: "Juro

pela glória do Senhor que enche toda a Terra" (v. 20, 21). A glória de Deus, Seu caráter e Seu grande amor seriam revelados a todas as nações. E Ele confirmou Sua promessa fazendo um juramento. Tão certamente como Deus vive e reina, seria anunciada a "Sua glória entre as nações, Seus feitos maravilhosos entre todos os povos!" (Sl 96:3).

O Evangelho a Todo o Mundo

Hoje essa profecia está se cumprindo com muita rapidez. Em breve o evangelho será pregado em todas as nações. Homens e mulheres de toda etnia, língua e povo estão sendo recebidos "gratuitamente no Amado", "para mostrar, nas eras que hão de vir, a incomparável riqueza de Sua graça, demonstrada em Sua bondade para conosco em Cristo Jesus" (Ef 1:6; 2:7).

Na visão que Isaías recebeu no pátio do templo, o caráter de Deus foi revelado a ele de forma bastante clara. "O Alto e Sublime, que vive para sempre, e cujo nome é santo", apareceu diante dele em grande majestade; no entanto, o profeta pôde compreender a natureza compassiva de seu Senhor. Aquele que habita "num lugar alto e santo", habita "também com o contrito e humilde de espírito, para dar novo ânimo ao espírito do humilde e novo alento ao coração do contrito" (Is 57:15).

Ao contemplar Deus, o profeta não viu apenas sua própria indignidade, mas seu coração humilhado teve a certeza do perdão, total e gratuito; e ele saiu dessa experiência como um homem transformado. Era capaz agora de testemunhar a transformação de seu coração ao contemplar o Amor Infinito. A partir de então, seu grande desejo era ver o rebelde Israel livre do peso e da consequência do pecado. "Por que continuarão sendo castigados?" "'Venham, vamos refletir juntos', diz o Senhor. 'Embora os seus pecados sejam vermelhos como escarlate, eles se tornarão brancos como a neve; embora sejam rubros como púrpura, como a lã se tornarão" (Is 1:5, 18).

O Deus cujo caráter tinham compreendido de forma equivocada revelou-Se como o grande Médico da doença espiritual. Todo aquele que tivesse afastado o coração de Deus podia encontrar a cura voltando para o Senhor. "Eu vi os seus caminhos, mas vou curá-lo; Eu o guiarei e tornarei a dar-lhe consolo" (Is 57:18).

O profeta exaltou a Deus como o Criador. Sua mensagem às cidades de Judá foi: "Aqui está o seu Deus" (Is 40:9). "'Com quem vocês Me compararão? Quem se assemelha a Mim?', pergunta o Santo. Ergam os olhos e olhem para as alturas. Quem criou tudo isso? Aquele que põe em marcha cada estrela do Seu exército celestial, e a todas chama pelo nome. Tão grande é o Seu poder e tão imensa a Sua força, que nenhuma delas deixa de comparecer!" (v. 25, 26).

Deus Aceita Pecadores Indignos

O profeta afirmou aos que tinham medo de não serem aceitos por Deus se O buscassem: "Será que você não sabe? Nunca ouviu falar? O Senhor é o Deus eterno, o Criador de toda a Terra. Ele não Se cansa nem fica exausto, Sua sabedoria é insondável. Ele fortalece ao cansado e dá grande vigor ao que está sem forças. Até os jovens se cansam e ficam exaustos, e os moços tropeçam e caem; mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam bem alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam" (v. 28-31).

O coração do Amor Infinito anseia pelos que se sentem incapazes de escapar das armadilhas de Satanás. "Por isso não tema", Ele lhes diz, "pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei." "Pois Eu sou o Senhor, o seu Deus, que o segura pela mão direita e lhe diz: Não tema; Eu o ajudarei" (Is 41:10, 13).

As pessoas que não conheciam as características de Deus deveriam ainda contemplar a glória do caráter divino. Deus queria deixar claro os Seus misericordiosos propósitos, por isso insistiu em enviar Seus profetas com a mensagem: "Converta-se cada um do seu caminho mau" (Jr 25:5). "Por amor do Meu próprio nome", Ele declarou por meio de Isaías, "Eu adio a Minha ira; por amor de Meu louvor Eu a contive, para que você não fosse eliminado" (Is 48:9).

O Senhor Receberá Você

O chamado para o arrependimento foi claro, e todos foram convidados a voltar. "Busquem o Senhor enquanto se pode achá-Lo", o profeta suplicou; "clamem por Ele enquanto está perto. Que o ímpio abandone seu caminho, e o homem mau, os seus pensamentos. Volte-se ele para o Senhor, que terá misericórdia dele; volte-se para o nosso Deus, pois Ele perdoará de bom grado" (Is 55:6, 7).

Você se afastou de Deus? Escolheu deliciar-se com os frutos da desobediência, apenas para descobrir que são cinzas em seus lábios? E agora, com seus planos frustrados e suas esperanças destruídas, você está sentado sentindo-se solitário e triste? Ouça a voz que lhe fala em tom claro e inconfundível: "Levantem-se, vão embora! Pois este não é o lugar de descanso, porque ele está contaminado, está arruinado, sem que haja remédio" (Mq 2:10). Seu Pai convida você dizendo: "Volte para Mim, pois Eu o resgatei." "Deem ouvidos e venham a Mim; ouçam-Me, para que sua alma viva" (Is 44:22; 55:3).

Não dê ouvidos à sugestão do inimigo de continuar longe de Cristo até que você

tenha melhorado, até que seja bom o bastante para voltar para Ele. Repita a promessa do Salvador: "Quem vier a Mim Eu jamais rejeitarei" (Jo 6:37). Diga ao inimigo que o sangue de Jesus Cristo purifica de todo o pecado. Faça da oração de Davi a sua própria: "Lava-me e mais branco do que a neve serei" (Sl 51:7).

Os apelos do profeta a Judá não foram em vão. Alguns abandonaram seus ídolos. Aprenderam a ver o amor, a misericórdia e a amorosa compaixão de seu Criador. E, nos dias escuros que estavam por vir, as palavras do profeta continuariam produzindo uma decidida reforma. Muitos seriam levados a contemplar o Deus de infinito amor. Ele perdoaria Seus pecados, e eles se alegrariam somente nEle. Eles exclamariam: "O Senhor é o nosso Juiz, o Senhor é o nosso Legislador, o Senhor é o nosso Rei; é Ele que nos salvará" (Is 33:22).

As mensagens de Isaías aos que escolhiam abandonar os seus maus caminhos eram cheias de conforto e ânimo:

"Ó Israel, Eu não o esquecerei.

Como se fossem uma nuvem, varri para longe suas ofensas;

Como se fossem a neblina da manhã, os seus pecados.

Volte para Mim, pois Eu o resgatei" (Is 44:21, 22).

"Naquele dia você dirá:

'Eu Te louvarei, Senhor!'

Pois estavas irado contra mim,

Mas a Tua ira desviou-se, e Tu me consolaste. [...]

Gritem bem alto e cantem de alegria, habitantes de Sião,

Pois grande é o Santo de Israel no meio de vocês" (Is 12:1-6).

Reino Quase Destruído

A coroação de Acaz como rei colocou Isaías face a face com situações ainda mais terríveis do que as que ele tinha enfrentado até então em Judá. Muitos passaram a ser convencidos a adorar os deuses pagãos. Príncipes provavam ser infiéis à sua atividade; falsos profetas levavam o povo a se desviar; alguns sacerdotes trabalhavam apenas pelo dinheiro. No entanto, os líderes em apostasia ainda mantinham as formas do culto divino e declaravam ser o povo de Deus.

O profeta Miqueias declarou que enquanto os pecadores de Sião se gabavam: "O Senhor está no meio de nós. Nenhuma desgraça vai nos acontecer", continuavam a construir "Sião com derramamento de sangue e Jerusalém com impiedade" (Mq 3:11, 10). Isaías ergueu a voz em severa repreensão: "'Para que Me oferecem tantos sacrifícios?', pergunta o Senhor. [...] Quando vocês vêm à Minha presença, quem lhes pediu que pusessem os pés em Meus átrios?'" (Is 1:11, 12).

A Bíblia declara: "O sacrifício dos ímpios já por si é detestável; quanto mais quando oferecido com más intenções" (Pv 21:27). Deus não Se afasta do transgressor porque não quer perdoá-lo. Pelo contrário! O pecador é que impede Deus de livrá-lo do pecado quando rejeita os muitos convites e oportunidades que Ele lhe oferece por meio de Sua graça. "As suas maldades separaram vocês do seu Deus; os seus pecados esconderam de vocês o rosto dEle, e por isso Ele não os ouvirá" (Is 59:2).

Isaías chamou a atenção do povo para a posição frágil e vulnerável que ocupava entre as nações e mostrou que esse era o resultado da incredulidade e da maldade dos líderes: "Vejam! O Soberano, o Senhor dos Exércitos, logo irá retirar de Jerusalém e de Judá todo o seu sustento, tanto o suprimento de comida como o suprimento de água, e também o herói e o guerreiro, o juiz e o profeta, o adivinho e a autoridade, o capitão e o

nobre, o conselheiro, o conhecedor de magia e o perito em maldições. 'Porei jovens no governo; irresponsáveis dominarão.'" "Jerusalém está em ruínas, e o povo de Judá está caído; suas palavras e suas ações são contra o Senhor" (Is 3:1-4, 8).

"Os seus guias", continuou o profeta, "o enganam, e o desviam do caminho" (Is 3:12). A Bíblia diz a respeito de Acaz: "Andou nos caminhos dos reis de Israel e chegou até a queimar o seu filho em sacrifício, imitando os costumes detestáveis das nações que o Senhor havia expulsado de diante dos israelitas" (2Rs 16:3).

Grande Perigo para a Nação Escolhida

As perspectivas para o reino de Judá também eram sombrias. As forças do mal estavam se multiplicando. O profeta Miqueias exclamou: "Os piedosos desapareceram do país; não há um justo sequer." "O melhor deles é como espinheiro, e o mais correto é pior que uma cerca de espinhos" (Mq 7:2, 4).

Ao longo dos séculos, por causa de Seu infinito amor, Deus tem sido paciente com os rebeldes e insistido para que voltem para Ele. E assim foi durante o reinado de Acaz. Deus enviou convite após convite ao rebelde Israel. Na presença do povo, os profetas suplicavam com insistência para que se arrependessem e fizessem reformas, e suas palavras produziam frutos.

Por meio de Miqueias veio o maravilhoso apelo: "Meu povo, que foi que Eu fiz contra você? Fui muito exigente? Responda-Me. Eu o tirei do Egito, e o redimi da terra da escravidão" (Mq 6:3, 4).

Durante todo o período de graça, o Espírito de Deus está apelando a homens e mulheres para aceitarem o dom da vida. "Voltem! Voltem-se dos seus maus caminhos! Por que iriam morrer?" (Ez 33:11). Satanás os leva a pecar e então os abandona, sem ajuda e esperança, com medo de buscarem o perdão. Mas Deus convida o pecador: "Venham buscar refúgio em Mim; que façam as pazes comigo" (Is 27:5). Em Cristo, foram tomadas todas as medidas para o perdão e oferecidos todos os incentivos para o arrependimento.

Em Judá e Israel, muitos estavam perguntando: "Com que eu poderia comparecer diante do Senhor? [...] Deveria oferecer holocaustos? [...] Ficaria o Senhor satisfeito com milhares de carneiros, com dez mil ribeiros de azeite?" A resposta é clara: "Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: Pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus" (Mq 6:6-8).

Século após século esses conselhos foram repetidos para aqueles que estavam

caindo no formalismo religioso e se esquecendo de praticar a misericórdia. Quando um doutor da lei se aproximou de Cristo com a pergunta: "'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Respondeu Jesus: 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento'. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'" (Mt 22:36-39).

Deveríamos receber essas claras declarações como a voz de Deus. Não devemos perder a oportunidade de praticar atos de misericórdia, de amável consideração e cortesia cristã por aqueles que estão sobrecarregados e oprimidos. Se não temos condições de fazer mais, podemos dizer palavras de ânimo e esperança aos que não conhecem a Deus. Ricas são as promessas feitas aos que levam alegria e bênção à vida de outros. "Se com renúncia própria você beneficiar os famintos e satisfizer o anseio dos aflitos, então a sua luz despontará nas trevas, e a sua noite será como o meio-dia. O Senhor o guiará constantemente; satisfará os seus desejos numa terra ressequida pelo sol e fortalecerá os seus ossos. Você será como um jardim bem regado, como uma fonte cujas águas nunca faltam" (Is 58:10, 11).

A insistência de Acaz em adorar ídolos, apesar dos apelos fervorosos dos profetas, não podia acabar em outra coisa: "A ira do Senhor caiu sobre Judá e sobre Jerusalém; e Ele fez deles objeto de espanto, horror e zombaria" (2Cr 29:8). O reino entrou em rápida decadência, e exércitos invasores logo colocaram em perigo sua própria existência. "Então Rezim, rei da Síria, e Peca, filho de Remalias, rei de Israel, saíram para lutar contra Acaz e sitiaram Jerusalém" (2Rs 16:5).

Se Acaz e o povo de seu reino tivessem sido servos leais ao Altíssimo, eles não teriam ficado com medo de uma aliança tão incomum como a que foi formada contra eles. Mas tomados por um enorme medo dos juízos de um Deus ofendido, o coração do rei "e do seu povo agitou-se, como as árvores da floresta agitam-se ao vento" (Is 7:2). Nessa crise, a palavra do Senhor veio a Isaías. Ele deveria dizer ao rei amedrontado: "'Tenha cuidado, acalme-se e não tenha medo. [...] 'Porque a Síria, Efraim e o filho de Remalias têm tramado a sua ruína. [...] Assim diz o Soberano, o Senhor: 'Não será assim, isso não acontecerá'" (v. 4-7).

Teria sido muito bom para o reino de Judá se Acaz tivesse recebido essa mensagem como vinda do Céu. No entanto, ele escolheu apoiar-se na força humana, buscou a ajuda dos pagãos. Em desespero, ele enviou uma mensagem a Tiglate-Pileser, rei da Assíria: "Sou teu servo e teu vassalo. Vem salvar-me das mãos do rei da Síria e do rei de Israel, que estão me atacando" (2Rs 16:7). Junto com o pedido, ele enviou um valioso

presente retirado do tesouro do rei e do templo.

A ajuda chegou e o rei Acaz teve um alívio temporário, mas a um custo muito alto para Judá! O valioso presente despertou a ganância da Assíria. Não demorou muito e essa nação ameaçou invadir Judá e levar toda a sua riqueza. Acaz e seus infelizes súditos estavam então aterrorizados pelo medo de cair por completo nas mãos dos cruéis assírios. "O Senhor humilhou Judá" (2Cr 28:19) por causa de sua contínua transgressão.

Nesse momento de aflição, em vez de se arrepender, Acaz "tornou-se ainda mais infiel ao Senhor. [...] Ele ofereceu sacrifícios aos deuses de Damasco, [...] pois pensava: 'Já que os deuses da Síria os têm ajudado, oferecerei sacrifícios a eles para que me ajudem também'" (v. 22, 23).

Ao se aproximar do fim do seu reinado, o rei apóstata ordenou que as portas do templo fossem fechadas. Não seriam mais oferecidas ofertas pelos pecados do povo. Com o pátio da casa de Deus vazio e as portas trancadas, o povo daquela ímpia cidade se atreveu a adorar os deuses pagãos nas esquinas das ruas em toda Jerusalém. O paganismo parecia ter vencido.

Entretanto, algumas pessoas em Judá permaneceram fiéis a Jeová. Isaías e Miqueias olhavam para essas pessoas com esperança ao observarem a ruína provocada durante os últimos anos do reinado de Acaz. O santuário estava fechado, mas esses fiéis tiveram a certeza: "Deus está conosco!" "Ao Senhor dos Exércitos é que vocês devem considerar santo, a Ele é que vocês devem temer, [...] Ele será um santuário" (Is 8:10, 13, 14).

O Rei Ezequias Repara os Danos

Ezequias assumiu o trono decidido a fazer tudo para salvar Judá das consequências que o reino do norte já tinha começado a sofrer. A proposta dos profetas não incluía meias-medidas. Judá poderia evitar os juízos prometidos unicamente por meio de uma reforma sincera.

Assim que ele assumiu o trono, já começou a fazer os planos e a colocá-los em prática. A primeira coisa que ele fez foi reativar as atividades do templo e, para isso, solicitou a ajuda dos sacerdotes e levitas que tinham permanecido leais. "Nossos pais foram infiéis", ele confessou, "fizeram o que o Senhor, o nosso Deus, reprova e O abandonaram." "Pretendo, pois, agora fazer uma aliança com o Senhor, o Deus de Israel, para que o fogo da Sua ira se afaste de nós" (2Cr 29:6, 10).

O rei analisou a situação – o templo fechado e todas as cerimônias suspensas; a idolatria praticada nas ruas da cidade e em todo o reino; a apostasia de multidões que poderiam ter permanecido leais a Deus se os líderes de Judá tivessem dado um bom exemplo; e a decadência do reino e a perda de seu prestígio entre as nações ao redor. Não demoraria muito, o reino do norte cairia completamente nas mãos dos assírios e seria arruinado. Esse também seria o futuro de Judá, a menos que Deus agisse poderosamente por intermédio de Seus representantes escolhidos.

Ezequias apelou aos sacerdotes para se unirem a ele a fim de colocar a reforma em prática. "'Não sejam negligentes agora', ele os exortou, 'pois o Senhor os escolheu para estarem diante dEle e O servirem.'" "Consagrem-se agora e consagrem o templo do Senhor, o Deus dos seus antepassados" (v. 11, 5).

Os sacerdotes não perderam tempo. Eles conseguiram a ajuda de outros e dedicaram-se de coração para a purificação e santificação do templo. Eles concluíram a

sua tarefa em tempo recorde. Eles consertaram e abriram as portas do templo, juntaram os vasos sagrados e os colocaram no lugar; e tudo ficou em ordem para reiniciar as atividades do santuário.

No primeiro culto celebrado no templo reaberto, os príncipes da cidade uniram-se ao rei Ezequias e aos sacerdotes em busca do perdão para os pecados da nação. Sobre o altar, os sacerdotes colocaram as ofertas pelo pecado, "para fazer propiciação por todo o Israel". Uma vez mais os hinos de louvor ecoaram pelos pátios do templo. Os cânticos de Davi e de Asafe foram cantados com alegria, pois os adoradores sentiam que estavam sendo libertados da escravidão do pecado e da apostasia. "Ezequias e todo o povo regozijavam-se com o que Deus havia feito por Seu povo, e tudo em tão pouco tempo" (v. 24, 36).

Deus preparou o coração dos chefes em Judá para liderarem um decidido movimento de reforma e colocar um fim na apostasia. O reino de Israel tinha rejeitado as Suas mensagens, mas em Judá sobrou um bom remanescente, e a esses os profetas continuaram a apelar. Podia-se ouvir Isaías apelando: "Voltem para Aquele contra quem vocês se revoltaram tão tremendamente, ó israelitas!" (Is 31:6). Ouvia-se Miqueias declarando com segurança: "Por eu ter pecado contra o Senhor, suportarei a Sua ira, até que Ele apresente a minha defesa e estabeleça o meu direito. Ele me fará sair para a luz; contemplarei a Sua justiça" (Mq 7:9).

Essas e outras mensagens semelhantes trouxeram esperança a muitos nos anos escuros em que as portas do templo ficaram fechadas. E então, no momento em que os líderes iniciaram a reforma, uma multidão do povo, cansada da escravidão do pecado, estava pronta para aceitar.

Aqueles que buscavam o perdão encontraram maravilhoso ânimo nas Escrituras. "Vocês voltarão para o Senhor, o seu Deus", disse Moisés, "e Lhe obedecerão. Pois o Senhor, o seu Deus, é Deus misericordioso; Ele não os abandonará, nem os destruirá nem Se esquecerá da aliança que com juramento fez com os seus antepassados" (Dt 4:30, 31).

Na ocasião da dedicação do templo, Salomão orou: "Quando Israel, o Teu povo, for derrotado por um inimigo por ter pecado contra Ti, e voltar-se para Ti e invocar o Teu nome, orando e suplicando a Ti neste templo, ouve dos Céus e perdoa o pecado de Israel, Teu povo" (1Rs 8:33, 34). À noite, o Senhor apareceu a Salomão para dizer que Ele seria misericordioso com os que adorassem ali: "Se o Meu povo, que se chama pelo Meu nome, se humilhar e orar, buscar a Minha face e se afastar dos seus maus

caminhos, dos Céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra" (2Cr 7:14). Essas promessas se cumpriram de forma completa e generosa durante a reforma realizada no reinado de Ezequias.

Celebrando a Páscoa

Em seu zelo para tornar as cerimônias do templo uma bênção real para o povo, Ezequias decidiu reunir os israelitas para a festa da Páscoa. Por muitos anos, a Páscoa tinha deixado de ser celebrada como uma festa nacional. A divisão do reino, após o reinado de Salomão, tinha feito com que isso parecesse algo impossível de acontecer. Mas as mensagens de incentivo dos profetas estavam produzindo seus efeitos. Os mensageiros reais anunciaram o convite para a celebração da Páscoa em Jerusalém, "de cidade em cidade, em Efraim e em Manassés, e até em Zebulom". Os mensageiros eram geralmente desprezados e mandados embora; no entanto, algumas pessoas "humilharam-se e foram para Jerusalém" (2Cr 30:10, 11).

Em Judá a resposta do povo foi muito positiva, pois "a mão de Deus esteve sobre o povo dando-lhes unidade de pensamento para executarem o que o rei e os seus oficiais haviam ordenado" – uma ordem dada de acordo com a vontade de Deus, revelada por meio de Seus profetas (v. 12).

As ruas profanadas da cidade foram limpas dos altares idólatras colocados ali durante o reinado de Acaz. O povo celebrou a Páscoa e dedicou uma semana para oferecer ofertas pacíficas e aprender o que Deus queria que eles fizessem. As pessoas que prepararam o coração para buscar a Deus encontraram o perdão. Uma grande alegria tomou conta da multidão. "Os levitas e os sacerdotes cantavam louvores, ao som dos instrumentos ressonantes do Senhor" (2Cr 30:21). Todos estavam unidos no desejo de louvá-Lo.

Os sete dias de festa passaram muito rápido, e os adoradores decidiram passar mais sete dias aprendendo a como servir melhor ao Senhor. Os sacerdotes responsáveis por ensinar o povo continuaram a instruí-lo de acordo com o livro da lei. Todos os dias, o povo se reunia para oferecer seu louvor e gratidão. Quando a grande reunião estava perto de acabar, todos tiveram a certeza de que Deus tinha trabalhado de forma maravilhosa para a conversão do reino de Judá que tinha se desviado. "Houve grande alegria em Jerusalém, pois desde os dias de Salomão, filho de Davi, rei de Israel, não havia acontecido algo assim na cidade" (v. 26).

A Reforma se Espalha

Chegou o momento de os adoradores voltarem para as suas casas. Deus tinha aceitado todas as pessoas que, com o coração arrependido, confessaram os seus pecados e com sinceridade se voltaram para Ele em busca de perdão e ajuda.

Contudo, ainda havia um trabalho muito importante que exigia a participação de todos antes que voltassem para casa, e que mostrava que a reforma era sincera: "Quando a festa acabou, os israelitas saíram pelas cidades de Judá e despedaçaram as pedras sagradas e derrubaram os postes sagrados. Eles destruíram os altares idólatras em todo o Judá e Benjamim, e em Efraim e Manassés. Depois de destruírem tudo, voltaram para as suas cidades, cada um para a sua propriedade" (2Cr 31:1).

"Foi isso que Ezequias fez em todo o reino de Judá. Ele fez o que era bom e certo, e em tudo foi fiel diante do Senhor, do seu Deus. Em tudo o que ele empreendeu, [...] ele buscou o seu Deus e trabalhou de todo o coração; e por isso prosperou" (v. 20, 21).

O sucesso dos assírios em espalhar o que restou das dez tribos entre as nações estava levando muitos a duvidar do poder do Deus dos hebreus. Orgulhosos de sua prosperidade e sucesso, já fazia muito tempo que os moradores de Nínive tinham rejeitado a mensagem de Jonas e se rebelado contra o Céu em atitude desafiadora. Poucos anos depois da queda de Samaria, os exércitos vitoriosos reapareceram na Palestina, desta vez concentrando seus ataques contra as cidades fortificadas de Judá. Mas se retiraram por algum tempo, por causa das dificuldades que enfrentavam em outras partes de seu reino. Apenas próximo ao fim do reinado de Ezequias é que o mundo veria se os deuses dos pagãos venceriam afinal.

Visitantes Veem o que não Deviam

De repente, em meio ao seu reinado bem-sucedido, o rei Ezequias contraiu uma doença que nenhum ser humano era capaz de tratar. Sua última esperança se foi quando o profeta Isaías apareceu com a mensagem: "Assim diz o Senhor: 'Ponha a casa em ordem, porque você vai morrer; você não se recuperará'" (Is 38:1).

Sua situação era desanimadora, mas o rei ainda podia orar. E assim Ezequias "virou o rosto para a parede e orou ao Senhor: 'Lembra-te, Senhor, como tenho Te servido com fidelidade e com devoção sincera. Tenho feito o que Tu aprovas.' E Ezequias chorou amargamente" (2Rs 20:2, 3).

O rei que estava para morrer tinha servido fielmente a Deus e fortalecido a confiança do povo no Supremo Governante. Assim como Davi, ele podia agora suplicar:

"Que a minha oração chegue diante de Ti;

Inclina os Teus ouvidos ao meu clamor.

Tenho sofrido tanto" (Sl 88:2, 3).

"Não me abandones quando se vão as minhas forças.

Não me abandones, ó Deus, para que eu possa falar da Tua força aos nossos filhos,

E do Teu poder às futuras gerações" (Sl 71:9, 18)

"Antes de Isaías deixar o pátio [...], a palavra do Senhor veio a ele: 'Volte e diga a Ezequias, líder do Meu povo: 'Assim diz o Senhor, Deus de Davi, seu predecessor: Ouvi sua oração e vi suas lágrimas; Eu o curarei. Daqui a três dias você subirá ao templo do

Senhor. Acrescentarei quinze anos à sua vida. E livrarei você e esta cidade das mãos do rei da Assíria. Defenderei esta cidade por causa de Mim mesmo e do Meu servo Davi'" (2Rs 20:4-6). Isaías anunciou ao rei a mensagem de misericórdia e ordenou que uma pasta de figos fosse colocada sobre a parte afetada pela doença.

Ezequias pediu algum sinal de que a mensagem vinha do Céu. "'Qual será o sinal de que o Senhor me curará e de que de hoje a três dias subirei ao templo do Senhor?' Isaías respondeu: 'O sinal de que o Senhor vai cumprir o que prometeu é este: Você prefere que a sombra avance ou recue dez degraus na escadaria?' Disse Ezequias: 'Como é fácil a sombra avançar dez degraus, prefiro que ela recue dez.'"

Somente pela intervenção de Deus a sombra no relógio de sol poderia recuar. "Então o profeta Isaías clamou ao Senhor, e Este fez a sombra recuar os dez degraus que havia descido na escadaria de Acaz" (v. 8-11).

Sentindo-se forte e saudável outra vez, Ezequias fez um voto de passar o restante de sua vida em serviço voluntário ao Rei dos reis:

"Eu disse: 'No vigor da minha vida tenho que passar pelas portas da sepultura.

Em Teu amor me guardaste da cova da destruição;

Lançaste para trás de Ti todos os meus pecados,

Cantaremos com instrumentos de corda todos os dias de nossa vida no templo do Senhor" (Is 38:10, 17, 20).

Nos vales férteis do Tigre e do Eufrates habitava um povo bem antigo que estava destinado a governar o mundo. Entre esse povo havia homens sábios que estudavam astronomia. Eles notaram que a sombra do relógio solar tinha recuado. Quando o rei Merodaque-Baladã soube que esse milagre tinha sido um sinal para o rei de Judá de que o Deus do Céu lhe tinha dado uma nova oportunidade de vida, enviou alguns representantes a Ezequias para parabenizá-lo pela cura e, se possível, para aprender mais a respeito do Deus que tinha sido capaz de realizar tão grande milagre.

A visita desses mensageiros deu a Ezequias a oportunidade de glorificar ao Deus vivo, o Mantenedor de todas as coisas criadas, que misericordiosamente poupou a vida do rei quando todas as outras esperanças se foram. Que transformações maravilhosas poderiam ter acontecido, se esses investigadores da verdade tivessem sido levados ao conhecimento do Deus vivo!

O Trágico Orgulho de Ezequias

No entanto, o orgulho e a vaidade tomaram conta do coração de Ezequias. Para sua própria exaltação, o rei "mostrou-lhes o que havia em seus depósitos: a prata, o ouro, as especiarias, o óleo fino, todo o seu arsenal e tudo o que se encontrava em seus tesouros. Não houve nada em seu palácio ou em todo o seu reino que Ezequias não lhes mostrasse" (Is 39:2). Ele não parou para pensar que esses representantes de uma poderosa nação não tinham o amor de Deus no coração e que não era prudente mostrar a eles as riquezas materiais da nação.

A visita dos representantes daquele reino era um teste para provar a gratidão e a devoção de Ezequias. "Mas, quando os governantes da Babilônia enviaram uma delegação para perguntar-lhe acerca do sinal miraculoso que havia ocorrido no país, Deus o deixou, para prová-lo e para saber tudo o que havia em seu coração" (2Cr 32:31). Se Ezequias tivesse testemunhado da bondade e compaixão de Deus, o relatório dos representantes teria sido como uma luz em meio às trevas. Ele, porém, se engrandeceu acima do Senhor dos Exércitos, e seu coração "tornou-se orgulhoso" (v. 25).

O resultado foi terrível! Deus revelou a Isaías que o rei de Babilônia e seus conselheiros planejariam enriquecer seu próprio país com os tesouros de Jerusalém. Ezequias havia cometido um desastroso pecado. "Por isso a ira do Senhor veio sobre ele, sobre Judá e sobre Jerusalém" (v. 25).

"Então o profeta Isaías foi ao rei Ezequias e perguntou: [...] 'O que eles viram em seu palácio?' Ezequias respondeu: 'Viram tudo que há em meu palácio. Não há nada em meus tesouros que não lhes tenha mostrado.' Então Isaías disse a Ezequias: 'Um dia, tudo o que há em seu palácio bem como tudo o que os seus antepassados acumularam até hoje será levado para a Babilônia. Nada ficará', diz o Senhor. 'E alguns de seus próprios descendentes serão levados, e se tornarão eunucos no palácio do rei da Babilônia'" (Is 39:3-7).

Cheio de remorso, "Ezequias humilhou-se reconhecendo o seu orgulho, como também o povo de Jerusalém; por isso a ira do Senhor não veio sobre eles durante o reinado de Ezequias" (2Cr 32:26). Mas a má semente que ele tinha plantado produziria uma colheita de tristezas e males. Sua fé seria duramente provada, e ele aprenderia que apenas pela confiança total em Jeová é que ele seria capaz de vencer os poderes que estavam tramando sua ruína e a destruição do seu povo.

Nossas Palavras Podem Ajudar Outros

Precisamos falar muito mais da misericórdia e bondade de Deus, das profundezas sem igual do amor do Salvador. Quando a mente e o coração estão cheios do amor de Deus, não é difícil agir assim. Os sonhos puros e elevados, o discernimento claro da verdade e o desejo pela santidade serão expressos em palavras que revelam quais são os tesouros do coração.

As pessoas com quem entramos em contato dia a dia precisam da nossa ajuda, da nossa orientação. Amanhã, algumas delas poderão estar onde nunca mais as alcançaremos outra vez. Cada dia nossas palavras e atos influenciam as pessoas com quem nos relacionamos. Um gesto descuidado, um passo imprudente, e as ondas da forte tentação podem levar uma pessoa a se desviar do caminho correto. Se os pensamentos que plantamos na mente de outros foram maus, corremos o risco de ter dado início a uma sequência de males que não seremos capazes de impedir.

Por outro lado, se por nosso exemplo ajudamos outros a desenvolver bons princípios, damos a eles a capacidade de fazer o bem. Por sua vez, eles exercem a mesma influência positiva sobre outros. Dessa forma, centenas e milhares são beneficiados pela nossa influência sem sabermos. Os verdadeiros seguidores de Cristo revelam o poder da graça de Deus e a perfeição do Seu caráter.

Um Anjo Destrói o Exército Assírio

Quando os exércitos da Assíria estavam invadindo Judá e parecia que nada poderia livrar Jerusalém, Ezequias reuniu seus exércitos para enfrentar os inimigos e incentivá-los a confiar no poder de Jeová para os libertar: "Sejam fortes e corajosos. Não tenham medo nem se desanimem por causa do rei da Assíria e do enorme exército que está com ele. [...] Com ele está somente o poder humano, mas conosco está o Senhor, o nosso Deus, para nos ajudar e para travar as nossas batalhas" (2Cr 32:7, 8).

A arrogante Assíria, usada por Deus durante algum tempo para punir as nações, não deveria dominar para sempre (ver Is 10:5, 24-27). Em uma mensagem profética, dada "no ano em que o rei Acaz morreu", Isaías declarou: "O Senhor dos Exércitos jurou: [...] 'Esmagarei a Assíria na Minha terra; nos Meus montes a pisotearei.' [...] Pois esse é o propósito do Senhor dos Exércitos; quem pode impedi-Lo?" (Is 14:28, 24-27).

Nos primeiros anos do seu reinado, Ezequias continuou a pagar os impostos à Assíria, conforme o acordo feito por Acaz. Ao mesmo tempo, o rei fez todo o possível para defender seu reino. Garantiu o abastecimento de água dentro de Jerusalém. "E mandou fazer também muitas lanças e muitos escudos." Então, "nomeou sobre o povo oficiais militares" (2Cr 32:5, 6). Fez tudo o que pôde para enfrentar um cerco.

Quando Ezequias subiu ao trono de Judá, os assírios tinham levado um grande número de israelitas do reino do norte como escravos. Enquanto ele fortificava as defesas de Jerusalém, os assírios conquistaram Samaria e espalharam as dez tribos entre as cidades do domínio assírio. Jerusalém ficava a menos de oitenta quilômetros de distância e os utensílios que ficavam no interior do templo eram riquezas que tentariam o inimigo a voltar.

O rei de Judá estava decidido a resistir. Depois de fazer tudo ao alcance da energia e do planejamento humano, ele animou seus exércitos dizendo para serem "fortes e corajosos". Com fé inabalável, o rei declarou: "Conosco está o Senhor, o nosso Deus, para nos ajudar e para travar as nossas batalhas" (2Cr 32:8).

Fé Inspira Fé

Nada inspira mais rápido a fé do que praticar a fé. Na certeza de que a profecia contra os assírios se cumpriria, o rei colocou sua confiança inteiramente em Deus. "E o povo ganhou confiança com o que disse Ezequias" (2Cr 32:8). Que importava se os exércitos da Assíria, que tinham acabado de conquistar as maiores nações e dominado Samaria, marchassem então contra Judá? Que importava se eles dissessem cheios de orgulho: "Eu tratarei Jerusalém e suas imagens como tratei Samaria e seus ídolos" (Is 10:11)? Judá não precisava ter medo, porque a sua confiança estava em Jeová.

O momento de crise esperado havia tanto tempo finalmente chegara. As forças da Assíria apareceram na Judeia. Confiantes na vitória, os líderes dividiram suas tropas. Um exército deveria enfrentar os egípcios ao sul, enquanto o outro deveria cercar Jerusalém.

A única esperança de Judá estava em Deus. Toda ajuda possível por parte do Egito tinha sido impedida e não havia nenhum outro povo por perto para apoiá-los.

Com toda a arrogância, os oficiais assírios exigiram que se rendessem. Fizeram essa exigência acompanhada de insultos e blasfêmias contra o Deus dos hebreus. Devido à fraqueza e apostasia de Israel e Judá, o nome de Deus não era mais temido entre as nações; tinha se tornado motivo de contínuo desprezo (ver Is 52:5).

"Digam isto a Ezequias", exclamou Rabsaqué, um dos oficiais de Senaqueribe, rei da Assíria: "Assim diz o grande rei, o rei da Assíria: Em que você baseia sua confiança? Você pensa que meras palavras já são estratégia e poderio militar. Em quem você está confiando para se rebelar contra mim?" (2Rs 18:19, 20).

Os oficiais dos dois exércitos estavam reunidos do lado de fora dos portões da cidade, mas as sentinelas que estavam sobre o muro podiam ouvir a conversa. Como os representantes do rei da Assíria praticamente gritavam as suas exigências aos chefes de Judá, eles pediram que os oficiais assírios falassem em sua própria língua e não na língua judaica, para que os que estavam sobre os muros não entendessem o que estava sendo dito na reunião. Rabsaqué, zombando desse pedido, passou a falar ainda mais alto na língua judaica, e disse:

"Ouçam as palavras do grande rei, do rei da Assíria! 'Não deixem que Ezequias os engane. Ele não poderá livrá-los! Não deixem Ezequias convencê-los a confiar no Senhor, quando diz: 'Certamente o Senhor nos livrará; esta cidade não será entregue nas mãos do rei da Assíria.' [...] 'Não deixem que Ezequias os engane quando diz que o Senhor os livrará. Alguma vez o deus de qualquer nação livrou sua terra das mãos do rei da Assíria? [...] Eles livraram Samaria das minhas mãos? Quem dentre todos os deuses dessas nações conseguiu livrar a sua terra? Como então o Senhor poderá livrar Jerusalém das minhas mãos?'" (Is 36:13-20).

Líderes de Judá Oram com Fé

Os representantes judeus "com as vestes rasgadas, foram contar a Ezequias o que dissera o comandante" (v. 22). O rei "rasgou as suas vestes, pôs roupas de luto e entrou no templo do Senhor" (2Rs 19:1).

Ezequias enviou rapidamente um mensageiro a Isaías: "Assim diz Ezequias: 'Hoje é dia de angústia, de repreensão e de humilhação. [...] Talvez o Senhor seu Deus ouça todas as palavras do comandante de campo, a quem o senhor dele, o rei da Assíria, enviou para zombar do Deus vivo. E que o Senhor seu Deus o repreenda pelas palavras que ouviu. Portanto, suplique a Deus pelo remanescente que ainda sobrevive'" (v. 3, 4).

"Por tudo isso o rei Ezequias e o profeta Isaías, filho de Amoz, clamaram em oração aos Céus" (٢Cr ٣٢:٢٠).

Deus respondeu a Seus servos. Isaías recebeu a mensagem a ser dada a Ezequias: "'Assim diz o Senhor: Não tenha medo das palavras que você ouviu, das blasfêmias que os servos do rei da Assíria lançaram contra Mim. Ouça! Eu o farei tomar a decisão de retornar ao seu próprio país, quando ele ouvir certa notícia. E lá o farei morrer à espada'" (2Rs 19:6, 7).

As Provocações do Inimigo

Os representantes assírios não perderam tempo em se comunicar com o seu rei, que estava com a outra parte do exército em guarda contra a aproximação do Egito. Senaqueribe "escreveu cartas insultando o Senhor, o Deus de Israel, e O desafiando: 'Assim como os deuses dos povos das outras terras não livraram o povo deles das minhas mãos, também o Deus de Ezequias não livrará o Seu povo das minhas mãos'" (2Cr 32:17).

A atrevida ameaça foi acompanhada pela mensagem: "Não deixe que o Deus no qual você confia o engane, quando diz: 'Jerusalém não cairá nas mãos do rei da Assíria'"

(2Rs 19:10).

Quando o rei de Judá recebeu aquela carta repleta de insultos, levou-a ao templo, e "a estendeu perante o Senhor" (v. 14), e orou com muita fé pelo auxílio do Céu, para que as nações da Terra soubessem que o Deus dos hebreus ainda vivia e reinava. A honra de Jeová estava em jogo; somente Ele poderia livrar Judá.

"Senhor, Deus de Israel", Ezequias suplicou, [...] "ouve as palavras que Senaqueribe enviou para insultar o Deus vivo. É verdade, Senhor, que os reis assírios fizeram de todas essas nações e seus territórios um deserto. Atiraram os deuses delas no fogo e os destruíram, pois não eram deuses; [...]. Agora, Senhor nosso Deus, salva-nos das mãos dele, para que todos os reinos da Terra saibam que só Tu, Senhor, és Deus" (v. 15-19).

"Escuta-nos, Pastor de Israel, [...]

Desperta o Teu poder, e vem salvar-nos!

Restaura-nos, ó Deus! Faze resplandecer sobre nós o Teu rosto,

Para que sejamos salvos" (Sl 80:1-3).

O Senhor Responde às Súplicas de Judá

As súplicas de Ezequias em favor de Judá e da honra do seu Supremo Rei estavam em harmonia com a mente de Deus. Salomão orou "para que Ele defenda a causa [...] de Israel, Seu povo [...]. Assim, todos os povos da Terra saberão que o Senhor é Deus e que não há nenhum outro" (1Rs 8:59, 60). O Senhor enviaria um auxílio especial quando, em tempos de guerra ou de opressão por algum exército, os chefes de Israel entrassem na casa de oração e suplicassem por livramento (ver v. 33, 34).

Isaías enviou uma mensagem a Ezequias, dizendo: "Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: 'Ouvi a sua oração acerca de Senaqueribe, o rei da Assíria.' Esta é a palavra que o Senhor falou contra ele [...]:

"De quem você zombou e contra quem blasfemou? Contra quem você levantou a voz e contra quem ergueu o seu olhar arrogante? Contra o Santo de Israel! Sim, você insultou o Senhor por meio dos seus mensageiros." "Eu, porém, sei onde você está, sei quando você sai e quando retorna; e como você se enfurece contra Mim. Sim, contra Mim você se enfureceu e o seu atrevimento chegou aos Meus ouvidos. Por isso porei o Meu anzol em seu nariz e o Meu freio em sua boca, e o farei voltar pelo caminho por onde veio" (2Rs 19:20-23, 27, 28).

O exército inimigo ameaçava Judá, mas Deus prometeu prover milagrosamente as necessidades do povo. A Ezequias veio a mensagem sobre o rei da Assíria: "'Ele não invadirá esta cidade nem disparará contra ela uma só flecha. Não a enfrentará com escudo nem construirá rampas de cerco contra ela. Pelo caminho por onde veio voltará; não invadirá esta cidade', declara o Senhor. 'Eu a defenderei e a salvarei, por amor de Mim mesmo e do Meu servo Davi'" (v. 32-34).

Chega o Livramento

Naquela mesma noite veio o livramento. "O anjo do Senhor saiu e matou cento e oitenta e cinco mil homens no acampamento assírio" (v. 35). "Todos os homens de combate e todos os líderes e oficiais no acampamento do rei assírio" foram mortos (2Cr 32:21).

As notícias desse terrível juízo sobre o exército que tinha sido enviado para tomar Jerusalém logo chegou a Senaqueribe, que ainda estava guardando a entrada para a Judeia do lado do Egito. Aterrorizado, o rei assírio partiu rapidamente e se "retirou envergonhado para a sua terra" (v. 21). Mas ele não reinaria por muito mais tempo. A profecia a respeito de seu fim repentino se cumpriu e ele foi assassinado por membros de sua própria casa. "E seu filho Esar-Hadom foi o seu sucessor" (Is 37:38).

O Deus dos hebreus saiu vitorioso. Sua honra foi defendida aos olhos das nações vizinhas. Em Jerusalém o povo se encheu de santa alegria. Suas súplicas por livramento foram misturadas com a confissão do pecado e com muitas lágrimas. Eles confiaram inteiramente no poder de Deus para salvar, e Ele não os decepcionou. O templo ressoava com cânticos de solene louvor.

"Os homens valorosos jazem saqueados, dormem o sono final; nenhum dos guerreiros foi capaz de erguer as mãos.

Diante da Tua repreensão, ó Deus de Jacó, o cavalo e o carro estacaram.

Somente Tu és temível.

Quem poderá permanecer diante de Ti quando estiveres irado? [...]

Façam votos ao Senhor, ao seu Deus, e não deixem de cumpri-los; que todas as nações vizinhas tragam presentes a Quem todos devem temer.

Ele tira o ânimo dos governantes e é temido pelos reis da Terra" (Sl 76:5-12).

Lições do Orgulhoso Império Assírio

A Inspiração comparou a Assíria no auge de seu sucesso a uma bela árvore no jardim de Deus, que era mais alta que as árvores ao seu redor: "Todas as grandes nações viviam à sua sombra." [...] "A inveja de todas as árvores do Éden" (Ez 31:6, 9).

Os governantes da Assíria, porém, em vez de usar suas bênçãos para fazer o bem pelo povo, tornaram-se o terror de muitas nações. Sem qualquer misericórdia, sem pensar em Deus ou no próximo, adotaram a política de forçar as nações a reconhecer a superioridade dos deuses de Nínive, que eles exaltavam acima do Deus Altíssimo. Deus lhes enviou Jonas com uma mensagem de advertência, e por algum tempo eles se humilharam perante o Senhor dos Exércitos, e buscaram o perdão. Mas logo voltaram a adorar ídolos e a conquistar o mundo.

O profeta Naum, contando os pecados dos malfeitores de Nínive, exclamou:

"Ai da cidade sanguinária, repleta de fraudes e cheia de roubos, sempre fazendo as suas vítimas!

Cavaleiros atacando, espadas reluzente se lanças cintilantes!

Muitos mortos, montanhas de cadáveres, corpos sem conta, gente tropeçando por cima deles!

'Eu estou contra você', declara o Senhor dos Exércitos" (Na 3:1, 3, 5).

Com infalível exatidão, Aquele que é infinito registra as entradas e saídas de uma conta que Ele abre para as nações. Enquanto Ele oferece a Sua misericórdia com apelos para o arrependimento, essa conta permanece aberta. Mas, quando os números atingem um certo valor estipulado por Deus, Ele dá início ao ministério de Sua ira. Há um acerto de contas e ela é encerrada.

"O Senhor é muito paciente, mas o Seu poder é imenso; o Senhor não deixará impune o culpado." "Quem pode resistir à Sua indignação? Quem pode suportar o despertar de Sua ira?" (Na 1:3, 6).

Foi assim que Nínive foi destruída, "para onde iam o leão, a leoa e os leõezinhos, sem nada temer" (Na 2:11).

Sofonias também profetizou sobre Nínive: "No meio dela se deitarão rebanhos e todo tipo de animais selvagens. Até a coruja do deserto e o mocho se empoleirarão no topo de suas colunas. Seus gritos ecoarão pelas janelas. Haverá entulho nas entradas, e

as vigas de cedro ficarão expostas" (Sf 2:14).

O orgulho da Assíria e sua ruína servem como uma lição prática para o fim dos tempos. "O Senhor é bom, um refúgio em tempos de angústia. Ele protege os que nEle confiam, mas com uma enchente devastadora dará fim" a todos aqueles que se exaltam acima do Altíssimo (Na 1:7, 8).

Isso não diz respeito apenas às nações que se levantaram contra Deus nos tempos antigos, mas também em relação às nações de hoje que deixam de cumprir o propósito divino. No dia da recompensa final, quando o justo Juiz de toda a Terra há de "sacudir as nações na peneira da destruição" (Is 30:28), o Céu ecoará com os cânticos de vitória dos redimidos. "E vocês cantarão", declara o profeta, "como em noite de festa sagrada; seus corações se regozijarão como quando se vai, ao som da flauta, ao monte do Senhor, à Rocha de Israel. [...] A voz do Senhor despedaçará a Assíria; com Seu cetro a ferirá" (v. 29-31).

As "Boas-Novas" de Isaías

Isaías recebeu a responsabilidade de deixar bem claro para Judá que muitas pessoas que não eram descendentes físicas de Abraão deveriam ser consideradas parte do Israel de Deus. Esse ensino não estava em harmonia com a teologia de sua época, mesmo assim ele proclamou essa mensagem sem medo algum e levou esperança a muitos corações ansiosos que estavam em busca das bênçãos espirituais prometidas aos descendentes de Abraão.

Nas palavras de Paulo, "Isaías diz ousadamente: 'Fui achado por aqueles que não Me procuravam; revelei-Me àqueles que não perguntavam por Mim'" (Rm 10:20). Muitas vezes, os israelitas pareciam incapazes de compreender o propósito de Deus para os gentios, ou estavam indispostos a isso. No entanto, eles se tornaram uma nação independente exatamente por causa desse propósito. Deus chamou Abraão, pai da nação, para ir a regiões distantes a fim de ser uma luz entre os gentios. Entre outras coisas, Deus prometeu a ele que sua descendência seria tão numerosa quanto a areia do mar. Ele, porém, não deveria se tornar o pai de uma grande nação em Canaã motivado por um propósito egoísta. A aliança de Deus com ele envolvia todas as nações da Terra. "Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção" (Gn 12:2).

Pouco antes do nascimento de Isaque, o filho da promessa, Deus mais uma vez deixou claro qual era Seu propósito para toda a humanidade: "Por meio dele todas as nações da Terra serão abençoadas" (Gn 18:18). As condições dessa aliança, que envolviam todos os habitantes deste mundo, eram familiares aos filhos e netos de Abraão. Os israelitas foram libertados da escravidão do Egito para que pudessem ser uma bênção para as nações e para que o nome de Deus fosse "proclamado em toda a Terra" (Êx 9:16). Se fosse obediente, Israel teria muito mais sabedoria do que os outros

povos. Mas o propósito dessa vantagem sobre os demais povos era um só: que por meio deles se cumprisse o plano de Deus "para todas as nações da Terra".

Os maravilhosos acontecimentos relacionados à libertação de Israel do Egito e à conquista da Terra Prometida levaram muitos pagãos a reconhecer o Deus de Israel como o Supremo Governador. Até mesmo o orgulhoso Faraó teve que reconhecer Seu poder: "Vão prestar culto ao Senhor", ele ordenou a Moisés, "e abençoem a mim também" (Êx 12:31, 32).

À medida que os exércitos de Israel avançavam, eles descobriam que a notícia das obras poderosas de Deus tinha chegado antes deles. Na ímpia cidade de Jericó, uma mulher pagã disse: "O Senhor, o seu Deus, é Deus em cima nos Céus e embaixo na Terra" (Js 2:11). Pela fé, Raabe "não foi morta com os que haviam sido desobedientes" (Hb 11:31). E a conversão dela não foi um caso isolado. Os gibeonitas abandonaram o paganismo, uniram-se a Israel e partilharam das bênçãos da aliança.

Deus não tem qualquer preferência por nacionalidade, etnia ou classe social. Todos os povos são um pela criação; todos são um por causa da redenção. Cristo veio para desfazer todo muro de separação, para abrir cada compartimento do templo, permitindo assim que todas as pessoas tenham livre acesso a Deus. Seu amor é tão grande, tão profundo, tão perfeito, que penetra em toda parte. Esse amor tira da influência de Satanás os que foram iludidos por seus enganos e lhes dá acesso ao trono de Deus. "Todos os confins da Terra", o salmista foi inspirado a cantar, "se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dEle." "A Etiópia corra para Deus de mãos cheias." "Então as nações temerão o nome do Senhor, e todos os reis da Terra a Sua glória." "'Dos Céus observou a Terra, para ouvir os gemidos dos prisioneiros e libertar os condenados à morte.' Assim o nome do Senhor será anunciado em Sião e o Seu louvor, em Jerusalém, quando os povos e os reinos se reunirem para adorar ao Senhor" (Sl 22:27; 68:31; 102:15, 19-22).

Se Israel tivesse cumprido fielmente seu chamado, todas as nações da Terra teriam partilhado de suas bênçãos. Mas como Israel perdeu de vista o plano de Deus, passou a considerar os pagãos como povos que não mereciam a misericórdia divina. Assim, as nações foram deixadas na ignorância. O amor de Deus era pouco conhecido, e o erro e a superstição tomaram conta.

Essa foi a situação que Isaías enfrentou. Mas ele não desanimou, pois ainda podia escutar o coro dos anjos que ouviu em visão: "A Terra inteira está cheia da Sua glória" (Is 6:3). Sua fé foi fortalecida ao receber visões das gloriosas conquistas da igreja de

Deus, quando "a Terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar" (Is 11:9).

O Cativeiro Espalhou as "Boas-Novas"

Deus revelou a Isaías o Seu plano ao espalhar o rebelde Judá entre as nações da Terra. "O Meu povo conhecerá o Meu nome", o Senhor declarou (Is 52:6). Ao serem espalhados entre outras nações, os israelitas ensinariam a outros a respeito do Deus vivo. Muitos estrangeiros aprenderiam a amá-Lo como seu Criador e seu Redentor; começariam a observar o Seu santo sábado como um memorial do Seu poder criador. "Todos os confins da Terra verão a salvação de nosso Deus" (v. 10). Muitos desses conversos do paganismo se uniriam aos israelitas e os acompanhariam quando voltassem para a Judeia. Daí em diante, seriam considerados parte do Israel espiritual – Sua igreja na Terra.

"E os estrangeiros que se unirem ao Senhor para servi-Lo, para amarem o nome do Senhor e para prestar-Lhe culto, todos os que guardarem o sábado sem profaná-lo, e que se apegarem à Minha aliança, esses Eu trarei ao Meu santo monte e lhes darei alegria em Minha casa de oração. [...] Pois a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos" (Is 56:6, 7).

Deus permitiu que o profeta visse a situação do povo nos séculos futuros, na época da vinda do prometido Messias. Muitos estavam sendo desviados pelos falsos mestres; outros não estavam vivendo a verdadeira santidade na vida prática. Tudo parecia desanimador. Logo, porém, uma maravilhosa visão se desenrolou diante dos olhos do profeta. Ele viu o Sol da Justiça, e com profunda admiração exclamou: "O povo que caminhava em trevas viu uma grande luz; sobre os que viviam na terra da sombra da morte raiou uma luz" (Is 9:2).

Essa gloriosa Luz do mundo deveria levar a salvação a cada nação e a cada povo. O profeta ouviu o Pai eterno declarar: "É coisa pequena demais para você ser Meu servo para restaurar as tribos de Jacó e trazer de volta aqueles de Israel que Eu guardei. Também farei de você uma luz para os gentios, para que você leve a Minha salvação até aos confins da Terra" (Is 49:6; ver também v. 8, 9, 12).

Olhando ainda para mais longe através dos séculos, o profeta viu os que anunciavam as alegres novas da salvação irem a todas as partes da Terra. Ele ouviu a ordem: "Alargue o lugar de sua tenda, estenda bem as cortinas de sua tenda, não o impeça; estique suas cordas, firme suas estacas. Pois [...] seus descendentes desapossarão nações" (Is 54:2, 3).

"Como são belos nos montes os pés daqueles que anunciam boas-novas [...]

Que proclamam salvação,

Que dizem a Sião:

'O seu Deus reina!'" (Is 52:7).

Isaías ouviu a voz de Deus chamando a fim de preparar o caminho para anunciar a chegada de Seu reino eterno. A mensagem foi clara:

"Levante-se, refulja!

Porque chegou a sua luz,

E a glória do Senhor raia sobre você.

Olhe! A escuridão cobre a Terra,

Densas trevas envolvem os povos,

Mas sobre você raia o Senhor,

E sobre você se vê a Sua glória. As nações virão à sua luz e os reis ao fulgor do seu alvorecer" (Is 60:1-3).

"Voltem-se para Mim e sejam salvos,

Todos vocês, confins da Terra;

Pois Eu sou Deus, e não há nenhum outro" (Is 45:22).

A Igreja Leva as "Boas-Novas" ao Mundo

Essas profecias estão sendo cumpridas hoje nas regiões da Terra que vivem em trevas. O profeta comparou os obreiros evangélicos a bandeiras erguidas para guiar aqueles que buscam a luz da verdade. "Naquele dia o Senhor estenderá o braço pela segunda vez para reivindicar o remanescente do Seu povo que for deixado. [...] Ele erguerá uma bandeira para as nações a fim de reunir os exilados de Israel; ajuntará o povo disperso de Judá desde os quatro cantos da Terra" (Is 11:11, 12).

Em todas as nações o Senhor vê homens e mulheres que estão orando por luz. Eles tateiam como cegos, mas são sinceros de coração. Sem qualquer conhecimento da lei escrita por Deus, nem de Seu Filho Jesus, sua vida revela de muitas maneiras a atuação

do poder divino na mente e no caráter. Às vezes, aqueles que não têm nenhum conhecimento a respeito de Deus, além daquele que receberam por meio da graça divina, têm protegido os servos do Senhor colocando a própria vida em risco. O Espírito Santo está implantando a graça de Cristo no coração de muitos nobres pesquisadores da verdade, levando-os a apreciar coisas totalmente contrárias ao que aprenderam anteriormente. A "verdadeira luz, que ilumina todos os homens" (Jo 1:9), está brilhando em sua mente e, se aceita, guiará seus passos ao reino de Deus.

Quanto àqueles que desejam algo mais elevado e mais nobre do que qualquer coisa oferecida pelo mundo, Deus não permitirá que se decepcionem. Ele está constantemente enviando Seus anjos aos que, embora rodeados por situações desanimadoras, oram com fé para que algum poder maior que eles mesmos lhes traga libertação e paz. Deus os colocará de diversas maneiras em contato com situações que fortalecerão sua confiança nAquele que deu a Si mesmo em resgate de todos.

A todo que é "compassivo e justo" em todas as partes da Terra, "a luz raia nas trevas" (Sl 112:4). Deus disse: "Conduzirei os cegos por caminhos que eles não conheceram, por veredas desconhecidas Eu os guiarei; transformarei as trevas em luz diante deles e tornarei retos os lugares acidentados" (Is 42:16).

Manassés e Josias: o Pior e o Melhor

O reino de Judá entrou em decadência mais uma vez durante o terrível reinado de Manassés. O paganismo voltou com força, e muitos foram levados à idolatria. "Manassés, porém, desencaminhou Judá e o povo de Jerusalém, a ponto de fazerem pior do que as nações que o Senhor havia destruído diante dos israelitas" (2Cr 33:9). Graves males brotaram e se desenvolveram – a tirania, a opressão, o ódio a tudo o que era bom. A justiça foi pervertida e a violência prevaleceu.

No entanto, as experiências difíceis pelas quais Judá tinha passado em segurança, durante o reinado de Ezequias, desenvolveram em muitos uma força de caráter que agora servia como barreira contra a iniquidade. Eles falavam em favor da verdade, e com isso despertaram a ira de Manassés, que procurou silenciar toda voz de desaprovação. "Manassés também derramou tanto sangue inocente que encheu Jerusalém de um lado a outro" (2Rs 21:16).

Um dos primeiros a cair foi Isaías, que trabalhou por mais de meio século como mensageiro escolhido por Jeová. "Outros enfrentaram zombaria e açoites, outros ainda foram acorrentados e colocados na prisão, apedrejados, serrados ao meio, postos à prova, mortos ao fio da espada" (Hb 11:36, 37).

Alguns dos que sofreram perseguição durante o reinado de Manassés traziam mensagens especiais de reprovação enviadas por Deus. Os profetas declararam que o rei de Judá "agiu pior do que os que [...] o antecederam" (2Rs 21:11). Por causa disso, os habitantes do reino deveriam ser levados como escravos para Babilônia, para ali serem "despojados e saqueados por todos os seus adversários" (v. 14). Mas aqueles que mesmo em terra estrangeira colocassem sua confiança inteiramente no Senhor, encontrariam um refúgio seguro.

Fielmente os profetas falaram a Manassés e a seu povo, mas a Judá apostatada não quis dar ouvidos. Como um exemplo do que aconteceria ao povo se continuasse rebelde, o Senhor permitiu que o rei fosse capturado pelos soldados assírios, que "prenderam Manassés, colocaram-lhe um gancho no nariz e algemas de bronze, e o levaram para a Babilônia" (2Cr 33:11). Essa desgraça fez com que o rei caísse em si. O rei "humilhou-se muito diante do Deus dos seus antepassados. [...] O Senhor o ouviu e atendeu o seu pedido; de forma que o trouxe de volta a Jerusalém e a seu reino. E assim Manassés reconheceu que o Senhor é Deus" (v. 12, 13). Mas esse arrependimento aconteceu tarde demais para salvar o reino da influência de anos de idolatria.

Entre os que foram influenciados para o mal de tal forma que não havia mais possibilidade de recuperação estava o próprio filho de Manassés, que assumiu o trono com a idade de vinte e dois anos. O rei Amom "imitou o seu pai em tudo". "Abandonou o Senhor, o Deus de seus antepassados e não andou no caminho do Senhor" (2Rs 21:21, 22). O ímpio rei não recebeu permissão para reinar por muito tempo. Dois anos depois de assumir o trono, ele foi morto no palácio por seus próprios servos, e o povo "proclamou seu filho Josias rei em seu lugar" (2Cr 33:25).

Josias Decide Ser Fiel

Quando Josias assumiu o trono, no qual reinaria por trinta e um anos, surgiu no coração dos fiéis a esperança de que a decadência do reino pararia ali. O novo rei, embora estivesse apenas com oito anos de idade, "fez o que o Senhor aprova e andou nos caminhos de Davi, seu predecessor, sem desviar-se nem para a direita nem para a esquerda" (2Rs 22:2). Advertido pelos erros das gerações passadas, Josias escolheu fazer o que era certo. Sua obediência permitiu que Deus o usasse como um "vaso de honra".

Quando Josias começou a reinar, e mesmo muitos anos antes disso, os sinceros de coração se perguntavam se as promessas de Deus a Israel ainda poderiam se cumprir. A apostasia dos séculos anteriores tinha aumentado; dez tribos tinham sido espalhadas entre os pagãos; apenas as tribos de Judá e Benjamim permaneceram, e pareciam estar à beira da ruína nacional e moral. Os profetas tinham começado a profetizar a destruição de sua bela cidade, onde se encontrava o templo construído por Salomão. Estaria Deus prestes a desistir de Seu plano de libertar os que nEle confiavam? Os que permaneciam fiéis a Deus podiam esperar por dias melhores?

Habacuque também se expressou com perguntas cheias de ansiedade: "Até quando, Senhor, clamarei por socorro, sem que Tu ouças? Até quando gritarei a Ti: 'Violência!'

sem que tragas salvação? [...] A destruição e a violência estão diante de mim; há luta e conflito por todo lado. Por isso a lei se enfraquece e a justiça nunca prevalece. Os ímpios prejudicam os justos, e assim a justiça é pervertida" (Hc 1:2-4).

Deus respondeu às perguntas de Seus filhos leais. Por meio de Seu profeta Ele revelou Sua decisão de punir a nação que tinha se voltado para servir aos deuses pagãos. Enquanto alguns ainda estivessem se perguntando com relação ao futuro, Ele permitiria que os caldeus invadissem a terra de Judá para executar o juízo divino. Os príncipes de Judá e os que se destacavam entre o povo seriam levados como escravos para Babilônia; as cidades e vilas da Judeia, as vilas e os campos cultivados seriam devastados.

O Profeta se Submete ao Senhor

"Senhor, Tu não és desde a eternidade?", Habacuque exclamou. "Meu Deus, meu Santo." Então, pela fé, o profeta se apegou às preciosas promessas que revelam o amor de Deus por Seus filhos, e acrescentou: "Tu não morrerás [Israel]" (v. 12). Com essa declaração de fé, ele deixou o caso de cada israelita fiel nas mãos de um Deus de amor e misericórdia.

Essa não foi a única experiência em que Habacuque teve que exercer forte fé. Em certa ocasião, ele disse: "Ficarei no meu posto de sentinela e tomarei posição sobre a muralha; aguardarei para ver o que Ele me dirá." Bondosamente, o Senhor respondeu: "Escreva claramente a visão em tabuinhas, para que se leia facilmente. Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que se demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará. Escreva: 'O ímpio está envaidecido; seus desejos não são bons; mas o justo viverá pela sua fidelidade" (Hc 2:1-4).

A Fé Preservará o Povo de Deus Hoje

A fé que fortaleceu Habacuque naqueles dias de provação é a mesma fé que preserva o povo de Deus hoje. Sob as piores circunstâncias, o cristão fiel pode manter firme a sua confiança na Fonte de toda luz e poder. Pela fé em Deus, pode renovar sua coragem. "O justo viverá por sua fidelidade" (v. 4). O Senhor fará muito mais que atender as mais altas expectativas dos que nEle depositam sua confiança. Ele dará sabedoria de acordo com as suas necessidades.

Devemos cultivar a fé que se apega às promessas de Deus e espera pela libertação no tempo e do jeito que Ele escolher. A palavra infalível da profecia se cumprirá por

completo com o glorioso advento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, como Rei dos reis e Senhor dos senhores. O tempo de espera pode parecer longo, e muitas pessoas em quem confiamos podem cair ao longo do caminho. Mas, assim como o profeta que procurou animar Judá no período de apostasia, podemos dizer: "O Senhor está no Seu santo templo; diante dEle fique em silêncio toda a Terra" (Hc 2:20).

"Realiza de novo, em nossa época, as mesmas obras,

Faze-as conhecidas em nosso tempo.

Em Tua ira, lembra-Te da misericórdia" (Hc 3:2).

"Mesmo não florescendo a figueira, não havendo uvas nas videiras;

Mesmo falhando a safra de azeitonas,

Não havendo produção de alimento nas lavouras,

Nem ovelhas no curral nem bois nos estábulos,

Ainda assim eu exultarei no Senhor

E me alegrarei no Deus da minha salvação.

O Senhor Soberano é a minha força" (Hc 3:17-19)

Habacuque não foi a única pessoa que recebeu de Deus uma mensagem de esperança e vitória futura, bem como de juízo presente. Durante o reinado de Josias, a palavra do Senhor também veio a Sofonias, contando sobre os resultados de continuar na apostasia e chamando a atenção para a gloriosa esperança no futuro. Suas profecias de juízo sobre Judá se aplicam com igual força aos juízos que cairão sobre um mundo rebelde por ocasião da segunda vinda de Cristo:

"O grande dia do Senhor está próximo;

Está próximo e logo vem.

Ouçam! O dia do Senhor será amargo;

Até os guerreiros gritarão.

Aquele dia será um dia de ira,

Um dia de aflição e angústia,

Dia de sofrimento e ruína,

Dia de trevas e escuridão,

Dia de nuvens e negridão,

Dia de toques de trombeta e gritos de guerra

Contra as cidades fortificadas e contra as torres elevadas" (Sf 1:14-16).

"Nem a sua prata nem o seu ouro poderão livrá-los no dia da ira do Senhor. No fogo do Seu zelo o mundo inteiro será consumido, pois Ele dará fim repentino a todos os que vivem na Terra" (v. 18).

"Busquem o Senhor, todos vocês humildes do país,

Vocês que fazem o que Ele ordena.

Busquem a justiça, busquem a humildade;

Talvez vocês tenham abrigo no dia da ira do Senhor (Sf 2:3).

Naquele dia se dirá a Jerusalém:

'Não tema, ó Sião;

Não deixe suas mãos enfraquecerem.

O Senhor, o seu Deus, está em seu meio,

Poderoso para salvar.

Ele Se regozijará em você,

Com o Seu amor a renovará,

Ele Se regozijará em você com brados de alegria'" (Sf 3:16, 17).

O Livro da Lei é Descoberto

As mensagens dos profetas a respeito da escravidão em Babilônia foram muito importantes para preparar o caminho para uma reforma no décimo oitavo ano do reinado de Josias. Esse movimento de reforma aconteceu de maneira totalmente inesperada, graças à descoberta de trechos dos Escritos Sagrados que foram tirados do seu devido lugar e que ficaram perdidos por muitos anos.

Mais ou menos um século antes, durante a primeira celebração da Páscoa organizada por Ezequias, o livro da lei tinha sido lido em público. O reinado de Ezequias havia sido bem-sucedido porque o rei e o povo decidiram obedecer às leis registradas no livro da aliança (uma parte de Deuteronômio). No entanto, durante o reinado de Manassés, a cópia do livro da lei que estava no templo havia sido perdida.

Hilquias, o sumo sacerdote, encontrou no templo o manuscrito, que muito tempo havia se perdido enquanto o edifício passava por reformas. Ele entregou o precioso livro a Safã, um escriba instruído, que o levou ao rei com a história da sua descoberta.

Josias ficou profundamente impressionado ao ouvir pela primeira vez as advertências registradas naquele antigo manuscrito. Ele não fazia ideia de quantas vezes Israel tinha sido aconselhado a escolher o caminho da vida para que se tornasse uma bênção para todas as nações (ver Dt 31:6). O livro, por diversas vezes, deixava claro que Deus estava disposto a salvar os que confiassem totalmente nEle. Assim como Ele havia agido para livrar o povo da escravidão no Egito, agiria também de forma poderosa para colocá-los à frente das nações da Terra.

Ao ouvir as palavras inspiradas, o rei reconheceu que as descrições registradas no livro lembravam muito a situação de seu reino. Nessas descrições proféticas de afastamento de Deus, ele ficou assustado ao encontrar afirmações claras de que o dia

do juízo estava para chegar e que não haveria remédio. Não havia espaço para dúvidas ou interpretações equivocadas. No fim do livro, referindo-se aos acontecimentos futuros, Moisés declarou:

"[Israel] abandonou o Deus que o fez

E rejeitou a Rocha, que é o seu Salvador. [...]

Sacrificaram a demônios que não são Deus. [...]

Vocês abandonaram a Rocha, que os gerou;

Vocês se esqueceram do Deus que os fez nascer.

O Senhor viu isso e os rejeitou,

Porque foi provocado pelos Seus filhos e Suas filhas.

'Esconderei o Meu rosto deles', disse,

'E verei qual o fim que terão;

Pois são geração perversa, filhos infiéis.'"

"Como poderia um só homem perseguir mil,

Ou dois porem em fuga dez mil,

A não ser que a sua Rocha os tivesse vendido,

A não ser que o Senhor os tivesse abandonado?"

"A Mim pertence a vingança e a retribuição.

No devido tempo os pés deles escorregarão;

O dia da sua desgraça está chegando

E o seu próprio destino se apressa sobre eles" (Dt 32:15-20, 30, 35).

O Jovem Josias Faz Tudo o que Pode

Ao ler as profecias a respeito do breve juízo, o rei Josias tremeu diante do futuro. Os pecados de Judá tinham sido muito grandes. Qual seria o resultado de sua contínua apostasia?

"No oitavo ano do seu reinado, sendo ainda bem jovem", ele se consagrou inteiramente ao serviço de Deus. Com a idade de vinte anos, "começou a purificar Judá e Jerusalém dos altares idólatras, dos postes sagrados, das imagens esculpidas e dos ídolos de metal". "Sob as suas ordens foram derrubados os altares dos baalins; além disso, ele despedaçou os altares de incenso. [...] Também despedaçou e reduziu a pó os postes sagrados, as imagens esculpidas e os ídolos de metal, e os espalhou sobre os túmulos daqueles que lhes haviam oferecido sacrifícios. Depois queimou os ossos dos sacerdotes sobre esses altares, purificando assim Judá e Jerusalém" (2Cr 34:3-5).

Os esforços do jovem rei para colocar em prática a reforma não se limitaram apenas ao seu reino, mas ele também procurou atingir as partes da Palestina anteriormente ocupadas pelas dez tribos de Israel, onde se encontrava apenas um fraco remanescente. Diz o relato que ele fez o mesmo "nas cidades das tribos de Manassés, de Efraim e de Simeão, e até mesmo de Naftali, e nas ruínas ao redor delas" (v. 6). Josias não parou até passar de um extremo a outro dessa região de lares destruídos. Ele "derrubou os altares e os postes sagrados, esmagou os ídolos, reduzindo-os a pó, e despedaçou todos os altares de incenso espalhados por Israel. Então voltou para Jerusalém" (v. 7).

Como rei, Josias tinha feito o seu melhor para exaltar a santa lei de Deus. E, então, enquanto ouvia o escriba Safã ler para ele o livro da lei, reconheceu naqueles escritos um poderoso aliado na obra de reforma que ele tanto desejava realizar. Decidiu fazer tudo que estivesse em seu poder para que o povo aprendesse os ensinos daquele livro e levá-los, se possível, a reverenciar e amar a lei do Céu.

O Rei Consulta a Profetisa do Senhor

Mas seria possível colocar em prática a reforma de que tanto precisavam? Israel tinha praticamente atingido o fim da paciência divina. Com o coração apertado pela tristeza e desânimo, Josias se curvou perante Deus em agonia de espírito, suplicando perdão pelos pecados de uma nação rebelde.

Nessa época, a profetisa Hulda morava perto do templo. O rei decidiu perguntar ao Senhor, por meio dessa mensageira, se havia alguma coisa que ele poderia fazer para salvar o rebelde Judá, que estava à beira da destruição.

Josias tinha grande respeito pela profetisa, assim escolheu os líderes do reino para atuarem como seus mensageiros: "Vão consultar o Senhor por mim, pelo povo e por todo Judá acerca do que está escrito neste livro que foi encontrado" (2Rs 22:13).

Por intermédio de Hulda, o Senhor enviou a Josias a resposta de que não havia nada que ele pudesse fazer para evitar a destruição de Jerusalém. O povo não escaparia do castigo. O mal praticado por tantos anos tinha amortecido os sentidos do povo de tal maneira que, se os juízos não viessem, logo voltariam a praticar os mesmos pecados. "Digam ao homem que os enviou a mim, declarou a profetisa. Assim diz o Senhor: 'Eu vou trazer desgraça sobre este lugar e sobre seus habitantes; tudo o que está escrito no livro que o rei de Judá leu. [...] Minha ira arderá contra este lugar e não será apagada'" (v. 15-17).

Mas porque o rei tinha humilhado o seu coração diante de Deus, ele recebeu esta mensagem também: "Já que o seu coração se abriu e você se humilhou diante do Senhor, ao ouvir o que falei contra este lugar e contra seus habitantes, que seriam arrasados e amaldiçoados, e porque você rasgou as vestes e chorou na Minha presença, Eu o ouvi", declara o Senhor. "Portanto, Eu o reunirei aos seus antepassados, e você será sepultado em paz. Seus olhos não verão toda a desgraça que Eu vou trazer sobre este lugar'" (v. 19, 20).

O rei deveria deixar com Deus os acontecimentos futuros. Mas o Senhor não deixou de dar a oportunidade para o arrependimento e reforma, e Josias decidiu fazer tudo o que estivesse em seu poder para colocar decididas reformas em prática. Ele imediatamente convocou uma grande reunião para a qual todos os anciãos, juízes e o povo em geral foram convidados a participar.

Nessa grande reunião, o próprio rei leu "em voz alta todas as palavras do Livro da Aliança, que havia sido encontrado no templo do Senhor" (2Rs 23:2). O rei se sentiu profundamente comovido ao ler o livro e apresentou sua mensagem com toda a emoção de um coração entristecido. Os ouvintes foram profundamente tocados. A força do sentimento revelada no rosto do rei, a seriedade da própria mensagem, a advertência dos juízos prestes a cair – tudo isso causou grande efeito no coração do povo. Muitos decidiram se unir ao rei em busca do perdão.

Josias propôs então que os líderes se unissem ao povo em uma solene aliança com Deus para juntos fazerem importantes mudanças. A resposta foi muito melhor do que o rei poderia imaginar. "Então todo o povo se comprometeu com a aliança" (v. 3).

Eles tinham por tanto tempo seguido o costume das nações vizinhas de se curvar perante os ídolos que parecia quase impossível ao poder humano remover cada traço desse mal. Mas Josias não desistiu de se dedicar para purificar o reino (ver v. 23, 24).

A Profecia se Cumpre

Séculos antes, em ousado desafio a Deus, Jeroboão havia construído um altar idólatra em Betel. Durante a dedicação desse altar, um homem de Deus, vindo da Judeia, tinha aparecido de repente e clamado contra o altar, declarando: "Ó altar, ó altar! Assim diz o Senhor: 'Um filho nascerá na família de Davi e se chamará Josias. Sobre você ele sacrificará os sacerdotes dos altares idólatras que agora queimam incenso aqui, e ossos humanos serão queimados sobre você'" (1Rs 13:2).

Três séculos haviam se passado. Josias, o rei, se encontrava em Betel, onde estava esse antigo altar. A profecia anunciada tantos anos antes na presença de Jeroboão então se cumpriu literalmente.

"Até o altar de Betel, o altar idólatra edificado por Jeroboão, filho de Nebate, que levou Israel a pecar; até aquele altar e o seu santuário, ele os demoliu. Queimou o santuário e o reduziu a pó. [...] Quando Josias olhou em volta e viu os túmulos que havia na encosta da colina, mandou retirar os ossos dos túmulos e queimá-los no altar a fim de contaminá-lo, conforme a palavra do Senhor proclamada pelo homem de Deus que predisse essas coisas" (2Rs 23:15, 16).

Na encosta sul do Olivete, de frente para o belo templo de Jeová sobre o Monte Moriá, Salomão havia colocado os altares e imagens para agradar a suas esposas idólatras (ver 1Rs 11:6-8). Por mais de três séculos, aquelas imagens imensas e deformadas permaneceram ali como testemunhas silenciosas da apostasia do rei mais sábio de Israel. Josias destruiu essas imagens também.

O rei procurou fortalecer ainda mais a fé de Judá no Deus de seus pais realizando uma grande festa de Páscoa, em harmonia com as instruções do livro da lei. "Nem nos dias dos juízes que lideraram Israel, nem durante todos os dias dos reis de Israel e dos reis de Judá, foi celebrada uma Páscoa como esta" (2Rs 23:22). Mas nem mesmo o zelo de Josias foi capaz de redimir os pecados das gerações passadas, nem a piedade dos seguidores do rei pôde realizar uma mudança de coração em muitos que insistentemente se recusavam a deixar a idolatria e se voltar para a adoração ao verdadeiro Deus.

Josias continuou a reinar por mais de uma década após a celebração da Páscoa. Aos trinta e nove anos, ele foi fatalmente ferido em uma batalha contra os exércitos do Egito. "Ele foi sepultado nos túmulos dos seus antepassados, e todos os moradores de Judá e de Jerusalém choraram por ele. Jeremias compôs um cântico de lamento em homenagem a Josias", que se tornou uma tradição em Israel (2Cr 35:24, 25).

Aproximava-se rapidamente o tempo em que Jerusalém seria completamente destruída e os habitantes do reino seriam levados como escravos para Babilônia. Lá aprenderiam as lições que se recusaram a aprender sob circunstâncias melhores.

O Homem que Sentia a Angústia de Deus

Jeremias esperava que a reforma realizada durante o reinado de Josias durasse para sempre. Ele tinha sido chamado por Deus para ser Seu profeta quando ainda era jovem. Como membro do sacerdócio, Jeremias havia sido educado desde a infância para o serviço sagrado. Nesses anos felizes, ele não fazia a menor ideia de que Deus o havia escolhido desde o nascimento para ser um "profeta às nações". Quando recebeu o chamado divino, Jeremias ficou muito abatido. "Ah, Soberano Senhor! Eu não sei falar, pois ainda sou muito jovem" (Jr 1:5, 6).

Deus viu no jovem Jeremias alguém que seria fiel ao seu dever e que defenderia o que é certo, mesmo quando a maioria estivesse contra ele. Na infância, ele havia provado ser fiel, e então, na juventude, enfrentaria muitas dificuldades como bom soldado da cruz. "O Senhor, porém, me disse: 'Não diga que é muito jovem. [...] A todos a quem Eu o enviar você irá e dirá tudo o que Eu lhe ordenar. Não tenha medo deles, pois Eu estou com você para protegê-lo', diz o Senhor." "E você, prepare-se! Vá dizer-lhes tudo o que Eu ordenar. Não fique aterrorizado por causa deles, senão Eu o aterrorizarei diante deles. E hoje Eu faço de você uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e um muro de bronze, contra toda a Terra. Eles lutarão contra você, mas não o vencerão, pois Eu estou com você", diz o Senhor, "e o protegerei" (v. 7, 8, 17-19).

Por quarenta anos, Jeremias deveria ser uma testemunha da verdade e da justiça. Em um tempo de apostasia sem igual, ele deveria dar seu exemplo, na vida e no caráter, da adoração ao verdadeiro Deus. Deveria ser o porta-voz de Jeová. Ele deveria anunciar a queda da casa de Davi e a destruição do belo templo construído por Salomão. Ele seria preso, desprezado, odiado, rejeitado por muitos e, finalmente, partilharia da tristeza e dor que se seguiriam à destruição da cidade condenada.

Por outro lado, Jeremias recebeu várias vezes a oportunidade de olhar para além das tristes cenas do presente para o futuro glorioso, quando o povo de Deus seria novamente levado para Sião. "Serão como um jardim bem regado e não mais se entristecerão" (Jr 31:12). Jeremias escreveu: "O Senhor estendeu a mão, tocou a minha boca e disse-me: 'Agora ponho em sua boca as Minhas palavras. Veja! Eu hoje dou a você autoridade sobre nações e reinos, para arrancar, despedaçar, arruinar e destruir; para edificar e para plantar" (Jr 1:9, 10).

O Verdadeiro Profeta Sempre "Edifica"

Graças a Deus pelas palavras "para edificar e para plantar". O propósito do Senhor era restaurar e curar. Jeremias deveria apresentar com coragem as profecias dos juízos prestes a cair; porém, deveria cuidar para que essas mensagens fossem acompanhadas da certeza do perdão para todos os que decidissem abandonar seus maus atos.

Jeremias procurou incentivar o povo de Judá a construir uma base espiritual forte e profunda em sua vida por meio do arrependimento. Por muito tempo o povo vinha construindo com um material que Jeremias comparou à escória: "São chamados de prata rejeitada, porque o Senhor os rejeitou" (Jr 6:30). Então ele os animou a construir para a eternidade, jogando fora o entulho da apostasia e utilizando como material o puro ouro, a prata refinada e pedras preciosas – fé, obediência e boas obras – que unicamente são aceitáveis a Deus.

A palavra do Senhor foi: "'Volte, ó infiel Israel' [...], 'pois Eu sou fiel', declara o Senhor. [...] 'Não ficarei irado para sempre.' 'Voltem, filhos rebeldes, pois Eu sou o Senhor de vocês'" (Jr 3:12-14).

E, além disso, o Senhor deu a Seu povo rebelde as próprias palavras com as quais poderiam se voltar para Ele. Deveriam dizer: "Sim! Nós viremos a Ti, pois Tu és o Senhor, o nosso Deus." "Seja a vergonha a nossa cama e a desonra, o nosso cobertor. Pecamos contra o Senhor, o nosso Deus, tanto nós como os nossos antepassados, desde a nossa juventude até ao dia de hoje; e não temos obedecido ao Senhor, ao nosso Deus" (v. 22, 25).

A reforma realizada durante o reinado de Josias purificou a nação dos altares idólatras, mas o coração do povo não estava transformado. Espinhos sufocaram as sementes da verdade que tinham germinado prometendo uma grande colheita. Outra apostasia como essa seria fatal.

Jeremias chamou repetidamente a atenção do povo para os conselhos encontrados

em Deuteronômio. Ele mostrou como a nação poderia receber as maiores bênçãos por meio desses ensinos. "Perguntem pelos caminhos antigos, perguntem pelo bom caminho. Sigam-no e acharão descanso" (Jr 6:16).

Certa ocasião, em uma das entradas principais da cidade, o profeta chamou a atenção do povo para a importância de guardar o sábado como um dia santo: "'Mas se vocês tiverem o cuidado de obedecer-Me', diz o Senhor, 'e não fizerem passar carga alguma pelas portas desta cidade no sábado, mas guardarem o dia de sábado como dia consagrado, deixando de realizar nele todo e qualquer trabalho, então os reis que se assentarem no trono de Davi entrarão pelas portas desta cidade [...]; e esta cidade será habitada para sempre'" (Jr 17:24, 25). Se o povo não atendesse aos apelos para obedecer ao Senhor Deus de seus pais e para santificar o Seu sábado, a cidade e seus palácios seriam totalmente destruídos pelo fogo. Unicamente por meio das mais firmes atitudes poderia o povo realizar uma mudança para melhor. Assim, o profeta fez o máximo que pôde para resgatar os rebeldes. "Ó Jerusalém, lave o mal do seu coração para que você seja salva" (Jr 4:14).

No entanto, a maior parte do povo não atendeu ao chamado para o arrependimento. Os que reinaram sobre a nação tinham sido infiéis ao seu dever e levaram muitos a se desviar. Desde o início do reinado de Jeoaquim, Jeremias teve pouca esperança de salvar sua amada terra da destruição e da escravidão. Mesmo assim, ele não deveria ficar em silêncio enquanto a completa ruína ameaçava o reino. Deveria incentivar os que continuavam sendo leais a Deus a perseverar na prática do bem e, se possível, convencer os pecadores a abandonar a iniquidade.

O Senhor ordenou que Jeremias ficasse no pátio do templo e falasse a todos os que ali entrassem ou saíssem. Ele não tinha permissão para amenizar uma só palavra!

O profeta obedeceu. Ele ergueu a voz em advertência e apelos. "Ouçam a palavra do Senhor, todos vocês de Judá que atravessam estas portas para adorar o Senhor. [...] 'Corrijam a sua conduta e as suas ações, Eu os farei habitar neste lugar. Não confiem em palavras enganosas: 'Este é o templo do Senhor, o templo do Senhor, o templo do Senhor!'" (Jr 7:2-4).

A Maravilhosa Bondade de Deus

Esse relato mostra claramente que o Senhor não tem prazer em castigar. Ele demonstra misericórdia a Seus filhos desobedientes. Ele busca de todas as maneiras possíveis ensinar a eles o caminho da vida (ver Jr 9:24). Apesar de os israelitas terem praticado a idolatria por tanto tempo e ignorado Suas advertências, Ele ainda fez

questão de mostrar que estava disposto a não enviar o castigo e dar outra oportunidade para se arrependerem. Mas deixou claro que eles poderiam evitar a condenação unicamente por meio da reforma completa do coração. A confiança que tinham no templo e nas atividades religiosas praticadas ali seria em vão. Os rituais e as cerimônias não eram capazes de fazer expiação pelo pecado. Somente a reforma do coração e da vida prática poderia salvá-los dos resultados da transgressão.

Assim, "nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém", a mensagem de Jeremias era: "Ouçam os termos desta aliança e cumpram-no" (Jr 11:6). "Por que será, então, que este povo se desviou? Por que Jerusalém persiste em desviar-se?" (Jr 8:5). Porque eles tinham se recusado a aceitar a correção (ver Jr 5:3). "Até a cegonha no céu conhece as estações que lhe estão determinadas, e a pomba, a andorinha e o tordo observam a época de sua migração. Mas o Meu povo não conhece as exigências do Senhor." "Não Me vingarei de uma nação como essa?" (Jr 8:7; 9:9).

Durante o reinado de Josias, o povo teve motivo para nutrir alguma esperança. Mas ele foi morto em batalha. O tempo para intercessão estava quase chegando ao fim. "Ainda que Moisés e Samuel estivessem diante de Mim, intercedendo por este povo", declarou o Senhor, "Eu não lhes mostraria favor. Expulse-os da Minha presença! Que saiam!" (Jr 15:1).

Uma rejeição ao convite de misericórdia de Deus atrairia os juízos que tinham caído sobre o reino do norte de Israel havia mais de um século. A mensagem então era: "Se vocês não Me escutarem [...] e se não ouvirem as palavras dos Meus servos, os profetas, os quais tenho enviado a vocês, [...] então farei deste templo o que fiz do santuário de Siló, e desta cidade um objeto de maldição entre todas as nações da Terra" (Jr 26:4-6).

Os que estavam no pátio do templo ouvindo Jeremias compreenderam claramente essa referência a Siló quando, nos dias de Eli, os filisteus levaram a arca da aliança. O pecado de Eli foi não ter repreendido com firmeza os pecados que dominavam a nação na época. Por sua negligência em corrigir esses males, Israel sofreu um terrível desastre. Eli perdeu a vida, a arca de Deus foi levada de Israel, trinta mil pessoas foram mortas – tudo porque o pecado se alastrou livremente e sem repreensão. Israel revelou sua tolice ao pensar que, apesar de suas práticas pecaminosas, a arca lhes garantiria a vitória sobre os filisteus. Da mesma forma, durante os dias de Jeremias, os habitantes de Judá estavam inclinados a acreditar que, por praticar as cerimônias que Deus havia estabelecido para o templo, eles seriam poupados de receber o castigo por suas más atitudes.

Que importante lição para as pessoas em posição de responsabilidade na igreja! Que advertência para lidar fielmente com os erros que trazem desonra à causa da verdade! Que ninguém acuse os servos de Deus por serem zelosos demais em procurar purificar o ambiente das obras más. A destruição de Jerusalém nos dias de Jeremias é uma solene advertência de que não podemos menosprezar os conselhos dados pelos instrumentos escolhidos por Deus sem esperar sofrer as consequências dessa decisão.

A mensagem de Jeremias despertou a ira e a oposição de muitos. Eles clamavam: "'Por que você profetiza em nome do Senhor e afirma que este templo será como Siló e que esta cidade ficará arrasada e abandonada?' E todo o povo se ajuntou em volta de Jeremias no templo do Senhor" (v. 9). Sacerdotes, falsos profetas e o povo se voltaram contra aquele que não falaria palavras suaves ou profetizaria coisas agradáveis. Eles ameaçaram de morte o servo de Deus.

A Coragem de Jeremias Salva Sua Vida

Não demorou muito e os príncipes de Judá ficaram sabendo da profecia de Jeremias e saíram às pressas do palácio para confirmar a verdade sobre o fato. "E os sacerdotes e os profetas disseram aos líderes e a todo o povo: 'Este homem deve ser condenado à morte porque profetizou contra esta cidade. Vocês o ouviram com os seus próprios ouvidos!'" (v. 11). Mas Jeremias respondeu com coragem: "O Senhor enviou-me para profetizar contra este templo e contra esta cidade tudo o que vocês ouviram. Agora, [...] obedeçam ao Senhor, ao seu Deus. Então o Senhor Se arrependerá da desgraça que pronunciou contra vocês. Quanto a mim, estou nas mãos de vocês; façam comigo o que acharem bom e certo. Entretanto, estejam certos de que, se me matarem, vocês, esta cidade e os seus habitantes, serão responsáveis por derramar sangue inocente, pois, na verdade, o Senhor enviou-me a vocês para anunciar-lhes essas palavras" (v. 12-15).

Se o profeta tivesse se deixado intimidar pela presença dos príncipes, ele teria perdido a vida. Mas a coragem com que apresentou a solene advertência, conquistou o respeito do povo e fez com que os príncipes ficassem do seu lado. Eles argumentaram com os sacerdotes e falsos profetas. Assim, Deus levantou defensores para Seu servo.

Os anciãos se uniram também no protesto contra a decisão dos sacerdotes a respeito de Jeremias. Graças aos apelos desses homens de influência, a vida do profeta foi poupada, embora muitos sacerdotes e falsos profetas teriam ficado muito contentes em condená-lo à morte sob a acusação de ter instigado a revolta contra as autoridades.

Até o fim do seu ministério, Jeremias permaneceu firme contra a ira humana e não

se deixou abater. “Lutarão contra você”, o Senhor preveniu Seu servo, “mas não o vencerão” (Jr 15:20).

O Jeito Manso e Tímido de Jeremias

Jeremias era naturalmente tímido. Ele tinha grande desejo de encontrar um lugar silencioso e isolado em que não precisasse testemunhar a constante rebelião da nação que ele tanto amava. Seu coração era torturado de angústia pela ruína causada pelo pecado. “Ah, se a minha cabeça fosse uma fonte de água e os meus olhos um manancial de lágrimas!”, ele lamentava. “Eu choraria noite e dia pelos mortos do meu povo. Ah, se houvesse um alojamento para mim no deserto, para que eu pudesse deixar o meu povo e afastar-me dele” (Jr 9:1, 2).

As flechas da zombaria e gozação lançadas contra ele feriam seu coração sensível. “Sou ridicularizado o dia inteiro; todos zombam de mim.” “‘Vamos denunciá-lo!’ Todos os meus amigos estão esperando que eu tropece. ‘Talvez ele se deixe enganar; então nós o venceremos e nos vingaremos dele’” (Jr 20:7, 10).

No entanto, o fiel profeta era fortalecido dia a dia. “O Senhor está comigo, como um forte guerreiro!”, ele declarava com fé. “Portanto, aqueles que me perseguem tropeçarão e não prevalecerão. O seu fracasso lhes trará completa vergonha” (v. 11). Ele aprendeu a orar: “Corrige-me, Senhor, mas somente com justiça, não com ira, para que não me reduzas a nada” (Jr 10:24).

Quando em desânimo era tentado a dizer: “Meu esplendor já se foi, bem como tudo o que eu esperava do Senhor” (Lm 3:18), Jeremias recordava as providências de Deus em seu favor e exclamava: “Graças ao grande amor do Senhor é que não somos consumidos, pois as Suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã; grande é a Tua fidelidade! Digo a mim mesmo: ‘A minha porção é o Senhor; portanto, nEle porei a minha esperança. O Senhor é bom para com aqueles cuja esperança está nEle, para com aqueles que O buscam; é bom esperar tranquilo pela salvação do Senhor” (Lm 3:22-26).

A Incrível Teimosia de Judá

Os primeiros anos do reinado de Jeoaquim foram cheios de advertências sobre o castigo que estava para cair sobre Judá. Um novo poder mundial, o império babilônico, estava surgindo no leste e rapidamente ficando mais forte que a Assíria, o Egito e todas as outras nações.

O rei de Babilônia seria usado como instrumento da ira de Deus sobre o rebelde Judá. Por várias vezes os exércitos de Nabucodonosor invadiriam Jerusalém. Milhares de pessoas seriam levadas à força como escravas para esse país pagão. Um após outro, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias – todos esses reis judeus – se tornariam súditos do rei de Babilônia, e, por sua vez, todos se rebelariam. A nação rebelde receberia castigos cada vez mais severos, até que, finalmente, Jerusalém seria queimada, o templo que Salomão havia construído seria destruído e o reino de Judá cairia e jamais voltaria a ocupar sua antiga posição entre as nações.

Por intermédio de Jeremias, muitas mensagens do Céu marcaram aqueles tempos de mudança. O Senhor deu aos filhos de Judá várias oportunidades de se libertar das alianças com o Egito e evitar o conflito com Babilônia. Jeremias ensinou o povo usando uma série de parábolas ilustradas com cenas reais, na esperança de ajudá-los a entender sua obrigação para com Deus e a incentivá-los a manter uma relação amigável com o governo babilônico.

Para ilustrar a importância da obediência a Deus, Jeremias reuniu alguns recabitas no templo e colocou vinho diante deles. Como era de se esperar, os recabitas se recusaram a beber. "Não bebemos vinho porque o nosso antepassado Jonadabe, filho de Recabe, nos deu esta ordem: 'Nem vocês nem os seus descendentes beberão vinho.'" Então, "o Senhor dirigiu a palavra a Jeremias, dizendo: 'Assim diz o Senhor dos

Exércitos [...]: 'Jonadabe, filho de Recabe, ordenou a seus filhos que não bebessem vinho, e essa ordem tem sido obedecida até hoje. Eles não bebem vinho porque obedecem à ordem do seu antepassado" (Jr 35:6, 12-14). Mas o povo de Judá tinha desobedecido às palavras do Senhor e estava prestes a sofrer terríveis juízos.

O Senhor declarou: "Enviei a vocês, repetidas vezes, todos os Meus servos, os profetas. Eles lhes diziam que cada um de vocês deveria converter-se da sua má conduta, corrigir as suas ações e deixar de seguir outros deuses para prestar-lhes culto. Assim, vocês habitariam na terra que dei a vocês e a seus antepassados. Mas vocês não Me deram atenção nem Me obedeceram." "Portanto, [...] trarei sobre Judá e sobre todos os habitantes de Jerusalém toda a desgraça da qual os adverti" (v. 15, 17).

Quando as pessoas desprezam a correção a ponto de seu coração ficar endurecido, o Senhor permite que elas sejam levadas por outras influências. Ao recusarem a verdade, aceitam a falsidade, que as leva à sua própria destruição. Os caldeus seriam usados como um instrumento de Deus para castigar Seu povo desobediente. Os sofrimentos deles seriam proporcionais à luz que tinham desprezado e rejeitado. O desagrado de Deus cairia sobre eles como um último esforço para desviá-los de seu mau caminho.

Deus pronunciou uma bênção permanente aos recabitas: "'Vocês têm obedecido àquilo que o seu antepassado Jonadabe ordenou; têm cumprido todas as suas instruções e têm feito tudo o que ele ordenou'. [...] 'Jamais faltará a Jonadabe, filho de Recabe, um descendente que Me sirva'" (v. 18, 19). A lição é para nós. Se as ordens de um pai sábio como Jonadabe foram dignas de ser fielmente obedecidas por ele ter escolhido os melhores meios para cuidar de sua família – no presente e no futuro – contra os males da intemperança, quanto mais devemos nós respeitar e reverenciar a autoridade de Deus! Por intermédio de Seus servos, Deus revela os perigos da desobediência. Ele nos adverte e reprova o pecado. Seu povo vive em prosperidade unicamente por causa de Sua misericórdia, graças ao atento cuidado de Seus instrumentos escolhidos. Ele não pode favorecer um povo que rejeita Seu conselho.

Os Jovens Fiéis São Encorajados

Jeremias nunca perdeu de vista a importância da santidade de coração no serviço de Deus. Ele previu que os habitantes de Judá seriam espalhados entre as nações, mas, pela fé, olhou além, para os tempos da restauração. "'Dias virão', declara o Senhor, 'em que levantarei para Davi um Renovo justo, um rei que reinará com sabedoria e fará o que é justo e certo na Terra. Em Seus dias Judá será salva, Israel viverá em segurança, e

este é o nome pelo qual será chamado: O Senhor é a Nossa Justiça'" (Jr 23:5, 6).

Os que escolhessem viver uma vida santa em meio à apostasia receberiam forças para testemunhar por Ele. Estava chegando o tempo, declarou o Senhor, em que o povo não mais diria: "'Juro pelo nome do Senhor, que trouxe os israelitas do Egito', mas se dirá: 'Juro pelo nome do Senhor, que trouxe os descendentes de Israel [...] de todas as nações para onde os expulsou'" (v. 7, 8). Essas eram as profecias que Jeremias anunciou durante os últimos anos da história do reino de Judá, quando os babilônios estavam cercando os muros de Sião.

Essas promessas soaram como uma música suave e agradável aos ouvidos dos fiéis adoradores de Deus. Nos lares em que os conselhos de um Deus fiel à aliança com Seu povo ainda eram respeitados e obedecidos, até mesmo as crianças se sentiram profundamente animadas por essas promessas. Sua mente sensível e aberta recebeu impressões que não se apagariam com o tempo. A obediência às Santas Escrituras deu a Daniel e seus amigos oportunidades para exaltar o verdadeiro Deus perante as nações da Terra. A instrução que essas crianças hebreias receberam no lar de seus pais as tornou fortes na fé. Quando Nabucodonosor cercou Jerusalém pela primeira vez e capturou Daniel e seus amigos, a fé dos hebreus capturados foi provada ao máximo. Mas os que tinham aprendido a confiar nas promessas de Deus encontraram nelas um conforto, um guia e um apoio.

Fiel ao dever de interpretar os juízos que começavam a cair sobre Judá, Jeremias defendeu com firmeza a justiça de Deus. Muitos outros lugares além de Jerusalém receberam sua influência, graças às frequentes visitas que fazia às várias partes do reino. Em seus testemunhos, ele sempre enfatizava a importância de manter uma relação de aliança com o amoroso Ser que proclamou os dez mandamentos no Sinai. Suas palavras alcançaram todos os cantos da nação.

A Maldade do Rei Jeoaquim

Na mesma época em que Jeremias dava aos príncipes e ao povo as mensagens de advertência sobre os juízos prestes a cair, Jeoaquim, que deveria estar liderando uma reforma, gastava tempo com prazeres egoístas. Ele decidiu: "'Construirei para mim um grande palácio, com aposentos espaçosos'. [...] Reveste o palácio de cedro e pinta-o de vermelho" (Jr 22:14). Jeoaquim construiu esse palácio com o dinheiro e a mão de obra que conseguiu pela corrupção e injustiça.

Deus inspirou Jeremias a pronunciar um juízo sobre o rei infiel: "Ai daquele que constrói o seu palácio por meios corruptos, seus aposentos, pela injustiça, fazendo os

seus compatriotas trabalharem por nada, sem pagar-lhes o devido salário." "Portanto, assim diz o Senhor a respeito de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá: 'Não se lamentarão por ele. [...] Ele terá o enterro de um jumento: arrastado e lançado fora das portas de Jerusalém!" (v. 13, 18, 19).

Dentro de poucos anos, Jeoaquim sofreria esse terrível juízo. Antes, porém, o Senhor, em Sua misericórdia, informou a nação rebelde de Seu plano: "A palavra veio a Jeremias a respeito de todo o povo de Judá", ressaltando que por mais de vinte anos ele tinha dado testemunho do desejo de Deus para salvar, mas que o povo desprezou suas mensagens (ver Jr 25:1-3). E disse: "Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos: 'Visto que vocês não ouviram as Minhas palavras, convocarei todos os povos do norte e meu servo Nabucodonosor, rei da Babilônia', declara o Senhor, 'e os trarei para atacar esta terra [...]. Toda esta terra se tornará uma ruína desolada, e essas nações estarão sujeitas ao rei da Babilônia durante setenta anos" (v. 8-11).

O Senhor comparou o futuro da nação ao derramamento de uma taça cheia do vinho da ira divina. Entre os primeiros a beberem dessa taça estavam "Jerusalém e as cidades de Judá, seus reis e seus líderes" (v. 18). Outros também beberiam da mesma taça – o Egito e muitas outras nações (ver Jr 25).

Para ilustrar melhor os juízos que estavam para cair sobre a nação, Deus instruiu o profeta: "Leve com você alguns líderes do povo e alguns sacerdotes e vá em direção ao vale de Ben-Hinom" (Jr 19:1, 2), e lá despedace "um vaso de barro de um oleiro" (v. 1), e declare em nome do Senhor: "Assim como se quebra o vaso de oleiro, que não pode ser mais restaurado, quebrarei este povo e esta cidade" (v. 11). Depois de obedecer a essas instruções, Jeremias voltou para a cidade, foi até o pátio do templo e anunciou: "Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: 'Ouçam! Trarei sobre esta cidade, e sobre todos os povoados ao redor, todas as desgraças contra eles anunciadas, porque se obstinaram e não quiseram obedecer às Minhas palavras'" (v. 15).

As palavras do profeta fizeram com que as autoridades ficassem com muita raiva. Esses homens prenderam Jeremias e o colocaram no tronco. Ainda assim, não conseguiram fazer com que ele se calasse. A palavra da verdade, ele declarou, "é como se um fogo ardesse em meu coração, um fogo dentro de mim. Estou exausto tentando contê-lo; já não posso mais!" (Jr 20:9).

Nessa mesma época, o Senhor ordenou que Jeremias escrevesse suas mensagens. "Pegue um rolo e escreva nele todas as palavras que lhe falei a respeito de Israel, de Judá e de todas as outras nações, desde que comecei a falar a você, durante o reinado de

Josias, até hoje. Talvez, quando o povo de Judá souber de cada uma das desgraças que planejo trazer sobre eles, cada um se converta de sua má conduta e Eu perdoe a iniquidade e o pecado deles" (Jr 36:2, 3).

Em obediência a essa ordem, Jeremias chamou seu fiel amigo, o escriba Baruque, e ditou-lhe "todas as palavras que o Senhor lhe havia falado" (v. 4). Essas palavras foram escritas em um rolo de pergaminho e eram um aviso a respeito das consequências que certamente seguiriam a constante apostasia da nação e um forte apelo para que o povo abandonasse todo mal.

Jeremias, que ainda era mantido como prisioneiro, pediu que Baruque lesse o pergaminho ao povo no templo em um dia de jejum nacional. "Talvez", disse o profeta, "a súplica deles chegue diante do Senhor, e cada um se converta de sua má conduta, pois é grande o furor anunciado pelo Senhor contra este povo" (v. 7).

Baruque leu o rolo ao povo. Logo depois, os líderes convocaram o escriba para ler as palavras para eles. Eles ouviram com grande interesse e prometeram informar o rei, mas aconselharam Baruque a se esconder, pois tinham medo de que o rei procurasse matar os que tinham preparado e apresentado a mensagem.

Jeoaquim ordenou imediatamente que o pergaminho fosse lido na sua presença. Um dos assistentes reais, por nome Jeudi, começou a ler as palavras de reprovação e advertência. Era inverno, e o rei e os líderes estavam reunidos junto a uma lareira. O rei, longe de se abalar diante do perigo que ele mesmo e seu povo enfrentariam, pegou o rolo e, num acesso de raiva, cortava as partes lidas "com uma faca de escrivão e as atirava no braseiro, até que o rolo inteiro foi queimado" (v. 23).

Nem o rei nem "seus conselheiros ficaram alarmados nem rasgaram as suas roupas, lamentando-se". Embora alguns de seus conselheiros "tivessem insistido com o rei que não queimasse o rolo, ele não quis ouvi-los." O maldoso rei mandou prender Jeremias e Baruque, "mas o Senhor os tinha escondido" (v. 24-26).

Deus estava bondosamente procurando advertir o povo de Judá para o seu próprio bem. Ele Se compadece dos que lutam na cegueira de sua própria teimosia. Procura iluminar a mente em trevas e ajudar aquele que está contente consigo mesmo a se sentir insatisfeito e buscar uma comunhão mais próxima com o Céu.

Como Deus Procura nos Salvar

O plano de Deus não é enviar mensageiros que elogiem e agradem os pecadores. Ao contrário, Ele faz com que cada um que pratica o mal fique com a consciência pesada a

fim de levá-lo a suplicar em agonia: "Que devo fazer para ser salvo?" (At 16:30). Mas a Mão que humilha até o pó é a Mão que ergue aquele que se arrepende. Aquele que aceita o castigo pergunta: "O que você quer que Eu faça?" (Mc 10:51).

Mas o rei Jeoaquim e seus conselheiros, em sua arrogância e orgulho, não aceitaram a advertência e não quiseram se arrepender. A última oportunidade, cheia de graça, que receberam com a leitura do rolo sagrado se acabou quando ele foi jogado ao fogo. Deus declarou que Sua ira cairia em especial sobre o homem que orgulhosamente tinha se levantado contra o Todo-Poderoso. "Pois assim diz o Senhor acerca de Jeoaquim, rei de Judá: 'Ele não terá nenhum descendente para sentar-se no trono de Davi; seu corpo será lançado fora e exposto ao calor de dia e à geada de noite" (Jr 36:30).

O Segundo Livro de Jeremias

Não adiantou nada queimar o rolo. Livrar-se das palavras escritas no rolo era muito mais fácil do que se livrar do castigo pronunciado por Deus contra o rebelde Israel. Mas até o próprio rolo foi reproduzido. "Pegue outro rolo", o Senhor ordenou a Seu servo, "e escreva nele todas as palavras que estavam no primeiro, que Jeoaquim, rei de Judá, queimou" (v. 28). As palavras ainda estavam vivas no coração de Jeremias, "como um fogo devorador", e o profeta reproduziu o que a ira humana havia destruído.

Pegando outro rolo, Baruque escreveu nele "conforme Jeremias ditava, todas as palavras do livro que Jeoaquim, rei de Judá, tinha queimado, além de muitas outras palavras semelhantes que foram acrescentadas" (v. 32). A própria tentativa de Jeoaquim de acabar com a influência do profeta abriu outra oportunidade para anunciar com clareza os propósitos de Deus.

O espírito que fez com que Jeremias fosse perseguido existe ainda hoje. Muitos se recusam a atender às advertências divinas e preferem dar ouvidos a falsos mestres que elogiam sua vaidade e não repreendem suas atitudes más. No dia da tribulação, essas pessoas não encontrarão um refúgio seguro. Os servos escolhidos de Deus devem enfrentar com coragem os sofrimentos que aparecem em sua vida na forma de acusação, desprezo e distorção do que falam ou fazem. Devem continuar a cumprir fielmente a obra que Deus lhes deu para fazer, sempre lembrando que os profetas, o Salvador e Seus apóstolos também suportaram perseguições por amor da Palavra.

A intenção de Deus era que Jeoaquim obedecesse aos conselhos de Jeremias e conquistasse o favor de Nabucodonosor, evitando assim muitos sofrimentos. O jovem rei tinha jurado que seria obediente ao rei de Babilônia, e se ele tivesse cumprido

fielmente sua promessa, teria conquistado o respeito dos pagãos. Mas o rei de Judá foi teimoso. Ele não manteve sua palavra de honra e se rebelou. Isso fez com que sofresse o ataque do exército inimigo. Dentro de poucos anos, ele encerrou seu desastroso reinado em desgraça, rejeitado pelo Céu, odiado por seu povo e desprezado pelos líderes de Babilônia, cuja confiança ele tinha traído.

Joaquim (também conhecido como Jeconias ou Conias), filho de Jeoaquim, ocupou o trono por apenas três meses e dez dias e então se rendeu aos exércitos de Babilônia, que estavam uma vez mais cercando a cidade condenada. Nabucodonosor "levou prisioneiro Joaquim para a Babilônia. Também levou de Jerusalém para a Babilônia a mãe do rei, as mulheres do rei e os oficiais do rei e os líderes do país". Milhares e milhares dentre o povo também foram levados junto com "mil artífices e artesãos", e todos os tesouros do templo do Senhor e do palácio real" (2Rs 24:15, 16, 13).

Apesar de tudo, o reino de Judá, então frágil e impotente, ainda recebeu permissão para continuar a existir como um governo separado. Nabucodonosor colocou como chefe do reino de Judá a Matanias, o filho mais jovem de Josias, e mudou seu nome para Zedequias.

Zedequias, o Último Rei de Judá

No início do seu reinado, Zedequias tinha a total confiança do rei de Babilônia. Ele tinha também Jeremias, o profeta, como seu conselheiro. Ele teve a oportunidade de conquistar o respeito de muitas autoridades importantes e lhes ensinar a respeito do verdadeiro Deus. Se ele tivesse feito isso, aqueles dentre o povo que já tinham sido levados como escravos para Babilônia teriam recebido maior liberdade, o nome de Deus teria sido honrado e os que permaneceram na terra de Judá não teriam sofrido as terríveis calamidades que finalmente vieram sobre eles.

Por intermédio de Jeremias, Deus aconselhou Zedequias e toda a nação de Judá a se submeterem pacificamente ao domínio temporário de Babilônia. Os que estavam no cativeiro deveriam buscar a paz que aquele reino estrangeiro lhes oferecia. No entanto, Satanás tirou vantagem das circunstâncias e levantou falsos profetas em Jerusalém e em Babilônia. Eles afirmavam que o jugo da escravidão logo seria quebrado e a nação voltaria a ser o que era antes.

Se o rei e os deportados acreditassem nessas agradáveis profecias, eles seriam levados a cometer erros fatais. Para evitar uma revolta, o Senhor ordenou a Jeremias que enfrentasse a crise sem demora, advertindo o rei de Judá sobre as inevitáveis consequências da rebelião. Ele também alertou os cativos a não se deixarem iludir acreditando que sua libertação estava próxima. "Não deixem que os profetas e adivinhos que há no meio de vocês os enganem", ele advertiu (Jr 29:8). Ele apontou mais uma vez para o plano de Deus de restaurar Israel apenas no fim dos setenta anos de escravidão.

Deus sabia que, se os falsos profetas convencessem o povo escravo de que logo seriam libertados, sua experiência em Babilônia se tornaria muito mais difícil. Qualquer

manifestação ou revolta de sua parte geraria mais restrições à sua liberdade. Sofrimento e angústia seriam o resultado.

Por Que a Submissão Era Tão Importante

Deus desejava que eles se submetessem e passassem da forma mais agradável possível aquele período de escravidão. Seu conselho era: "Construam casas e habitem nelas; plantem jardins. [...] Busquem a prosperidade da cidade para a qual Eu os deportei e orem ao Senhor em favor dela, porque a prosperidade de vocês depende da prosperidade dela" (v. 5-7).

Entre os falsos ensinadores que estavam em Babilônia, estavam dois homens que levavam uma vida corrupta. Jeremias os avisou do perigo que corriam. Com muita raiva por terem sido reprovados, eles procuraram instigar o povo a agir de forma contrária ao conselho de Deus de se sujeitarem ao rei de Babilônia. O Senhor afirmou, por meio de Jeremias, que esses falsos profetas seriam entregues nas mãos de Nabucodonosor e executados. Não muito tempo depois, essa profecia se cumpriu.

Até o fim deste mundo se levantarão pessoas que criarão confusão e rebelião entre os que declaram ser representantes do verdadeiro Deus. Os que profetizam mentiras incentivarão outros a olharem para o pecado como coisa sem importância. Eles procurarão culpar aqueles que os advertem do perigo pelas dificuldades que passam, exatamente como os judeus acusaram Jeremias de ser o responsável por suas dificuldades. Mas, assim como no passado, as mensagens de Deus provarão ser verdadeiras hoje.

Jeremias continuou a aconselhar o rei e o povo a se submeterem aos babilônios. Embaixadores de Edom, Moabe, Tiro e de outras nações visitaram o rei de Judá para saber se ele estava disposto a se unir a eles em uma revolta contra a Babilônia. Enquanto esses embaixadores aguardavam uma resposta, a palavra do Senhor veio a Jeremias, dizendo: "Faça para você um jugo com cordas e madeira e ponha-o sobre o pescoço. Depois mande uma mensagem aos reis [...], por meio dos embaixadores que vieram a Jerusalém" (Jr 27:2, 3). Deus tinha entregado todos eles nas mãos de Nabucodonosor, e eles deveriam servir "a ele, a seu filho e a seu neto; até que chegue a hora em que a terra dele seja subjugada" (v. 7).

Jeremias também avisou os embaixadores que, caso se recusassem a servir ao rei de Babilônia, eles seriam punidos "'com a guerra, a fome e a peste'. 'Não ouçam os seus profetas', o Senhor declarou, 'os seus adivinhos, os seus intérpretes de sonhos. [...] Porque são mentiras o que eles profetizam para vocês, o que os levará para longe de sua

terra. [...] Mas, se alguma nação colocar o pescoço sob o jugo do rei da Babilônia e a ele se sujeitar, então deixarei aquela nação permanecer na sua própria terra para cultivá-la e nela viver', declara o Senhor" (v. 8-11). A submissão ao rei de Babilônia era o castigo mais leve que um Deus misericordioso poderia enviar a um povo tão rebelde, mas se eles se rebelassem contra isso, experimentariam o peso total de Seus castigos. Os embaixadores que participaram dessa reunião entre as nações ficaram extremamente espantados ao saber da vontade de Deus revelada por meio de Jeremias.

Falsos Profetas Arrogantes

Jeremias permaneceu firme a favor da submissão de Judá a Babilônia. Entre os que mais se opuseram ao conselho do Senhor estava Hananias, um dos falsos profetas. Com a intenção de conquistar o favor da corte real, ele declarou que Deus lhe tinha dado palavras de ânimo para os judeus: "Assim diz o Senhor dos Exércitos, Deus de Israel: [...] 'Em dois anos trarei de volta a este lugar todos os utensílios do templo do Senhor que Nabucodonosor, rei da Babilônia, tirou daqui e levou para a Babilônia. Também trarei de volta para este lugar Joaquim, filho de Jeoaquim, rei de Judá, e todos os exilados de Judá [...], pois quebrarei o jugo do rei da Babilônia'" (Jr 28:2-4).

Jeremias mencionou as profecias de Oseias, Habacuque e Sofonias, que tinham dado mensagens semelhantes às suas. Ele apontou para os acontecimentos que tinham se cumprido exatamente como Deus tinha planejado e revelado por meio de Seus mensageiros. "O profeta que profetiza prosperidade", Jeremias concluiu, "será reconhecido como verdadeiro enviado do Senhor se aquilo que profetizou se realizar" (v. 9).

Com essas palavras de Jeremias, Hananias se irritou e em ousado desafio tirou o jugo simbólico do pescoço de Jeremias e o quebrou, dizendo: "Assim diz o Senhor: 'É deste modo que quebrarei o jugo de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e o tirarei do pescoço de todas as nações no prazo de dois anos'" (v. 11).

Aparentemente, Jeremias não podia fazer mais nada, a não ser se retirar da cena do conflito. Mas Deus deu a ele outra mensagem: "Vá dizer a Hananias: 'Assim diz o Senhor: 'Você quebrou um jugo de madeira, mas em seu lugar você fará um jugo de ferro. [...] Porei um jugo sobre o pescoço de todas essas nações, para fazê-las sujeitas a Nabucodonosor, rei da Babilônia, e elas se sujeitarão a ele.' [...]

"Disse, pois, o profeta Jeremias ao profeta Hananias: 'Escute, Hananias! O Senhor não o enviou, mas assim mesmo você persuadiu esta nação a confiar em mentiras. Por isso, assim diz Senhor: [...] 'Este ano você morrerá, porque pregou rebelião contra o

Senhor.' Assim o profeta Hananias morreu no sétimo mês daquele mesmo ano" (v. 13-17). O falso profeta pecou ao se declarar mensageiro do Senhor, e sofreu a morte como resultado.

A agitação causada pelos falsos profetas colocou Zedequias sob a suspeita de traição. Zedequias precisou agir rápido a fim de conseguir continuar reinando em submissão. O rei acompanhou um príncipe em uma missão a Babilônia (ver Jr 51:59). Durante essa visita à corte caldeia, Zedequias renovou seu voto de submissão a Nabucodonosor.

Por meio de Daniel e outros escravos hebreus, o rei babilônico ficou conhecendo a respeito do poder e suprema autoridade do verdadeiro Deus. Quando Zedequias, uma vez mais, prometeu solenemente permanecer leal, Nabucodonosor exigiu que ele selasse a promessa jurando em nome do Senhor Deus de Israel. Se Zedequias tivesse respeitado essa promessa que fez sob juramento, sua lealdade teria exercido uma profunda influência em muitos que estavam observando aqueles que diziam reverenciar o Deus dos hebreus. Mas a Bíblia registra que Zedequias "se revoltou contra o rei Nabucodonosor, que o havia obrigado a fazer um juramento em nome de Deus. Tornou-se muito obstinado e não quis se voltar para o Senhor, o Deus de Israel" (2Cr 36:13).

Ezequiel Revela as Abominações no Templo

Enquanto Jeremias continuava a dar seu testemunho na terra de Judá, Deus levantou o profeta Ezequiel entre os cativos em Babilônia, para advertir e confortar os deportados. Ezequiel deixou bem claro que não era sábio confiar nas profecias de um breve retorno a Jerusalém. Deus também o instruiu a usar vários símbolos para profetizar o cerco e a destruição de Jerusalém.

No sexto ano do reinado de Zedequias, o Senhor revelou a Ezequiel algumas abominações que estavam sendo praticadas em Jerusalém, até mesmo no pátio interno da casa do Senhor (ver Ez 8:10). Aqueles que deveriam ter sido os líderes espirituais, "as autoridades da nação" (v. 11), setenta homens, foram vistos oferecendo incenso diante de ídolos pagãos levados para dentro dos compartimentos secretos, dentro do pátio do templo. "O Senhor não nos vê", declaravam em tom de blasfêmia (v. 12).

O profeta viu "mulheres assentadas chorando por Tamuz", e "uns vinte e cinco homens. Com as costas para o templo do Senhor e os rostos voltados para o Oriente, estavam se prostrando na direção do Sol" (v. 14, 16). E então o Ser glorioso que acompanhava Ezequiel nessa impressionante visão perguntou ao profeta: "Será algo

corriqueiro para a nação de Judá essas práticas repugnantes? [...] Não olharei com piedade para eles nem os pouparei. Mesmo que gritem aos Meus ouvidos, não os ouvirei" (v. 17, 18).

Por intermédio de Jeremias o Senhor declarou: "Tanto o profeta como o sacerdote são profanos; até no Meu templo encontro as iniquidades deles" (Jr 23:11). Ao final do relato sobre o reinado de Zedequias, essa acusação de violação do templo foi repetida: "Todos os líderes dos sacerdotes e o povo se tornaram cada vez mais infiéis, seguindo todas as práticas detestáveis das outras nações e contaminando o templo do Senhor, consagrado por Ele em Jerusalém" (2Cr 36:14).

O dia da condenação para o reino de Judá estava se aproximando rapidamente. "O Senhor me falou: 'Filho do homem, que provérbio é este que vocês têm em Israel: '[...] Todas as visões dão em nada?' Pois diga a eles: [...] 'Tudo o que Eu disser se cumprirá, palavra do Soberano Senhor'" (Ez 12:21, 22, 28).

À frente dos que estavam levando rapidamente a nação à ruína, estava Zedequias, seu rei. Ao desprezar totalmente os conselhos do Senhor, ao se esquecer da dívida de gratidão que ele tinha para com Nabucodonosor e ao desrespeitar o solene juramento de submissão que fez em nome do Senhor Deus de Israel, o rei de Judá se rebelou contra os profetas, contra a generosidade do rei de Babilônia e contra Deus. Confiando em sua própria sabedoria, ele buscou a ajuda do antigo inimigo de Israel e "enviou mensagem ao Egito pedindo cavalos e um grande exército" (Ez 17:15).

"Escapará aquele que age dessa maneira? Romperá ele o tratado e ainda assim escapará? [...] O faraó, com seu poderoso exército e seus batalhões, não será de nenhuma ajuda para ele na guerra. [...] Ele desprezou o juramento quando rompeu o tratado. Como deu a mão em penhor e fez todas essas coisas, de modo algum escapará" (v. 15-18). "Tire o turbante", o Senhor decretou, "e a coroa." Até que o próprio Cristo estabeleça o Seu reino, Judá não terá outro rei. "Uma desgraça! Uma desgraça! Eu farei dela uma desgraça!", foi a sentença divina a respeito do trono de Judá. "Não será restaurada, enquanto não vier Aquele a quem ela pertence por direito; a Ele Eu a darei" (Ez 21:25-27).

Última Chance Perdida

No nono ano do reinado de Zedequias, "Nabucodonosor, rei da Babilônia, marchou contra Jerusalém com todo o seu exército" (2Rs 25:1). A situação de Judá era sem qualquer esperança. "'Assim diz o Senhor: Estou contra você. Empunharei a Minha espada para eliminar tanto o justo quanto o ímpio", o próprio Senhor declarou por intermédio de Ezequiel. "Derramarei a Minha ira sobre vocês, soprarei a Minha ira impetuosa contra vocês; Eu os entregarei nas mãos de homens brutais, acostumados à destruição" (Ez 21:3, 31).

Os egípcios saíram para socorrer Judá; e os babilônios, com o objetivo de afastá-los, abandonaram o cerco por algum tempo. A esperança brotou no coração de Zedequias, e ele enviou um mensageiro a Jeremias pedindo que orasse a Deus em favor da nação hebreia.

A terrível resposta do profeta foi: "Não se enganem a si mesmos. [...] Ainda que vocês derrotassem todo o exército babilônio que está atacando vocês, e só lhe restasse homens feridos em suas tendas, eles se levantariam e incendiariam esta cidade" (Jr 37:9, 10). O povo que ainda restava em Judá deveria ser levado como escravo para Babilônia, a fim de que aprendesse por meio das dificuldades e provações as lições que tinha recusado aprender em circunstâncias melhores.

Entre os justos que ainda restavam em Jerusalém, havia alguns que decidiram esconder em um local seguro a arca sagrada que continha as tábuas de pedra, nas quais Deus escreveu os dez mandamentos, e assim protegê-la da crueldade dos inimigos. Com profunda tristeza eles esconderam a arca em uma caverna. Ela foi escondida de Israel por causa de seus pecados e nunca mais seria devolvida a eles. A arca sagrada ainda está escondida.

A essa altura, como a cidade condenada estava prestes a ser entregue nas mãos dos pagãos, Jeremias deu sua obra como terminada e se preparou para partir. Mas ele foi impedido por um oficial que o denunciou, acusando-o de que estava pronto para se unir aos babilônios. O profeta negou a mentirosa acusação, mas "espancaram-no e o prenderam na casa do secretário Jônatas, que tinham transformado numa prisão" (v. 15).

A esperança que surgiu no coração do rei e do povo quando os exércitos de Nabucodonosor saíram para enfrentar os egípcios logo caiu por terra. O poder do Egito era apenas como uma vara quebrada. A Inspiração tinha declarado: "Fortalecerei os braços do rei da Babilônia, mas os braços do faraó penderão sem firmeza. Quando Eu puser Minha espada na mão do rei da Babilônia e ele a brandir contra o Egito, eles saberão que Eu sou o Senhor" (Ez 30:25).

Consulta Secreta de um Rei Indeciso

Enquanto os príncipes de Judá ainda estavam esperando em vão o auxílio do Egito, o rei Zedequias pensava no profeta de Deus que tinha sido colocado na prisão. Depois de algum tempo, o rei mandou buscá-lo e perguntou a ele secretamente: "Há alguma palavra da parte do Senhor?" "Há", respondeu Jeremias, "você será entregue nas mãos do rei da Babilônia."

"Então Jeremias disse ao rei Zedequias: '[...] Onde estão os seus profetas que lhes profetizaram: 'O rei da Babilônia não atacará a vocês nem a esta terra'? Mas, agora, ó rei, meu senhor, escuta-me, por favor. [...] Não me mandes de volta à casa de Jônatas, o secretário, para que eu não morra ali" (Jr 37:17-20).

Diante disso, Zedequias "deu ordens para que Jeremias fosse colocado no pátio da guarda e que diariamente recebesse pão da rua dos padeiros, enquanto houvesse pão na cidade" (v. 21).

O rei não ousou demonstrar abertamente que confiava em Jeremias. Apesar de, por medo, ele ter buscado se informar em segredo com o profeta, Zedequias era fraco demais para arriscar enfrentar a desaprovação de seus príncipes e do povo se submetendo à vontade de Deus de acordo com as palavras do profeta.

Jeremias continuou a aconselhar submissão ao rei de Babilônia: "Aquele que permanecer nesta cidade morrerá pela espada, pela fome e pela peste; mas aquele que se render aos babilônios viverá. Escapará com vida e sobreviverá" (Jr 38:2).

Por fim, os príncipes, com muita raiva dos repetidos conselhos de Jeremias, que

eram contrários à política de resistência que eles tinham adotado, uniram-se em grande protesto perante o rei. Eles insistiam que o profeta era um inimigo da nação e que deveria ser condenado à morte!

Um Etíope Salva a Vida de Jeremias

O medroso rei sabia que as acusações eram falsas, mas, para agradar as pessoas de importância e grande influência da nação, entregou Jeremias a eles para fazerem o que bem entendessem. Eles jogaram o profeta "na cisterna de Malquias. [...] Baixaram Jeremias por meio de cordas para dentro da cisterna. Não havia água na cisterna, mas somente lama; e Jeremias afundou na lama" (v. 6). Mas Deus levantou "Ebede-Meleque, o etíope, oficial do palácio real" (v. 7) para defender o profeta. Ele foi falar com o rei e conseguiu que o profeta fosse levado de volta para o pátio da guarda.

Uma vez mais o rei mandou buscar Jeremias secretamente e pediu que ele relatasse o plano de Deus para Jerusalém. Em resposta, Jeremias perguntou: "'Se eu te der uma resposta, não me matarás? Mesmo que eu te desse conselho, tu não me escutarias'. O rei Zedequias, porém, fez este juramento secreto a Jeremias: 'Juro pelo nome do Senhor, de quem recebemos a vida, eu não o matarei nem o entregarei nas mãos daqueles que desejam tirar sua vida'" (v. 15, 16).

Ainda restava uma última oportunidade para o rei obedecer às advertências de Deus e misturar com a misericórdia os juízos que já estavam caindo sobre a cidade e a nação. "Se te renderes imediatamente aos oficiais do rei da Babilônia", foi a mensagem que Jeremias deu ao rei, "tua vida será poupada e esta cidade não será incendiada; tu e a tua família viverão. Mas, se não te renderes [...], esta cidade será entregue nas mãos dos babilônios, e eles a incendiarão; nem mesmo tu escaparás das mãos deles" (v. 17, 18).

"Tenho medo dos judeus que estão apoiando os babilônios", o rei respondeu, "pois os babilônios poderão entregar-me nas mãos deles, e eles me maltratarão"; mas o profeta prometeu: "Eles não o entregarão." E fez ainda um forte apelo: "Obedeça ao Senhor fazendo o que eu lhe digo, para que estejas bem e a tua vida seja poupada" (v. 19, 20).

Se o rei tivesse escolhido obedecer, a vida do povo teria sido poupada e a cidade não teria sido queimada; mas ele achou que tinha ido longe demais para voltar atrás. Ficou com medo de passar vergonha, ficou com medo de morrer. Depois de passar anos em rebelião contra Deus, Zedequias achou que seria muita humilhação dizer a seu povo: "Aceito a palavra do Senhor, conforme revelada pelo profeta Jeremias; eu não ouso arriscar-me a guerrear contra o inimigo."

Zedequias Não Tinha Força Moral

Com lágrimas, Jeremias suplicou que Zedequias salvasse a si mesmo e ao povo. Garantiu que, a menos que aceitasse o conselho de Deus, ele não escaparia com vida e todas as suas posses seriam entregues aos babilônios. Mas o rei não voltou atrás. Ele decidiu seguir o conselho dos falsos profetas. Por medo, tornou-se escravo da opinião pública. Ele não tinha intenção alguma de fazer o mal, mas também não tinha coragem de ficar do lado do direito.

O rei era fraco demais até mesmo para informar o povo de sua reunião particular com Jeremias. Quanta desgraça e sofrimento Zedequias poderia ter evitado se tivesse declarado com coragem e firmeza que acreditava nas profecias do profeta – das quais metade já tinham se cumprido! Ele deveria ter dito: "Obedecerei ao Senhor, e salvarei a cidade da ruína total. Amo a verdade, odeio o pecado e seguirei o conselho do Poderoso de Israel."

O povo teria respeitado o espírito corajoso de Zedequias, e aqueles que estavam vacilando entre a fé e a incredulidade teriam se posicionado com firmeza ao lado do direito. A coragem e a justiça de sua atitude teriam inspirado a admiração e a lealdade em seus súditos. Judá teria sido poupada do derramamento de sangue, da fome e do fogo sem medidas.

Zedequias pagou um preço terrível pelo pecado da fraqueza. O inimigo varreu a cidade como uma avalanche poderosa, destruindo-a por completo. Os exércitos hebreus fugiram atordoados. A nação foi conquistada. Zedequias foi levado como prisioneiro e seus filhos foram assassinados diante dos seus olhos. O rei foi levado de Jerusalém como um escravo, foi cegado e, quando chegou em Babilônia, morreu de forma terrível. O belo templo, que por mais de quatro séculos tinha enfeitado o topo do Monte Sião, não foi poupado. "Os babilônios incendiaram o templo de Deus e derrubaram o muro de Jerusalém; queimaram todos os palácios e destruíram todos os utensílios de valor que havia neles" (2Cr 36:19). O chefe dos sacerdotes, os oficiais e os príncipes foram levados para Babilônia e, ali, executados como traidores. Outros foram levados presos, para viver como escravos de Nabucodonosor e de seus filhos.

Os Babilônios Demonstram Respeito por Jeremias

A respeito de Jeremias está registrado: "Nabucodonosor, rei da Babilônia, deu ordens a respeito de Jeremias a Nebuzaradã, o comandante da guarda imperial: 'Vá buscá-lo [...]; não o maltrate, mas faça o que ele pedir'" (Jr 39:11, 12).

Liberto da prisão pelos oficiais babilônios, o profeta escolheu ficar com o que

restou do povo, que foi deixado para trás pelos caldeus para "trabalhar nas vinhas e campos" (Jr 52:16). Os babilônios escolheram Gedalias para governar sobre os que ficaram. Poucos meses depois, o novo governador foi traiçoeiramente assassinado. Depois de passar por tantas dificuldades, o povo decidiu buscar refúgio no Egito. Jeremias ergueu a voz em protesto contra essa decisão: "Não vão para o Egito", ele suplicou. Mas o povo não deu ouvidos ao inspirado conselho e "todo o remanescente de Judá" fugiu para o Egito, "desobedecendo ao Senhor" (ver Jr 43:2, 5, 7).

O livro de Lamentações revela a tristeza do profeta pela total rebelião daqueles que deveriam ter sido a luz do mundo e pelo destino de Sião e do povo levado cativo para Babilônia. Jeremias deixou essas lamentações como um registro eterno da loucura de não atender aos conselhos de Jeová e de aceitar, no lugar deles, a sabedoria humana. Em meio à ruína, Jeremias ainda pôde declarar: "Graças ao grande amor do Senhor é que não somos consumidos, pois as Suas misericórdias são inesgotáveis." Sua constante oração era: "Examinemos e submetamos à prova os nossos caminhos, e depois voltemos ao Senhor" (Lm 3:22, 40).

Sião estava agora totalmente destruída e o povo de Deus tinha sido levado como escravo para uma terra distante. Oprimido pela dor, o profeta exclamou:

"Como está deserta a cidade, antes tão cheia de gente!

Como se parece com uma viúva, a que antes era grandiosa entre as nações!

A que era a princesa das províncias agora tornou-se uma escrava.

Chora amargamente à noite, as lágrimas rolam por seu rosto. De todos os seus amantes nenhum a consola. Todos os seus amigos a traíram; tornaram-se seus inimigos.

Judá [...] vive entre as nações sem encontrar repouso. [...] Todas as suas portas estão desertas, seus sacerdotes gemem, suas moças se entristecem, e ela se encontra em angústia profunda.

Seus adversários são os seus chefes; seus inimigos estão tranquilos.

O Senhor cobriu a cidade de Sião com a nuvem da Sua ira!

Lançou por terra o esplendor de Israel, que se elevava para os céus;

Não Se lembrou do estrado dos Seus pés no dia da Sua ira.

Como um inimigo, preparou o Seu arco; como um adversário, a Sua mão direita está

pronta.

Ele massacrou tudo o que era agradável contemplar; derramou Sua ira como fogo sobre a tenda da cidade de Sião.

Lembra-Te, Senhor, do que tem acontecido conosco. [...]

Nossos pais pecaram e já não existem mais, e nós levamos o castigo pelos seus pecados.

Escravos dominam sobre nós, e não há quem possa livrar-nos das suas mãos.

Restaura-nos para Ti, Senhor, para que voltemos; renova os nossos dias como os de antigamente" (Lm 1:1-5; 2:1, 4; 5:1-8, 21).

Nem Tudo Estava Perdido

Por meio de Seus profetas – Jeremias em Jerusalém, Daniel em Babilônia e Ezequiel junto às margens do Quebar –, o Senhor, em misericórdia, revelou com clareza Seu eterno propósito. Ele certamente cumpriria aquilo que tinha prometido fazer pelos que permanecessem fiéis a Ele.

No período em que o povo vagueou pelo deserto, o Senhor tomou todas as providências para que Seus filhos se lembrassem da Sua lei. Depois de se estabelecer em Canaã, o povo deveria repetir as instruções divinas todos os dias em seus lares. Deveriam transformar essas instruções em música. Os sacerdotes deveriam ensiná-las e os governantes deveriam estudá-las diariamente. O Senhor deu a seguinte ordem a Josué a respeito do livro da lei: "Cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido" (Js 1:8).

Quão diferente teria sido a história de Israel se eles tivessem colocado em prática esse conselho ao longo dos séculos que se seguiram! Foi o respeito pela lei de Deus que deu a Israel força durante o reinado de Davi e nos primeiros anos do reinado de Salomão. Foi pela fé na Palavra viva que a nação passou por uma reforma nos dias de Elias e Josias. Ao se dedicar para levar o povo a fazer uma reforma, Jeremias apelou para essas mesmas Escrituras, a herança mais preciosa de Israel. Ele suplicava ao povo: "Ouça os termos desta aliança" (Jr 11:2).

Quando os exércitos dos caldeus vieram pela terceira e última vez para cercar Jerusalém, a esperança fugiu de cada coração. Mas Deus não deixou que os fiéis que ainda restavam na cidade ficassem sem esperança. Mesmo na prisão, sob forte vigilância, Jeremias recebeu novas revelações sobre a boa vontade do Céu para perdoar e salvar.

Por meio de uma parábola ilustrada com situações reais, Jeremias mostrou aos moradores da cidade condenada sua fé no cumprimento final do propósito de Deus para Seu povo. Na presença de testemunhas, ele comprou um campo que pertencia a um antigo membro de sua família, localizado nos arredores de Anatote. Do ponto de vista humano, a compra desse terreno, já sob o controle dos babilônios, parecia uma loucura. O próprio profeta havia profetizado a destruição de Jerusalém e o longo período de escravidão na distante Babilônia. Já idoso, ele jamais poderia esperar desfrutar a compra que tinha feito.

No entanto, o profeta tinha total convicção de que o Senhor pretendia devolver a Terra da Promessa aos filhos do cativeiro. Com os olhos da fé, Jeremias viu os deportados retornando e ocupando novamente a terra de seus pais. Ao comprar o campo de Anatote, ele inspiraria em outros a esperança que trouxe tanto conforto ao seu próprio coração.

Depois que assinou os documentos de transferência, confirmado pelas assinaturas das testemunhas, Jeremias ordenou a Baruque, seu secretário: "Tome estes documentos, [...] e coloque-os num jarro de barro para que se conservem por muitos anos. Porque assim diz o Senhor dos Exércitos [...]: Casas, campos e vinhas tornarão a ser comprados nesta terra" (Jr 32:14, 15).

Jeremias é Tentado a Duvidar

Depois de tomar todas as providências para preservar os registros escritos, a fé de Jeremias foi duramente provada. Teria ele agido com presunção? Teria ele incentivado o povo a nutrir falsas esperanças? Será que as promessas feitas à nação escolhida um dia se cumpririam por completo?

Perplexo, o profeta suplicou a Deus para receber mais luz a respeito de Seu propósito. Os exércitos de Nabucodonosor estavam para invadir Sião a qualquer instante. Milhares estavam morrendo de fome e doenças. As rampas de cerco do exército inimigo já estavam ultrapassando os muros da cidade. "As rampas de cerco são erguidas pelos inimigos para tomarem a cidade", o profeta orou a Deus, "e pela guerra, pela fome e pela peste, ela será entregue nas mãos dos babilônios que a atacam. Cumpriu-se aquilo que disseste, como vês. Ainda assim, ó Soberano Senhor, Tu me mandaste comprar a propriedade e convocar testemunhas do negócio, embora a cidade esteja entregue nas mãos dos babilônios!" (v. 24, 25).

Deus bondosamente respondeu a essa oração. "A palavra do Senhor veio a mim dizendo", nessa hora de provação: "Eu sou o Senhor, o Deus de toda a humanidade. Há

alguma coisa difícil demais para Mim?" (v. 26, 27). Logo os portões da cidade e os palácios seriam queimados; a destruição estava às portas, e os habitantes de Jerusalém seriam capturados; porém, o propósito eterno do Senhor ainda se cumpriria. O Senhor declarou a respeito daqueles sobre quem Seus castigos estavam caindo:

"Eu os trarei de volta a este lugar e permitirei que vivam em segurança. Eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus. Darei a eles um só pensamento e uma só conduta, para que Me temam durante toda a sua vida, para o seu próprio bem e o de seus filhos e descendentes."

"Assim como Eu trouxe toda esta grande desgraça sobre este povo, também lhes darei a prosperidade que lhes prometo. De novo serão compradas propriedades nesta terra da qual vocês dizem: 'É uma terra arrasada, sem homens nem animais, pois foi entregue nas mãos dos babilônios'. Propriedades serão compradas por prata e escrituras serão assinadas e seladas" (v. 37-39, 42-44).

Palavras de Ânimo

"A respeito das casas desta cidade e dos palácios reais de Judá, que foram derrubados para servirem de defesa contra as rampas de cerco e a espada na luta contra os babilônios: [...] 'Todavia, trarei restauração e cura para ela; curarei o Meu povo e lhe darei muita prosperidade e segurança. Mudarei a sorte de Judá e de Israel e os reconstruirei como antigamente. Eu os purificarei de todo o pecado que cometeram contra Mim e perdoarei todos os seus pecados. [...]

"Vocês dizem que este lugar está devastado, e ficará sem homens nem animais. Contudo, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, [...] mais uma vez se ouvirão as vozes de júbilo e de alegria, do noivo e da noiva, e as vozes [...] dizendo: 'Deem graças ao Senhor dos Exércitos, pois Ele é bom; o Seu amor leal dura para sempre. Porque Eu mudarei a sorte desta terra como antigamente', declara o Senhor" (Jr 33:4, 6-8, 10, 11).

A Igreja de Deus é Confortada

Assim a igreja de Deus foi confortada em um dos períodos mais escuros de seu longo conflito com as forças do mal. Aparentemente Satanás tinha vencido, mas o Senhor estava no comando dos acontecimentos. Sua mensagem para a igreja foi: "Porque Eu estou com você e o salvarei." "Farei cicatrizar o seu ferimento e curarei as suas feridas" (Jr 30:11, 17).

No alegre dia da restauração, as tribos do Israel dividido seriam reunidas em um só povo. O Senhor declarou: "Eu os trarei da terra do norte e os reunirei dos confins da

Terra. Entre eles estarão o cego e o aleijado. [...] Voltarão com choro, mas Eu os conduzirei. [...] Porque sou Pai para Israel" (Jr 31:8, 9).

A Nova Aliança Resolverá o Problema da Apostasia

Humilhados perante às nações, aqueles que uma vez tinham sido privilegiados pelo Céu acima de todos os outros povos da Terra aprenderiam no exílio a lição da obediência. "Eu o disciplinarei, como você merece. Não o deixarei impune" (Jr 30:11). No entanto, perante todas as nações da Terra, Deus demonstraria Seu plano de tirar vitória da aparente derrota, de salvar e não de destruir. Deus deu ao profeta esta mensagem:

"Aquele que dispersou Israel os reunirá e, como pastor, vigiará o Seu rebanho. [...]

Eles virão e cantarão de alegria nos altos de Sião. [...]

Serão como um jardim bem regado, e não mais se entristecerão. [...]

Transformarei o lamento deles em júbilo;

Eu lhes darei consolo e alegria em vez de tristeza" (Jr 31:10-13).

"'Estão chegando os dias, [...] quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá. Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; porque quebraram a Minha aliança, apesar de Eu ser o Senhor deles', diz o Senhor. 'Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias', declara o Senhor: 'Porei a Minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o Meu povo. Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: 'Conheça ao Senhor', porque todos eles Me conhecerão, desde o menor até o maior', diz o Senhor. 'Porque Eu lhes perdoarei a maldade e não Me lembrarei mais dos seus pecados'" (v. 31-34).

Daniel, um Escravo em Babilônia*

Entre os filhos de Israel que foram levados como escravos para Babilônia estavam homens e mulheres tão fiéis ao princípio quanto é forte o aço, que honrariam a Deus mesmo que perdessem tudo. Como representantes de Deus, eles deveriam cumprir Seus propósitos na terra da escravidão. Deveriam considerar sua fé e seu nome de adoradores do Deus vivo como uma grande honra.

Os babilônios alegavam que sua religião era superior à dos hebreus. Para provar isso, eles apontavam para o fato de os hebreus serem escravos e os vasos da casa de Deus estarem no templo dos deuses de Babilônia. No entanto, o Senhor deu a Babilônia provas de Sua superioridade, da santidade de Sua lei e dos resultados da obediência.

Daniel e seus três amigos foram exemplos marcantes do que as pessoas podem se tornar ao se unirem a Deus. Esses jovens de linhagem real foram levados de seu lar simples para Babilônia, a cidade mais bela da época, e colocados na corte do maior rei do mundo. Eles eram "jovens sem defeito físico, de boa aparência, cultos, inteligentes" (Dn 1:4).

Ao notar que esses jovens possuíam uma capacidade impressionante, Nabucodonosor ordenou que eles fossem educados para ocupar posições importantes em sua corte. Ele tomou providências para que eles aprendessem a língua dos caldeus e que por três anos recebessem todas as vantagens da educação oferecida unicamente aos príncipes do reino.

O rei não obrigou os jovens hebreus a abandonar sua fé e a aceitar a idolatria, mas esperava conseguir isso pouco a pouco.

Ao dar a eles nomes de origem pagã, ao colocá-los dia a dia em contato com os costumes idólatras, e sob a influência dos rituais sedutores do culto pagão, Nabucodonosor esperava levá-los a abandonar sua religião e aceitar a religião dos babilônios.

A Idolatria e a Tentação Sedutora

Logo no início, os jovens enfrentaram uma prova decisiva de caráter. Foi decidido que eles comeriam o alimento e beberiam o vinho que era servido na mesa do rei. Com isso o rei pensava estar demonstrando interesse pelo bem-estar deles. Mas o alimento servido na mesa do rei era dedicado aos ídolos, e o fato de comer dele era considerado um ato de adoração aos deuses de Babilônia. Se aceitassem fazer isso, Daniel e seus amigos estariam negando sua fé e desonrando os princípios da lei de Deus. Além disso, eles não ousariam colocar seu desenvolvimento físico, mental e espiritual sob o risco do efeito enfraquecedor causado pelo luxo e pelos maus hábitos de vida. Eles estavam familiarizados com a intemperança de Nadabe e Abiú e seus resultados (ver Lv 10:1-11), e sabiam que o vinho prejudicaria seu estado físico e mental.

Daniel e seus amigos haviam aprendido que eram responsáveis diante de Deus por seus dons e talentos, e que jamais deveriam enfraquecê-los. As tentações que existiam nessa corte luxuosa e corrupta eram fortes, mas esses jovens hebreus se mantiveram puros. Nenhuma força, nenhuma influência poderia afastá-los dos princípios que tinham aprendido desde a infância pelo estudo da Palavra e das obras de Deus.

Daniel poderia ter encontrado boas desculpas para se afastar dos estritos hábitos de temperança. Poderia ter argumentado que, se ele insistisse em obedecer ao ensinamento divino, ofenderia o rei e provavelmente perderia sua posição e até a própria vida. Se transgredisse o mandamento do Senhor, garantiria as vantagens de uma educação superior e um futuro de muito sucesso neste mundo.

No entanto, Daniel não hesitou. Ele decidiu permanecer firme. "Daniel, contudo, decidiu não se tornar impuro com a comida e com o vinho do rei" (v. 8). Seus três amigos concordaram com ele.

Ao tomar essa decisão, os jovens hebreus não agiram com presunção. Não escolheram ser diferentes, mas aceitaram ser diferentes para não desonrar a Deus. Se tivessem dado o primeiro passo errado, seriam levados a outros até que, depois de cortada sua ligação com o Céu, seriam arrastados pela tentação.

"E Deus fez com que o homem fosse bondoso para com Daniel e tivesse simpatia

por ele", e o pedido foi recebido com respeito. Mesmo assim, o chefe dos oficiais hesitou. "Tenho medo do rei", ele explicou a Daniel. "E se ele os achar menos saudáveis que os outros jovens da mesma idade? O rei poderia pedir a minha cabeça por causa de vocês" (v. 9, 10).

Daniel Apela para Outra Autoridade

Daniel apelou então para Aspenaz, o oficial responsável pelos jovens hebreus. Daniel pediu para ser feita uma prova de dez dias. Nesse período, os jovens hebreus comeriam alimentos simples, enquanto seus companheiros comeriam dos ricos alimentos do rei.

Apesar de preocupado, Aspenaz concordou. No fim dos dez dias, o resultado foi o oposto do que o oficial temia. "Eles pareciam mais saudáveis e mais fortes do que todos os jovens que comiam a comida da mesa do rei" (v. 15). Como resultado, Daniel e seus amigos tiveram permissão para continuar com a dieta simples durante todo o período em que passaram estudando e se preparando.

Durante três anos, os jovens hebreus estudaram, dependendo constantemente do poder de Deus. Não foi o orgulho ou a ambição que os levou à corte do rei. Eles eram escravos em um país estranho. Longe de seu lar, eles procuraram fazer bem seu trabalho, para honra de seu povo escravizado e para a glória dAquele a quem serviam.

O Senhor aprovou a pureza da motivação desses jovens e lhes deu "sabedoria e inteligência para conhecerem todos os aspectos da cultura e da ciência. E Daniel, além disso, sabia interpretar todo tipo de visões e sonhos" (v. 17). Deus cumpriu Sua promessa: "Honrarei aqueles que Me honram" (1Sm 2:30). Enquanto Daniel recebia instruções humanas nos deveres do dia a dia da corte, Deus o estava ensinando a ler os mistérios do futuro e registrar para as próximas gerações, por meio de figuras e símbolos, os eventos que envolvem a história deste mundo até o fim dos tempos.

Os Incríveis Resultados da Verdadeira Reforma de Saúde

Quando chegou o momento de os jovens hebreus serem avaliados para o serviço do reino, "o rei conversou com eles, e não encontrou ninguém comparável a Daniel, Hananias, Misael e Azarias" (v. 19). Sua compreensão aguçada, seu grande conhecimento, sua linguagem adequada, davam testemunho da perfeita força e vigor de suas capacidades mentais. Por isso, "eles passaram a servir o rei" (v. 19).

Na corte de Babilônia, havia homens extremamente talentosos, vindos de vários países. Eles tinham muitos dons naturais e possuíam a melhor cultura que o mundo

poderia oferecer. No entanto, nenhum deles superava os jovens hebreus em força física, em vigor mental e conhecimentos literários. A postura ereta, o passo firme, a aparência agradável, os sentidos vivos, o hálito puro – essas são as recompensas que a natureza oferece aos que obedecem às suas leis.

Daniel e seus amigos tiveram muito mais sucesso que seus colegas ao aprender os ensinamentos dos babilônios. Eles obtiveram conhecimento sob a orientação do Espírito Santo, fazendo do conhecimento de Deus a base de sua educação. Oraram por sabedoria e aproveitaram toda oportunidade de se aperfeiçoarem em cada área do conhecimento. Obedeceram às regras da vida que não falhariam em lhes dar força intelectual. Orando constantemente, estudando com afinco e mantendo-se em comunhão com o Invisível, eles andavam com Deus assim como Enoque andou.

O verdadeiro sucesso em cada setor de trabalho não acontece por acaso, acidente ou sorte. É o resultado da direção de Deus, a recompensa da fé e da prudência, da virtude e da perseverança. Qualidades mentais refinadas e uma moral elevada não acontecem por acaso. Deus dá oportunidades; o sucesso depende de como as aproveitamos.

Aqui podemos ver o princípio divino da cooperação. Para nos apoderarmos da graça de Deus, precisamos fazer a nossa parte. Sua graça é dada para operar em nós o querer e o efetuar, mas nunca para substituir os nossos esforços.

Assim como o Senhor cooperou com Daniel e seus amigos, Ele cooperará com todos aqueles que procuram fazer a Sua vontade. Através de Seu Espírito, Ele fortalecerá cada propósito verdadeiro, cada decisão correta. Os que andam nos caminhos da obediência encontrarão muitas dificuldades, mas o Senhor é capaz de neutralizar cada obstáculo que tenha como objetivo derrotar os Seus escolhidos. Em Sua força, eles podem vencer cada tentação, superar cada dificuldade.

O Segredo do Sucesso de Daniel

Deus colocou Daniel e seus amigos entre os grandes homens de Babilônia para que pudessem representar o Seu caráter. A fidelidade nas pequenas coisas foi um ponto marcante em toda a vida desses jovens. Eles honraram a Deus tanto nos deveres mais simples, como nas maiores responsabilidades.

Assim como Deus chamou Daniel, Ele também nos chama para sermos testemunhas Suas no mundo hoje. Ele deseja que revelemos os princípios do Seu reino. Muitos sonham em realizar algum grande trabalho ao mesmo tempo em que deixam

de cumprir fielmente os pequenos deveres do dia a dia. Enquanto esperam aparecer algum grande trabalho em que possam usar os grandes talentos que imaginam possuir, os dias vão passando. Seremos julgados por aquilo que devíamos ter feito e não fizemos porque não usamos nossas capacidades para a glória de Deus.

Um caráter nobre não é resultado de um acidente. É o resultado da autodisciplina, da submissão da natureza inferior à superior, da entrega do eu para o serviço de Deus e à humanidade.

Hoje, há necessidade de homens e mulheres que, como Daniel, ajam com ousadia pelo que é certo. É preciso coração puro, mãos fortes e coragem. A cada um Satanás apresenta as tentações mais variadas e sedutoras a fim de agradar o apetite.

O corpo é um dos meios mais importantes pelo qual a mente e o espírito se desenvolvem para a formação do caráter. É por isso que o inimigo concentra suas tentações no sentido de enfraquecer e degradar as capacidades físicas. Seu sucesso nesse ponto significa muitas vezes que a pessoa entregou todo o seu ser ao domínio do mal. A menos que nos coloquemos sob o domínio de um poder superior, as tendências da natureza física nos levarão à destruição e à morte. Os sentimentos e desejos devem ser controlados pela vontade que, por sua vez, deve estar sob o controle de Deus. O grande poder da razão, santificada pela graça, é que deve controlar a vida. Força intelectual, saúde física e longevidade dependem de leis imutáveis. Pela obediência a essas leis, podemos vencer a nós mesmos, vencer as nossas inclinações, vencer os "dominadores deste mundo de trevas" (Ef 6:12).

Daniel e seus amigos tiveram os mesmos sentimentos e desejos que nós, mas permaneceram firmes porque confiaram em um Poder infinito. Uma nação pagã viu neles um exemplo da bondade de Deus e do amor de Cristo. E em sua experiência temos um modelo da vitória do princípio sobre a tentação, da pureza sobre a depravação, da devoção e lealdade sobre o ateísmo e a idolatria.

Os jovens de hoje podem beber da mesma fonte de força e revelar a mesma graça em sua vida, mesmo em meio a situações igualmente difíceis. Embora rodeados por tentações, especialmente nas grandes cidades, onde agradar os sentidos é fácil e atraente, pela graça divina, eles podem resistir a cada tentação que os ataca. Mas somente aquele que decidir fazer o que é reto alcançará a vitória.

Quando esses jovens hebreus de valor disseram adeus ao lar onde passaram sua infância, mal podiam imaginar o grandioso destino que os aguardava. Eles se

submeteram à direção divina para que Deus pudesse cumprir Seu propósito por intermédio deles.

A vida de Daniel e seus amigos é um exemplo do que o Senhor fará hoje pelos jovens e crianças que se entregam a Ele e, de todo o coração, buscam realizar Seu propósito.

---

* Este capítulo se baseia em Daniel 1.

O Sonho de Nabucodonosor*

Logo depois que Daniel e seus amigos passaram a servir ao rei da Babilônia, muitas coisas aconteceram e revelaram o poder de Deus àquela nação idólatra. Nabucodonosor teve um sonho, e depois "sua mente ficou tão perturbada que ele não conseguia dormir" (Dn 2:1). Mas quando o rei acordou, percebeu que não conseguia se lembrar de jeito nenhum dos detalhes do sonho.

Perturbado, Nabucodonosor mandou chamar seus sábios – "os magos, os encantadores, os feiticeiros e os astrólogos" (v. 2) – e ordenou que eles lhe explicassem o significado do sonho, para conseguir ficar em paz.

Os sábios responderam: "Conta o sonho aos teus servos, e nós o interpretaremos" (v. 4). Insatisfeito com a resposta evasiva que deram, o rei ordenou que os sábios não só interpretassem o sonho, mas também lhe contassem o que ele tinha sonhado. "Se vocês não me disserem qual foi o meu sonho e não o interpretarem, farei que vocês sejam cortados em pedaços. [...] Mas, se me revelarem o sonho e o interpretarem, eu lhes darei presentes e recompensas e grandes honrarias" (v. 5, 6).

Mesmo assim, os sábios voltaram a dizer: "Conte o rei o sonho a seus servos, e nós o interpretaremos" (v. 7).

Nabucodonosor ficou muito irado com a aparente deslealdade daqueles homens em quem ele tinha confiado. Então declarou: "Se não me contarem o sonho, todos vocês receberão a mesma sentença; pois vocês combinaram enganar-me com mentiras, esperando que a situação mudasse. Contem-me o sonho, e saberei que vocês são capazes de interpretá-lo para mim" (v. 9).

Os mágicos procuraram convencer o rei de que seu pedido era impossível de ser atendido. "Nenhum rei, por maior e mais poderoso que tenha sido, chegou a pedir uma coisa dessas a nenhum mago, encantador ou astrólogo. [...] Ninguém pode revelar isso ao rei, senão os deuses, e eles não vivem entre os mortais" (v. 10, 11).

Então, o rei ficou "tão irritado e furioso que ele ordenou a execução de todos os sábios da Babilônia" (v. 13).

A Oportunidade de Daniel

De acordo com o decreto, Daniel e seus amigos também deveriam morrer. Quando Daniel soube disso, "com sabedoria e bom senso" (v. 14), perguntou a Arioque, o capitão da guarda do rei: "Por que o rei emitiu um decreto tão severo?" (v. 15). Arioque relatou a aflição do rei a respeito do sonho que tinha tido e de sua frustração em encontrar ajuda. Ao saber disso, Daniel, arriscando a própria vida, foi falar pessoalmente com o rei para pedir tempo a fim de que pudesse suplicar ao seu Deus que lhe revelasse o sonho e a sua interpretação.

O rei concordou com o pedido. "Daniel voltou para casa, contou o problema aos seus amigos Hananias, Misael e Azarias" (v. 17) e juntos buscaram sabedoria da Fonte de conhecimento. Eles estavam convictos de que Deus os tinha colocado onde estavam, que eles estavam fazendo a Sua obra. Nos momentos de dificuldade, dúvida e perigo, eles tinham sempre buscado a direção de Deus. Dessa vez não foi diferente. Eles buscaram mais uma vez o Juiz de toda a Terra e suplicaram libertação. E o Deus, a quem eles tinham honrado, os honrou. Ele revelou o sonho do rei e o seu significado a Daniel, "de noite, numa visão" (v. 19).

"Louvado seja o nome de Deus para todo o sempre", Daniel exclamou. Ele "revela coisas profundas e ocultas. [...] Eu Te agradeço e Te louvo, ó Deus dos meus antepassados; Tu me deste sabedoria e poder, e me revelaste o que Te pedimos, revelaste-nos o sonho do rei" (v. 20-23).

Daniel procurou Arioque imediatamente dizendo: "Não execute os sábios. Leve-me ao rei, e eu interpretarei para ele o sonho que teve" (v. 24). Rapidamente o oficial levou Daniel à presença do rei, com as palavras: "Encontrei um homem entre os exilados de Judá que pode dizer ao rei o significado do sonho" (v. 25).

A Sinceridade de Daniel

Logo em suas primeiras palavras, o escravo judeu recusou receber qualquer honra e exaltou a Deus como a fonte de toda sabedoria. Quando o rei perguntou: "Você é capaz

de contar-me o que vi no meu sonho e interpretá-lo?", Daniel respondeu: "Existe um Deus nos Céus que revela os mistérios. Ele mostrou ao rei Nabucodonosor o que acontecerá nos últimos dias. [...] Quanto a mim, esse mistério não me foi revelado porque eu tenha mais sabedoria do que os outros homens, mas para que [...] entendas o que passou pela tua mente" (v. 28-30).

"Tu olhaste, ó rei, e diante de ti estava uma grande estátua: uma estátua enorme, impressionante, e sua aparência era terrível. A cabeça da estátua era feita de ouro puro, o peito e o braço eram de prata, o ventre e os quadris eram de bronze, as pernas eram de ferro, e os pés eram em parte de ferro e em parte de barro.

"Enquanto estavas observando, uma pedra soltou-se, sem auxílio de mãos, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmigalhou. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados, viraram pó, como o pó da debulha do trigo na eira durante o verão. O vento os levou sem deixar vestígio. Mas a pedra que atingiu a estátua tornou-se uma montanha e encheu a Terra toda" (v. 31-35).

"Foi este o sonho" (v. 36), Daniel declarou confiante; e o rei o ouvia com a máxima atenção, reconhecendo que de fato aquele era o sonho que o tinha deixado tão perturbado. Dessa forma, a mente do rei foi preparada para receber e aceitar a interpretação. Ele deveria ser despertado, se possível, para o senso de sua responsabilidade para com o Céu. Deus estava prestes a abrir diante dele os acontecimentos futuros até o tempo do fim.

"Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus do Céu te tem dado o reino, o poder, e a força, e a majestade. [...] Tu és a cabeça de ouro.

"E depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino de metal, o qual terá domínio sobre toda a Terra.

"Finalmente, haverá um quarto reino, forte como o ferro, pois o ferro quebra e destrói tudo; e assim como o ferro a tudo despedaça, também ele destruirá e quebrará todos os outros.

"Como viste, os pés e os dedos eram em parte de barro e em parte de ferro. Isso quer dizer que esse será um reino dividido, mas ainda assim terá um pouco da força do ferro, embora tenhas visto ferro misturado com barro. Assim como os dedos eram em parte de ferro e em parte de barro, também esse reino será em parte forte e em parte frágil. E, como viste, o ferro estava misturado com o barro. Isso quer dizer que se procurará fazer alianças políticas por meio de casamentos, mas essa união não se

firmará, assim como o ferro não se mistura com o barro.

"Na época desses reis, o Deus dos Céus estabelecerá um reino que jamais será destruído e que nunca será dominado por nenhum outro povo. Destruirá todos esses reinos e os exterminará, mas esse reino durará para sempre. [...] O sonho é verdadeiro, e a interpretação é fiel" (v. 37-45).

O Rei Se Humilha

O rei estava convencido. Em humildade, ele "caiu prostrado diante de Daniel", dizendo: "Não há dúvida de que o seu Deus é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis e Aquele que revela os mistérios, pois você conseguiu revelar esse mistério" (v. 47).

Nabucodonosor cancelou o decreto para executar os sábios. Eles foram salvos por causa da união de Daniel com o Revelador dos segredos. E "o rei colocou Daniel num alto cargo e o cobriu de presentes. Ele o designou governante de toda a província da Babilônia. [...] Além disso, a pedido de Daniel, o rei nomeou Sadraque, Mesaque e Abede-Nego administradores da província da Babilônia, enquanto o próprio Daniel permanecia na corte do rei" (v. 48, 49).

Na história, o desenvolvimento das nações e o surgimento e a queda dos impérios parecem depender da vontade e da capacidade humanas. Contudo, na Palavra de Deus a cortina é afastada e podemos ver os instrumentos do Todo-Misericordioso executarem em silêncio e com paciência Sua própria vontade.

Centenas de anos antes de certas nações aparecerem, o Onisciente previu o futuro e profetizou o surgimento e a queda dos reinos universais. Deus declarou a Nabucodonosor que o reino da Babilônia deveria cair, e um segundo reino se seguiria. Quando a nação deixasse de exaltar o verdadeiro Deus, sua glória desapareceria. Um terceiro reino também passaria; e um quarto, forte como ferro, dominaria as nações do mundo.

Por Que as Nações e os Impérios Caem

Se os reis da Babilônia tivessem exaltado e reverenciado o Senhor, teriam recebido sabedoria e poder para os conservar fortes. Mas eles buscavam a Deus somente quando passavam por dificuldades. Quando não encontravam auxílio em seus grandes homens, buscavam a ajuda de homens como Daniel, que honravam o Deus vivo e eram por Ele honrados. Embora os reis da orgulhosa Babilônia fossem homens muito inteligentes e cultos, eles tinham se afastado tanto de Deus pela transgressão que não foram capazes de compreender as revelações e as advertências que receberam a respeito do futuro.

Babilônia, dividida e por fim dominada, caiu porque durante seu período de sucesso seus governantes se consideraram independentes de Deus, atribuindo a glória do seu reino a realizações humanas. Deus também derramou Sua ira sobre o império medo-persa porque nele a lei de Deus foi desprezada. O temor do Senhor não encontrou lugar no coração da maioria do povo. A impiedade e a corrupção dominaram. Os reinos que se seguiram foram ainda mais cruéis e corruptos, e desceram cada vez mais na escala da dignidade moral.

O poder dado a todos os governantes da Terra vem de Deus; e o sucesso desses governantes depende de como eles usam esse poder. A todos eles o Senhor diz: "Eu o fortalecerei, ainda que você não tenha Me admitido" (Is 45:5).

A Palavra de Deus revela que a força das nações e a força dos indivíduos não está nas oportunidades ou situações que parecem torná-los invencíveis. Não está na grandeza de que tanto se orgulham. Ela é calculada pela fidelidade com que cumprem o propósito de Deus.

---

* Este capítulo se baseia em Daniel 2.

Três Hebreus na Fornalha*

Deus deu a Nabucodonosor o sonho da grande estátua para que ele pudesse compreender a relação que seu reino teria com o reino do Céu. Por intermédio da interpretação do sonho ele entendeu de forma clara de que maneira o reino eterno de Deus seria estabelecido. "O Deus dos Céus estabelecerá um reino [...] que destruirá todos esses reinos e [...] esse reino durará para sempre" (Dn 2:44).

O rei reconheceu a Deus ao dizer a Daniel: "O seu Deus é o Deus dos deuses, [...] e Aquele que revela os mistérios" (v. 47). Durante algum tempo, Nabucodonosor foi influenciado pelo temor do Senhor; porém, seu coração ainda não tinha sido purificado da ambição mundana e do desejo de exaltação própria. Cheio de orgulho, ele deixou de honrar a Deus e voltou a adorar ídolos com ainda mais devoção do que antes. As palavras: "Tu és a cabeça de ouro" (v. 38) causaram profunda impressão na mente do rei. Tirando vantagem disso, os sábios do reino sugeriram que ele fizesse uma estátua semelhante àquela que ele tinha visto no sonho e a construísse em um lugar onde todos pudessem admirar a cabeça de ouro, que simbolizava seu reino.

Muito satisfeito com a ideia, ele decidiu ir além. Não construiria uma estátua com materiais cada vez menos preciosos até chegar aos pés, mas a faria toda de ouro – simbolizando com isso que seu reino seria indestrutível e poderoso para sempre.

A ideia de ter um reino que durasse para sempre deixou o rei fascinado, ainda mais porque, até então, nenhuma nação da Terra tinha sido capaz de resistir aos seus exércitos. Ele se esqueceu da atuação extraordinária de Deus, relacionada ao sonho da grande imagem, e de que, por Sua misericórdia, os grandes homens de seu reino tinham sido salvos de uma morte terrível e vergonhosa. Assim, Nabucodonosor e seus conselheiros decidiram fazer de tudo para exaltar Babilônia como uma nação superior

às outras.

O plano era que a interpretação de Daniel fosse rejeitada e esquecida e a verdade distorcida. O símbolo que Deus escolheu para revelar os acontecimentos importantes do futuro seria utilizado para esconder o verdadeiro conhecimento que Ele desejava que o mundo recebesse. Satanás sabia que a verdade sem mistura com o erro é uma força poderosa para salvar, mas quando é usada para exaltar o eu se torna uma força para o mal.

A Glória Eterna de Babilônia

De seu rico tesouro, Nabucodonosor fez uma imensa estátua de ouro, semelhante à que ele tinha visto no sonho, com exceção de um detalhe: o material de que era feita. Os caldeus, até então, nunca tinham feito algo tão impressionante como aquela estátua majestosa. E não é de surpreender que em uma terra onde a adoração de ídolos dominava por toda parte, aquela estátua tão valiosa construída na planície de Dura fosse consagrada como um objeto de adoração. No dia da dedicação, o rei ordenou que todos demonstrassem sua suprema lealdade a Babilônia curvando-se diante da estátua.

Uma vasta multidão de todas as "nações, povos e línguas" se reuniu (Dn 3:4). Ao som da música, todos "prostraram-se em terra e adoraram a imagem de ouro" (v. 7). Os poderes das trevas pareciam ter finalmente vencido, relacionando de uma vez por todas a adoração da estátua de ouro com as formas de idolatria já reconhecidas como religião do país. Com isso, Satanás esperava frustrar o plano de Deus de abençoar todas as nações por meio de Seu povo cativo em Babilônia.

Mas Deus decretou que as coisas acontecessem de outra forma. Nem todos se ajoelharam diante do símbolo idólatra do poder humano. Três homens decidiram firmemente não desonrar ao Deus do Céu. O seu Deus era o Rei dos reis; eles não se curvariam a nenhum outro.

Alguns sábios, que tinham ciúmes dos amigos de Daniel, foram contar a Nabucodonosor que eles haviam ousado desobedecer à sua ordem: "Há alguns judeus que nomeaste para administrar a província da Babilônia, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que não te dão ouvidos, ó rei. Não prestam culto aos teus deuses nem adoram a imagem de ouro que mandaste erguer" (v. 12).

O Rei Tenta Pressionar os Hebreus

O rei ordenou que os homens fossem levados perante ele. Apontando para a fornalha em chamas, lembrou-lhes o castigo que os esperava se insistissem em

desobedecer à sua vontade. Mas os hebreus deram firme testemunho de sua fidelidade ao Deus do Céu e de sua fé em Seu poder para livrá-los.

Enquanto os três hebreus estavam diante do rei, Nabucodonosor se convenceu de que eles possuíam alguma coisa que os outros sábios não tinham. Ele decidiu dar a eles outra oportunidade. Se eles apenas se juntassem aos outros na adoração da imagem, tudo ficaria bem. "Mas, se não a adorarem, serão imediatamente atirados numa fornalha em chamas. E que deus poderá livrá-los das minhas mãos?" (v. 15).

As ameaças do rei foram em vão. Olhando com tranquilidade para a fornalha, os três hebreus responderam: "Ó Nabucodonosor, não precisamos defender-nos diante de ti. Se formos atirados na fornalha em chamas, o Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos, e Ele nos livrará das suas mãos, ó rei" (v. 16, 17). A fé dos três amigos ficou ainda mais forte ao declararem que Deus seria glorificado ao libertá-los. Com decisão e firmeza, resultado de sua total confiança em Deus, eles acrescentaram: "Mas, se Ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos seus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que mandaste erguer" (v. 18).

O rei ficou com muita, muita raiva. "Ficou tão furioso com Sadraque, Mesaque e Abede-Nego", representantes de um povo escravo e desprezado, "que o seu semblante mudou" (v. 19). Ordenou que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais que o normal; mandou também que homens fortes de seu exército amarrassem os adoradores do Deus de Israel.

Então, "os três homens, vestidos com seus mantos, calções, turbantes e outras roupas, foram amarrados e atirados na fornalha extraordinariamente quente." E "as chamas mataram os soldados que levaram Sadraque, Mesaque e Abede-Nego" (v. 21, 22).

Deus na Fornalha

No entanto, assim que as testemunhas do Senhor foram jogadas na fornalha, o Salvador Se revelou a eles em pessoa, e junto com eles andava no meio do fogo. Na presença do Senhor do calor e do frio, as chamas perderam sua capacidade de queimar e destruir.

Do seu trono real, o rei observava tudo, esperando ver os homens que o haviam desafiado serem completamente queimados. Mas seu rosto ficou pálido ao descer do trono e olhar com mais atenção para dentro das chamas ardentes. Alarmado, ele perguntou: "Não foram três homens amarrados que nós atiramos no fogo? [...] Olhem!

Estou vendo quatro homens, desamarrados e ilesos, andando pelo fogo, e o quarto se parece com um filho dos deuses" (v. 25).

Como aquele rei pagão soube reconhecer a fisionomia do Filho de Deus? Os hebreus escravos em Babilônia tinham representado a verdade diante do rei por meio de sua vida e de seu caráter. Quando lhes perguntavam a razão da sua fé, eles respondiam sem vacilar, ensinando aos que estavam ao seu redor a respeito do Deus a quem adoravam. Eles tinham falado de Cristo, o Redentor que um dia viria; e ao ver uma quarta pessoa no meio do fogo, o rei logo reconheceu ser o Filho de Deus.

Esquecendo-se da sua própria grandeza e dignidade, Nabucodonosor gritou: "Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, servos do Deus Altíssimo, saiam! Venham aqui!" (v. 26). E Sadraque, Mesaque e Abede-Nego saíram diante da vasta multidão e todos viram que eles estavam ilesos. A presença de seu Salvador os protegeu de sofrer qualquer mal, apenas as cordas que os amarravam foram queimadas.

A grande estátua, construída com tanto luxo, foi esquecida. "Louvado seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego", o rei reconheceu humildemente, "que enviou o Seu anjo e livrou os Seus servos! Eles confiaram nEle, desafiaram a ordem do rei, preferindo abrir mão de suas vidas a prestar culto e adorar a outro deus, que não fosse o seu próprio Deus." "Nenhum outro deus é capaz de livrar ninguém dessa maneira" (v. 28, 29).

O rei de Babilônia procurou espalhar entre todos os povos da Terra a certeza que passou a ter de que o Deus dos hebreus era digno da máxima adoração. E Deus Se agradou dos esforços do rei em tornar sua confissão real conhecida por todo o reino de Babilônia.

Ao libertar Seus servos fiéis, o Senhor declarou que Se coloca ao lado do oprimido e repreende todos os poderes terrestres que se rebelam contra a autoridade do Céu.

Naquele momento de grande provação, os três hebreus se lembraram da promessa: "Quando você atravessar as águas, Eu estarei com você; e, quando você atravessar os rios, eles não o encobrirão. Quando você andar através do fogo, você não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas" (Is 43:2). A notícia de seu maravilhoso livramento foi levada a muitos países pelos representantes das diversas nações que Nabucodonosor tinha convidado para a dedicação da estátua.

Tempo de Angústia Como Nunca Houve

As lições a serem aprendidas com o que aconteceu na planície de Dura são muito

importantes. No tempo do fim, muitos servos de Deus serão humilhados e maltratados por pessoas dominadas pela inveja e pelo fanatismo religioso. Elas ficarão iradas especialmente contra os que santificam o sábado do quarto mandamento e, por fim, um decreto universal declarará que elas merecem morrer. O povo de Deus deve deixar claro que nada é capaz de forçá-lo a concordar, no mínimo que seja, com um culto falso. Para o coração fiel, meras leis humanas são insignificantes diante da Palavra do Deus eterno. Ele obedecerá à verdade, mesmo que o resultado seja a morte.

O Senhor operará com grande poder em favor dos que ficarem firmes pelo que é certo. Aquele que andou com os hebreus na fornalha em chamas estará com os Seus seguidores em qualquer lugar onde estiverem. Durante o tempo de angústia, Seus escolhidos ficarão firmes. Jeová Se revelará em seu favor como "Deus dos deuses" (Dn 2:47), capaz de salvar perfeitamente os que puserem sua confiança nEle.

---

* Este capítulo se baseia em Daniel 3.

Sete Anos de Loucura*

Depois que Nabucodonosor sonhou com a grande estátua, o pensamento de que o império babilônico um dia acabaria causou profundo impacto em sua mente. No fim, Deus estabeleceria um reino que substituiria todos os reinos da Terra.

Depois de algum tempo, Nabucodonosor perdeu de vista a compreensão correta a respeito do plano de Deus para as nações. Mas quando seu coração orgulhoso foi humilhado na planície de Dura, ele mais uma vez reconheceu que o reino de Deus é "um reino eterno" (Dn 7:27). Nabucodonosor tinha naturalmente um senso da justiça e do direito, e Deus pôde usá-lo como Seu instrumento para punir os rebeldes e para cumprir o plano divino. Ao colocar nação após nação sob o domínio babilônico, sua fama como o maior governante do século cresceu cada vez mais.

Não é de surpreender que esse rei tão bem-sucedido, tão ambicioso e de coração tão orgulhoso fosse tentado a se desviar do caminho da humildade, o único que leva à verdadeira grandeza. Nos momentos em que não estava ocupado com as guerras de conquista, ele passou a se dedicar a embelezar a capital do seu reino, até que a cidade de Babilônia se tornou a cidade dourada, "o orgulho de toda a Terra" (Jr 51:41). Seu sucesso em tornar Babilônia uma das maravilhas do mundo alimentou de tal forma seu orgulho que ele corria o grande perigo de manchar seu registro como um rei sábio a quem Deus poderia usar.

Em Sua misericórdia, Deus deu ao rei outro sonho a fim de avisá-lo do perigo que corria. No sonho, Nabucodonosor viu uma grande árvore, cujo topo alcançava o céu, e seus galhos se estendiam até as extremidades da Terra. Os animais do campo se abrigavam sob sua sombra, e as aves do céu construíam ninhos em seus galhos, e "todas as criaturas se alimentavam daquela árvore" (Dn 4:12).

Enquanto o rei olhava para a árvore, ele viu "uma sentinela, um anjo" que se aproximou da árvore e gritou em alta voz: "Derrubem a árvore e cortem os seus galhos; arranquem as suas folhas e espalhem os seus frutos. [...] Mas deixem o toco e as suas raízes [...]; fique ele no chão, em meio à relva do campo. Ele será molhado com o orvalho do céu e com os animais comerá a grama da terra. A mente humana lhe será tirada, e ele será como um animal, até que se passem sete tempos. A decisão é anunciada por sentinelas, [...] para que todos os que vivem saibam que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer" (v. 14-17).

Tentativa para Descobrir o Significado

Muito perturbado, o rei contou o sonho para os sábios. Apesar de o significado do sonho ser muito claro, ninguém conseguiu interpretá-lo. Inconformado, o rei mandou chamar Daniel, que era admirado por sua honestidade e sabedoria sem igual.

Depois de contar o sonho para Daniel, Nabucodonosor disse: "Diga-me o significado do sonho, pois nenhum dos sábios do meu reino consegue interpretá-lo para mim, exceto você, pois o espírito dos santos deuses está em você" (v. 18).

O significado do sonho era claro para Daniel e o deixou assustado. O rei percebeu que Daniel hesitou e ficou angustiado, e disse com compaixão: "Não deixe que [...] a sua interpretação o assuste" (v. 19).

O profeta compreendeu que Deus tinha lhe dado o solene dever de revelar a Nabucodonosor o juízo que estava para cair sobre ele como resultado de seu orgulho e arrogância. Embora o terrível significado do sonho o tivesse feito hesitar, ele deveria dizer a verdade, fossem quais fossem as consequências para ele.

"A árvore que viste", disse ele, "que cresceu e ficou enorme, e a sua copa encostava no céu, visível em toda a Terra, que também tinha belas folhas e muitos frutos, na qual havia alimento para todos, abrigo para os animais do campo, e morada para as aves do céu nos seus galhos, és tu, ó rei! [...] Pois a tua grandeza cresceu [...] até os confins da Terra. E tu, ó rei, viste também uma sentinela, o anjo que descia do Céu e dizia: 'Derrubem a árvore e destruam-na, mas deixem o toco". [...] Esta é a interpretação. [...] Tu serás expulso do meio dos homens e viverás com os animais selvagens; comerás capim como os bois e te molharás com o orvalho do céu. Passarão sete tempos até que admitas que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer. A ordem para deixar o toco da árvore com as raízes significa que o teu reino te será devolvido quando reconheceres que os Céus dominam" (v. 20-26).

Daniel fez um apelo para que o orgulhoso rei se arrependesse e assim evitasse esse terrível juízo. "Renuncia a teus pecados e à tua maldade, pratique a justiça e tenha compaixão dos necessitados. Talvez, então, continues a viver em paz" (v. 27).

Breve Arrependimento

Por algum tempo, o conselho do profeta causou forte influência sobre Nabucodonosor. No entanto, o egoísmo e a ambição ainda estavam vivos no coração do rei. Não demorou muito e esses traços voltaram a aparecer. Seu governo, que até então tinha sido bastante justo e misericordioso, tornou-se opressor. Ele usou os talentos que recebeu de Deus para se exaltar, colocando-se acima do Deus que tinha lhe dado vida e poder.

Deus adiou o juízo por alguns meses. Mas em vez de se arrepender diante da misericórdia de Deus em adiar o castigo, o rei ficou ainda mais orgulhoso até que deixou de acreditar na interpretação do sonho e a rir do medo que sentia anteriormente.

Um ano depois de ter sido avisado, enquanto caminhava pelo palácio e pensava com orgulho sobre seu poder como rei e sobre seu sucesso como construtor, exclamou: "Acaso não é esta a grande Babilônia que eu construí como capital do meu reino, com o meu enorme poder e para a glória da minha majestade?" (v. 30).

Enquanto essas palavras cheias de orgulho ainda estavam nos lábios do rei, uma voz do céu anunciou que o tempo indicado por Deus para o juízo tinha chegado: "É isto que está decretado quanto a você, rei Nabucodonosor: Sua autoridade real lhe foi tirada. Você será expulso do meio dos homens, viverá com os animais selvagens e comerá capim como os bois. Passarão sete tempos até que admita que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer" (v. 31, 32).

De repente, o rei, que até então tinha sido tão poderoso, perdeu completamente a memória e não pôde mais reinar. Ele perdeu o poder que o seu Criador lhe tinha dado e foi expulso da sociedade. Nabucodonosor "passou a comer capim como os bois. Seu corpo molhou-se com o orvalho do céu, até que os seus cabelos e pelos cresceram como as penas de uma águia, e as suas unhas como as garras das aves" (v. 33).

Durante sete anos Nabucodonosor foi motivo de espanto a todos os seus súditos e foi humilhado diante de todo o mundo. No fim desse período, Deus o trouxe de volta à razão, e ele reconheceu a mão divina em sua aflição. Ele admitiu em público a grande misericórdia de Deus em curá-lo. "Eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao Céu, e

percebi que o meu entendimento tinha voltado. Então louvei o Altíssimo; honrei e glorifiquei Aquele que vive para sempre. [...]

"Naquele momento voltou-me o entendimento, e eu recuperei a honra, a majestade e a glória do meu reino. Meus conselheiros e nobres me procuraram, meu trono me foi restaurado, e minha grandeza veio a ser ainda maior" (v. 34, 36).

Aquele que tinha sido um rei orgulhoso se tornou um humilde filho de Deus, um rei sábio e compassivo. Ele passou a reconhecer o poder do Altíssimo e se dedicou ao máximo para promover o temor de Jeová e a felicidade dos seus súditos. Finalmente, Nabucodonosor aprendeu a lição que todos os reis precisam aprender – que a verdadeira grandeza depende da verdadeira bondade. Ele reconheceu o Senhor como o Deus vivo, dizendo: "Agora eu, Nabucodonosor, louvo e exalto e glorifico o Rei dos Céus, porque tudo o que Ele faz é certo, e todos os Seus caminhos são justos. E Ele tem poder para humilhar aqueles que vivem com arrogância" (v. 37).

O plano de Deus se cumpriu. Essa declaração pública, em que Nabucodonosor reconheceu a misericórdia, a bondade e autoridade de Deus, foi o último ato de sua vida registrado na história sagrada.

---

* Este capítulo se baseia em Daniel 4.

A Última Noite de Babilônia*

Grandes mudanças ocorreram no reino para o qual Daniel e seus amigos tinham sido levados como escravos havia mais de sessenta anos. Nabucodonosor tinha morrido, e Babilônia passou a ser governada por sucessores insensatos. O resultado foi uma decadência gradual, mas inevitável.

Belsazar, o neto de Nabucodonosor, orgulhava-se de seu poder e colocou o coração contra o Deus do Céu. Ele sabia que por decreto de Deus seu avô tinha sido excluído da sociedade. Sabia também da conversão de Nabucodonosor e de sua cura milagrosa. Mas Belsazar permitiu que o amor aos prazeres e o orgulho apagassem as lições que ele jamais deveria ter esquecido. Ele se recusou a usar os meios que estavam ao seu alcance para conhecer mais a respeito da verdade.

Não demorou muito para as dificuldades chegarem. Ciro, o comandante-geral dos medos e persas cercou Babilônia. Mas dentro da capital protegida por muralhas maciças e portões de bronze, abastecida pelo rio Eufrates e com estoques abundantes de comida, o rei, que vivia em busca de prazeres, sentia-se seguro e passava seu tempo em festas e banquetes repletos de imoralidade.

Em seu orgulho e arrogância, iludido por uma falsa sensação de segurança, Belsazar "deu um grande banquete para mil dos seus nobres, e com eles bebeu muito vinho" (Dn 5:1). Belas mulheres com seus encantos estavam entre os convidados. Homens de grande talento e cultura estavam lá. Príncipes e políticos bebiam vinho como água e festejavam completamente bêbados.

Com a razão amortecida pelo efeito do álcool e controlado pelos impulsos e paixões mais baixos, o próprio rei em pessoa liderava a orgia sem limites. Ele "deu ordens para

trazerem as taças de ouro e de prata que [...] Nabucodonosor tinha tomado do templo de Jerusalém". O rei queria mostrar que nada era tão sagrado que suas mãos não pudessem tocar. "Então trouxeram as taças de ouro, [...] e o rei e os seus nobres, as suas mulheres e as suas concubinas, beberam nas taças. Enquanto bebiam o vinho, louvaram os deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra" (v. 2-4).

Sinal de Condenação

Um Vigia divino, sem ser notado, contemplava a cena, ouvia os gritos pervertidos de alegria, observava a idolatria. Não demorou muito e aquele Ser não convidado fez com que Sua presença fosse percebida. No auge da orgia, uma pálida mão apareceu e começou a escrever na parede do palácio letras que brilhavam como fogo – palavras que anunciavam o castigo.

De repente, a festa barulhenta parou. Homens e mulheres, cheios de terror, observavam a mão escrever as misteriosas letras. Todos os seus maus atos passaram diante de seus olhos como em uma visão panorâmica. Era como se estivessem sendo julgados pelo tribunal do Deus eterno, cujo poder eles tinham acabado de desafiar. Ali, onde havia pouco só se ouviam zombaria e palavras blasfemas, havia rostos pálidos e gritos de terror.

Belsazar era o mais aterrorizado de todos os convidados. Sua consciência foi despertada. "Seus joelhos batiam um no outro e as suas pernas vacilaram" (v. 6). Ele compreendeu, naquele momento, que não havia desculpas para as oportunidades que ele desperdiçou e para as suas atitudes rebeldes.

O rei tentou ler as letras de fogo, mas não conseguiu. Virou-se para os sábios do reino em busca de ajuda. Seu grito de desespero ecoou entre os convidados: "Aquele que ler essa inscrição e interpretá-la, revelando-me o seu significado, vestirá um manto vermelho, terá uma corrente de ouro no pescoço, e será o terceiro em importância no governo do reino." Mas a sabedoria celestial não pode ser comprada ou vendida. "Todos os sábios do rei [...] não conseguiram ler a inscrição nem dizer ao rei o seu significado" (v. 7, 8). Eles eram tão incapazes de interpretar a inscrição quanto os sábios da geração anterior tinham sido incapazes de interpretar os sonhos de Nabucodonosor.

Nesse momento, a rainha-mãe se lembrou de Daniel. "Ó rei", disse ela, "não fiques assustado nem tão pálido! Existe um homem em teu reino que possui o espírito dos santos deuses. Na época do teu predecessor verificou-se que ele tinha percepção, inteligência e sabedoria como a dos deuses. O rei Nabucodonosor [...] o nomeou chefe

dos magos, dos encantadores, dos astrólogos e dos adivinhos. [...] Manda chamar Daniel, e ele te dará o significado da escrita."

"Assim Daniel foi levado à presença do rei." Fazendo um grande esforço para se recompor, Belsazar disse ao profeta: "Soube que o espírito dos deuses está em você e que você possui percepção, inteligência e uma sabedoria fora do comum. Trouxeram os sábios e os encantadores à minha presença para lerem essa inscrição e me dizerem o seu significado, eles porém não conseguiram. Mas eu soube que você é capaz de dar interpretações e de resolver mistérios. Se você puder ler essa inscrição e dar-me o seu significado, você será vestido de vermelho e terá uma corrente de ouro no pescoço, e se tornará o terceiro em importância no governo do reino" (v. 10-16).

Sem se impressionar com as promessas do rei, Daniel demonstrou a serena dignidade de um servo do Altíssimo. "Podes guardar os teus presentes para ti mesmo e dar as tuas recompensas a algum outro", disse ele. "No entanto, eu lerei a inscrição para o rei e lhe direi o seu significado" (v. 17).

Daniel Aponta os Pecados do Rei

O profeta primeiro lembrou Belsazar a respeito do pecado e da queda de Nabucodonosor, o juízo divino que ele sofreu por causa de seu orgulho e como, mais tarde, ele passou a reconhecer o poder e a misericórdia do Deus de Israel. Então, com coragem e firmeza, repreendeu Belsazar por sua grande impiedade. Daniel apontou as lições que ele poderia ter aprendido, mas não aprendeu. Belsazar não deu atenção aos avisos que os acontecimentos tão importantes do passado lhe deram. Ele estava prestes a colher as consequências da sua rebeldia.

"Mas tu, Belsazar, [...] te exaltaste acima do Senhor dos Céus. Mandaste trazer as taças do templo do Senhor para que nelas bebessem tu, os teus nobres, as tuas mulheres e as tuas concubinas. Louvaste os deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra. [...] Mas não glorificaste o Deus que sustenta em Suas mãos a tua vida e todos os teus caminhos. Por isso Ele enviou a mão que escreveu as palavras da inscrição" (v. 22-24).

A Interpretação da Escrita na Parede

Virando-se para a mensagem escrita na parede, o profeta leu: "MENE, MENE, TEQUEL, PARSIM." A mão não estava mais visível, mas as palavras ainda brilhavam com terrível clareza. Segurando a respiração, o povo prestava a máxima atenção enquanto o idoso profeta declarava: "Este é o significado dessas palavras: *Mene*: Deus

contou os dias do teu reinado e determinou o seu fim. *Tequel*: Foste pesado na balança e achado em falta. *Peres*: Teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas" (v. 25-28).

A Proteção de Deus é Removida

Nessa última noite de louca imoralidade, Belsazar e seus conselheiros atingiram o limite de sua culpa e da culpa do reino dos caldeus. A mão de Deus não mais impediria o mal que estava para acontecer. "Gostaríamos de ter curado Babilônia", declarou Ele a respeito dos juízos que estavam alcançando o Céu, "mas ela não pode ser curada" (Jr 51:9). Deus finalmente viu ser necessário executar a sentença inevitável. O reino de Belsazar deveria passar para outras mãos.

Quando o profeta terminou de falar, o rei ordenou que ele recebesse as recompensas prometidas.

Mais de um século antes, a Inspiração tinha profetizado que "o anoitecer que eu tanto aguardava" (Is 21:4), durante o qual o rei e os conselheiros blasfemariam de Deus, de repente seria transformado em uma ocasião de destruição e terror. E naquele mesmo dia, enquanto ainda estava na sala do banquete, o rei foi informado de que "sua cidade inteira foi capturada" pelo inimigo (Jr 51:31). No exato momento em que o rei e seus nobres estavam utilizando as taças sagradas para beber e louvando aos seus deuses de prata e ouro, os medos e persas, depois de desviarem as águas do rio Eufrates, marchavam para o coração da cidade desprotegida. O exército de Ciro estava, naquele momento, em cima dos muros do palácio. A cidade estava cheia de soldados inimigos "como um enxame de gafanhotos" (v. 14), e seus gritos de vitória podiam ser ouvidos acima dos gritos de desespero dos convidados do banquete que estavam totalmente apavorados.

"Naquela mesma noite Belsazar, rei dos babilônios, foi morto, e Dario, o medo, apoderou-se do reino" (Dn 5:30, 31).

A Profecia se Cumpre

Os profetas hebreus descreveram com clareza de que maneira Babilônia cairia:

"A Babilônia caiu de repente e ficou arruinada." "Pois o Senhor é um Deus de retribuição; Ele retribuirá plenamente. 'Embebedarei os seus líderes e os seus sábios; os seus governadores, os seus oficiais e os seus guerreiros. Eles dormirão para sempre e jamais acordarão', declara o Rei, cujo nome é Senhor dos Exércitos" (Jr 51:8, 56, 57).

Assim "Babilônia, a joia dos reinos, o esplendor do orgulho dos babilônios, será

destruída por Deus à semelhança de Sodoma e Gomorra. Nunca mais será repovoada nem habitada, de geração em geração; o árabe não armará ali a sua tenda e o pastor não fará descansar ali o seu rebanho. Mas as criaturas do deserto lá estarão, e as suas casas se encherão de chacais; nela habitarão corujas e saltarão bodes selvagens. As hienas uivarão em suas fortalezas, e os chacais em seus luxuosos palácios" (Is 13:19-22).

"Desça, sente-se no pó, virgem cidade de Babilônia; sente-se no chão sem um trono. [...]

Você disse: 'Continuarei sempre sendo a rainha eterna!' Mas você não ponderou estas coisas nem refletiu no que poderia acontecer.

Agora, então, escute, criatura provocadora, que age despreocupada e preguiçosamente em sua segurança, e diz a si mesma: 'Somente eu, e mais ninguém. Jamais ficarei viúva nem sofrerei a perda de filhos.'

Estas duas coisas acontecerão a você num mesmo instante, num único dia, perda de filhos e viuvez; virão sobre você com todo peso. [...]

Você confiou em sua impiedade e disse: 'Ninguém me vê'" (Is 47:1, 7-10).

A profecia apresentou o surgimento e o desenvolvimento dos grandes impérios mundiais: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma. A história se repetiu com cada uma delas, bem como com as nações de menor poder. Cada uma delas teve o seu período de prova; cada uma delas fracassou, sua glória desapareceu e seu poder se acabou. As nações rejeitaram os princípios dados por Deus e causaram sua própria ruína; ainda assim, o soberano plano divino tem sido colocado em ação ao longo dos séculos.

Um Poder que Controla os Negócios Humanos

Foi isso que o profeta Ezequiel viu quando, diante de seus olhos atônitos, Deus apresentou os símbolos que revelavam um Poder que controla os negócios dos governantes terrestres. Rodas que se intercalavam umas nas outras eram movidas por quatro seres viventes. E por cima de tudo, "havia o que parecia um trono de safira, e, bem no alto, sobre o trono, havia uma figura que parecia um homem" (Ez 1:26).

As rodas estavam em uma formação tão complexa que, à primeira vista, pareciam estar bagunçadas; mas elas se moviam em perfeita harmonia. Seres celestiais impulsionavam essas rodas. Da mesma forma, o complicado jogo dos acontecimentos humanos está sob o controle divino. Em meio às lutas e confusões das nações, Aquele que Se assenta sobre querubins ainda guia os negócios da Terra. Deus tem um lugar específico para cada nação, para cada indivíduo, em Seu grande plano. Por suas próprias

escolhas, as pessoas e as nações hoje definem seu destino, e Deus controla tudo a fim de realizar Seus propósitos.

As profecias que o grande EU SOU revelou em Sua Palavra nos mostram hoje onde estamos na linha do tempo. Tudo o que a profecia predisse até o presente tem sido registrado nas páginas da História, e tudo quanto ainda está por vir acontecerá no seu devido tempo.

Os sinais dos tempos declaram que estamos prestes a testemunhar grandes e solenes acontecimentos. Tudo em nosso mundo está em agitação. O próprio Senhor Jesus profetizou os eventos que aconteceriam antes de Sua vinda: "Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras. [...] Nação se levantará contra nação, e reino contra reino. Haverá fomes e terremotos em vários lugares" (Mt 24:6, 7). Governantes e políticos reconhecem que algo grande e decisivo está para acontecer – ou seja, que o mundo se encontra à beira de uma crise sem igual.

A Bíblia, e somente a Bíblia, oferece uma visão correta dos acontecimentos que já estão mostrando seus primeiros resultados. O som da aproximação desses acontecimentos está fazendo a Terra tremer e o coração das pessoas parar de bater de tanto terror. "Vejam! O Senhor vai arrasar a Terra e devastá-la; arruinará sua superfície e espalhará seus habitantes." "A Terra está contaminada pelos seus habitantes, porque desobedeceram às leis, violaram os decretos e quebraram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a Terra, e seu povo é culpado. Por isso os habitantes da Terra são consumidos pelo fogo, ao ponto de sobrarem pouquíssimos" (Is 24:1, 5, 6).

"Como será terrível aquele dia! Sem comparação! Será tempo de angústia para Jacó; mas ele será salvo" (Jr 30:7).

"Se você fizer do Altíssimo o seu refúgio,

Nenhum mal o atingirá, desgraça alguma chegará à sua tenda" (Sl 91:9, 10).

Deus não abandonará Sua igreja na hora de maior perigo. Ele prometeu livramento. Tudo debaixo do Sol honrará os princípios do Seu reino.

---

* Este capítulo se baseia em Daniel 5.

Daniel na Cova dos Leões*

Dario, o Medo, imediatamente tomou providências para reorganizar o governo. Ele "achou por bem nomear cento e vinte sátrapas, [...] e colocou três supervisores sobre eles, um dos quais era Daniel. Os sátrapas tinham que prestar contas a eles para que o rei não sofresse nenhuma perda. Ora, Daniel se destacou tanto entre os supervisores e os sátrapas por suas grandes qualidades, que o rei planejava colocá-lo à frente do governo de todo o império" (Dn 6:1-3).

As honras que o rei concedia a Daniel despertaram o ciúme dos líderes do reino. Mas eles não tinham motivo algum para acusá-lo, "pois ele era fiel; não era desonesto nem negligente" (v. 4).

"Jamais encontraremos algum motivo para acusar esse Daniel", eles reconheceram, "a menos que seja algo relacionado com a lei do Deus dele" (v. 5).

Então os oficiais e os príncipes decidiram pedir ao rei que assinasse um decreto proibindo que qualquer pessoa no reino fizesse pedidos a qualquer deus ou a qualquer homem, a não ser a Dario, o rei, por trinta dias. Aquele que desobedecesse a esse decreto deveria ser jogado na cova dos leões como punição.

Dario ficou envaidecido com o pedido. Os oficiais e príncipes o convenceram de que esse decreto aumentaria muito sua autoridade. O rei não se deu conta do real objetivo daqueles homens e assinou o decreto.

Anjos maus instigaram os príncipes a sentir inveja. Eles inspiraram o plano para destruir Daniel; e os príncipes colocaram o plano em ação, tornando-se por sua vez instrumentos nas mãos de Satanás.

Os inimigos do profeta tinham certeza de que a fidelidade de Daniel faria com que o plano deles fosse bem-sucedido. Ele logo percebeu o objetivo maligno que tinham, mas não mudou de atitude. Por que deveria ele deixar de orar justo no momento em que mais precisava? Daniel continuou cuidando de suas responsabilidades como chefe dos príncipes e, na hora da oração, ia até seu quarto para fazer seus pedidos ao Deus do Céu. Ele não tentou se esconder para orar. Não permitiria que os inimigos que tramavam a sua destruição sequer pensassem que sua ligação com o Céu tinha sido cortada. Assim, o profeta, com ousadia e ao mesmo tempo humildade, afirmou que nenhum poder da Terra tem o direito de se colocar entre o ser humano e Deus. Sua determinação para fazer o que é certo era uma luz brilhante nas trevas morais daquela corte pagã.

Durante um dia inteiro os príncipes observaram Daniel. Por três vezes eles o viram ir ao seu quarto para orar. Na manhã seguinte, denunciaram Daniel ao rei. Daniel tinha desafiado o decreto real! "Tu não publicaste um decreto", eles o lembraram, "ordenando que nos próximos trinta dias todo aquele que fizesse algum pedido a qualquer deus ou a qualquer homem, exceto a ti, ó rei, seria lançado na cova dos leões?"

"O rei respondeu: 'O decreto está em vigor, conforme a lei dos medos e dos persas, que não pode ser revogada.'" Com alegria, eles informaram a Dario: "Daniel, um dos exilados de Judá, não te dá ouvidos, ó rei, nem ao decreto que assinaste. Ele continua orando três vezes por dia" (v. 12, 13).

Um Rei Cheio de Remorsos

O rei logo percebeu a armadilha que tinha sido armada para seu servo fiel. Não foi a preocupação pela honra do rei, mas a inveja de Daniel que levou os oficiais e os príncipes a propor o decreto real. "Muito contrariado, e como estava decidido a salvar Daniel, até o pôr do sol fez todo o esforço que pôde" para livrar seu amigo. Os príncipes vieram a ele com as palavras: "Lembra-te, ó rei, que, conforme a lei dos medos e dos persas, nenhum decreto ou edito do rei pode ser modificado" (v. 14, 15). O decreto teria que ser cumprido.

Daniel é Jogado na Cova dos Leões

"Então o rei deu ordens, e eles trouxeram Daniel e o jogaram na cova dos leões. O rei, porém, disse a Daniel: 'Que o seu Deus, a quem você serve continuamente, o livre!'" Uma pedra foi colocada na boca da cova dos leões, e o rei "selou com o seu próprio anel-selo. [...] Tendo voltado ao palácio, o rei passou a noite sem comer" (v. 16-18).

Deus permitiu que anjos maus e homens perversos conseguissem colocar seu plano em ação, mas graças à coragem desse único homem que escolheu seguir o que era certo, Satanás foi derrotado e o nome de Deus exaltado.

Bem cedo na manhã seguinte, o rei Dario foi depressa para a cova, e "chamou Daniel com voz aflita: 'Daniel, servo do Deus vivo, será que o seu Deus, a quem você serve continuamente, pôde livrá-lo dos leões?'" (v. 20).

Deus Pode Livrar

O profeta respondeu: "'O meu Deus enviou o Seu anjo, que fechou a boca dos leões. Eles não me fizeram mal algum, pois fui considerado inocente à vista de Deus. Também contra ti não cometi mal algum, ó rei.'

"O rei muito se alegrou e ordenou que tirassem Daniel da cova. Quando o tiraram da cova, viram que não havia nele nenhum ferimento, pois ele tinha confiado no seu Deus. E por ordem do rei, os homens que tinham acusado Daniel foram atirados na cova dos leões" (v. 22-24).

A injusta oposição ao servo de Deus tinha finalmente chegado ao fim. "Assim Daniel prosperou durante os reinados de Dario e de Ciro, o persa." E pela associação com ele, esses reis pagãos tiveram que reconhecer o seu Deus como "o Deus vivo e [que] permanece para sempre; o Seu reino não será destruído" (v. 28, 26).

O Mesmo na Dificuldade e no Sucesso

A pessoa cujo coração está firmado em Deus será a mesma tanto na hora de maior dificuldade como nos momentos de sucesso. A fé se apega às realidades eternas. Cristo Se identifica com Seu povo fiel. Ele sofre na pessoa dos Seus escolhidos. É possível ao servo de Deus ser fiel sob todas as circunstâncias e alcançar a vitória por meio da graça divina.

A experiência de Daniel mostra que uma pessoa de negócios não tem que ser necessariamente uma pessoa cheia de estratégias e que busca vantagens para si mesma. Deus pode orientar tal pessoa em cada passo que der. Daniel tinha os mesmos sentimentos e tendências que nós; ainda assim, a Bíblia o descreve como alguém em quem não se podia encontrar falta alguma. Suas transações comerciais, mesmo sob a fiscalização minuciosa dos seus inimigos, foram consideradas sem falha. Ele foi um exemplo do que cada pessoa de negócios pode se tornar com um coração convertido.

Por causa de sua grande dignidade e integridade, mesmo quando era jovem, Daniel

conquistou bondade e simpatia (cf. Dn 1:9) da parte do oficial pagão responsável por ele. Ele subiu rapidamente ao posto de primeiro-ministro do reino de Babilônia. Ele era tão sábio, tão cortês, tão fiel aos princípios que até mesmo seus inimigos tiveram que confessar que "não puderam achar falta alguma nele, pois ele era fiel" (Dn 6:4).

Deus honrou Daniel como Seu embaixador e lhe concedeu muitas revelações dos mistérios que ocorreriam no futuro. O próprio profeta não compreendeu totalmente as profecias registradas nos capítulos 7 a 12, mas Deus lhe deu a certeza de que, no fim da história deste mundo, ele receberia permissão para estar novamente em sua posição e lugar. "Feche com um selo as palavras do livro", o anjo lhe ordenou a respeito dos escritos proféticos, "até o tempo do fim" (Dn 12:4).

Precisamos prestar especial atenção às profecias de Daniel, pois elas estão relacionadas com o tempo em que estamos vivendo. Devemos estudá-las juntamente com o último livro do Novo Testamento. É clara a promessa de que uma bênção especial acompanhará o estudo dessas profecias. "Os sábios entenderão" (Dn 12:10, ARA). E a promessa a respeito da revelação que Cristo deu a João é: "Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas" (Ap 1:3, ARA).

Nos livros de Daniel e Apocalipse podemos aprender que a glória deste mundo nada vale. Mesmo com todo o seu poder e majestade, Babilônia deixou de existir por completo! Da mesma forma, a Média-Pérsia, a Grécia e Roma chegaram ao fim. E assim acontecerá com tudo o que não estiver fundamentado em Deus.

Um estudo cuidadoso do propósito de Deus na história das nações e na revelação das coisas que estão por acontecer nos ajudará a entender o verdadeiro objetivo da vida. Considerando o tempo sob o ponto de vista da eternidade, podemos, como Daniel, viver pelas coisas que são verdadeiras e eternas. Ao aprendermos os princípios do reino de nosso Senhor e Salvador, poderemos em Sua vinda entrar nesse reino e tomar posse dele.

---

* Este capítulo se baseia em Daniel 6.

Ciro Liberta os Exilados

Mais de um século antes do nascimento de Ciro, a Inspiração revelou que ele conquistaria Babilônia de surpresa e prepararia o caminho para a libertação dos filhos da escravidão: "Assim diz o Senhor ao Seu ungido: a Ciro, cuja mão direita Eu seguro com firmeza para subjugar as nações diante dele, [...] para abrir portas diante dele, de modo que as portas não estejam trancadas: Eu irei adiante de você e aplainarei montes; derrubarei portas de bronze e romperei trancas de ferro" (Is 45:1, 2).

O exército do conquistador da Pérsia invadiu inesperadamente a capital de Babilônia através do canal do rio Eufrates, depois de desviarem o curso da água, e através dos portões internos que, por descuido, tinham sido deixados abertos e desprotegidos. Com esses acontecimentos, os judeus tiveram grandes evidências de que a profecia de Isaías tinha se cumprido literalmente. Isso deveria ter sido para eles um sinal claro de que Deus estava conduzindo o futuro das nações a seu favor, pois, junto com a profecia que descrevia o modo como Babilônia seria conquistada, estavam estas palavras:

"Assim diz o Senhor, [...] que diz acerca de Ciro: 'Ele é Meu pastor, e realizará tudo o que Me agrada; ele dirá acerca de Jerusalém: 'Seja reconstruída', e do templo: 'Sejam lançados os seus alicerces.'" "'Ele reconstruirá Minha cidade e libertará os exilados, sem exigir pagamento nem qualquer recompensa', diz o Senhor dos Exércitos" (Is 44:24, 28; 45:13).

As profecias de Jeremias apontavam de forma muito clara o tempo para a restauração de Israel: "Quando se completarem os setenta anos, castigarei o rei da Babilônia e a sua nação, a terra dos babilônios, por causa de suas iniquidades" (Jr 25:12). "'Eu os trarei de volta do cativeiro. Eu os reunirei de todas as nações e de todos

os lugares para onde Eu os dispersei, e os trarei de volta para o lugar de onde os deportei', diz o Senhor" (Jr 29:14).

Daniel estudou essas profecias e outras semelhantes a elas. Como os acontecimentos indicavam que a mão de Deus estava em ação, Daniel dedicou especial atenção às promessas feitas a Israel. O Senhor declarou: "Então vocês clamarão a Mim, virão orar a Mim, e Eu os ouvirei. Vocês Me procurarão e Me acharão quando Me procurarem de todo o coração" (v. 12, 13).

Pouco antes da queda de Babilônia, quando Daniel estava meditando nessas profecias, e buscando a Deus a fim de compreendê-las, ele recebeu uma série de visões a respeito do surgimento e queda dos reinos. Com a primeira visão, registrada em Daniel 7, Deus lhe deu a interpretação, mas nem tudo ficou claro para o profeta. "Fiquei aterrorizado por causa de meus pensamentos", ele escreveu, "e meu rosto empalideceu, mas guardei essas coisas comigo" (Dn 7:28).

Tempo Revelado

Outra visão trouxe mais luz sobre os acontecimentos futuros. No final dela, Daniel ouviu "dois anjos conversando, e um deles perguntou ao outro: 'Quanto tempo durarão os acontecimentos anunciados por essa visão?'" (Dn 8:13). A resposta foi: "Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será reconsagrado" (v. 14).

Muito confuso, Daniel tentou entender a relação entre os setenta anos do cativeiro e os dois mil e trezentos anos que se passariam antes da purificação do santuário. Quando o profeta ouviu as palavras: "A visão [...] refere-se ao futuro distante", ele ficou "exausto e doente por vários dias". A respeito dessa experiência ele escreveu: "Depois levantei-me e voltei a cuidar dos negócios do rei. Fiquei assustado com a visão; estava além da compreensão" (v. 26, 27).

As profecias de Jeremias eram tão claras que Daniel compreendeu "pelas Escrituras, conforme a palavra do Senhor dada ao profeta Jeremias, que a desolação de Jerusalém iria durar setenta anos" (Dn 9:2).

Identificação com o Rebelde Israel

Daniel suplicou ao Senhor que essas promessas se cumprissem logo e que a honra do Seu nome fosse defendida. Ele se identificou totalmente com os que tinham rejeitado o plano divino, confessando os pecados deles como se fossem seus próprios pecados. Embora o Céu tivesse chamado Daniel de "mui amado", ele se apresentava

diante de Deus como um pecador, mostrando com insistência a grande necessidade do povo que ele tanto amava. Sua oração, embora simples, expressou muito bem seus sentimentos:

"Ó Senhor, [...] nós temos pecado. [...] Não demos ouvido aos Teus servos, os profetas, que falaram em Teu nome aos nossos reis, aos nossos líderes e aos nossos antepassados."

"Agora, Senhor, conforme todos os Teus feitos justos, afasta de Jerusalém, da Tua cidade, do Teu santo monte, a Tua ira e a Tua indignação. Os nossos pecados e as iniquidades de nossos antepassados fizeram de Jerusalém e do Teu povo motivo de zombaria para todos os que nos rodeiam."

"Senhor, ouve! Senhor, perdoa! Senhor, vê e age! Por amor de Ti, meu Deus, não Te demores, pois a Tua cidade e o Teu povo levam o Teu nome" (v. 4-6, 16, 19).

Antes mesmo de o profeta terminar a oração, Gabriel apareceu a ele outra vez e chamou sua atenção para a visão que ele tinha tido e descreveu em detalhes as setenta semanas que deveriam começar "a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém" (v. 25).

O início do reinado de Ciro marcou o fim dos setenta anos desde que Nabucodonosor levou o primeiro grupo de hebreus para Babilônia. Deus usou o livramento de Daniel da cova dos leões para criar uma impressão positiva na mente de Ciro. As nobres qualidades do homem de Deus como líder, cujas habilidades eram sem igual, levou o rei persa a ter grande respeito por Daniel e a honrar suas decisões. Deus então levou Ciro a entender as profecias escritas a seu respeito e a libertar o povo judeu.

O rei leu as palavras que profetizaram, mais de um século antes do seu nascimento, a maneira pela qual Babilônia seria conquistada. Leu a mensagem dirigida a ele pelo Rei do Universo: "Eu o fortalecerei, ainda que você não tenha Me admitido, de forma que do nascente ao poente saibam todos que não há ninguém além de Mim." "Concedo-lhe um título de honra, embora você não Me reconheça." Ao estudar as palavras inspiradas: "Ele reconstruirá Minha cidade e libertará os exilados, sem exigir pagamento nem qualquer recompensa", seu coração ficou profundamente comovido e ele decidiu cumprir a missão que Deus indicou para ele" (Is 45:5, 6, 4, 13). Ele libertaria os judeus cativos!

Por meio de uma declaração escrita e publicada "em todo o seu reino", Ciro tornou

conhecido seu desejo: "O Senhor, o Deus dos Céus [...] designou-me para construir um templo para Ele em Jerusalém de Judá. Qualquer do Seu povo que esteja entre vocês, que o seu Deus esteja com ele, e que vá a Jerusalém [...] reconstruir o templo do Senhor, o Deus de Israel, o Deus que em Jerusalém tem a Sua morada. E que todo sobrevivente, seja qual for o lugar em que está vivendo, receba dos que ali vivem em prata, ouro, bens e animais; e ofertas voluntárias para o templo de Deus em Jerusalém" (Ed 1:1-4).

"Que o templo seja reconstruído", ele ordenou mais tarde, com relação à estrutura do templo, "como local para apresentar sacrifícios. [...] O custo será pago pela tesouraria do rei. E os utensílios de ouro e de prata da casa de Deus que Nabucodonosor tirou do templo de Jerusalém e trouxe para a Babilônia serão devolvidos aos seus lugares no templo de Jerusalém; devem ser colocados na casa de Deus" (Ed 6:3-5).

As notícias desse decreto chegaram até as províncias mais distantes e foram motivo de grande alegria. Muitos, como Daniel, tinham estudado as profecias e clamavam o cumprimento da promessa de Deus em favor de Sião. E as suas orações estavam sendo respondidas!

"Quando o Senhor trouxe os cativos de volta a Sião,

Foi como um sonho.

Então a nossa boca encheu-se de riso,

E a nossa língua de cantos de alegria" (Sl 126:1, 2).

Aproximadamente cinquenta mil judeus cativos decidiram aproveitar a maravilhosa oportunidade e "dispuseram-se a ir para Jerusalém e a construir o templo do Senhor". Seus amigos "os ajudaram, trazendo-lhes utensílios de prata e ouro, bens, animais, e presentes valiosos." "Além disso, o rei Ciro mandou tirar os utensílios pertencentes ao templo do Senhor" (Ed 1:5-7).

Eles fizeram a longa viagem através do deserto em segurança, e o feliz grupo iniciou imediatamente a tarefa de reconstruir o que tinha sido destruído. Alguns dos "chefes das famílias" (Ed 2:68) deram o exemplo oferecendo seus próprios recursos e posses para ajudar a cobrir as despesas de reconstrução do templo, e o povo, seguindo seu exemplo, deu livremente do pouco que tinha. (ver Ed 2:64-70).

Os líderes construíram um altar no local do antigo altar no pátio do templo. O povo se "reuniu como um só homem" e se uniu para colocar em prática outra vez as cerimônias sagradas que tinham sido interrompidas com a destruição de Jerusalém, e

também "celebraram a festa das cabanas" (Ed 3:1, 4). A construção do altar alegrou muito o fiel remanescente. Eles se sentiam mais e mais animados à medida que os preparativos para a reconstrução do templo avançavam a cada mês. Rodeados por muitas recordações tristes da apostasia de seus antepassados, desejavam profundamente algum sinal permanente do perdão e favor divinos. Eles davam muito mais valor à aprovação de Deus do que ter de volta suas propriedades pessoais. Sentiam a segurança de Sua presença, contudo desejavam maiores bênçãos ainda. Olhavam ansiosos para o dia em que poderiam ver Sua glória vindo do interior do templo reconstruído.

Entre as ruínas, os trabalhadores encontraram algumas das enormes pedras levadas ao local do templo nos dias de Salomão. Essas pedras foram preparadas para ser usadas, e muito material novo foi providenciado. Logo a pedra fundamental deveria ser colocada na presença de milhares que estariam reunidos para testemunhar o progresso da obra. Enquanto a pedra fundamental estava sendo colocada em sua posição, os participantes "com louvor e ações de graças, cantaram responsivamente ao Senhor" (v. 11).

Resquício da Incredulidade de Israel

Todas as pessoas que ali estavam deveriam ter entrado de coração no clima de gratidão do momento. Mas uma nota dissonante se misturou à música e às exclamações de louvor que se ouviam nesse dia tão feliz: "Muitos dos [...] líderes de família mais velhos, que tinham visto o antigo templo, choraram em alta voz" (v. 12). Esses homens idosos pensavam nos resultados de tantos anos de rebelião. Se eles e sua geração tivessem cumprido o propósito de Deus para Israel, o templo construído por Salomão não teria sido destruído, e o povo não precisaria ter sido levado como escravo para outro país.

Entretanto, nesse momento, as condições eram diferentes. O Senhor permitiu que Seu povo voltasse à sua própria terra. A tristeza deveria dar lugar à alegria. Deus tinha tocado o coração de Ciro para ajudá-los a reconstruir o templo! Mas, em vez de se alegrar, alguns nutriram pensamentos de insatisfação. Tinham visto a glória do templo de Salomão e lamentavam porque o que estava sendo reconstruído não era mais tão grandioso.

As reclamações e queixas influenciaram muitos a se sentirem tristes também. Os trabalhadores começaram a se perguntar se deveriam continuar com a construção de um edifício que logo de início estava sendo tão criticado e se tornando motivo de tanta

tristeza. Muitos, porém, não consideraram essa glória menor como algo a se lamentar. Eles "gritavam de alegria. Não era possível distinguir entre o som dos gritos de alegria e o som do choro, pois o povo fazia enorme barulho. E o som foi ouvido a grande distância" (v. 12, 13).

Aqueles que deixaram de se alegrar na ocasião em que a pedra fundamental foi colocada não perceberam o peso de suas palavras de desaprovação e decepção. Mal podiam imaginar o quanto sua insatisfação atrasaria a construção da casa do Senhor.

A beleza sem igual do primeiro templo tinha sido motivo de orgulho para Israel antes do cativeiro; mas a glória do primeiro templo não podia recomendá-los a Deus, pois eles não Lhe ofereciam o sacrifício de um coração humilde e contrito. Quando o povo perde de vista os princípios vitais do reino de Deus, as cerimônias se tornam numerosas e extravagantes. Quando desprezam a simplicidade da piedade, o orgulho e o amor ao luxo exigem igrejas chiques, enfeites caros e cerimônias imponentes.

Entretanto, Deus avalia Sua igreja pela piedade sincera que a diferencia do mundo. Ele a valoriza de acordo com o crescimento dos seus membros no conhecimento de Cristo e na experiência espiritual. Ele olha para os princípios de amor e bondade. Nem toda a beleza da arte pode ser comparada com a beleza do caráter revelado naqueles que são representantes de Cristo. Uma congregação pode ser a mais pobre da Terra, mas se seus membros possuem os princípios do caráter de Cristo, os anjos se unem a eles na adoração.

Deem graças ao Senhor porque Ele é bom;

O Seu amor dura para sempre.

Assim o digam os que o Senhor resgatou,

Os que livrou das mãos do adversário (Sl 107:1, 2).

A Intensa Oposição Fracassa

Bem próximo aos israelitas viviam os samaritanos, um povo que havia surgido da união entre os pagãos que viviam nas províncias da Assíria e o remanescente das dez tribos, que tinha ficado em Samaria e na Galileia. Os samaritanos eram adoradores de ídolos tanto no coração como na prática. Na verdade, eles afirmavam que os ídolos serviam apenas para lembrá-los do Deus vivo, mas estavam acostumados a adorar imagens.

Os samaritanos ficaram conhecidos como "inimigos de Judá e Benjamim". Quando ouviram "que os exilados estavam reconstruindo o templo do Senhor, o Deus de Israel", demonstraram disposição para ajudá-los na construção. "Vamos ajudálos nessa obra", propuseram, "porque, como vocês, nós buscamos o Deus de vocês." Mas os líderes dos israelitas declararam: "Somente nós o construiremos para o Senhor, o Deus de Israel, conforme Ciro, o rei da Pérsia, nos ordenou" (Ed 4:1-3).

Apenas poucas pessoas tinham escolhido voltar para Jerusalém; e ao darem início a uma obra aparentemente impossível, seus vizinhos mais próximos vieram oferecer ajuda. "Como vocês, nós buscamos a Deus", os samaritanos declararam. "Vamos ajudá-los." Mas se os líderes judeus tivessem aceitado essa oferta, teriam aberto uma porta para a idolatria. Eles perceberam que os samaritanos não estavam sendo sinceros.

A respeito do relacionamento de Israel com as nações vizinhas, o Senhor declarou por meio de Moisés: "Não façam com elas tratado algum, e não tenham piedade delas. [...] Pois elas desviariam seus filhos de seguir-Me para servir a outros deuses." "Vocês são povo consagrado ao Senhor, ao seu Deus. Dentre todos os povos da face da Terra, o Senhor os escolheu para serem o seu tesouro pessoal" (Dt 7:2-4; 14:2).

Moisés predisse claramente os resultados de fazer alianças com as nações vizinhas:

"O Senhor os espalhará pelas nações, de um lado ao outro da Terra. Ali vocês adorarão outros deuses. [...] No meio daquelas nações vocês não encontrarão repouso" (Dt 28:64, 65).

Por Que a Ajuda Foi Rejeitada

Zorobabel e seus companheiros estavam familiarizados com essas e muitas outras passagens semelhantes das Escrituras, e o cativeiro recente havia trazido muitas provas do seu cumprimento. Depois de terem se arrependido de todo coração e renovado sua aliança com Deus, tiveram permissão de retornar à Judeia para que pudessem reconstruir o que tinha sido destruído. Deveriam eles, já no início de seus esforços, entrar em aliança com os idólatras? Eles tinham se reconsagrado ao Senhor junto ao altar erguido diante das ruínas de Seu templo. E se recusaram a fazer aliança com aqueles que estavam familiarizados com a lei de Deus, mas não obedeciam aos Seus mandamentos. O povo de Deus, em hipótese alguma, deve comprometer seus princípios aliando-se com pessoas que não O temem.

Proteção Contra as Influências Sutis

O povo de Deus deve se proteger contra toda influência sutil que busca ganhar entrada em seu meio por intermédio de insinuações cheias de elogios feitas pelos inimigos da verdade. Somos peregrinos e estrangeiros neste mundo. Os inimigos que mais devemos temer não são aqueles que abertamente se declaram contra a causa de Deus, mas sim os que vêm com palavras suaves e conversa agradável, aparentemente procurando fazer amizade com os filhos de Deus, pois eles têm maior poder para enganar. Todo cristão deve estar alerta para não ser apanhado de surpresa por algum engano cuidadosamente disfarçado. O Senhor ordena que estejamos sempre alerta, sem nunca relaxar.

Entretanto, ninguém é deixado a lutar sozinho. Anjos ajudam e protegem aqueles que andam humildemente diante de Deus. Quando Seus filhos se aproximam dEle em busca de proteção contra o mal, com amor Ele os defende do inimigo. "Não toque neles", Ele diz, "pois eles são Meus."

Com muita insistência, os samaritanos tentaram "desanimar o povo de Judá e atemorizá-lo, para que não continuassem a construção. Pagaram alguns funcionários para que se opusessem a eles e frustrassem o plano deles. E fizeram isso durante todo o reinado de Ciro até o reinado de Dario, reis da Pérsia" (Ed 4:4, 5). Mas, durante muitos anos, os poderes do mal foram reprimidos, e o povo na Judeia teve liberdade para continuar seu trabalho.

A Batalha nos Bastidores

Enquanto Satanás procurava influenciar a Média-Pérsia a não oferecer qualquer ajuda ao povo de Deus, anjos trabalhavam em favor dos exilados. Daniel nos dá uma ideia dessa batalha entre o bem e o mal. Durante três semanas, Gabriel lutou contra os poderes das trevas, procurando neutralizar as influências em ação na mente de Ciro; e antes que o conflito terminasse, o próprio Cristo veio para ajudar Gabriel. "O príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias", Gabriel declarou. "Então Miguel, um dos príncipes supremos, veio em minha ajuda, pois eu fui impedido de prosseguir ali com os reis da Pérsia" (Dn 10:13). Miguel venceu. As forças do inimigo foram contidas todos os dias de Ciro e todos os dias de seu filho Cambises.

Os seres celestiais mais importantes estavam atuando no coração dos reis, e o povo de Deus não deveria poupar esforços para restaurar o templo, suas cerimônias e reconstruir seus lares na Judeia. Entretanto, seus inimigos se opuseram a eles com muita insistência e, pouco a pouco, os construtores foram desanimando. Alguns não conseguiam se esquecer do que aconteceu no dia em que a pedra fundamental foi colocada, quando muitos haviam demonstrado total falta de confiança no projeto. E como os samaritanos continuavam cada vez mais insistentes, muitos judeus começaram a duvidar se aquele realmente era o momento certo para reconstruir. Esse sentimento logo se espalhou. Muitos trabalhadores, desanimados, voltaram para as atividades comuns da vida.

Durante o reinado de Cambises, o trabalho do templo avançou lentamente. E durante o reinado do falso Esmérdis, os samaritanos influenciaram esse impostor a baixar um decreto proibindo os judeus de reconstruírem sua cidade e o templo.

Por mais de um ano, a construção do templo ficou quase abandonada. O povo morava em suas casas e trabalhava para adquirir bens materiais, mas não era bem-sucedido. A natureza parecia estar contra eles. Como eles permitiram que o templo continuasse em ruínas, o Senhor enviou uma seca sobre a terra. Deus tinha dado a eles os frutos do campo e dos pomares como um sinal do Seu favor, mas como eles usaram essas bênçãos de forma egoísta, Ele as retirou.

A Obra de Deus Fica Paralisada

Essas eram as condições durante a primeira parte do reinado de Dario Histaspes. A situação dos israelitas era muito triste. Eles reclamavam, duvidavam e tinham como prioridade seus interesses pessoais. Não tinham qualquer reação diante do templo do Senhor em ruínas. Muitos tinham perdido de vista o propósito de Deus em fazer com

que voltassem à Judeia e diziam: "Ainda não chegou o tempo de reconstruir a casa do Senhor" (Ag 1:2).

Deus, porém, levantou os profetas Ageu e Zacarias para enfrentar a crise. Esses mensageiros escolhidos revelaram ao povo a causa de suas dificuldades. A falta de sucesso era o resultado da negligência em colocar os interesses de Deus em primeiro lugar. Se os israelitas tivessem honrado a Deus fazendo da construção de Sua casa o principal trabalho a ser realizado, teriam atraído Sua presença e Suas bênçãos.

Ageu fez a eles uma pergunta direta: "Acaso é tempo de vocês morarem em casas de fino acabamento, enquanto a Minha casa continua destruída?" (v. 4). Por que se preocupavam tanto com suas próprias casas e não se preocupavam com a casa do Senhor? O desejo de fugir da pobreza os levou a negligenciar o templo, mas essa negligência trouxe sobre eles justamente aquilo que temiam tanto. "Vocês têm plantado muito, e colhido pouco. Vocês comem, mas não se fartam. Bebem, mas não se satisfazem. Vestem-se, mas não se aquecem. Aquele que recebe salário, recebe-o para colocá-lo numa bolsa furada" (v. 6).

Então o Senhor revelou a causa do que os levou à pobreza: "'Vocês esperavam muito, mas, para surpresa de vocês, acabou sendo pouco. E o que vocês trouxeram para casa Eu dissipei com um sopro. E por que fiz isso?', pergunta o Senhor dos Exércitos. 'Por causa do Meu templo, que ainda está destruído, enquanto cada um de vocês se ocupa com a sua própria casa. Por isso, [...] provoquei uma seca nos campos'" (v. 9-11).

"Vejam aonde os seus caminhos os levaram! Subam o monte para trazer madeira. Construam o templo, para que Eu Me alegre e nele seja glorificado" (v. 7, 8).

Aqueles que ouviram a mensagem de Ageu a receberam de coração. Os líderes e o povo não ousaram rejeitar as instruções a eles enviadas – de que seu sucesso, tanto material como espiritual, dependia da fiel obediência aos mandamentos de Deus. Animados a entrar em ação, Zorobabel e Josué, "e todo o restante do povo obedeceram à voz do Senhor, o seu Deus, por causa das palavras do profeta Ageu" (v. 12).

Mensagem de Conforto

Menos de um mês depois de recomeçar a construção do templo, os construtores receberam uma mensagem de conforto: "'Coragem, Zorobabel'. [...] 'Coragem, sumo sacerdote Josué. [...] Coragem! Ao trabalho, ó povo da terra!', declara o Senhor. 'Porque Eu estou com vocês', declara o Senhor dos Exércitos" (Ag 2:4).

A Seus filhos hoje o Senhor declara: "Coragem! Ao trabalho. [...] Porque Eu estou

com vocês." Zacarias, a quem o Senhor levantou para apoiar Ageu, confirmou e completou as súplicas e as palavras de ânimo enviadas por Deus por meio de Ageu. A primeira mensagem de Zacarias foi uma garantia de que a Palavra de Deus jamais falha, e uma promessa de bênção àqueles que dessem ouvidos à segura palavra da profecia.

Os pequenos estoques de alimento estavam rapidamente chegando ao fim, ao seu redor estavam povos nada amigáveis, mas mesmo assim os israelitas avançavam pela fé e trabalhavam com toda a dedicação para reconstruir o templo destruído. Mensagens após mensagens eram enviadas por meio de Ageu e Zacarias com a certeza de que sua fé seria recompensada e que a glória futura do templo, cujas paredes eles estavam reerguendo, não falharia. Na plenitude do tempo, o Desejado de todas as nações apareceria como o Salvador da humanidade.

Promessa de Prosperidade Material

Depois de se arrepender e decidir avançar pela fé, o povo recebeu promessas de prosperidade material. "De hoje em diante", o Senhor declarou, "abençoarei vocês" (v. 19). Deus enviou uma preciosa mensagem a Zorobabel, o governador do povo, que tinha sido tão duramente provado ao longo de todos aqueles anos, desde o retorno de Babilônia. Estava se aproximando o dia em que os inimigos do povo de Deus seriam derrotados. "'Naquele dia', declara o Senhor dos Exércitos, 'Eu o tomarei, Meu servo Zorobabel, [...], 'e farei de você um anel de selar, porque o tenho escolhido'" (v. 23).

O governador de Israel pôde perceber então como Deus o havia guiado durante todo aquele período de desânimo e perplexidade. Deus jamais guia Seus filhos de outra forma diferente daquela que eles mesmos teriam escolhido caso pudessem ver o fim desde o começo e entender a glória do propósito que estão realizando.

Ageu e Zacarias animaram o povo a fazer todo esforço possível para a reconstrução do templo, mas os samaritanos e outros colocaram muitos obstáculos em seu caminho. Em uma ocasião, oficiais do reino medo-persa visitaram Jerusalém e pediram o nome da pessoa que tinha autorizado a reconstrução do templo. Se os judeus não tivessem confiado na orientação dada pelo Senhor, essa pergunta teria trazido terríveis resultados. No entanto, os judeus deram uma resposta tão sábia que os oficiais decidiram escrever uma carta a Dario Histaspes, chamando sua atenção para o decreto original feito por Ciro, dando ordens para que a casa de Deus em Jerusalém fosse reconstruída, e que as despesas fossem pagas pelo tesouro do rei.

Dario procurou o decreto e o encontrou, então ordenou que os oficiais permitissem que a reconstrução do templo continuasse. "Não interfiram na obra que se faz nesse

templo de Deus", ele ordenou. "Deixem o governador e os líderes dos judeus reconstruírem esse templo de Deus em seu antigo local. Além disso, promulgo o seguinte decreto a respeito do que vocês farão por esses líderes dos judeus na construção deste templo de Deus: 'As despesas destes homens serão integralmente pagas pela tesouraria do rei, do tributo recebido do território a oeste do Eufrates, para que a obra não pare'" (Ed 6:7, 8).

O rei decretou ainda que se alguém de alguma maneira tentasse alterar o decreto sofreria severos castigos, e concluiu com esta incrível afirmação: "E que Deus, que fez o Seu nome ali habitar, derrube qualquer rei ou povo que estender a mão para mudar este decreto ou para destruir esse templo de Jerusalém" (v. 12). Durante muitos meses antes que esse decreto fosse baixado, os israelitas trabalharam pela fé, animados pelas mensagens que recebiam de Deus por meio dos profetas.

As Visões Animadoras de Zacarias

Dois meses depois de Ageu registrar sua última mensagem, Zacarias recebeu uma série de visões referentes à obra de Deus na Terra. Essas mensagens, dadas em forma de parábolas e símbolos, chegaram em um tempo de grande ansiedade e foram de especial importância para o povo que estava avançando em nome de Deus. Tudo indicava que o rei estava para anular a permissão para a reconstrução do templo. O futuro parecia sombrio.

Zacarias ouviu o anjo do Senhor perguntar: "'Senhor dos Exércitos, até quando deixarás de ter misericórdia de Jerusalém e das cidades de Judá, com as quais estás indignado há setenta anos?' Então o Senhor respondeu palavras boas e confortadoras ao anjo que falava comigo.

"E o anjo me disse: [...] 'Assim diz o Senhor dos Exércitos: [...] Estou muito irado contra as nações que se sentem seguras. Porque Eu estava apenas um pouco irado com Meu povo, mas elas aumentaram a dor que ele sofria!' Por isso, assim diz o Senhor: 'Estou voltando-Me para Jerusalém com misericórdia, e ali o Meu templo será reconstruído'" (Zc 1:12-16)

O profeta foi então instruído a profetizar: "O Senhor consolará novamente a Sião e escolherá Jerusalém" (v. 17).

Zacarias depois viu os poderes "que dispersaram Judá, Israel e Jerusalém", simbolizados por quatro chifres. Logo a seguir, viu quatro artesãos, representando as pessoas usadas pelo Senhor para a restauração de Seu povo e da Sua casa de adoração

(ver v. 18-21). "'Jerusalém será habitada como uma cidade sem muros por causa dos seus muitos habitantes e rebanhos. E Eu mesmo serei para ela um muro de fogo ao seu redor', declara o Senhor, 'e dentro dela serei a Sua glória'" (Zc 2:4, 5).

Deus tinha determinado que Jerusalém fosse reconstruída. A visão era uma garantia de que Ele daria conforto e força ao Seu povo sofrido e cumpriria as promessas da Sua aliança eterna. Aquilo que Ele estava realizando por Seu povo deveria ser conhecido em toda a Terra. "Gritem bem alto e cantem de alegria, habitantes de Sião, pois grande é o Santo de Israel no meio de vocês" (Is 12:6).

O Acusador e o Defensor

Deus escolheu Israel para proteger e compartilhar a verdade a Seu respeito na Terra, e, por esse motivo, Satanás decidiu destruí-los. Enquanto foram obedientes a Deus, Satanás não pôde fazer mal algum contra eles. Assim, ele concentrou todo o seu poder e astúcia para levá-los a pecar. Iludidos por suas tentações, eles desobedeceram à lei de Deus e se tornaram presas de Seu inimigo.

Mesmo assim, Deus não os abandonou. Ele enviou Seus profetas com advertências a fim de despertá-los para que reconhecessem sua culpa. Quando se voltaram para Ele com arrependimento sincero, Ele enviou mensagens de ânimo, prometendo libertá-los da escravidão e levá-los de volta para a sua própria terra. Assim que a obra de reconstrução da nação começou, e um remanescente voltou para a Judeia, Satanás esforçou-se ao máximo para frustrar o plano divino. Para conseguir isso, procurou instigar as nações pagãs a destruir Israel.

Mas o Senhor fortaleceu Seu povo durante essa crise com "palavras boas e confortadoras" (Zc 1:13). Por meio de uma ilustração impressionante, Ele mostrou o poder de Cristo, seu Mediador, para derrotar Satanás, o acusador do Seu povo.

"O sumo sacerdote Josué", "vestido de roupas impuras" (Zc 3:1, 3), estava em pé diante do Anjo do Senhor. Enquanto ele suplicava a Deus que cumprisse Suas promessas, Satanás apontou para os pecados de Israel dizendo que por causa deles Deus não poderia voltar a ajudá-los. Satanás afirmava que Israel pertencia a ele e exigia que fosse entregue em suas mãos.

O sumo sacerdote não disse que Israel não tinha faltas. Vestido com roupas sujas, que simbolizavam os pecados do povo que ele carregava como seu representante, Josué estava na presença do Anjo confessando os pecados deles, mas apontando para o seu

arrependimento e, com fé, descansando na misericórdia de um Redentor que perdoa o pecado.

Então, o Anjo, que é o próprio Cristo, o Salvador dos pecadores, fez o acusador do Seu povo ficar em silêncio, declarando: "O Senhor o repreenda, Satanás! O Senhor que escolheu Jerusalém o repreenda! Este homem não parece um tição tirado do fogo?" (v. 2). Por causa de seus pecados, Israel tinha sido quase consumido pelo fogo que Satanás e seus aliados acenderam para a sua destruição, mas Deus estava disposto a salvá-los.

Ao aceitar a intercessão de Josué, o Senhor ordenou: "Tirem as roupas impuras dele." Depois disse a Josué: "'Veja, Eu tirei de você o seu pecado, e coloquei vestes nobres sobre você' [...]." Então, eles "o vestiram" (v. 4, 5). O Senhor perdoou seus pecados e os pecados do povo. Israel foi vestido com "vestes nobres" – a justiça de Cristo concedida a eles. Apesar dos pecados que Josué tinha cometido no passado, a partir dali ele estava qualificado para ministrar perante Deus em Seu santuário. Se fosse obediente, ele seria honrado como juiz ou dirigente do templo e andaria entre anjos assistentes, mesmo nesta vida. No fim, ele se uniria à multidão glorificada ao redor do trono de Deus.

"Ouçam bem, sumo sacerdote Josué e seus companheiros [...]: Vou trazer o Meu servo, o Renovo" (v. 8). No "Renovo", o Libertador por vir, está a esperança de Israel. Pela fé no Salvador que haveria de vir, Josué e seu povo foram perdoados e voltaram a receber a ajuda de Deus. Por causa de Seus méritos, eles seriam honrados como os escolhidos do Céu entre as nações da Terra.

Ao longo de todos os séculos, Satanás tem sido "o acusador dos nossos irmãos, que os acusa diante do nosso Deus, dia e noite" (Ap 12:10). O conflito se repete na vida de cada pecador resgatado do poder do mal. Jamais alguém é recebido na família de Deus sem que o inimigo apresente uma forte oposição. Mas Aquele que foi a defesa de Israel, sua justiça e redenção, é a esperança da igreja hoje.

Como Satanás Trabalha

Satanás acusa aqueles que buscam ao Senhor, mas não porque se sente insatisfeito por eles terem pecado. Ele vibra de alegria por seus defeitos de caráter, pois sabe que só pode dominá-los se desobedecerem à lei de Deus. Ele age assim porque odeia a Cristo. Ao ver no povo os sinais de que Cristo reina em sua vida, ele trabalha para desviar dEle os que aceitaram a salvação. Ele leva os homens e mulheres a perderem a confiança em Deus e a se separarem do Seu amor. Tenta-os a transgredir a lei, e então declara que eles são seus escravos, afirmando que Cristo não tem direito de tirá-los dele.

Satanás sabe que aqueles que buscam o perdão o receberão, assim ele apresenta diante deles os seus pecados para os desanimar. Ele procura fazer com que até mesmo o melhor serviço pareça manchado pelo pecado. De inúmeras maneiras, as mais sutis e cruéis, ele trabalha para conseguir que sejam condenados.

Em nossa própria força, não podemos enfrentar as acusações do inimigo. Mas Jesus, nosso Advogado, defende todo aquele que confia nEle com fé e coração arrependido. Ele vence completamente o acusador apresentando os poderosos argumentos do Calvário. Sua perfeita obediência à lei de Deus deu-Lhe todo o poder no Céu e na Terra, e Ele declara ao acusador de Seu povo: "O Senhor o repreenda, Satanás. Estes são os que foram comprados com o Meu sangue, são tições tirados do fogo" (ver Zc 3:2). E Ele garante aos que nEle descansam pela fé: "Tirei de você o seu pecado, e coloquei vestes nobres sobre você" (v. 4).

Todos os que se vestirem com o manto da justiça de Cristo permanecerão fiéis e leais a Ele. A promessa dada a Josué é dada a todos nós: "'Se você [...] obedecer aos Meus preceitos, [...] Eu lhe darei um lugar entre estes que estão aqui" (v. 7). Anjos caminharão ao nosso lado, mesmo neste mundo, e estaremos afinal entre os anjos que rodeiam o trono de Deus.

A visão de Zacarias se aplica com força especial ao povo de Deus nas cenas finais do Grande Dia da Expiação. O remanescente passará então por uma grande angústia. Os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus experimentarão a ira do dragão e seus exércitos. Mas aqui está um pequeno grupo que tem resistido ao seu domínio. Se ele pudesse exterminá-los da face da Terra, sua vitória seria completa. Em um futuro próximo, ele instigará os ímpios poderes da Terra para destruírem o povo de Deus.

Os que forem fiéis a Deus serão denunciados e discriminados. Serão traídos "até por pais, irmãos, parentes e amigos", até mesmo levados à morte (Lc 21:16). Assim como Josué suplicou diante do anjo, a igreja remanescente, com o coração quebrantado e fé inabalável, também suplicará perdão e livramento por meio de Jesus, seu Advogado. Os fiéis estarão completamente conscientes de sua pecaminosidade e de sua indignidade, a ponto de se desesperar.

Satanás Procura Desanimar o Povo de Deus

O tentador se aproxima e os acusa. Ele aponta para as suas vestes sujas, o seu caráter defeituoso, a sua fraqueza e insensatez, seus pecados de ingratidão, sua falta de semelhança com Cristo, que tem desonrado ao seu Redentor. Ele procura aterrorizá-los com o pensamento de que seu caso é sem esperança. Ele espera que eles cedam às suas

tentações e abandonem sua lealdade a Deus.

Satanás conhece muito bem os pecados que ele tem tentado levar o povo de Deus a cometer, e apresenta contra eles suas acusações. Declara que perderam o direito à proteção divina por causa de seus pecados e que merecem ser excluídos do favor de Deus assim como ele foi. "São estes", ele diz, "o povo que deve tomar o meu lugar no Céu, e o lugar dos anjos que se uniram a mim? Eles dizem obedecer à lei de Deus, mas não têm sido eles amantes do eu? Não têm colocado seus próprios interesses acima do serviço de Deus? Não têm amado as coisas do mundo? Veja o seu egoísmo, sua malícia, o ódio de uns para com os outros. É justo que sejam condenados por Deus."

Mas os seguidores de Cristo se arrependeram de seus pecados e buscaram ao Senhor com arrependimento sincero, e o Advogado divino os defende. Aquele que foi maltratado ao máximo por sua ingratidão declara: "Eu dei a Minha vida por essas pessoas. Elas podem ter defeitos de caráter, mas se arrependeram, e Eu as perdoei e aceitei."

As acusações de Satanás são fortes. As chamas da fornalha parecem estar a ponto de destruir o povo de Deus, mas Jesus os apresentará como o ouro provado no fogo. Suas inclinações terrenas serão removidas, para que Cristo possa revelar perfeitamente Sua imagem por meio deles.

Às vezes pode parecer que o Senhor Se esqueceu de Sua igreja, mas nada neste mundo é tão precioso ao coração de Deus. Ele não deixa Seu povo a lutar sozinho até que seja vencido pelas tentações de Satanás. Ele punirá aqueles que O representarem mal, mas será misericordioso com todos os que se arrependerem.

No tempo do fim, o povo de Deus suspirará e se sentirá angustiado por causa das abominações feitas na Terra. Com lágrimas mostrarão aos ímpios o perigo que correm ao desprezar a lei divina e se humilharão diante do Senhor em arrependimento. Os ímpios zombarão de seus apelos solenes. Mas a angústia do povo de Deus é uma prova de que eles estão readquirindo a nobreza de caráter perdida por causa do pecado. É porque estão se aproximando mais de Cristo, porque seus olhos estão fixos em Sua perfeita pureza, que discernem com tal clareza a malignidade do pecado. Uma coroa de glória espera os que caem de joelhos ao pé da cruz.

Os fiéis de Deus, os que estarão em oração, não saberão que estão totalmente seguros sob a proteção de Deus. Instigados por Satanás, os governantes deste mundo procurarão destruí-los; mas se os olhos dos filhos de Deus pudessem ser abertos, eles

veriam anjos acampados ao seu redor.

Enquanto o povo de Deus está a suplicar pela pureza de coração, Cristo colocará sobre cada um de Seus fiéis as vestes sem mancha da Sua justiça. O desprezado remanescente estará vestido com as vestes gloriosas, para não mais ser manchado pelo pecado do mundo. Seus nomes permanecerão no livro da vida do Cordeiro. Eles resistiram às artimanhas do enganador. Agora estão eternamente seguros. Seus pecados são transferidos para o originador de todo pecado.

Os Pecados Serão Apagados

Enquanto Satanás insiste em suas acusações, anjos santos, invisíveis, estão colocando o selo de Deus sobre os fiéis. Estes são os que estarão sobre o Monte de Sião, com o nome do Pai escrito em sua testa. Eles cantam o cântico que ninguém pode aprender a não ser os 144 mil que são redimidos da Terra. "Mentira nenhuma foi encontrada em suas bocas; são imaculados" (Ap 14:5).

É nessa hora que as palavras do Anjo a Josué se cumprem por completo: "Vou trazer o Meu Servo, o Renovo." Cristo é revelado como Redentor e Libertador do Seu povo. O remanescente se tornou "homens que prefiguram as coisas que virão" (Zc 3:8), quando as lágrimas e humilhação de sua jornada na Terra dão lugar à grande alegria e honra na presença de Deus e do Cordeiro (ver Is 4:2, 3).

O Segredo do Sucesso na Obra de Deus

Logo depois da visão que Zacarias teve sobre Josué e o anjo, o profeta recebeu uma mensagem referente à obra de Zorobabel: "O Anjo que falava comigo tornou a despertar-me, [...] e me perguntou: 'O que você está vendo?' Respondi: 'Vejo um candelabro de ouro maciço [...] com sete canos para as lâmpadas. [...] Há também duas oliveiras junto ao recipiente.' [...]

"Perguntei ao Anjo [...]: 'O que significa isto, meu Senhor?' [...] Ele disse: [...] "Esta é a palavra do Senhor para Zorobabel: 'Não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito', diz o Senhor dos Exércitos." "E perguntei também: 'O que significam estes dois ramos de oliveira ao lado dos dois tubos de ouro que derramam azeite dourado?' Ele disse: [...] 'São os dois homens que foram ungidos para servir ao Soberano de toda a Terra!'" (Zc 4:1-6, 12-14).

Por meio dos ungidos que estão na presença de Deus, luz divina, amor e poder são levados a Seu povo, para que ele possa repartir luz, alegria e ânimo com outros. Os que são assim abençoados por Deus devem abençoar outros com Seu amor.

Na reconstrução da casa do Senhor, Zorobabel havia trabalhado a despeito das muitas dificuldades. Inimigos tinham tentado "desanimar o povo de Judá e [...] atemorizá-lo, para que não continuassem a construção", "e forçaram os judeus a parar a obra" (Ed 4:4, 23). Mas o Senhor falou por intermédio do Seu profeta a Zorobabel: "Quem você pensa que é, ó montanha majestosa? Diante de Zorobabel você se tornará uma planície. Ele colocará a pedra principal aos gritos de 'Deus abençoe! Deus abençoe!'" (Zc 4:7). Através da história do povo de Deus, grandes montanhas de dificuldades têm surgido diante dos que procuram colocar os planos de Deus em ação. O Senhor permite tais obstáculos como uma prova de fé. Em momentos assim,

devemos confiar em Deus. Quando colocamos em prática uma fé viva, nossa força espiritual aumenta e desenvolvemos firme confiança. Os obstáculos colocados por Satanás desaparecerão diante da prática da fé. "Nada lhes será impossível" (Mt 17:20).

Caminhos do Mundo x Caminhos de Deus

O caminho do mundo começa com riquezas e luxo. O caminho de Deus começa com coisas pequenas e simples que conduzem à gloriosa vitória da verdade. Algumas vezes, Deus disciplina Seus obreiros levando-os a enfrentar decepções e aparente fracasso, pois Ele deseja que eles aprendam a vencer as dificuldades.

Muitas vezes somos tentados a desanimar diante dos obstáculos e perplexidades. Contudo, se permanecermos confiantes em Deus, Ele abrirá o caminho. O sucesso virá. As montanhas de dificuldades se transformarão em uma planície; e as mãos que começaram o bom trabalho, "também o terminarão" (Zc 4:9).

Não foi o poder humano que criou a igreja de Deus. A igreja não foi colocada sobre a rocha da força humana, mas sobre Cristo Jesus, a Rocha Eterna, "e as portas do Hades não poderão vencê-la" (Mt 16:18). A gloriosa obra de Deus jamais fracassará. Ela prosseguirá "'não por força nem por violência, mas pelo Meu Espírito', diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4:6).

A promessa feita a Zorobabel se cumpriu literalmente (ver v. 9). "Os líderes dos judeus [...] terminaram a reconstrução do templo conforme a ordem do Deus de Israel e os decretos de Ciro, de Dario e de Artaxerxes, reis da Pérsia. O templo foi concluído no terceiro dia do mês de adar, no sexto ano do reinado do rei Dario" (Ed 6:14, 15).

O segundo templo não tinha a beleza e o esplendor do primeiro templo, nem foi santificado pelos sinais visíveis da presença de Deus que marcaram a dedicação do primeiro templo. Nenhum poder sobrenatural marcou a sua dedicação – nenhuma nuvem de glória encheu o santuário recém-construído. Nenhum fogo desceu do Céu para queimar o sacrifício sobre o altar. A *Shekinah* não mais habitava entre os querubins no lugar santo dos santos. A arca, o propiciatório e as tábuas da lei não estavam ali.

A Verdadeira Glória do Segundo Templo

No entanto, o Senhor declarou a respeito desse templo: "A glória deste novo templo será maior do que a do antigo" (Ag 2:9). "E virá o Desejado de todas as nações" (Ag 2:7, ARC). Jesus, o Desejado de todas as nações, santificou o segundo templo com a Sua presença. Muitos, porém, se recusam a reconhecer qualquer significado especial em Sua

vinda. A mente estava cegada para o verdadeiro significado das palavras do profeta.

O segundo templo não foi honrado por Deus com a nuvem de Sua glória, mas sim com a própria presença dAquele em quem "habita corporalmente toda a plenitude da Divindade" – o próprio Deus "manifestado em corpo" (Cl 2:9; 1Tm 3:16). Unicamente nesse aspecto o segundo templo ultrapassou a glória do primeiro. O "Desejado de todas as nações" (Ageu 2:7) de fato entrou em Seu templo quando o Homem de Nazaré ensinou e curou em seus pátios sagrados.

A Menina Hebreia que se Tornou Rainha

Aproximadamente cinquenta mil judeus escravos aproveitaram a oportunidade que receberam por meio do decreto para voltar ao seu antigo lar. Esse grupo, porém, formava um simples remanescente. Milhares de israelitas decidiram permanecer na Média-Pérsia em vez de ter que enfrentar as dificuldades da viagem de volta e a reconstrução das cidades e dos lares destruídos.

Depois de se passarem vinte anos ou mais, Dario Histaspes, o rei na ocasião, baixou outro decreto a favor dos judeus. Com isso, Deus bondosamente concedeu outra oportunidade para os judeus voltarem à terra de seus antepassados. O Senhor sabia do futuro conturbado durante o reinado de Xerxes (o Assuero do livro de Ester) e inspirou Zacarias a apelar aos exilados para que voltassem:

"Atenção, ó Sião! Escapem, vocês que vivem na cidade da Babilônia! Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: 'Ele me enviou para buscar a Sua glória entre as nações que saquearam vocês, porque todo o que neles tocar, toca na pupila dos olhos dEle. Certamente levantarei a Minha mão contra elas de forma que serão um espólio para os seus servos. Então vocês saberão que foi o Senhor dos Exércitos que me enviou" (Zc 2:7-9).

O Senhor ainda tinha como objetivo que Seu povo glorificasse o Seu nome. Ele lhes havia dado muitas oportunidades para voltar para Ele. Alguns tinham escolhido dar-Lhe ouvidos, outros haviam encontrado a salvação em meio às aflições. Muitos desses estavam entre o remanescente que voltaria.

Aqueles "cujo coração Deus despertou" (Ed 1:5) voltaram sob o decreto de Ciro. Mas Deus não desistiu de apelar aos que permaneceram na terra do exílio por vontade própria, e de várias maneiras Ele fez com que seu retorno fosse possível. No entanto,

muitos dos que deixaram de atender ao decreto continuaram insensíveis; e mesmo quando Zacarias os advertiu para que fugissem de Babilônia, eles não deram ouvidos.

O Decreto de Morte Contra o Povo de Deus

Enquanto isso, as condições na Média-Pérsia estavam mudando rapidamente. Xerxes, o Grande, ficou no lugar de Dario Histaspes. Durante o seu reinado, aqueles que deixaram de partir enfrentaram uma crise terrível. Eles se recusaram a aproveitar a oportunidade que Deus tinha dado para fugirem e tiveram que encarar a morte.

Por meio de Hamã, o agagita, um homem sem princípios colocado em posição de grande autoridade na Média-Pérsia, Satanás trabalhou para frustrar os planos de Deus. Hamã guardava em seu coração um ódio profundo contra Mardoqueu, um judeu. Mardoqueu não tinha feito nenhum mal contra Hamã, simplesmente se recusava a lhe fazer reverência como se estivesse prestando culto a ele. Insatisfeito, pensando que "não bastava matá-lo", Hamã "procurou uma forma de exterminar todos os judeus, o povo de Mardoqueu, em todo o império de Xerxes" (Et 3:6).

Hamã enganou Xerxes e o induziu a decretar o massacre de todo judeu "disperso e espalhado entre os povos de todas as províncias" da Média-Pérsia (v. 8). O decreto marcou um dia para destruir todos os judeus e tomar todas as suas propriedades. Satanás estava por trás de todo o plano, tentando eliminar da Terra aqueles que preservavam o conhecimento do verdadeiro Deus.

"Em cada província onde chegou o decreto com a ordem do rei, houve grande pranto entre os judeus, com jejum, choro e lamento. Muitos se deitavam em pano de saco e em cinza" (Et 4:3).

O decreto dos medos e persas não podia ser anulado. Aparentemente, todos os israelitas estavam condenados à morte. Na sábia providência de Deus, Ester tinha sido escolhida como rainha. Mardoqueu era seu parente mais próximo. Em seu desespero, Ester e Mardoqueu decidiram apelar a Xerxes em favor de seu povo. Ester deveria se arriscar a ir à presença do rei para suplicar pela vida de seu povo. "Quem sabe", dizia Mardoqueu, "se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?" (v. 14).

A Grande Corrente de Oração

A crise que Ester enfrentava exigia ação imediata; mas tanto ela como Mardoqueu sabiam que, a menos que Deus operasse poderosamente para ajudá-los, seus esforços seriam em vão. Assim, Ester tomou tempo para manter comunhão com Deus. Ela

ordenou a Mardoqueu: "Vá reunir todos os judeus que estão em Susã, e jejuem em meu favor. Não comam nem bebam durante três dias e três noites. Eu e minhas criadas jejuaremos como vocês. Depois disso irei ao rei, ainda que seja contra a lei. Se eu tiver que morrer, morrerei" (v. 16).

Os acontecimentos que se seguiram – a entrada inesperada de Ester na presença do rei, a bondade que ele demonstrou por ela, os banquetes do rei e da rainha com Hamã como o único convidado, o sono perturbado do rei, a homenagem pública feita a Mardoqueu e a humilhação e queda de Hamã – todas essas coisas são partes de uma história familiar. Deus operou maravilhosamente em favor de Seu povo. O rei baixou um decreto permitindo que o povo de Deus lutasse para salvar a própria vida. Mensageiros a cavalo "saíram a galope, por causa da ordem do rei", para comunicar o decreto em todo o reino. "Havia alegria e júbilo entre os judeus, com banquetes e festas. Muitos que pertenciam a outros povos do reino tornaram-se judeus, porque o temor dos judeus tinha se apoderado deles" (Et 8:14, 17).

No dia marcado para a destruição dos judeus, eles se reuniram "em suas cidades, em todas as províncias do rei Xerxes, para atacar os que buscavam a sua destruição. Ninguém conseguia resistir-lhes, porquanto todos os povos estavam com medo deles" (Et 9:2). Deus ordenou que anjos defendessem Seu povo, enquanto eles se reuniam para "se protegerem e se livrarem dos seus inimigos" (v. 16).

O rei concedeu uma posição de honra a Mardoqueu e ele passou a ser "o segundo na hierarquia, depois do rei Xerxes. Era homem importante entre os judeus e foi muito amado por todos" (Et 10:3). Ele trabalhou para promover o bem-estar de Israel. Assim Deus levou Seu povo escolhido uma vez mais ao favor da corte medo-persa, tornando possível Seu plano de enviá-los de volta à sua própria terra. Mas, apenas sete anos depois, no sétimo ano de Artaxerxes I, o sucessor de Xerxes, o Grande, um número considerável de judeus voltou para Jerusalém sob a liderança de Esdras.

As experiências que o povo de Deus enfrentou nos dias de Ester não foram exclusivas daquela época. João, o revelador, olhando para os séculos no fim do tempo, declarou: "O dragão irou-se contra a mulher e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus" (Ap 12:17). Alguns hoje verão essas palavras sendo cumpridas. O mesmo espírito que, nos séculos passados, levou as pessoas a perseguirem a igreja verdadeira fará com que haja um esforço semelhante contra os que são leais a Deus. Mesmo agora estão sendo feitos preparativos para esse último grande conflito.

O decreto final contra o povo de Deus será muito semelhante ao que Assuero baixou contra os judeus. No pequeno grupo de guardadores do sábado, os inimigos da verdadeira igreja veem hoje um Mardoqueu à porta. A reverência do povo de Deus por Sua lei é uma constante repreensão aos que desprezam o temor do Senhor e transgridem o Seu santo sábado.

Satanás vai fazer com que as pessoas fiquem indignadas contra a minoria que se recusa a aceitar as tradições populares. Pessoas importantes e famosas se unirão aos criminosos e aos marginais contra os que seguem a Deus. Riqueza, inteligência e cultura serão usadas para desprezá-los. Governantes, pastores e membros de igreja conspirarão contra eles e os perseguirão. Por discursos falados e escritos, por ameaças e zombarias, eles procurarão destruir a fé do povo de Deus. Por meio de informações falsas e apelos enfurecidos, eles despertarão a ira do povo. Sem encontrar nenhum "Assim dizem as Escrituras" para apresentar contra os defensores do sábado bíblico, eles recorrerão a leis opressivas para atingir seu objetivo. Os legisladores cederão às exigências do povo para que sejam feitas leis dominicais. Mas os que temem a Deus não aceitarão leis que transgridam um dos dez mandamentos. Será então travado o último grande conflito entre a verdade e o erro neste campo de batalha. Como nos dias de Ester e Mardoqueu, a verdade e o povo de Deus vencerão.

Esdras, o Fiel Amigo do Rei

Aproximadamente setenta anos depois do retorno dos primeiros exilados, Artaxerxes Longímano ocupou o trono da Média-Pérsia. Esdras e Neemias viveram e trabalharam durante seu reinado. Foi ele que, em 457 a.C., baixou o terceiro decreto para a reconstrução de Jerusalém. Ele sempre demonstrou bondade para com o povo de Deus durante seu longo reinado e reconhecia em seus fiéis amigos judeus, Esdras e Neemias, homens escolhidos por Deus.

Esdras, enquanto vivia entre os judeus que permaneceram em Babilônia, atraiu de forma positiva a atenção do rei Artaxerxes. Ele conversava livremente com o rei a respeito do poder de Deus e do plano divino de levar de volta os judeus para Jerusalém.

Esdras tinha sido educado para ser sacerdote e também estava familiarizado com os escritos dos sábios do reino medo-persa. No entanto, ele não se sentia satisfeito com sua condição espiritual. Desejava muito estar em completa harmonia com Deus. Sendo assim, "tinha decidido dedicar-se a estudar a Lei do Senhor e a praticá-la" (Ed 7:10). Isso o levou a pesquisar os livros da Bíblia para entender por que o Senhor permitiu que Jerusalém fosse destruída e seu povo levado como escravo para terras pagãs.

Esdras Estuda para Ser Aprovado

Esdras estudou de maneira especial a promessa que Deus fez a Abraão, as instruções que Ele deu no Monte Sinai e durante a jornada do povo pelo deserto. O coração de Esdras foi tocado e ele experimentou uma nova e completa conversão. À medida que aprendia a entregar a mente e a vontade ao controle divino, os princípios da verdadeira santificação passaram a fazer parte da sua vida. Em seus últimos anos, isso ajudou a modelar o caráter de todos os que se relacionavam com ele.

Deus escolheu Esdras para que Ele pudesse colocar o sacerdócio novamente em uma posição de honra, pois a glória desse ofício tinha praticamente desaparecido durante a escravidão. Esdras se tornou um homem de grande conhecimento e um "escriba que conhecia muito a lei de Moisés" (v. 6). Essas qualificações fizeram com que ele se destacasse como um homem importante no reino.

Porta-Voz do Senhor

Durante o restante de sua vida, fosse na corte da Média-Pérsia ou em Jerusalém, Esdras ensinava aos outros as verdades que aprendeu. Ele foi uma testemunha do Senhor para o mundo de que a verdade tem poder para tornar a vida diária mais nobre.

Os esforços de Esdras para levar o povo a voltar a ter interesse no estudo das Escrituras trouxeram resultados permanentes, graças ao cuidadoso trabalho que ele desenvolveu ao longo de sua vida para preservar e multiplicar os Escritos Sagrados. Ele reuniu todos os exemplares das Escrituras que pôde encontrar e providenciou para que fossem copiados e distribuídos. A Palavra pura, assim multiplicada e colocada nas mãos de muitas pessoas, concedeu um conhecimento de valor incalculável.

A fé manifestada por Esdras o levou a falar com Artaxerxes sobre o desejo de voltar a Jerusalém para ajudar seu povo na reconstrução da cidade santa. Esdras demonstrou perfeita confiança em Deus e o rei ficou profundamente impressionado. O rei confiava tanto em Esdras que ele não só atendeu seu pedido, mas também fez doações muito valiosas para o templo e deu a ele grande autoridade para colocar em prática os propósitos que tinha em seu coração.

Apoio Total

O decreto de Artaxerxes Longímano para a restauração e reconstrução de Jerusalém, o terceiro desde que os setenta anos de escravidão terminaram, destaca-se pelas referências ao Deus do Céu e pelo apoio liberal ao povo de Deus. O rei ofereceu livremente "prata e ouro [...] ao Deus de Israel, cuja habitação está em Jerusalém", e tomou providências para que muitas despesas caras fossem "pagas pelo tesouro real" (v. 15, 20).

"Você está sendo enviado pelo rei e por seus sete conselheiros", Artaxerxes declarou a Esdras, "para fazer uma investigação em Judá e em Jerusalém com respeito à Lei do seu Deus, que está nas suas mãos." "Tudo o que o Deus dos Céus tenha prescrito, que se faça com presteza para o templo do Deus dos Céus" (v. 14, 23).

Artaxerxes providenciou para que os membros do sacerdócio voltassem a ter seus

antigos privilégios. “Saibam também que vocês não têm autoridade para exigir impostos, tributos ou taxas” sobre eles. E tomou providências também para que fossem escolhidos funcionários civis para governar o povo. “E você, Esdras, com a sabedoria que o seu Deus lhe deu”, ele ordenou, “nomeie magistrados e juízes para ministrarem justiça a todo o povo do território a oeste do Eufrates, a todos os que conhecem as leis do seu Deus. E aos que não as conhecem, você deverá ensiná-las” (v. 24, 25).

Assim, Esdras convenceu o rei a permitir o retorno de todo o povo de Israel e dos sacerdotes e levitas no reino medo-persa que, por vontade própria, desejassem “ir a Jerusalém” (v. 13).

Esse decreto trouxe grande alegria aos que, juntamente com Esdras, estavam estudando os planos de Deus a respeito de Seu povo. “Bendito seja o Senhor, o Deus de nossos antepassados”, Esdras exclamou, “que pôs no coração do rei o propósito de honrar desta maneira o templo do Senhor em Jerusalém” (v. 27).

O Decreto de Artaxerxes

Nesse decreto de Artaxerxes, a direção de Deus ficou evidente. Alguns perceberam isso e com alegria aproveitaram o privilégio de voltar sob circunstâncias tão positivas. No tempo indicado, os que decidiram voltar para Jerusalém se reuniram em um local marcado a fim de partirem juntos para a longa viagem.

Mas a decepção foi que o número dos que aceitaram o chamado para voltar era muito pequeno. Muitos que adquiriram casas e terras tinham se conformado em ficar. Seu exemplo influenciou de forma negativa os que teriam escolhido avançar pela fé.

Quando Esdras olhou para o grupo reunido, ficou surpreso por não ver ali nenhum levita. Esse grupo tinha sido separado para o serviço do templo. Os levitas deveriam ter sido os primeiros a aproveitar a chance de voltar. Durante a escravidão, eles haviam tido liberdade de continuar atuando como sacerdotes no exílio. Sinagogas tinham sido construídas; e eles dirigiam o culto a Deus e instruíam o povo. Todos tinham permissão para observar o sábado com liberdade.

No entanto, as condições mudaram depois que a escravidão acabou. O templo em Jerusalém tinha sido reconstruído e dedicado, e foi necessário ter mais sacerdotes para instruir o povo. Além disso, os judeus que ficaram em Babilônia corriam perigo de perder a liberdade religiosa. Nos dias de Ester e Mardoqueu, os judeus na Média-Pérsia tinham sido claramente avisados para voltar para a própria terra. Seria perigoso para eles viver por mais tempo em meio às influências pagãs. Diante dessas novas condições,

os sacerdotes que estavam em Babilônia deveriam ter logo percebido no decreto um chamado especial para voltar para Jerusalém.

O rei e os príncipes tinham dado todo o apoio necessário, mas onde estavam os filhos de Levi? A decisão de acompanhar seus irmãos teria levado outros a seguirem seu exemplo. A estranha indiferença dos levitas foi uma triste revelação da atitude dos israelitas em Babilônia com relação aos planos de Deus para Seu povo.

Esdras enviou mais uma vez um convite urgente para os levitas se unirem ao grupo. Mensageiros de confiança se apressaram para transmitir o apelo para que "trouxessem servidores para o templo de nosso Deus" (Ed 8:17). Alguns que estavam indecisos finalmente decidiram aceitar o convite. Ao todo, cerca de quarenta sacerdotes e duzentos e vinte ministros, mestres e auxiliares foram ao acampamento.

Todos finalmente estavam prontos. À sua frente estava uma viagem que duraria vários meses. Os homens levavam as esposas, os filhos e os bens que possuíam, além de um grande tesouro para o templo. Inimigos estavam de espreita, prontos para roubar e destruir Esdras e todos os que estavam com ele, mas ele não pediu ao rei nenhum tipo de proteção. "Tive vergonha", ele explicou, "de pedir soldados e cavaleiros ao rei para nos protegerem dos inimigos na estrada, pois tínhamos dito ao rei: 'A mão bondosa de nosso Deus está sobre todos os que O buscam, mas o Seu poder e a Sua ira são contra todos os que O abandonam'" (v. 22).

Por essa razão, eles decidiram confiar totalmente em Deus. Não pediram a proteção dos soldados. Não permitiriam que surgisse na mente dos seus amigos pagãos qualquer dúvida quanto à sinceridade de sua dependência de Deus. Sua força não viria do poder humano, mas do favor de Deus. Sua proteção dependeria unicamente de sua obediência sincera à lei do Senhor.

Sabendo dessas condições, o culto de consagração dirigido por Esdras antes de partirem se tornou ainda mais solene. "Ali, junto ao canal de Aava", Esdras declarou, "proclamei um jejum, a fim de que nos humilhássemos diante do nosso Deus e Lhe pedíssemos uma viagem segura para nós e nossos filhos, com todos os nossos bens. [...] Por isso jejuamos e suplicamos essa bênção ao nosso Deus, e Ele nos atendeu" (v. 21-23).

Somente os Dignos de Confiança São Escolhidos

A bênção de Deus, porém, não excluía a necessidade de agir com prudência, precaução e ter um cuidadoso planejamento. Para proteger o tesouro, Esdras separou

doze dos principais sacerdotes e pesou "diante deles a oferta de prata e de ouro e os utensílios [...] para a casa de nosso Deus" (v. 24, 25). Ele encarregou esses homens de forma solene para agirem como protetores do tesouro. "Guardem-nos bem até que os pesem nas salas do templo do Senhor em Jerusalém diante dos sacerdotes principais, dos levitas e dos chefes das famílias de Israel" (v. 29).

Esdras escolheu somente aqueles que tinham provado ser dignos de confiança. Ele reconheceu que era necessário ter ordem e organização na Obra de Deus.

"No décimo segundo dia do primeiro mês nós partimos do canal de Aava", escreveu Esdras, "e fomos para Jerusalém. A mão do nosso Deus esteve sobre nós, e Ele nos protegeu do ataque de inimigos e assaltantes pelo caminho" (v. 31). A viagem levou cerca de quatro meses. Deus impediu os inimigos de fazer qualquer mal a eles, e, no primeiro dia do quinto mês, no sétimo ano de Artaxerxes, eles chegaram a Jerusalém.

Reavivamento Espiritual

A chegada de Esdras a Jerusalém trouxe coragem e esperança a muitos que por tanto tempo vinham trabalhando sob grandes dificuldades. Desde o retorno dos primeiros exilados, mais de setenta anos antes, o povo tinha realizado muitas coisas. O templo estava concluído, e os muros da cidade tinham sido parcialmente reformados. Mesmo assim, ainda havia muito a ser feito.

Muitos exilados tinham permanecido fiéis a Deus, mas um grande número dos filhos e netos perderam de vista a santidade da lei de Deus. Até mesmo alguns que ocupavam cargos de responsabilidade viviam abertamente em pecado. Seu modo de viver estava neutralizando em grande parte os esforços para o avanço da causa de Deus, pois enquanto ninguém reprovasse as transgressões abertas à lei de Deus, as bênçãos do Céu não poderiam ser derramadas sobre o povo.

As pessoas que retornaram com Esdras tiveram oportunidades especiais para buscar ao Senhor. A viagem de volta de Babilônia ensinou a eles preciosas lições espirituais, pois não puderam contar com a proteção de nenhum poder humano. Muitos tinham se tornado fortes na fé durante a viagem, e quando se misturaram com as pessoas desanimadas e indiferentes que já estavam em Jerusalém, sua influência foi um fator poderoso para a reforma que em breve começaria.

Não demorou muito, e alguns chefes de Israel procuraram Esdras para fazer uma séria reclamação. Alguns do "povo de Israel, inclusive os sacerdotes, e os levitas", tinham ido longe no desrespeito aos santos mandamentos de Jeová, a ponto de se casarem com os povos vizinhos. "Eles e seus filhos se casaram com mulheres daqueles povos", disseram a Esdras, "e com eles misturaram a descendência santa" com as terras pagãs. "E os líderes e os oficiais estão à frente nessa atitude infiel" (Ed 9:1, 2).

Esdras tinha aprendido que a apostasia de Israel ocorreu em grande parte porque o povo tinha se misturado com as nações pagãs. Ele compreendeu que, se os israelitas tivessem se mantido separados, teriam evitado muitas experiências tristes. Quando ficou sabendo que homens de destaque haviam ousado transgredir as leis dadas para proteger a nação contra a apostasia, seu coração tremeu. Com razão, ficou muito indignado. "Quando ouvi isso, rasguei a minha túnica e o meu manto. [...] Então todos os que tremiam diante das palavras do Deus de Israel reuniram-se ao meu redor por causa da infidelidade dos exilados" (v. 3, 4).

Na hora do sacrifício da tarde, Esdras caiu de joelhos e esvaziou o coração diante do Céu: "Meu Deus, estou por demais envergonhado e humilhado para levantar o rosto diante de Ti, meu Deus", ele exclamou. "Desde os dias dos nossos antepassados até agora, a nossa culpa tem sido grande. Por causa dos nossos pecados, nós, os nossos reis e os nossos sacerdotes temos sido entregues à espada e ao cativeiro, ao despojo e à humilhação nas mãos de reis estrangeiros, como acontece hoje." "Somos escravos, mas o nosso Deus não nos abandonou na escravidão. Ele tem sido bondoso para conosco diante dos reis da Pérsia: Ele nos deu vida nova para reconstruir o templo do nosso Deus e levantar suas ruínas, e nos deu um muro de proteção em Judá e em Jerusalém." "Como podemos voltar a quebrar os Teus mandamentos e a realizar casamentos mistos com esses povos de práticas repugnantes?" (v. 6, 7, 9, 14).

Começa a Reforma

A tristeza de Esdras e de seus ajudantes trouxe o arrependimento. Muitos dos que pecaram foram profundamente tocados. Muitos "choravam amargamente" (Ed 10:1). Eles viram a santidade da lei anunciada no Sinai, e muitos tremeram ao pensar em suas transgressões.

Um dos que estavam presentes, por nome Secanias, reconheceu que todas as palavras de Esdras eram verdadeiras: "Fomos infiéis ao nosso Deus", ele confessou, "quando nos casamos com mulheres estrangeiras procedentes dos povos vizinhos." Secanias propôs que todos os que tinham transgredido abandonassem seu pecado e fossem julgados "em conformidade com a lei". "Levante-se!", ele disse a Esdras. "Esta questão está em suas mãos, mas nós o apoiaremos. Tenha coragem e mãos à obra!" (v. 2-4).

Assim começou uma reforma maravilhosa. Com tato e cuidadosa consideração pelos direitos e bem-estar de cada pessoa envolvida, Esdras e seus ajudantes lutaram para conduzir Israel no caminho correto. Esdras deu atenção pessoal a cada caso. Ele

procurou impressionar o povo com a santidade da lei e a bênção que poderiam receber por meio da obediência.

Onde quer que Esdras trabalhasse, começava ali um reavivamento no estudo das Escrituras. A lei do Senhor era exaltada e honrada. As passagens que anunciavam a vinda do Messias levavam esperança a muitos corações.

Neste tempo em que vivemos no mundo, quando Satanás está procurando cegar os olhos de homens e mulheres para as exigências da lei de Deus, há necessidade de pessoas capazes de levar muitos a tremer "diante dos mandamentos do nosso Deus" (v. 3). Há necessidade de pessoas poderosas nas Escrituras, que procurem fortalecer a fé. Precisamos de professores que inspirem os corações com o amor pelas Escrituras!

A Causa da Perversão

Quando as pessoas desprezam a Palavra de Deus, elas rejeitam seu poder para restringir os maus sentimentos e inclinações do coração natural. Elas lançam sementes da carne e colhem uma plantação de perversão. Como resultado de abandonar a Bíblia, elas se afastam da lei de Deus, enfraquecendo a força moral e abrindo as comportas da maldade. O desrespeito à lei e a degradação moral estão inundando o mundo como um dilúvio destruidor. Em todos os lugares, vemos hipocrisia, loucura, briga e satisfação dos desejos imorais. Os princípios religiosos, que formam a base e a estrutura da vida social, parecem estar à beira da destruição.

As pessoas têm colocado sua vontade contra a vontade de Deus, mas a mente humana não pode negar suas obrigações para com um Poder superior. Alguns podem tentar colocar a ciência contra a Bíblia, e com isso desprezar a lei de Deus, mas a ordem é dada cada vez mais forte: "Adore o Senhor, o seu Deus e só a Ele preste culto" (Mt 4:10). A lei de Deus não se enfraquece ou se fortalece. Ela foi, é e sempre será santa, justa e boa. Não pode ser abolida ou mudada por ninguém.

A Última Batalha do Grande Conflito

Estamos começando a última grande batalha do conflito entre a verdade e o erro – não uma batalha entre igrejas rivais, mas entre a religião da Bíblia e as religiões da tradição. A santa Palavra de Deus, que chegou até nós a um preço tão alto de sofrimento e derramamento de sangue, é pouco valorizada. A criação, como os escritores inspirados a apresentam, a queda do homem, a expiação, a natureza eterna da lei – essas são doutrinas praticamente rejeitadas por grande parte do professo mundo cristão. Milhares consideram uma demonstração de fraqueza o fato de

acreditar totalmente na Bíblia. Pensam que duvidar, considerar como fábulas e desmentir suas verdades mais importantes sejam uma prova de seu conhecimento.

Deus pede um reavivamento e uma reforma. As palavras da Bíblia, e a Bíblia somente, deveriam ser ouvidas do púlpito. Em muitos sermões de hoje não existe aquele poder divino que desperta a consciência e comunica vida. Os ouvintes não podem dizer: "Não estava queimando o nosso coração enquanto Ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?" (Lc 24:32). Que a Palavra de Deus fale ao coração. Que os que têm ouvido apenas tradição e teorias humanas ouçam a voz dAquele que pode trazer o reavivamento que conduz à vida eterna.

Os reformadores, cujo protesto deu a eles o nome de protestantes, atenderam ao chamado de Deus para levar o evangelho ao mundo. Para isso, eles estavam prontos para sacrificar suas propriedades, sua liberdade e até a própria vida. Enfrentando perseguição e morte, eles e seus seguidores levaram a Palavra de Deus a todas as classes, altas e baixas, aos ricos e aos pobres, aos intelectuais e aos ignorantes. Nessa última batalha do grande conflito seremos tão fiéis como foram os primeiros reformadores?

"Toquem a trombeta em Sião. [...] Que os sacerdotes, que ministram perante o Senhor, chorem, [...] orando: 'Poupa o Teu povo, Senhor. Não faças da Tua herança motivo de zombaria'" (Jl 2:15-17).

Neemias, Homem de Oração e Ação*

Neemias, um dos hebreus exilados, ocupava uma posição de influência na corte persa. Ele tinha livre acesso à presença do rei e se tornou seu amigo e conselheiro. Mesmo rodeado pelo luxo e esplendor, ele não esqueceu seu Deus e seu povo. Seu coração estava voltado para Jerusalém. Por meio desse homem, Deus decidiu abençoar Seu povo.

Neemias soube, por intermédio de mensageiros que vieram da Judeia, que os exilados na cidade escolhida estavam sofrendo. A oposição estava atrapalhando a reconstrução, as cerimônias do templo estavam sendo prejudicadas e os muros da cidade, em sua maior parte, ainda estavam em ruínas. Tomado pela tristeza, Neemias não conseguiu comer nem beber. Em sua dor, ele buscou a ajuda de Deus. "Passei dias lamentando, jejuando e orando ao Deus dos Céus" (Ne 1:4). Ele suplicou que Deus sustentasse a causa de Israel, que desse novamente ao povo coragem e força e os ajudasse a reconstruir a cidade destruída.

Enquanto Neemias orava, sua fé e coragem se fortaleceram. Ele falou da desonra que seria ao nome de Deus se Seu povo permanecesse fraco e oprimido. Ele insistiu com o Senhor para que cumprisse Sua promessa a Israel, dada por meio de Moisés, antes de entrarem em Canaã (ver Dt 4:29-31). O povo de Deus tinha se arrependido e voltado para Ele, e Sua promessa não falharia.

Neemias decidiu então que, se conseguisse a permissão do rei e o material necessário, ele mesmo assumiria a tarefa de reconstruir os muros de Jerusalém e restaurar a força nacional de Israel. Orou então para que o Senhor o ajudasse a conseguir a aprovação do rei a fim de que esse plano pudesse ser levado avante: "Faze que hoje este Teu servo seja bem-sucedido", ele suplicou (Ne 1:11).

À Espera de uma Oportunidade

Neemias esperou quatro meses para apresentar seu pedido ao rei. Embora seu coração estivesse preocupado, ele procurava mostrar-se alegre na presença do rei. Naqueles salões luxuosos, todos deveriam parecer alegres e felizes. Mas quando Neemias ficava sozinho, fora da vista dos outros, suas muitas orações e lágrimas eram ouvidas e testemunhadas por Deus e pelos anjos.

Finalmente, as noites maldormidas e os dias cheios de responsabilidades deixaram as marcas em seu rosto. O rei, preocupado com sua própria segurança, estava acostumado a ler as expressões faciais e a ver a realidade disfarçada. Ele percebeu que algum problema estava preocupando muito seu copeiro. "Por que o seu rosto parece tão triste, se você não está doente?", ele perguntou. "Essa tristeza só pode ser do coração" (Ne 2:2).

Será que o rei não ficaria zangado se soubesse que enquanto Neemias aparentemente estava empenhado em seu trabalho seus pensamentos estavam bem longe com seu povo aflito? Será que seu plano tão acalentado no coração para restaurar e fortificar Jerusalém estava prestes a ser destruído? Com os olhos cheios de lágrimas, ele contou ao rei o motivo de sua tristeza: "Como não estaria triste o meu rosto, se a cidade em que estão sepultados os meus pais está em ruínas, e as suas portas foram destruídas pelo fogo?" (v. 3).

Isso despertou a simpatia do rei. "O que você gostaria de pedir?" (v. 4).

O homem de Deus não se arriscou a responder até buscar a direção de Alguém superior a Artaxerxes. Ele necessitava da ajuda do rei, e compreendeu que conseguir a aprovação e garantir seu auxílio dependeria muito de como ele apresentaria o assunto ao rei. "Então", disse ele, "orei ao Deus do Céus" (v. 4). Nessa breve oração, Neemias entrou na presença do Rei dos reis e teve ao seu lado um poder capaz de mudar os corações.

Na correria da vida, quando nos sentimos quase esmagados pelas preocupações, podemos elevar uma oração a Deus suplicando a orientação divina. Os que vivem viajando, quando se sentem ameaçados por algum grande perigo, podem se entregar à proteção do Céu. Em tempos de dificuldade ou perigo repentinos, o coração pode enviar seu grito de socorro a Alguém que Se comprometeu a vir em auxílio daqueles que nEle confiam quando clamam por Sua ajuda. Ao sofrer o ataque cruel da tentação, o crente pode encontrar segurança no infalível poder e amor de um Deus que cumpre Suas promessas.

Deus Deu Coragem a Neemias

Nesse breve momento de oração, Neemias recebeu coragem para pedir a Artaxerxes permissão para reconstruir Jerusalém e torná-la uma cidade forte outra vez. Os resultados de extrema importância para a nação judaica dependiam desse pedido. "Visto que a bondosa mão de Deus estava sobre mim", declarou Neemias, "o rei atendeu os meus pedidos" (v. 8).

Neemias começou a fazer os preparativos para garantir o sucesso de seu plano. Embora soubesse que muitos se alegrariam com o seu sucesso, ele temia que alguns pudessem despertar o ciúme de seus inimigos, e talvez colocar a perder todo o esforço realizado.

O rei recebeu seu pedido com tão boa vontade que Neemias se sentiu encorajado a pedir mais ajuda ainda. Ele pediu uma escolta militar para dar dignidade e autoridade à sua missão. Conseguiu também cartas do rei para os governadores do território por onde deveria passar em sua viagem para a Judeia; e uma carta para o guarda da floresta real nas montanhas do Líbano, ordenando-lhe que fornecesse madeira. Neemias teve o cuidado de fazer com que os privilégios e a autoridade que lhe estavam sendo dados fossem claramente definidos. Os filhos de Deus não devem apenas orar com fé, mas trabalhar de maneira sábia e esforçada.

Neemias não concluiu que seu dever estava cumprido apenas por ter orado e chorado diante do Senhor. Ele uniu a oração à ação consagrada. Aquilo que ele não podia fazer, ele pediu aos que eram capazes de ajudar. E, em favor da causa da verdade, o Senhor ainda está disposto a tocar o coração daqueles que receberam a posse de Seus bens. Os que trabalham para Ele devem sair em busca desses recursos pelos quais a luz da verdade irá a muitas terras em trevas. Pode ser que os doadores não tenham fé em Cristo, nem estejam familiarizados com a Sua Palavra, mas não há motivo para que suas doações sejam recusadas.

---

* Este capítulo se baseia em Neemias 1 e 2.

Realizando o Impossível*

As cartas enviadas pelo rei aos governadores das províncias por onde Neemias deveria passar garantiram sua ajuda imediata. Nenhum inimigo ousou prejudicar o oficial que estava sob a proteção do rei da Pérsia!

No entanto, Sua chegada a Jerusalém, com uma escolta militar, mostrando que ele estava chegando para alguma missão importante, despertou a inveja das tribos pagãs que com frequência ofendiam e insultavam os judeus. Na liderança dessa obra má estavam alguns chefes dessas tribos – Sambalate, Tobias e Gesém. Eles observavam Neemias com olhos críticos e procuravam impedir seu trabalho a qualquer custo.

Sabendo que inimigos cruéis estavam prontos para lutar contra ele, Neemias não revelou o objetivo de sua missão até que pudesse estudar a situação e fazer seus planos. Ele esperava organizar o povo para trabalhar antes que os inimigos soubessem o que estava acontecendo.

Escolhendo alguns homens que ele conhecia, Neemias contou a eles o que desejava realizar e os planos que tinha. Ele conquistou o interesse e o apoio desses homens de imediato.

Na terceira noite depois de sua chegada, Neemias se levantou à meia-noite e saiu com alguns companheiros em quem podia confiar para ver as ruínas de Jerusalém. Montado em sua mula, ele cruzou a cidade de uma ponta à outra para verificar em que condição estavam os muros e portões que tinham sido derrubados. Dolorosas lembranças encheram seu coração de tristeza ao contemplar as defesas de sua amada cidade em ruínas. As recordações da antiga grandeza de Israel vieram à sua mente em contraste marcante com as provas de sua humilhação.

Em sigilo e em silêncio, Neemias completou seu trajeto ao redor dos muros. "Os oficiais não sabiam aonde eu tinha ido ou o que eu estava fazendo, pois até então eu não tinha dito nada aos judeus, aos sacerdotes, aos nobres, aos oficiais e aos outros que iriam realizar a obra (Ne 2:16). O restante da noite ele passou em oração, pois pela manhã ele faria todo o empenho para convocar seus compatriotas desanimados.

Neemias tinha consigo uma ordem real que exigia que os habitantes cooperassem na reconstrução dos muros da cidade, mas ele preferiu ganhar a confiança e a simpatia do povo, sabendo que a união de corações era essencial para a grande obra que tinha diante de si. Quando ele convocou o povo, apresentou bons argumentos para unir os vários grupos.

Os que ouviam Neemias não sabiam do percurso que ele tinha feito à meia-noite, na noite anterior. Mas o fato de ele ter conseguido falar da condição da cidade com tanta exatidão deixou seus ouvintes impressionados.

Como Neemias Conseguiu Ajuda

Neemias mostrou ao povo o estado de desgraça no qual se encontravam entre os pagãos – sua religião estava desonrada, seu Deus blasfemado. Contou a eles que em uma terra distante ele havia suplicado a ajuda do Céu em favor deles e tinha decidido pedir permissão ao rei para vir em seu auxílio. Ele havia pedido a Deus que o rei também lhe desse autoridade e a ajuda necessária para realizar a obra. E sua oração tinha sido respondida de tal maneira que ficou claro que o plano era do Senhor!

Então Neemias perguntou diretamente ao povo se eles aproveitariam essa oportunidade para se levantar e reconstruir o muro. Com novo ânimo eles disseram a uma voz: "'Sim, vamos começar a reconstrução.' E se encheram de coragem para a realização desse bom projeto" (v. 18).

O entusiasmo e a determinação de Neemias foram contagiantes. Cada homem se tornou também um Neemias e ajudou a fortalecer o coração e as mãos de seu próximo.

Quando os inimigos de Israel ouviram o que os judeus estavam planejando realizar, eles riram. "O que é isso que vocês estão fazendo? Estão se rebelando contra o rei?" Mas Neemias respondeu: "O Deus dos Céus fará que sejamos bem-sucedidos. Nós, os Seus servos, começaremos a reconstrução" (v. 19, 20).

O Exemplo de Neemias Vence

Entre os primeiros a serem contagiados pelo espírito de Neemias estavam os

sacerdotes. Devido à sua posição de influência, esses homens poderiam fazer a obra avançar ou atrasar, e sua pronta cooperação desde o início contribuiu muito para o sucesso do trabalho. A maioria deles assumiu nobremente o seu dever, e esses homens fiéis tiveram menção honrosa no livro de Deus. Apenas uns poucos, os nobres de Tecoa, "não quiseram se juntar ao serviço" (Ne 3:5). Em todo movimento religioso sempre há alguns que se mantêm afastados e se recusam a ajudar. O Céu mantém um registro de cada oportunidade rejeitada para fazer o serviço de Deus; e ali, da mesma forma, cada ato de fé e amor é registrado para ser lembrado por toda a eternidade.

O povo em geral foi inspirado pelo patriotismo e zelo. Homens capacitados organizaram os cidadãos em grupos, ficando cada líder responsável por certa parte do muro. E alguns "fizeram os reparos em frente da sua casa" (Ne 3:10, 23). Com dedicação incansável, Neemias supervisionava a reconstrução, observando os problemas e atendendo as emergências. Ao longo de toda a extensão dos cinco quilômetros de muro, o povo sentia constantemente sua influência. Ele animava os que sentiam medo, motivava os mais lentos e incentivava os esforçados. Estava sempre atento aos movimentos de seus inimigos que, de tempos em tempos, se reuniam à distância e conversavam como se estivessem tramando algum mal.

Neemias não esquecia a Fonte de sua força. Elevava constantemente o coração ao grande Supervisor de tudo. "O Deus dos Céus", ele exclamava, "fará que sejamos bem-sucedidos" (Ne 2:20). E essas palavras ecoavam no coração de todos os trabalhadores que construíam o muro.

Mas Sambalate, Tobias e Gesém procuravam causar divisão entre os trabalhadores. Zombavam dos esforços dos construtores, dizendo que não seriam bem-sucedidos. "O que aqueles frágeis judeus estão fazendo?", Sambalate exclamava, com zombaria. "Será que vão restaurar o seu muro? [...] Será que vão conseguir ressuscitar pedras de construção daqueles montes de entulho e de pedras queimadas?" E Tobias acrescentava: "Pois que construam! Basta que uma raposa suba lá, para que esse muro de pedras desabe!" (Ne 4:2, 3).

Logo os construtores se viram forçados a se manter sempre em alerta contra as ciladas dos seus adversários, que conspiravam para atrair Neemias em suas emboscadas. Os judeus que não eram sinceros foram os que ajudaram nesses planos traiçoeiros. Eles espalharam o boato de que Neemias estava conspirando contra o rei da Pérsia, pretendendo se tornar o rei de Israel, e que todos que o ajudassem seriam considerados traidores.

Mas "o povo estava totalmente dedicado ao trabalho" (v. 6). O projeto continuou até que os vãos foram preenchidos, e o muro, em toda a sua extensão, alcançou a metade da altura planejada.

Uma das Mãos na Obra e a Outra na Luta

Os inimigos de Israel estavam com muita raiva. Até então não tinham se arriscado a apelar para a violência, pois sabiam quais eram as ordens do rei e ficaram com medo de que um combate ativo contra Neemias pudesse atrair o desagrado do rei contra eles. Mas eles mesmos se tornaram culpados pelo crime do qual tinham acusado Neemias. "Todos juntos planejaram atacar Jerusalém e causar confusão" (v. 8). Nessa mesma ocasião, alguns dos líderes entre os judeus se opuseram ao projeto e procuraram desencorajar Neemias. "Os trabalhadores já não têm mais forças e ainda há muito entulho. Por nós mesmos não conseguiremos reconstruir o muro" (v. 10).

Surgiu ainda outra fonte de desânimo. "Os judeus que moravam perto deles" (v. 12), os que não estavam tomando parte na obra, repetiam as afirmações dos inimigos para criar o descontentamento. Mas as zombarias e as ameaças pareciam apenas inspirar Neemias a ficar ainda mais atento e dedicado. Ele não perdeu a coragem. "Mas nós oramos ao nosso Deus", ele afirmou, "e colocamos guardas de dia e de noite para proteger-nos deles." "Por isso posicionei alguns do povo atrás dos pontos mais baixos do muro, nos lugares abertos, divididos por famílias, armados de espadas, lanças e arcos. [...] E disse aos nobres, aos oficiais e ao restante do povo: 'Não tenham medo deles. Lembrem-se de que o Senhor é grande e temível, e lutem por seus irmãos, por seus filhos e por suas filhas, por suas mulheres e por suas casas'.

"Todos nós voltamos para o muro, cada um para o seu trabalho. Daquele dia em diante, enquanto a metade dos meus homens fazia o trabalho, a outra metade permanecia armada de lanças, escudos, arcos e couraças. [...] Aqueles que transportavam material faziam o trabalho com uma mão e com a outra seguravam uma arma" (Ne 4:9, 13-17).

Os sacerdotes foram posicionados em várias partes do muro, com as trombetas sagradas em mãos. Eles davam o alarme no caso da aproximação do perigo em qualquer parte do muro. "Dessa maneira prosseguimos o trabalho com metade dos homens empunhando espadas, desde o raiar da alvorada até o cair da tarde" (v. 21).

Neemias convocou então os que estavam morando em cidades e vilas fora de Jerusalém para acamparem do lado de dentro dos muros, tanto para guardar a obra como para estarem prontos para o seu dever pela manhã. Isso evitaria que o inimigo

atacasse os trabalhadores ao saírem de suas casas para o trabalho e ao voltarem. Neemias e seus companheiros não fugiram das dificuldades ou do trabalho pesado. Nem de dia, nem de noite, nem mesmo nos curtos períodos de sono, eles tiravam suas vestes ou abandonavam suas armas.

A oposição e o desânimo que os reconstrutores dos dias de Neemias tiveram que enfrentar da parte de inimigos declarados e dos falsos amigos é um exemplo da experiência daqueles que trabalham para Deus hoje. Eles são zombados e ridicularizados por inimigos e amigos e, se houver oportunidade, o inimigo usa medidas mais cruéis e violentas.

Entre os que dizem apoiar a causa de Deus, estão aqueles que expõem Sua causa abertamente aos ataques dos Seus piores inimigos. Mesmo alguns que desejam que a obra de Deus seja bem-sucedida enfraquecerão as mãos dos Seus servos ouvindo, repetindo e crendo em parte na difamação e nas ameaças dos Seus adversários. Mas, como Neemias, o povo de Deus não deve ficar com medo nem menosprezar seus inimigos. Confiando em Deus, devem avançar com coragem, entregando aos Seus cuidados a causa da qual fazem parte.

Em cada crise, Seu povo pode declarar com confiança: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rm 8:31). Por mais astutas que forem as ciladas de Satanás, Deus pode detê-las, anulando todos os planos. Ele está à frente do trabalho e ninguém poderá impedir seu sucesso final.

---

* Este capítulo se baseia em Neemias 2, 3 e 4.

Egoísmo Reprovado*

Neemias ficou sabendo da situação infeliz das classes mais pobres do povo. Não havia comida suficiente e, para conseguir alimento para suas famílias, os pobres eram obrigados a comprar a crédito e a preços exagerados. Tinham também que pegar dinheiro emprestado a juros para pagar os pesados impostos exigidos pela Pérsia. Para aumentar ainda mais a angústia dos pobres, os judeus mais ricos estavam tirando vantagem de suas necessidades para enriquecer.

O Senhor tinha ordenado a Israel que em cada terceiro ano fosse arrecadado um dízimo para ajudar os pobres e, a cada sétimo ano, os produtos que a terra produzisse naturalmente deveriam ser deixados para os necessitados. A fidelidade em dedicar essas ofertas para socorrer os pobres manteria viva diante do povo a verdade de que Deus é o dono de tudo, acabando com o egoísmo e desenvolvendo a nobreza de caráter. "Não cobrem juros de um israelita, por dinheiro, alimento, ou qualquer outra coisa que possa render juros" (Dt 23:19). "Sempre haverá pobres na Terra. Portanto, Eu lhe ordeno que abra o coração para o seu irmão israelita, tanto para o pobre como para o necessitado de sua terra" (Dt 15:11).

Os judeus ricos estavam agindo totalmente contra esses mandamentos. Quando os pobres precisavam pegar dinheiro emprestado para pagar impostos ao rei, os ricos cobravam juros altos. Eles exigiam que os pobres hipotecassem suas propriedades e, assim, os devedores caíam na mais profunda pobreza. Muitos tinham sido forçados a vender seus filhos e filhas como escravos, e parecia não haver esperança de um futuro melhor para eles, a não ser a pobreza e a escravidão sem fim.

Finalmente, o povo contou o que estava acontecendo a Neemias: "Algumas de nossas filhas já foram entregues como escravas e não podemos fazer nada, pois as

nossas terras e as nossas vinhas pertencem a outros" (v. 5).

Neemias ficou indignado. "Quando ouvi a reclamação e essas acusações, fiquei furioso" (v. 6). Ele viu que precisava tomar uma posição firme ao lado da justiça.

Os opressores eram pessoas ricas, cujo apoio era grandemente necessário para a reconstrução da cidade. Mas Neemias repreendeu corajosamente os nobres e juízes e apresentou diante do povo o que Deus pedia. Ele os lembrou do que aconteceu durante o reinado de Acaz. Por causa de sua idolatria, Deus entregou Judá nas mãos de Israel que era mais idólatra ainda. Os israelitas se apoderaram de mulheres e crianças para mantê-las como escravas ou vendê-las aos pagãos. Por causa dos pecados de Judá, o Senhor não impediu que isso acontecesse, mas, por meio do profeta Obede, Ele repreendeu o exército vitorioso: "E agora ainda pretendem escravizar homens e mulheres de Judá e de Jerusalém! Vocês também não são culpados de pecados contra o Senhor, o seu Deus?" (2Cr 28:10).

Quando ouviram essas palavras, os homens armados deixaram os escravos e os bens confiscados perante toda a congregação. Então, alguns líderes da tribo de Efraim "apanharam os prisioneiros e com as roupas e as sandálias dos despojos vestiram todos os que estavam nus. Deram-lhes comida, bebida, e bálsamo medicinal. Puseram sobre jumentos todos aqueles que estavam fracos. Assim os levaram de volta a seus patrícios residentes em Jericó" (v. 15).

Neemias e outros resgataram alguns dos judeus que tinham sido vendidos aos pagãos, e dessa forma seu modo de agir ficou em marcante contraste com o daqueles que estavam escravizando seus irmãos para seu próprio enriquecimento. O próprio Neemias, por ter recebido autoridade do rei da Pérsia, poderia ter exigido grandes contribuições para seu benefício pessoal. Mas, em vez disso, doou de forma generosa e liberal para socorrer os pobres. Ele insistiu com os que eram culpados de extorsão para devolverem as propriedades aos pobres, como também os juros do dinheiro que tinham cobrado deles, e que emprestassem a eles sem fiança ou juros.

"Nós devolveremos tudo o que você citou", eles disseram, "e não exigiremos mais nada deles. Vamos fazer o que você está pedindo." "Diante disso, toda a assembleia disse: "Amém!", e louvou o Senhor. E o povo cumpriu o que prometeu" (Ne 5:12, 13).

O Poder do Evangelho Para Acabar com a Injustiça

Esse relato nos ensina uma importante lição. Em nossa geração, a riqueza muitas vezes vem pela fraude. Muitos estão lutando contra a pobreza, sendo obrigados a

trabalhar duro por salários baixos, sem conseguir meios para suprir até mesmo as necessidades básicas da vida. Atormentados e oprimidos, não sabem para onde ir em busca de alívio. E tudo isso para que os ricos possam viver de forma luxuosa ou satisfazer o desejo de acumular cada vez mais!

O amor ao dinheiro e ao luxo tem transformado este mundo num covil de ladrões. "Ouçam agora vocês, ricos! Chorem e lamentem-se, tendo em vista a miséria que lhes sobrevirá", Tiago escreveu. "O ouro e a prata de vocês enferrujaram, e a ferrugem deles testemunhará contra vocês e como fogo lhes devorará a carne. Vocês acumularam bens nestes últimos dias. Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que por vocês foi retido com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Vocês viveram luxuosamente na Terra, desfrutando prazeres, e fartaram-se de comida em dia de abate" (Tg 5:1, 3-5).

Mesmo alguns que dizem temer a Deus estão fazendo hoje a mesma coisa que os nobres de Israel fizeram no passado. Por terem o poder de agir assim, eles se tornam opressores. E porque a vida dos que levam o nome de Cristo revela tal ambição, a religião de Cristo é vista com desprezo. A extravagância e a extorsão estão corrompendo a fé de muitos e destruindo sua espiritualidade. A igreja encoraja o mal se deixa de reprovar essa atitude.

Todo ato injusto para com o próximo é uma transgressão da regra de ouro – ele é praticado contra o próprio Cristo representado na pessoa de Seu povo. Toda tentativa de tirar vantagem da ignorância, fraqueza ou sofrimento de outros é registrada como fraude nos livros do Céu. É justamente quando tentamos tirar vantagem pessoal da desvantagem de outra pessoa que nos tornamos insensíveis à influência do Espírito de Deus.

O Filho de Deus pagou o preço de nossa redenção. Ele Se fez pobre para que por Sua pobreza fôssemos enriquecidos. Ao ajudarmos de forma generosa os pobres, podemos provar a sinceridade da nossa gratidão: "Façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé" (Gl 6:10). "Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas" (Mt 7:12).

---

* Este capítulo se baseia em Neemias 5.

O Que Atrapalha a Causa de Deus*

Com ódio cada vez mais forte, Sambalate e seus aliados continuaram com seus esforços secretos para desanimar e criar confusão entre os judeus. Quando os muros ao redor de Jerusalém estivessem concluídos e suas portas colocadas no lugar, esses inimigos não seriam mais capazes de forçar a entrada na cidade. Assim, eles estavam ansiosos para impedir o trabalho. Por fim, imaginaram um plano para afastar Neemias de seu local de trabalho e matá-lo ou prendê-lo.

Com a desculpa de fazer um acordo, eles convidaram Neemias para se encontrar com eles em uma vila na planície de Ono. Mas, iluminado pelo Espírito Santo sobre as verdadeiras intenções que eles tinham, ele recusou o convite. "Enviei-lhes mensageiros", ele escreveu, "com esta resposta: 'Estou executando um grande projeto e não posso descer. Por que parar a obra para ir encontrar-me com vocês?'" (Ne 6:3). Eles enviaram quatro vezes mensagens semelhantes, e toda vez receberam a mesma resposta.

Ao perceber que esse esquema não estava funcionando, eles decidiram tentar um plano mais ousado. Sambalate enviou uma carta aberta na qual dizia: "Dizem entre as nações, e Gesém diz que é verdade, que você e os judeus estão tramando uma revolta e que, por isso, estão reconstruindo o muro. Além do mais, conforme dizem, você está na iminência de se tornar o rei deles, e até nomeou profetas para fazerem em Jerusalém a seguinte proclamação a seu respeito: 'Há um rei em Judá!' Ora, essa informação será levada ao rei; por isso, vamos conversar" (v. 6, 7).

Neemias estava convencido de que o que estava escrito na carta era mentira. Essa conclusão foi confirmada pelo fato de se tratar de uma carta aberta, evidentemente para que as pessoas pudessem ler o que estava escrito e assim ficassem alarmadas e intimidadas. Ele prontamente enviou a resposta: "Nada disso que você diz está

acontecendo; é pura invenção sua" (v. 8). Neemias sabia que essas coisas não passavam de tentativas para desanimar os construtores e frustrar seus esforços.

Então Satanás armou uma cilada ainda mais sutil e perigosa para o servo de Deus. Sambalate contratou homens que se diziam amigos de Neemias para dar a ele maus conselhos, como se fossem mensagens do Senhor. O principal deles era Semaías, homem que costumava ter uma boa reputação aos olhos de Neemias. Esse homem se fechou em uma câmara próxima ao santuário, como se sua vida estivesse em perigo. O templo era protegido por muros e portões, mas as portas da cidade ainda não tinham sido colocadas. Fingindo estar muito preocupado com a segurança de Neemias, Semaías o aconselhou: "Vamos encontrar-nos na casa de Deus, no templo, a portas fechadas, pois estão querendo matá-lo; eles virão esta noite" (v. 10)

Se Neemias tivesse seguido esse conselho traiçoeiro, teria sacrificado sua fé em Deus e teria parecido covarde. Diante da confiança que ele dizia ter no poder de Deus, seria incoerente ele se esconder. O alarme se espalharia entre o povo, cada um teria procurado sua própria segurança e a cidade seria deixada nas mãos de seus inimigos. Essa atitude insensata da parte de Neemias teria colocado a perder praticamente tudo o que ele tinha realizado até então.

O Servo de Deus Vê Além da Conspiração

Neemias compreendeu a verdadeira intenção do seu conselheiro. "Percebi que Deus não o tinha enviado", disse ele, "e que ele tinha profetizado contra mim porque Tobias e Sambalate o tinham contratado [...] para me intimidar, a fim de que eu cometesse um pecado agindo assim, e então eles poderiam difamar-me e desacreditar-me" (v. 12, 13)

O conselho de Semaías recebeu o apoio de mais de um dos "amigos" de Neemias, que estavam, na verdade, secretamente aliados aos seus inimigos. Mas Neemias respondeu com firmeza: "Acha que um homem como eu deveria fugir? Alguém como eu deveria entrar no templo para salvar a vida? Não, eu não irei" (v. 11).

Apesar das ciladas dos inimigos, em menos de dois meses, desde a chegada de Neemias a Jerusalém, os construtores podiam andar sobre os muros e olhar lá embaixo os seus inimigos atônitos e derrotados. "Quando todos os nossos inimigos souberam disso", Neemias escreveu, "todas as nações vizinhas ficaram atemorizadas e abateu-se o seu orgulho, pois perceberam que essa obra havia sido executada com a ajuda de nosso Deus" (v. 16).

Entretanto, nem mesmo essa prova da mão controladora do Senhor foi suficiente

para conter a rebelião e os atos de deslealdade entre os israelitas. "Os nobres de Judá estavam enviando muitas cartas a Tobias, que lhes enviava suas respostas. Porque muitos de Judá estavam comprometidos com ele por juramento, visto que era genro de Secanias" (v. 17, 18). Uma família judia estava unida pelo casamento com os inimigos de Deus, e essa relação comprometeu sua lealdade. Muitos outros tinham feito o mesmo e se tornaram uma fonte de constantes problemas.

Os nobres de Judá que se uniram em casamentos com idólatras e que de forma traiçoeira se correspondiam com Tobias o apresentavam como um homem capaz, com quem os judeus fariam muito bem em se aliar. Ao mesmo tempo, eles traíam Neemias revelando seus planos para Tobias. Assim, davam oportunidade para que palavras e atos de Neemias fossem mal-interpretados e para atrapalhar a obra que ele estava realizando.

Satanás sempre dirige seus ataques contra aqueles que trabalham para o avanço da Obra de Deus. Embora muitas vezes impedido, ele renova seus ataques usando sempre novos métodos. Mas o ataque que mais devemos temer é quando ele trabalha secretamente por meio dos "amigos" da Obra de Deus. A oposição aberta pode ser feroz e cruel, mas representa muito menos perigo para a causa de Deus que os planos secretos daqueles que dizem servi-Lo, mas que no coração são servos de Satanás.

O príncipe das trevas usará todo engano que puder encontrar para convencer os servos de Deus a se aliarem aos seus agentes. Como Neemias, porém, eles devem responder: "Estou executando um grande projeto e não posso descer" (Ne 6:3). Os obreiros de Deus devem se recusar a permitir que as ameaças, zombarias ou falsidades os desviem da sua obra. Os inimigos estão continuamente em seu caminho. Eles devem estar sempre vigilantes contra eles "de dia e de noite" (Ne 4:9).

Ao aproximar-se o tempo do fim, Satanás usará agentes humanos para zombar e condenar os que "edificam o muro". Os construtores devem trabalhar para derrotar os planos de seus inimigos, mas não devem permitir que coisa alguma – nem mesmo a amizade ou simpatia – os desvie de sua obra. Aqueles que desanimam seus companheiros de trabalho por meio de qualquer ato descuidado lançam uma mancha em seu próprio caráter que não poderão limpar com facilidade e colocam um sério obstáculo no caminho de sua futura utilidade.

"Os que abandonam a lei elogiam os ímpios" (Pv 28:4). Devemos evitar com a mesma firmeza de Neemias aqueles que estão se unindo com o mundo e insistem em que nos unamos aos que sempre combateram a causa da verdade. Devemos rejeitar tal

conselho de forma decidida. Devemos nos posicionar fortemente contra qualquer influência que tende a desviar o povo de Deus da fé em Seu poder guiador.

A razão da derrota dos inimigos de Neemias em atraí-lo para suas armadilhas é que ele decidiu confiar totalmente em Deus. O mal encontra pouco terreno na vida da pessoa que tem um objetivo elevado e um propósito cativante. Os verdadeiros servos de Deus trabalham com determinação que não falhará, porque dependem constantemente do trono da graça. Deus dá o Espírito Santo para ajudar em toda dificuldade. Se Seu povo estiver atento à Sua providência e pronto para cooperar com Ele, verá resultados poderosos em sua vida.

---

* Este capítulo se baseia em Neemias 6.

A Alegria do Perdão e da Cura*

Estava na época da Festa das Trombetas. Muitos estavam reunidos em Jerusalém. O muro de Jerusalém tinha sido reconstruído, e os portões colocados no lugar, mas uma grande parte da cidade ainda estava em ruínas.

Sobre uma plataforma construída em uma das ruas mais largas, rodeada por tristes lembranças da antiga glória de Judá, estava Esdras, agora idoso. À sua direita e à sua esquerda reuniram-se seus irmãos levitas. Os filhos da aliança tinham vindo de todas as partes do país para se reunir ali. "Esdras louvou o Senhor, o grande Deus, e todo o povo ergueu as mãos e respondeu: 'Amém! Amém!' Então eles adoraram o Senhor, prostrados, rosto em terra" (Ne 8:6).

No entanto, mesmo nessa cena havia uma prova do pecado de Israel. Por terem se misturado com outras nações por meio do casamento, a língua hebraica sofreu sérios prejuízos e os oradores precisavam ter muito cuidado para explicar a lei em uma linguagem que todos pudessem entender. Alguns sacerdotes e levitas se uniram a Esdras para explicar os princípios da lei. "Leram o Livro da Lei de Deus, interpretando-o e explicando-o, a fim de que o povo entendesse o que estava sendo lido" (v. 8).

O povo ouviu com atenção e reverência as palavras do Altíssimo. Eles estavam convencidos de sua culpa, e choraram por causa de seus pecados. Mas esse era um dia de alegria, uma reunião sagrada, um dia no qual o Senhor tinha ordenado ao povo que se mostrasse feliz e se alegrasse pela grande misericórdia de Deus para com eles. "Então Neemias, o governador, Esdras, o sacerdote e escriba, e os levitas que estavam instruindo o povo disseram a todos: 'Este dia é consagrado ao Senhor Deus. Nada de tristeza e de choro! [...] Repartam com os que nada têm preparado. Este dia é consagrado ao nosso Senhor. Não se entristeçam, porque a alegria do Senhor os

fortalecerá'" (v. 9, 10).

Parte do dia foi dedicada aos serviços religiosos. O povo passou o restante do tempo desfrutando a grande quantidade de alimento que Deus tinha providenciado. Eles também enviaram porções de alimento para os pobres. As palavras da lei foram lidas e entendidas.

No décimo dia do sétimo mês, os sacerdotes realizaram as cerimônias do dia da expiação. Do décimo quinto ao vigésimo segundo dia do mês, o povo e seus chefes realizaram uma vez mais a Festa dos Tabernáculos. "Em todas as suas cidades e em Jerusalém [...] o povo [...] saiu e trouxe os ramos, e eles mesmos construíram tendas nos seus terraços, nos seus pátios, nos pátios do templo de Deus. [...] E a alegria deles foi muito grande. Dia após dia, desde o primeiro até o último dia da festa, Esdras leu o Livro da Lei de Deus" (v. 15-18).

Ao ouvirem dia a dia as palavras da lei, o povo ficou convencido dos pecados de sua nação nas gerações passadas. Viram que foi por terem se afastado de Deus que Ele retirou Seu cuidado protetor e os filhos de Abraão foram espalhados pelas terras estrangeiras. Eles decidiram então se comprometer a andar de acordo com Seus mandamentos. Antes de entrarem nessa cerimônia solene, eles se separaram dos pagãos que estavam entre eles.

Os líderes os encorajaram a crer que, segundo a Sua promessa, Deus ouviu suas orações. Eles deveriam não somente se arrepender; mas crer que Deus os havia perdoado. Deveriam demonstrar sua fé louvando-O por Sua bondade. "Levantem-se", disseram os mestres, "e louvem o Senhor, o seu Deus" (Ne 9:5).

Então a multidão reunida, com as mãos estendidas para o céu, entoou este cântico:

"Bendito seja o Teu nome glorioso!

A Tua grandeza está acima de toda expressão de louvor.

Só Tu és o Senhor. [...]

E os exércitos dos Céus Te adoram" (Ne 9:5, 6).

Quando o cântico terminou, os líderes da congregação relataram a história de Israel, mostrando quão grande tinha sido a bondade de Deus e quão grande tinha sido a ingratidão deles. Eles sofreram o castigo por seus pecados. Então reconheceram a justiça de Deus e se comprometeram a obedecer à Sua lei. Eles registraram por escrito a

obrigação que tinham assumido consigo mesmos e os sacerdotes, levitas e príncipes assinaram o documento como uma lembrança do seu dever e uma barreira contra a tentação. O povo fez um juramento solene de "seguir a Lei de Deus dada por meio do servo de Deus, Moisés, e a obedecer fielmente a todos os mandamentos, ordenanças e decretos do Senhor, o nosso Senhor" (Ne 10:29). O juramento feito nesse dia incluía a promessa de não se casarem com pagãos.

O povo manifestou ainda sua decisão de voltar para o Senhor se comprometendo a parar de transgredir o sábado. A fim de ajudar o povo a não cair em tentação, Neemias os fez prometer de forma solene a não transgredirem o sábado comprando mercadorias dos vendedores pagãos. Com isso, ele esperava colocar um fim no comércio aos sábados.

Foram tomadas providências também para a manutenção do culto público a Deus. Além do dízimo, a congregação se comprometeu a contribuir anualmente com uma quantia estipulada para o serviço do santuário. "Também assumimos a responsabilidade", Neemias escreveu, "de trazer anualmente ao templo do Senhor os primeiros frutos de nossas colheitas e de toda árvore frutífera" (v. 35).

Israel voltou para Deus com profunda tristeza pela apostasia. Deveriam demonstrar fé em Suas promessas. Deus aceitou seu arrependimento. A partir de então, deveriam se alegrar na certeza do perdão dos pecados e que Deus voltaria a ajudá-los.

Os esforços de Neemias foram bem-sucedidos. Enquanto o povo fosse leal ao juramento feito, enquanto fosse obediente à Palavra de Deus, o Senhor cumpriria Sua promessa derramando ricas bênçãos sobre ele.

Para as pessoas que estão convencidas do pecado e conscientes da sua indignidade, esse relato contém lições de fé e ânimo. A Bíblia apresenta fielmente o resultado da apostasia de Israel; mas mostra também o profundo arrependimento, a devoção e o sacrifício sinceros que marcaram seu retorno para o Senhor.

Quando os pecadores cedem à influência do Espírito Santo, eles se veem como transgressores. Mas não devem cair em desespero, pois o perdão está garantido. É a glória de Deus envolver os seres humanos arrependidos nos braços do Seu amor, curar suas feridas, purificá-los do pecado e vesti-los com as vestes da salvação.

---

* Este capítulo se baseia em Neemias 8, 9, 10.

A Árdua Obra da Reforma*

O povo de Judá tinha se comprometido a obedecer à lei de Deus. Mas depois de ficar algum tempo sem a influência de Esdras e Neemias, muitos se afastaram do Senhor. Neemias tinha voltado para a Pérsia. Durante sua ausência de Jerusalém, surgiram alguns males que ameaçavam perverter a nação. Os idólatras contaminaram até mesmo o próprio templo sagrado. Por meio de casamentos entre os judeus e os pagãos, Eliasibe, o sumo sacerdote, tornou-se amigo de Tobias, o amonita, o pior inimigo de Israel. Como resultado dessa união pecaminosa, Tobias passou a ocupar um apartamento anexo ao templo, que antes era usado para guardar os dízimos e as ofertas.

Por causa da traição dos amonitas para com Israel, Deus declarou que eles deveriam ser separados para sempre do meio de Seu povo (ver Dt 23:3-6). O sumo sacerdote desacatou essa ordem, tirando as ofertas guardadas na casa de Deus, para dar lugar a esse inimigo do Senhor e de Sua verdade. O desrespeito para com Deus não poderia ter sido pior!

Quando Neemias voltou da Pérsia, tomou uma atitude imediata para expulsar o intruso. "Joguei todos os móveis de Tobias fora da sala. Mandei purificar as salas, e coloquei de volta nelas os utensílios do templo de Deus" (Ne 13:8, 9).

Os sacerdotes tinham profanado o templo e usado mal as ofertas. Isso desanimou o povo a continuar devolvendo suas ofertas com generosidade. As ofertas não eram mais suficientes para manter os tesouros da casa do Senhor; e muitos trabalhadores do templo, que deixaram de receber um salário suficiente para atender às suas necessidades, saíram para trabalhar em outros lugares.

Neemias começou imediatamente a corrigir esses abusos. Isso inspirou confiança no povo, e todo o Judá "trouxe os dízimos do trigo, do vinho novo e do azeite aos depósitos". Homens que "eram de confiança", "ficaram responsáveis pela distribuição de suprimentos aos seus colegas" (v. 12, 13).

A união com os idólatras também levou o povo a transgredir o sábado. Neemias percebeu que os vendedores pagãos, que vinham a Jerusalém, tinham convencido muitos israelitas a comprar e a vender no sábado. Alguns se recusaram a sacrificar o princípio, mas muitos ousaram transgredir o sábado abertamente. "Naqueles dias," Neemias escreveu, "vi que em Judá alguns pisavam uvas nos tanques de prensá-las no sábado e ajuntavam trigo e o carregavam em jumentos, junto com vinho, uvas, figos e todo tipo de carga. Tudo isso era trazido para Jerusalém em pleno sábado. [...] Havia alguns da cidade de Tiro que moravam em Jerusalém e traziam peixes e toda espécie de mercadoria e as vendiam em Jerusalém, no sábado, para o povo de Judá" (v. 15, 16).

Os Próprios Líderes Incentivaram o Pecado

O desejo de tirar proveito para si mesmos levou os líderes a incentivarem o pecado. "Que mal é esse que vocês estão fazendo, profanando o dia de sábado?", Neemias perguntou indignado. "Por acaso os seus antepassados não fizeram o mesmo [...]? Pois agora, profanando o sábado, vocês provocam mais ira contra Israel!" (v. 17, 18). Ele então deu ordem para fecharem os portões de Jerusalém "na véspera do sábado" (v. 19), e que não os abrissem novamente até que o sábado tivesse passado.

"Uma ou duas vezes os comerciantes e vendedores de todo tipo de mercadoria passaram a noite do lado de fora de Jerusalém", esperando negociar com o povo. Neemias os avisou: "Por que vocês passam a noite junto ao muro? Se fizerem isso de novo, mandarei prendê-los. Depois disso não vieram mais no sábado" (v. 20, 21).

Então Neemias voltou sua atenção para o perigo da união por meio do casamento e amizade com idólatras. "Naqueles dias", ele escreveu, "vi alguns judeus que se haviam casado com mulheres de Asdode, de Amom e de Moabe. A metade dos seus filhos falavam a língua de Asdode ou a língua de um dos outros povos, e não sabiam falar a língua de Judá" (v. 23, 24).

Alguns homens que se casaram com mulheres pagãs eram chefes a quem o povo tinha o direito de procurar em busca de conselho e exemplo. Prevendo a destruição que a nação sofreria se esse mal continuasse, Neemias lembrou a eles o caso de Salomão. Entre todas as nações, não houve um rei como esse homem, mas mulheres idólatras desviaram o seu coração de Deus, e seu exemplo acabou corrompendo Israel. "Como

podemos tolerar o que ouvimos?", Neemias questionou com firmeza. "Como podem vocês cometer essa terrível maldade e serem infiéis ao nosso Deus, casando-se com mulheres estrangeiras?" (v. 27). A consciência desses homens foi despertada, e começou uma obra de reforma que recebeu a aprovação e a bênção de Deus.

Alguns que ocupavam cargos sagrados protestaram dizendo que não podiam se separar de suas esposas pagãs. Mas Neemias não abriu exceção para ninguém, independentemente de sua classe ou posição. Qualquer um que se recusasse a cortar sua relação com os idólatras era imediatamente afastado do serviço do Senhor. O neto do sumo sacerdote, que tinha se casado com uma filha do famoso Sambalate, não apenas foi removido do ofício, como também banido de Israel.

A Luta Constante Contra a Oposição

Somente o juízo revelará quanta angústia de coração essa rigidez necessária custou ao fiel obreiro de Deus. As vitórias vieram apenas por meio de jejum, humilhação e oração.

Muitos que se casaram com idólatras escolheram ir embora com eles e se uniram aos samaritanos. Alguns que tinham ocupado cargos importantes na obra de Deus passaram totalmente para o lado deles. Os samaritanos prometeram seguir a fé judaica de forma mais completa, e os apóstatas decidiram superar seus antigos irmãos – construíram um templo no Monte Gerizim, como um templo rival ao templo de Deus em Jerusalém. Sua religião continuou a ser uma mistura de judaísmo e paganismo, e sua arrogância em se declarar como povo de Deus foi uma fonte de conflito entre as duas nações, geração após geração.

Na obra de reforma hoje, há necessidade de pessoas como Esdras e Neemias que não desculpam o pecado, não ficam em silêncio quando outros praticam o que é errado, nem escondem o mal sob o disfarce de uma bondade falsa. A severidade para com poucos pode representar a misericórdia para com muitos. Essas pessoas também se lembrarão de que aquele que repreende o mal deve sempre revelar o Espírito de Cristo.

Esdras e Neemias confessaram seus pecados e os pecados do povo como se eles mesmos tivessem desobedecido. Com muita paciência, eles trabalharam e sofreram. O que dificultou ainda mais seu trabalho foi a oposição secreta de falsos amigos que usaram sua influência a serviço do mal. Esses traidores deram aos inimigos do Senhor o material para eles usarem em sua guerra contra Seu povo. Seus desejos rebeldes estavam sempre em conflito com as exigências de Deus.

O sucesso de Neemias é uma prova do que a oração, a fé e a atitude sábia são capazes de fazer. Neemias não era sacerdote, não era profeta. Ele era um reformador. Seu alvo era pôr o povo em harmonia com Deus. Ao entrar em contato com o mal e a oposição ao que é certo, ele assumiu uma posição tão decidida que o povo não pôde deixar de reconhecer seu patriotismo e profundo amor a Deus. Ao verem isso, sentiram o desejo de segui-lo aonde ele os guiasse.

Uma parte importante da verdadeira religião é realizar com dedicação qualquer dever que Deus coloque em nossas mãos. Ação decisiva, no tempo certo, alcançará vitórias gloriosas, ao passo que a demora e a negligência resultarão em fracasso e desonra a Deus. Se os líderes na causa da verdade não se empenham, se são indiferentes, a igreja será negligente e amante dos prazeres; mas se são cheios de santo propósito para servir a Deus e a Ele somente, o povo será unido, esperançoso, cheio de ânimo. As páginas da Palavra de Deus que descrevem o ódio, a falsidade e a traição de Sambalate e Tobias, descrevem também a devoção e o altruísmo de Esdras e Neemias. Somos livres para escolher a quem queremos imitar.

Os "Neemias" de Hoje

A reforma realizada por Zorobabel, Esdras e Neemias representa a obra de restauração espiritual que ocorrerá nos últimos dias da história da Terra. Por meio do remanescente de Israel, Deus decidiu preservar o conhecimento de Si mesmo na Terra. Eles foram os guardiões do verdadeiro culto, os guardadores dos escritos sagrados. Eles tiveram que enfrentar forte oposição. Os líderes tiveram que levar uma carga muito pesada. Mas esses homens avançaram firmados em Deus e crendo que Ele daria a vitória à causa da verdade.

Isaías descreveu a restauração espiritual simbolizada pela obra realizada nos dias de Neemias: "Seu povo reconstruirá as velhas ruínas e restaurará os alicerces antigos; você será chamado reparador de muros, restaurador de ruas e moradias" (Is 58:12).

Uma brecha foi aberta na lei de Deus – no muro que Ele ergueu em torno dos Seus escolhidos para protegê-los. A obediência a essa lei de justiça, verdade e pureza é a sua eterna proteção. O profeta apresenta a obra específica desse povo remanescente que reconstrói o muro: "Se você vigiar seus pés para não profanar o sábado e para não fazer o que bem quiser em Meu santo dia; se você chamar delícia o sábado e honroso o santo dia do Senhor, e se honrá-lo, deixando de seguir seu próprio caminho, de fazer o que bem quiser e de falar futilidades, então você terá no Senhor a sua alegria, e Eu farei com que você cavalgue nos altos da Terra" (v. 13, 14).

No tempo do fim, todos os princípios divinos serão restaurados. A brecha aberta na lei, quando simples mortais tentaram mudar o sábado, será reparada. O povo remanescente de Deus mostrará que Sua lei é a base de toda reforma verdadeira. De maneira clara e distinta apresentarão a necessidade de obedecer a todos os Dez Mandamentos. Encorajados pelo amor de Cristo, cooperarão com Ele na reconstrução da brecha. Eles serão reparadores de muros, restauradores de ruas e moradias.

---

* Este capítulo se baseia em Neemias 13.

Depois da Escuridão Vem o Amanhecer

Através de longos séculos, desde o dia em que nossos primeiros pais perderam seu lar no Éden até o tempo em que o Filho de Deus apareceu como o Salvador, a esperança da raça caída esteve centralizada na vinda de um Libertador para livrar homens e mulheres da escravidão do pecado e da morte.

Adão e Eva sentiram esperança pela primeira vez no Éden, quando o Senhor declarou a Satanás: "Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este ferirá a sua cabeça, e você Lhe ferirá o calcanhar" (Gn 3:15). Quando o casal culpado ouviu essas palavras, seu coração se encheu de esperança, pois viram nelas a promessa de libertação da destruição. Não precisavam cair em desespero. Com Seu próprio sangue, o Filho de Deus apagaria suas transgressões. Pela fé no poder de Cristo para salvar, poderiam se tornar filhos de Deus outra vez.

Ao levar os nossos primeiros pais a desobedecer, Satanás se tornou "o deus desta era" (2Co 4:4). Mas o Filho de Deus Se propôs não apenas a redimir a raça humana, mas a recuperar o domínio que perderam. "Ó Torre do rebanho, [...] o antigo domínio será restaurado a você" (Mq 4:8).

Essa esperança de redenção jamais se apagou. Desde o início sempre existiram pessoas cujos olhos da fé enxergaram além do presente até o futuro – Adão, Sete, Enoque, Matusalém, Noé, Sem, Abraão, Isaque e Jacó. Por intermédio de pessoas como essas, o Senhor tem preservado Sua vontade revelada. Ao povo escolhido, por meio de quem o prometido Messias viria, Deus revelou o conhecimento da salvação que seria concedida graças ao sacrifício expiatório do Seu amado Filho.

Ao chamar Abraão, Deus prometeu e, mais tarde, repetiu: "Por meio de você todos os povos da Terra serão abençoados" (Gn 12:3). O Sol da Justiça brilhou no coração de

Abraão, acabando com as trevas. Quando o próprio Salvador andou na Terra, Ele falou a respeito da esperança do patriarca: "Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o Meu dia; ele o viu e alegrou-se" (Jo 8:56).

Quando Jacó abençoou Judá, ele profetizou a mesma "bendita esperança":

"O cetro não se apartará de Judá,

Nem o bastão de comando de seus descendentes,

Até que venha Aquele a quem ele pertence,

E a Ele as nações obedecerão" (Gn 49:10).

Novamente, Balaão profetizou a vinda do Redentor do Mundo:

"Uma Estrela surgirá de Jacó;

Um Cetro se levantará de Israel" (Nm 24:17).

Por intermédio de Moisés, Deus manteve Israel ciente de Seu propósito de enviar Seu Filho como o Redentor. Moisés declarou: "O Senhor, o seu Deus, levantará do meio de seus próprios irmãos um Profeta como eu; ouçam-nO" (Dt 18:15).

As Cerimônias do Santuário e o Salvador

As ofertas sacrificais eram uma constante lembrança da vinda de um Salvador. Em toda a história de Israel os símbolos e as ilustrações ensinavam ao povo, cada dia, as grandes verdades a respeito de Cristo como Redentor, Sacerdote e Rei. Uma vez por ano, nas cerimônias do Dia da Expiação, o povo era levado a pensar nos eventos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás. O santuário terrestre era "uma ilustração para os nossos dias". Os dois lugares santos eram "cópias das coisas que estão nos Céus", pois hoje Cristo "serve no santuário, no verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem" (Hb 9:9, 23; 8:2).

Quando Adão e seus filhos começaram a oferecer os sacrifícios ordenados por Deus, que representavam o Redentor que um dia viria, Satanás reconheceu neles um símbolo da forte relação que há entre a Terra e o Céu. Ao longo dos séculos, ele tem tentado constantemente cortar essa relação, representar Deus falsamente e interpretar de maneira errada os símbolos que apontam para o Salvador. O grande inimigo da humanidade tem procurado representar Deus como alguém que tem prazer em destruir as pessoas. Deus estabeleceu os sacrifícios para revelar Seu amor. Mas Satanás

os perverteu, levando os pecadores a acreditar e esperar – em vão – que esses sacrifícios serviam para acalmar a ira de um Deus ofendido. Ao mesmo tempo, Satanás procura despertar pensamentos, sentimentos e atitudes más para que, por meio de repetidas desobediências, ele possa levar as multidões cada vez para mais longe de Deus, ficando sem esperança e presas pelas correntes do pecado.

Nos rolos de pergaminho das Escrituras do Antigo Testamento, Satanás leu as palavras que descreviam claramente a obra de Cristo entre nós como um sacrifício sofredor e como um rei conquistador. Ele leu que Aquele que deveria aparecer, seria "como um cordeiro levado para o matadouro", "Sua aparência [...] Se tornou irreconhecível como homem; não parecia um ser humano". O Salvador prometido seria "desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento. [...] Castigado por Deus, por Ele atingido e afligido" (Is 53:7; 52:14; 53:3, 4). Essas profecias fizeram Satanás tremer, embora ele estivesse decidido a cegar o povo para o seu real significado, a fim de preparar o caminho para que Cristo fosse rejeitado em Sua vinda.

Antes do dilúvio, Satanás foi bem-sucedido em levar quase o mundo inteiro a se rebelar contra Deus. Depois do dilúvio, com insinuações astutas, ele levou as pessoas a se rebelarem de forma ainda mais ousada. Ele parecia estar prestes a vencer, mas, por meio da descendência do fiel Abraão, Deus levantou mensageiros para chamar a atenção para o verdadeiro significado das cerimônias sacrificais, e especialmente para a promessa da vinda dAquele para quem todas as cerimônias apontavam.

Deus colocou Seu plano em prática, mas não sem enfrentar grande oposição. O inimigo trabalhou de todas as formas possíveis para levar os descendentes de Abraão a se esquecer do seu santo chamado. Durante séculos antes da primeira vinda de Cristo, as trevas cobriam a Terra, e uma profunda escuridão os povos. Multidões estavam envolvidas pela sombra da morte.

O Verdadeiro Caráter do Messias é Revelado

Davi profetizou que a vinda de Cristo seria "como a luz da manhã ao nascer do Sol, numa manhã sem nuvens" (2Sm 23:4). E Oseias confirmou: "Tão certo como nasce o Sol, Ele aparecerá" (Os 6:3). De forma mansa e gentil, a luz do dia surge sobre a Terra, afastando as trevas e enchendo a Terra de vida. Isaías exclamou:

"Porque um Menino nos nasceu,

Um Filho nos foi dado,

E o governo está sobre os Seus ombros.

E Ele será chamado

Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz" (Is 9:6).

A fé daqueles da nação judaica que eram fiéis ficava mais forte ao refletirem nessas passagens e em outras semelhantes. Nelas eles leram como o Senhor ungiria Alguém "para levar boas notícias aos pobres", "cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos" e "proclamar o ano da bondade do Senhor" (Is 61:1, 2). Contudo, com tristeza e profunda humilhação de coração, eles acompanharam as palavras no rolo profético:

"Foi desprezado e rejeitado pelos homens,

Um Homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento.

Como alguém de quem os homens escondem o rosto,

Foi desprezado, e nós não O tínhamos em estima.

Certamente Ele tomou sobre Si as nossas enfermidades

E sobre Si levou as nossas doenças,

Contudo nós O consideramos castigado por Deus,

Por Ele atingido e afligido. [...]

Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos,

Cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho;

E o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de todos nós" (Is 53:3-6).

Como substituto e aquele que assumiria a responsabilidade pela humanidade pecadora, Cristo sofreria sob a justiça divina. Por intermédio do salmista, o Redentor profetizou a respeito de Si mesmo:

"A zombaria partiu-Me o coração;

Estou em desespero!

Supliquei por socorro, nada recebi,

Por consoladores, e a ninguém encontrei.

Puseram fel na Minha comida

E para matar-Me a sede deram-Me vinagre" (Sl 69:20, 21).

Ele ainda profetizou: "Perfuraram Minhas mãos e Meus pés. Posso contar todos os Meus ossos, mas eles Me encaram com desprezo. Dividiram as Minhas roupas entre si, e tiraram sortes pelas Minhas vestes. Tu, porém, Senhor, não fiques distante! Ó minha força, vem logo em Meu socorro!" (Sl 22:16-19).

Essas descrições do amargo sofrimento e morte cruel do Prometido, por mais tristes que fossem, eram ricas em promessa; pois "foi da vontade do Senhor esmagá-Lo" e fazê-lo sofrer para que Ele Se tornasse "uma oferta pela culpa" (Is 53:10).

Foi o amor pelos pecadores que levou Cristo a pagar o preço da redenção. Nenhum outro poderia resgatar homens e mulheres do poder do inimigo. Em sua vida não existiu qualquer preocupação egoísta. O mundo valoriza a posição, riqueza e talento, mas o Filho de Deus não teria nada disso. O Messias não usaria os meios que as pessoas utilizam para ser aceitas e atrair seguidores. A Bíblia profetizou Sua total renúncia ao eu com estas palavras:

"Não gritará nem clamará,

Nem erguerá a voz nas ruas.

Não quebrará o caniço rachado,

E não apagará o pavio fumegante" (Is 42:2, 3).

A Libertação do Pecado

O Salvador agiria na Terra de maneira totalmente diferente dos mestres daqueles dias. Ele não Se envolveria em discussões exaltadas, nem faria qualquer coisa para conquistar aplausos. O Messias Se esconderia em Deus, e Deus seria revelado no caráter de Seu Filho. Sem a ajuda divina, homens e mulheres afundariam cada vez mais. Aquele que fez o mundo deveria conceder a eles vida e poder.

O Filho de Deus deveria "tornar grande e gloriosa a Sua lei" (v. 21). Deveria livrar os mandamentos divinos das regras pesadas que os homens tinham colocado sobre eles, e que desanimou muitos a se esforçarem para servir a Deus.

"O Espírito do Senhor repousará sobre Ele, o Espírito que dá sabedoria e entendimento, o Espírito que traz conselho e poder, o Espírito que dá conhecimento e temor do Senhor. [...] Com retidão julgará os necessitados, com justiça tomará decisões em favor dos pobres" (Is 11:2-4).

Uma fonte deveria ser aberta "para purificá-los do pecado e da impureza" (Zc 13:1). Os pecadores deveriam ouvir o abençoado convite:

"Deem ouvidos e venham a Mim;

Ouçam-Me, para que sua alma viva.

Farei uma aliança eterna com vocês,

Minha fidelidade prometida a Davi" (Is 55:3).

Por meio de palavras e atos, o Messias deveria revelar a glória de Deus, revelar à humanidade caída o infinito amor de Deus.

"Como pastor Ele cuida de Seu rebanho,

Com o braço ajunta os cordeiros

E os carrega no colo;

Conduz com cuidado as ovelhas que amamentam suas crias" (Is 40:11).

"Os desorientados de espírito obterão entendimento;

E os queixosos vão aceitar instrução" (Is 29:24).

Assim Deus falou ao mundo sobre a vinda de um Libertador do pecado. As profecias inspiradas apontavam para a vinda do "Desejado de todas as nações" (Ag 2:7, ARC). Deus até mesmo indicou o próprio lugar do Seu nascimento, e o tempo do Seu aparecimento. O filho de Davi deveria nascer na cidade de Davi. De Belém "virá [...] Aquele que será o governante sobre Israel. Suas origens estão no passado distante, em tempos antigos" (Mq 5:2).

"Mas tu, Belém, [...]

De ti virá o líder que,

Como pastor, conduzirá Israel, o Meu povo" (Mt 2:6).

Deus revelou o tempo do primeiro advento a Daniel. "Setenta semanas", disse o anjo, "estão decretadas para o seu povo e sua santa cidade para acabar com a transgressão, para dar fim ao pecado, para expiar as culpas, para trazer justiça eterna, para cumprir a visão e a profecia, e para ungir o santíssimo" (Dn 9:24).

O Tempo da Primeira Vinda de Cristo

Um dia na profecia representa um ano (ver Nm 14:34 e Ez 4:7). As 70 semanas, ou 490 dias, representam 490 anos. A profecia dá um ponto de partida para esse período: "Saiba e entenda que a partir da promulgação do decreto que manda restaurar e reconstruir Jerusalém até que o Ungido, o Líder, venha, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas" (Dn 9:25) – 69 semanas, ou 483 anos. A ordem para restaurar e edificar Jerusalém, pelo decreto de Artaxerxes Longímano, entrou em vigor no outono de 457 a.C. (ver Ed 6:14; 7:1, 9). Partindo dessa data, o período de 483 anos acabou no outono de 27 d.C. De acordo com a profecia, esse período deveria chegar até o Messias, o Ungido. Em 27 d.C., em Seu batismo, Jesus foi ungido com o Espírito Santo (ver At 4:27; Jo 1:33), e logo depois Ele declarou: "O tempo está cumprido" (Mc 1:15, ARC).

Então, o anjo disse: "Com muitos Ele fará uma aliança que durará uma semana." Durante sete anos, desde o início do ministério do Salvador, o evangelho seria pregado especialmente aos judeus – por três anos e meio, pelo próprio Cristo, e depois pelos apóstolos. "No meio da semana Ele dará fim ao sacrifício e à oferta" (Dn 9:27). Na primavera de 31 d.C., Cristo, o verdadeiro sacrifício, foi oferecido no Calvário. Então o véu do templo se rasgou (ver Mc 15:38), mostrando que o tempo para a realização dos sacrifícios terrenos tinha chegado ao fim.

Aquela semana – sete anos – terminou em 34 d.C. Com o apedrejamento de Estêvão, os judeus confirmaram sua rejeição ao evangelho. Os discípulos então "pregavam a Palavra por onde quer que fossem" (At 8:4) e, pouco depois, Saulo, o perseguidor, tornou-se Paulo, o apóstolo dos gentios.

As profecias relacionadas ao Salvador levaram os hebreus a viver em constante expectativa. Muitos acreditavam e confessavam "que eram estrangeiros e peregrinos na Terra" (Hb 11:13). As promessas repetidas pelos patriarcas e profetas mantiveram viva a esperança do Seu aparecimento.

No início, Deus não revelou o tempo exato do primeiro advento; mas mesmo depois que a profecia de Daniel indicou quando isso aconteceria, nem todos interpretaram a mensagem corretamente.

Século após século se passou. Finalmente, os profetas deixaram de existir. Como os judeus se afastaram de Deus, a esperança quase deixou de iluminar o futuro. Aqueles cuja fé deveria ter continuado forte, estavam prontos a exclamar: "Os dias passam e todas as visões dão em nada" (Ez 12:22). Mas, no conselho do Céu, a hora para a vinda de Cristo tinha sido determinada. "Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher" (Gl 4:4).

Era necessário que Deus desse lições à humanidade em linguagem humana. As pessoas deveriam ouvir o Mensageiro da aliança a falar em Seu próprio templo. O Autor da verdade deveria separar a verdade da palha das opiniões humanas. Deus deveria revelar claramente o plano da redenção.

Quando o Salvador finalmente apareceu "semelhante aos homens" (Fp 2:7), Satanás foi capaz de apenas ferir Seu calcanhar, enquanto, em cada ato de sofrimento, Cristo estava ferindo a cabeça de Seu adversário. A angústia causada pelo pecado foi derramada no coração dAquele que era sem pecado. Ainda assim, Cristo estava quebrando a escravidão que mantinha a humanidade presa. Cada agonia, cada insulto, agia em favor do livramento do ser humano.

Se Satanás tivesse conseguido fazer com que Cristo manchasse Sua perfeita pureza, por um ato ou mesmo por um pensamento sequer, o príncipe das trevas teria vencido e ganhado toda a família humana. Mas, embora Satanás pudesse trazer sofrimento e angústia, não poderia contaminar. Ele poderia causar agonia, mas não a degradação. Ele tornou a vida de Cristo uma longa cena de conflito e provação, mas, em cada ataque, ele perdia seu domínio sobre a humanidade.

No Getsêmani e sobre a cruz, nosso Salvador entrou pessoalmente em batalha contra o príncipe das trevas. Quando Cristo pendia da cruz em agonia, Satanás de fato feriu o Seu calcanhar. Mas esse próprio ato estava esmagando a cabeça da serpente. Por Sua morte Jesus destruiu "aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo" (Hb 2:14). Esse ato garantiu para sempre o plano da salvação. Em Sua morte e em Sua ressurreição, Jesus abriu as portas da sepultura para todos os Seus seguidores. Nosso Redentor abriu o caminho para que o mais pecador, o mais necessitado, o mais oprimido e desprezado, possa encontrar acesso ao Pai.

Onde Está o Verdadeiro Israel de Deus?

Ao pregar o evangelho eterno a toda nação, a igreja de Deus está hoje cumprindo a profecia: "Israel terá botões e flores e encherá o mundo de frutos" (Is 27:6). Como resultado dos esforços dos seguidores de Jesus, uma grande colheita está se formando, levando as bênçãos profetizadas séculos antes na promessa que Deus fez a Abraão: Eu "'o abençoarei [...] e você será uma bênção" (Gn 12:2).

O auge do cumprimento dessa promessa de bênção deveria ter ocorrido durante os séculos que se seguiram à volta dos israelitas de Babilônia. O plano de Deus era que toda a Terra fosse preparada para a primeira vinda de Cristo, assim como hoje Ele está preparando o caminho para a segunda vinda de Jesus (ver Zc 8:3, 7, 8).

Deus não queria que Israel repetisse os pecados que tinham causado a escravidão das gerações passadas. "Administrem a verdadeira justiça", o Senhor disse àqueles que estavam empenhados na construção. "Falem somente a verdade uns com os outros, e julguem retamente em seus tribunais" (Zc 7:9; 8:16).

Deus prometeu grandes recompensas àqueles que praticassem esses princípios: "Assim como vocês foram uma maldição para as nações, ó Judá e Israel, também os salvarei e vocês serão uma bênção" (Zc 8:13).

A escravidão em Babilônia curou os israelitas da adoração de ídolos. Após sua volta, eles prometeram várias vezes guardar todos os mandamentos do Senhor. Os tempos de prosperidade que se seguiram eram uma prova da boa vontade de Deus em perdoar. No entanto, por uma mortal falta de visão, eles foram egoístas e guardaram para si mesmos as bênçãos que teriam levado cura e vida às multidões.

Essa falha ficou evidente nos dias de Malaquias. Ao repreender os desobedientes, o

profeta não poupou nem os sacerdotes nem o povo. Eles poderiam receber as bênçãos de Deus unicamente por meio do arrependimento sincero. E então o profeta implorou: "Tentem apaziguar a Deus para que tenha compaixão de nós!" (Ml 1:9).

No entanto, Deus não permitiria que Seu plano para redimir a raça humana fosse frustrado por alguma falha temporária de Israel. "Pois do Oriente ao Ocidente", o Senhor declarou por intermédio do Seu mensageiro, "grande é o Meu nome entre as nações" (v. 11).

O Segredo da Prosperidade

Por causa do pecado, aqueles que antes tinham sido líderes espirituais foram "desprezados e humilhados diante de todo o povo" (Ml 2:9). Mas ninguém foi deixado sem esperança. As profecias de Malaquias sobre o juízo foram acompanhadas de convites para que os pecadores fizessem as pazes com Deus. "Voltem para Mim", o Senhor apelava, "e Eu voltarei para vocês" (Ml 3:7). O Deus do Céu está apelando para que Seus filhos em erro cooperem com Ele para levarem avante Sua obra na Terra. O Senhor estende Sua mão a Israel para ajudá-los no caminho da abnegação, para partilhar com Ele a herança como filhos de Deus. Será que eles reconhecerão sua única esperança e responderão?

Infelizmente, nos dias de Malaquias, os israelitas hesitaram em entregar seu coração orgulhoso a Deus e cooperar com Ele. Eles encontraram desculpas para não obedecer. Uma prova disso foi a resposta que deram: "Como voltaremos?"

O Senhor revela a Seu povo um dos seus pecados especiais. "Pode um homem roubar de Deus?", Ele pergunta. "Contudo vocês estão Me roubando." E ainda não convencidos do pecado, os desobedientes perguntam: "Como é que Te roubamos?"

"Nos dízimos e nas ofertas. [...] 'Tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em Minha casa. Ponham-Me à prova', diz o Senhor dos Exércitos, 'e vejam se não vou abrir as comportas dos Céus e derramar sobre vocês tantas bênçãos que nem terão onde guardá-las. Impedirei que pragas devorem suas colheitas, e as videiras nos campos não perderão o seu fruto. [...] Então todas as nações os chamarão felizes, porque a terra de vocês será maravilhosa', diz o Senhor dos Exércitos" (v. 7-12).

Deus dá a luz do Sol e a chuva; faz a vegetação brotar; dá saúde e habilidade para ganharmos o sustento e deseja que homens e mulheres demonstrem sua gratidão devolvendo a Ele os dízimos e ofertas para que Sua vinha não venha a se tornar um deserto estéril. Devemos demonstrar um interesse altruísta no avanço de Sua obra em

todas as partes do mundo.

Por meio de mensagens como essas apresentadas por Malaquias, bem como pela opressão de inimigos pagãos, os israelitas finalmente aprenderam que a verdadeira prosperidade depende da obediência à lei de Deus. Mas, no caso de muitos, a obediência não era fruto da fé. Seus motivos eram egoístas. Eles prestavam culto da boca para fora apenas com o objetivo de conquistar a grandeza nacional. O povo escolhido não se tornou a luz do mundo, mas se fechou, distanciando-se do mundo com a desculpa de se proteger da idolatria. Eles distorceram as restrições que proibiam o casamento com os pagãos e a participação de práticas pagãs com as nações vizinhas, erguendo assim um muro de separação entre eles e os outros povos. Isso impediu que outros recebessem as bênçãos que Deus os tinha chamado a dar ao mundo.

Perversão das Cerimônias do Santuário

Ao mesmo tempo, por causa de seus pecados, os judeus estavam se separando de Deus. Não eram mais capazes de entender o significado espiritual das cerimônias simbólicas praticadas no templo. Apoiados em sua própria justiça, confiaram em suas próprias obras – nos sacrifícios em si – em vez de se apoiar nos méritos dAquele para quem todas essas coisas apontavam. "Porquanto, ignorando a justiça que vem de Deus e procurando estabelecer a sua própria [...]" (Rm 10:3), eles desenvolveram um sistema de formalismo independente de Deus. Não contentes com as exigências estabelecidas pelo próprio Deus, eles criaram inúmeras outras exigências por sua própria conta. Quanto mais se distanciavam de Deus, mais rigorosos eram na observância dessas formas.

Com todas essas regras exigentes, era praticamente impossível para o povo guardar a lei. As gloriosas verdades reveladas nas cerimônias simbólicas foram enterradas sob uma pilha de tradições humanas. As pessoas que realmente desejavam servir a Deus gemiam sob um fardo tão pesado.

Israel Rejeita o Messias

O povo de Israel tinha se separado tanto de Deus que não era capaz de compreender o verdadeiro caráter ou missão do prometido Redentor. Em vez de desejar a libertação do pecado, seu coração desejava reconquistar o poder deste mundo. Eles esperavam um Messias que levasse Israel a dominar todas as nações. Assim Satanás preparou o povo para rejeitar o Salvador quando Ele aparecesse. Seu orgulho e falsas ideias impediram os israelitas de analisar de forma honesta e sincera as provas que revelavam que Jesus era o Messias.

Por mais de mil anos, o povo judeu tinha esperado a vinda do Salvador prometido. Seu nome era o tema central de cânticos e profecias, de rituais do templo e de orações em família. No entanto, quando Ele veio, não O reconheceram. "Veio para o que era Seu, mas os Seus não O receberam" (Jo 1:11). "Ele não tinha qualquer beleza ou majestade" que os atraísse (Is 53:2).

A vida de Jesus entre o povo judeu era uma reprovação ao seu egoísmo. Eles odiavam Seu exemplo de fidelidade, e quando veio a prova, eles rejeitaram o Santo de Israel e se tornaram responsáveis por Sua crucifixão.

Na parábola da vinha, Cristo chamou a atenção dos mestres judeus para as bênçãos dadas a Israel e apontou para o direito de Deus em exigir sua obediência. Ele afastou o véu que cobria o futuro e mostrou de que forma a nação inteira estava caminhando para a própria ruína:

"Havia um proprietário de terras que plantou uma vinha. Colocou uma cerca ao redor dela, cavou um tanque para prensar as uvas e construiu uma torre. Depois arrendou a vinha a alguns lavradores e foi fazer uma viagem.

"Aproximando-se a época da colheita, enviou seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe pertenciam. Os lavradores agarraram seus servos; a um espancaram, a outro mataram e apedrejaram o terceiro. Então enviou-lhes outros servos em maior número, e os lavradores os trataram da mesma forma. Por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: 'A meu filho respeitarão.' Mas quando os lavradores viram o filho, disseram uns aos outros: 'Este é o herdeiro. Venham, vamos matá-lo e tomar a sua herança.' Assim eles o agarraram, lançaram-no para fora da vinha e o mataram" (Mt 21:33-39).

Cristo então perguntou: "Portanto, quando vier o dono da vinha, o que fará àqueles lavradores?" Os sacerdotes se uniram ao povo na resposta: "Matará de modo horrível esses perversos e arrendará a vinha a outros lavradores, que lhe deem a sua parte no tempo da colheita" (v. 40, 41).

Aplicação Pessoal

Eles declararam sua própria condenação! Sob Seu olhar analítico eles compreenderam que Jesus tinha lido os segredos do seu coração. Eles viram nos lavradores uma representação de si mesmos.

Com muita tristeza, Cristo perguntou: "Vocês nunca leram nas Escrituras? 'A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; isso vem do Senhor, e é algo

maravilhoso para nós'. Portanto Eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino" (v. 42, 43).

A nação judaica decidiu que não receberia a Jesus de Nazaré como o Messias. Desse tempo em diante as trevas envolveram sua vida como a escuridão da meia-noite. A condenação profetizada se cumpriu sobre a nação judaica. Em sua ira cega, eles se destruíram. Seu orgulho rebelde atraiu sobre eles a ira dos conquistadores romanos. Os romanos destruíram Jerusalém, deixaram o templo em ruínas e o local onde ele estava como um terreno baldio. Milhões foram vendidos para servir como escravos em terras pagãs.

O Israel Espiritual

Aquilo que Deus planejou realizar em favor do mundo por meio de Israel, a nação escolhida, Ele finalmente cumprirá por meio de Sua igreja. Ele entregou a Sua vinha "a outros lavradores" que fielmente dão "os seus frutos". Essas testemunhas do Senhor são o Israel espiritual, e Deus cumprirá em sua vida todas as promessas da aliança feitas a Seu antigo povo.

Por muitos séculos, leis seculares proibiram a pregação do evangelho em sua pureza. Como consequência, a grande "vinha" moral do Senhor ficou quase abandonada. As pessoas foram impedidas de receber a luz da Palavra de Deus. O erro e a superstição ameaçavam apagar o conhecimento da verdadeira religião. A igreja de Deus foi escravizada durante esse longo período de perseguição, assim como foram os filhos de Israel durante o período da escravidão em Babilônia.

Mas, graças a Deus, os privilégios que o povo de Deus recebeu ao serem libertos de Babilônia também foram dados ao Israel espiritual. Em todas as partes da Terra, homens e mulheres estão aceitando a mensagem enviada do Céu: "Temam a Deus e glorifiquem-nO, pois chegou a hora do Seu juízo" (Ap 14:7).

"Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez todas as nações beberem do vinho da fúria da sua prostituição!" Deus deu ao Israel espiritual a mensagem: "Saiam dela, vocês, povo Meu, para que vocês não participem dos seus pecados, para que as pragas que vão cair sobre ela não os atinjam!" (v. 8; 18:4). Assim como os israelitas exilados obedeceram à mensagem: "Fujam da Babilônia!" (Jr 51:6), os que temem a Deus estão se retirando da Babilônia espiritual. Logo estarão na Canaã celestial como troféus da graça divina.

Quando o Messias prometido estava prestes a aparecer, a mensagem daquele que foi enviado para preparar o caminho para Ele foi: "Arrependam-se, porque o reino dos

Céus está próximo" (Mt 3:2). Hoje, no espírito e poder de João Batista, mensageiros escolhidos por Deus estão alertando um mundo que está para ser julgado, apontando para o fechamento da porta da graça e para o aparecimento de Cristo Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Sua igreja na Terra tem a responsabilidade de advertir aos que estão à beira da ruína eterna. Os princípios do grande conflito devem ser ensinados com clareza para todo ser humano que estiver disposto a ouvir.

Nestas horas finais, o Senhor espera que Sua igreja tome uma atitude como nunca antes. Aqueles a quem Cristo libertou por meio do conhecimento da preciosa verdade devem testemunhar dAquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. Eles devem compartilhar com todos os povos as bênçãos que receberam de maneira tão generosa. Cada discípulo deve transmitir vida, coragem e verdadeira cura.

A Luz Brilhará no Mundo das Trevas

A vinda de Cristo ocorrerá no período mais escuro da história da Terra, quando Satanás trabalhará com "todas as formas de engano" (2Ts 2:10). Nós o vemos trabalhar por meio de inúmeras heresias e enganos destes últimos dias. Seus enganos estão contaminando até mesmo as igrejas que dizem pertencer a Cristo. A grande apostasia se transformará em trevas tão profundas como a meia-noite. Mas das trevas brilhará a luz de Deus. A Seu povo Ele diz: "Levante-se, refulja! Porque chegou a sua luz, e a glória do Senhor raia sobre você" (Is 60:1).

Em Nazaré, Cristo disse: "O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Ele Me ungiu para pregar boas-novas aos pobres. Ele Me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor" (Lc 4:18, 19). Esta foi a obra que Ele ordenou que Seus discípulos fizessem: "Partilhar sua comida com o faminto, abrigar o pobre desamparado [...]. Aí sim, a sua luz irromperá como a alvorada, e prontamente surgirá a sua cura; a sua retidão irá adiante de você, e a glória do Senhor estará na sua retaguarda" (Is 58:7, 8).

Assim, na noite de trevas espirituais, a glória de Deus deve brilhar por intermédio de Sua igreja. Por toda parte ouvimos lamentos de um mundo em tristeza. Por todos os lados encontramos necessitados e oprimidos. Somos chamados a levar auxílio a fim de aliviar as dificuldades da vida e o sofrimento. Se Cristo está habitando em nós, nosso coração estará cheio da compaixão divina.

Há muitas pessoas sem esperança. Devolva a luz do sol a elas. Muitas perderam a coragem. Ore com elas. Leia para elas a Palavra de Deus. Há muitas pessoas que sofrem de doenças espirituais que nenhum médico pode curar. Leve-as a Jesus.

A Terra inteira, apesar de envolvida em trevas e dor, deve ser iluminada com o conhecimento do amor de Deus. A luz deve alcançar todas as classes de pessoas. Os pagãos não devem mais continuar mergulhados na escuridão da meia-noite.

Cristo tomou todas as providências para que Sua igreja seja um corpo transformado, para que cada cristão seja envolvido por uma atmosfera espiritual de luz e paz. Ele deseja que revelemos em nossa vida Sua própria alegria.

Cristo está vindo com poder e grande glória. Enquanto todo o mundo está imerso em trevas, haverá luz em cada lar do povo de Deus. Eles receberão a primeira luz de Sua segunda vinda. Enquanto os ímpios fogem em pânico, os seguidores de Cristo se alegram em Sua presença.

Então os redimidos receberão a herança prometida. Assim, o propósito de Deus para Israel se cumprirá literalmente. O plano de Deus tem avançado de forma constante rumo ao seu cumprimento final. Foi assim com a casa de Israel ao longo da história do reinado dividido, e assim é com o Israel espiritual de hoje.

O apóstolo João testifica: "Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas. E clamavam em alta voz: 'A salvação pertence ao nosso Deus, que Se assenta no trono, e ao Cordeiro.'

"O Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; e vencerão com Ele os Seus chamados, escolhidos e fiéis" (Ap 7:9, 10; 17:14).

Visões de um Futuro Glorioso

Nos dias mais escuros de seu longo conflito contra o mal, o povo de Deus recebeu as revelações do eterno propósito de Jeová. Ele permitiu que olhassem para além das dificuldades do presente para as vitórias do futuro, quando os salvos entrarão na Terra Prometida. Hoje, o conflito travado ao longo dos séculos está chegando rapidamente ao fim, e as bênçãos prometidas logo virão. Desprezados, perseguidos e abandonados, os filhos de Deus em todas as eras têm aguardado o tempo em que Ele cumprirá Sua promessa: "Farei de você um orgulho, uma alegria para todas as gerações" (Is 60:15).

A igreja vai vencer, mas não sem enfrentar um grande conflito. "O pão da adversidade" e "a água da aflição" (Is 30:20) – estes serão comuns a todos nós; mas ninguém será vencido se colocar sua confiança nAquele que é poderoso para salvar. "Mas agora assim diz o Senhor, Aquele que o criou: [...] 'Eu o chamei pelo nome; você é Meu. Quando você atravessar as águas, Eu estarei com você; e, quando você atravessar os rios, eles não o encobrirão. Quando você andar através do fogo, você não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas. Pois Eu sou o Senhor, o seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador'" (Is 43:1-3).

Em Deus encontramos perdão; nEle somos aceitos de forma completa e gratuita pelos méritos de Jesus, nosso Senhor crucificado e ressuscitado. "Sou Eu, Eu mesmo, Aquele que apaga suas transgressões, por amor de Mim, e que não Se lembra mais de seus pecados." "Então você saberá que Eu, o Senhor, sou o seu Salvador" (v. 25; 60:16)

'Nenhuma arma forjada contra você prevalecerá,

E você refutará toda língua que a acusar.

Esta é a herança dos servos do Senhor,

E esta é a defesa que faço do nome deles', declara o Senhor" (Is 54:17).

Vestindo a armadura da justiça de Cristo, a igreja deve enfrentar seu último conflito. Ela deve ir a todo o mundo, vencendo e para vencer. A hora mais difícil da luta é a que vem um pouco antes do dia do seu livramento final. Quando "o sopro dos cruéis é como a tempestade contra o muro", Deus será para a Sua igreja "um abrigo contra a tempestade" (Is 25:4).

A palavra do Senhor aos Seus fiéis é: "Vá, Meu povo, entre em seus quartos e tranque as portas; esconda-se por um momento, até que tenha passado a ira dele. Vejam! O Senhor está saindo da Sua habitação para castigar os moradores da Terra por suas iniquidades. A Terra mostrará o sangue derramado sobre ela; não mais encobrirá os seus mortos" (Is 26:20, 21).

O Orgulho Humano Será Humilhado

Por meio de visões sobre o grande dia do juízo, Deus permitiu que Seus mensageiros inspirados vissem rapidamente a angústia daqueles que não estavam preparados para se encontrar com o seu Senhor. "Vejam! O Senhor vai arrasar a Terra e devastá-la; arruinará sua superfície e espalhará seus habitantes. A Terra está contaminada pelos seus habitantes, porque desobedeceram às leis, violaram os decretos e quebraram a aliança eterna" (Is 24:1, 5).

"A arrogância dos homens será abatida, e o seu orgulho será humilhado. Somente o Senhor será exaltado naquele dia." "Naquele dia os homens atirarão aos ratos e aos morcegos os ídolos de prata e os ídolos de ouro, que fizeram para adorar. Fugirão para as cavernas das rochas e para as brechas dos penhascos, por causa do terror que vem do Senhor e do esplendor da Sua majestade, quando Ele Se levantar para sacudir a Terra" (Is 2:17, 20, 21).

A respeito desse período em que o orgulho humano será humilhado, Jeremias declarou: "Como será terrível aquele dia! Sem comparação! Será tempo de angústia para Jacó; mas ele será salvo (Jr 30:7).

O dia da ira para os inimigos de Deus é o dia do livramento final para a Sua igreja. O Senhor "destruirá a morte para sempre. O Soberano Senhor enxugará as lágrimas de todo rosto e retirará de toda a Terra a zombaria do Seu povo. Foi o Senhor quem disse!" (Is 25:8). E quando o profeta vê o Senhor descendo do Céu, com todos os santos anjos para reunir a igreja remanescente em todas as nações da Terra, ele ouve o clamor cheio

de entusiasmo e alegria:

"Este é o nosso Deus;

Nós confiamos nEle, e Ele nos salvou.

Esse é o Senhor, nós confiamos nEle;

Exultemos e alegremo-nos,

Pois Ele nos salvou" (Is 25:9).

A Ressurreição dos Mortos

A voz do Filho de Deus chama os santos que dormem na prisão da morte. "Mas os teus mortos viverão; seus corpos ressuscitarão. Vocês, que voltaram ao pó, acordem e cantem de alegria" (Is 26:19)

"Então os olhos dos cegos se abrirão

E os ouvidos dos surdos se destaparão.

Então os coxos saltarão como o cervo,

A língua do mudo cantará de alegria" (Is 35:5, 6).

Nas visões do profeta, os que venceram o pecado e a morte são vistos então felizes na presença do seu Criador, falando livremente com Ele, assim como Adão e Eva falavam com Deus no início. "Por Jerusalém Me regozijarei e em Meu povo terei prazer; nunca mais se ouvirão nela voz de pranto e choro de tristeza." "Nenhum morador de Sião dirá: 'Estou doente!' E os pecados dos que ali habitam serão perdoados" (Is 65:19; 33:24).

"Águas irromperão no ermo

E riachos no deserto.

A areia abrasadora se tornará um lago;

A terra seca, fontes borbulhantes" (Is 35:6, 7).

"Encorajem Jerusalém e anunciem que ela já cumpriu o trabalho que lhe foi imposto, pagou por sua iniquidade, e recebeu da mão do Senhor em dobro por todos os seus pecados" (Is 40:2).

"Não se ouvirá mais falar de violência em sua terra,

Nem de ruína e destruição dentro de suas fronteiras.

Os seus muros você chamará salvação,

E as suas portas, louvor.

Então todo o Seu povo será justo,

E possuirá a Terra para sempre.

Ele é o renovo que plantei,

Obra das Minhas mãos,

Para manifestação da Minha glória" (Is 60:18, 21).

O profeta ouviu o som de música ali, música como nenhum ouvido mortal jamais ouviu ou a mente imaginou além das visões recebidas de Deus. "Alegria e contentamento serão achados nela, ações de graças e o som de canções" (Is 51:3). "Com danças e cânticos, dirão: 'Em Sião estão as nossas origens!'" (Sl 87:7).

Como Será a Vida na Nova Terra

Na Nova Terra, os salvos participarão de atividades e prazeres que trouxeram felicidade a Adão e Eva no início. Eles viverão a vida do Éden, a vida no jardim e no campo. "Construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão do seu fruto. Já não construirão casas para outros ocuparem, nem plantarão para outros comerem. Pois o Meu povo terá vida longa como as árvores; os Meus escolhidos esbanjarão o fruto do seu trabalho" (Is 65:21, 22). Eles desenvolverão cada um de seus dons, cada habilidade será aumentada, estarão envolvidos nas mais grandiosas atividades e realizarão os mais altos objetivos.

Os profetas que receberam de Deus visões dessas cenas desejaram profundamente compreender todo o seu significado, "procurando saber o tempo e as circunstâncias para os quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava. [...] Estavam ministrando, não para si próprios, mas para vocês, quando falaram das coisas que agora lhes foram anunciadas" (1Pe 1:11, 12).

Companheiro de batalha, estamos ainda em meio às dificuldades e confusão das atividades terrenas; mas logo nosso Salvador aparecerá. Breve veremos Aquele em

quem depositamos todas as nossas esperanças de vida eterna. Em Sua presença, as provações desta vida parecerão como se fossem nada. As coisas passadas "não serão lembradas. Jamais virão à mente!" (Is 65:17). "Por isso, não abram mão da confiança que vocês têm; ela será ricamente recompensada. Vocês precisam perseverar, de modo que, quando tiverem feito a vontade de Deus, recebam o que Ele prometeu; pois em breve, muito em breve Aquele que vem virá, e não demorará" (Hb 10:35-37).

Olhe para cima e permita que sua fé cresça constantemente. Permita que sua fé guie você pelo caminho estreito que leva através dos portais da cidade para o vasto e ilimitado futuro de glória. "Portanto, irmãos, sejam pacientes até a vinda do Senhor. Vejam como o agricultor aguarda que a terra produza a preciosa colheita e como espera com paciência até virem as chuvas do outono e da primavera. Sejam também pacientes e fortaleçam o coração, pois a vinda do Senhor está próxima" (Tg 5:7, 8).

As nações dos salvos não conhecerão outra lei senão a lei do Céu. Todos serão uma família unida e feliz. As estrelas da manhã cantarão a uma só voz, e os filhos de Deus exultarão de alegria, enquanto Deus e Cristo Se unirão em declarar: "Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor" (Ap 21:4).

"'De uma lua nova a outra e de um sábado a outro, toda a humanidade virá e se inclinará diante de Mim', diz o Senhor." "Com certeza o Senhor consolará Sião e olhará com compaixão para todas as ruínas dela; Ele tornará seus desertos como o Éden, seus ermos, como o jardim do Senhor" (Is 66:23; 51:3).

"Assim como um jovem se casa com sua noiva, os seus filhos se casarão com você; assim como o noivo se regozija por sua noiva, assim o seu Deus Se regozija por você" (Is 62:5).

CPB NA INTERNET
FAÇA SUAS COMPRAS COM COMODIDADE
APROVEITE PROMOÇÕES EXCLUSIVAS
LIVROS, REVISTAS, AUDIOLIVROS, CDS E DVDS
CONECTE-SE ATRAVÉS DAS NOSSAS REDES SOCIAIS COM MILHARES DE SEGUIDORES
ACESSE AGORA
You Tube
www.cpb.com.br